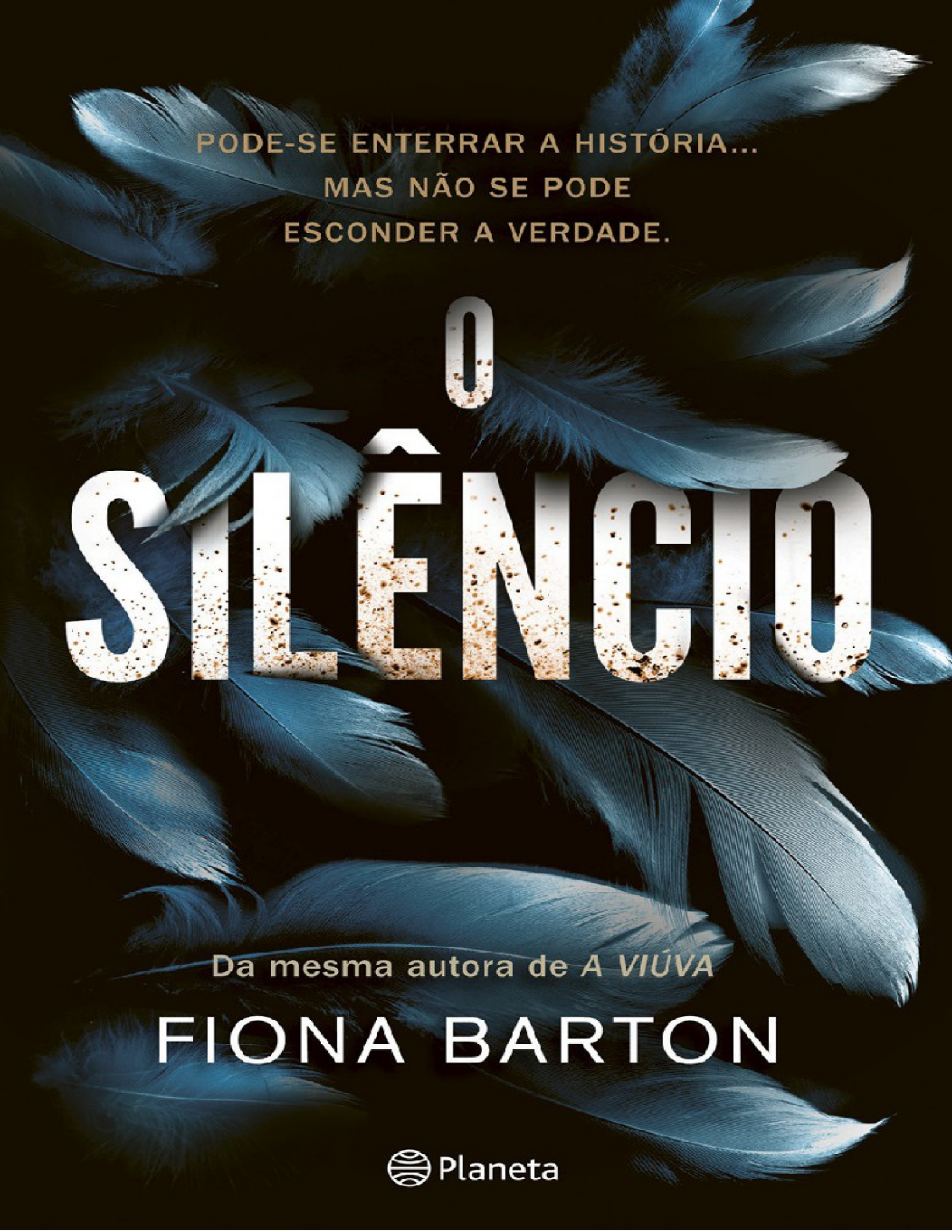
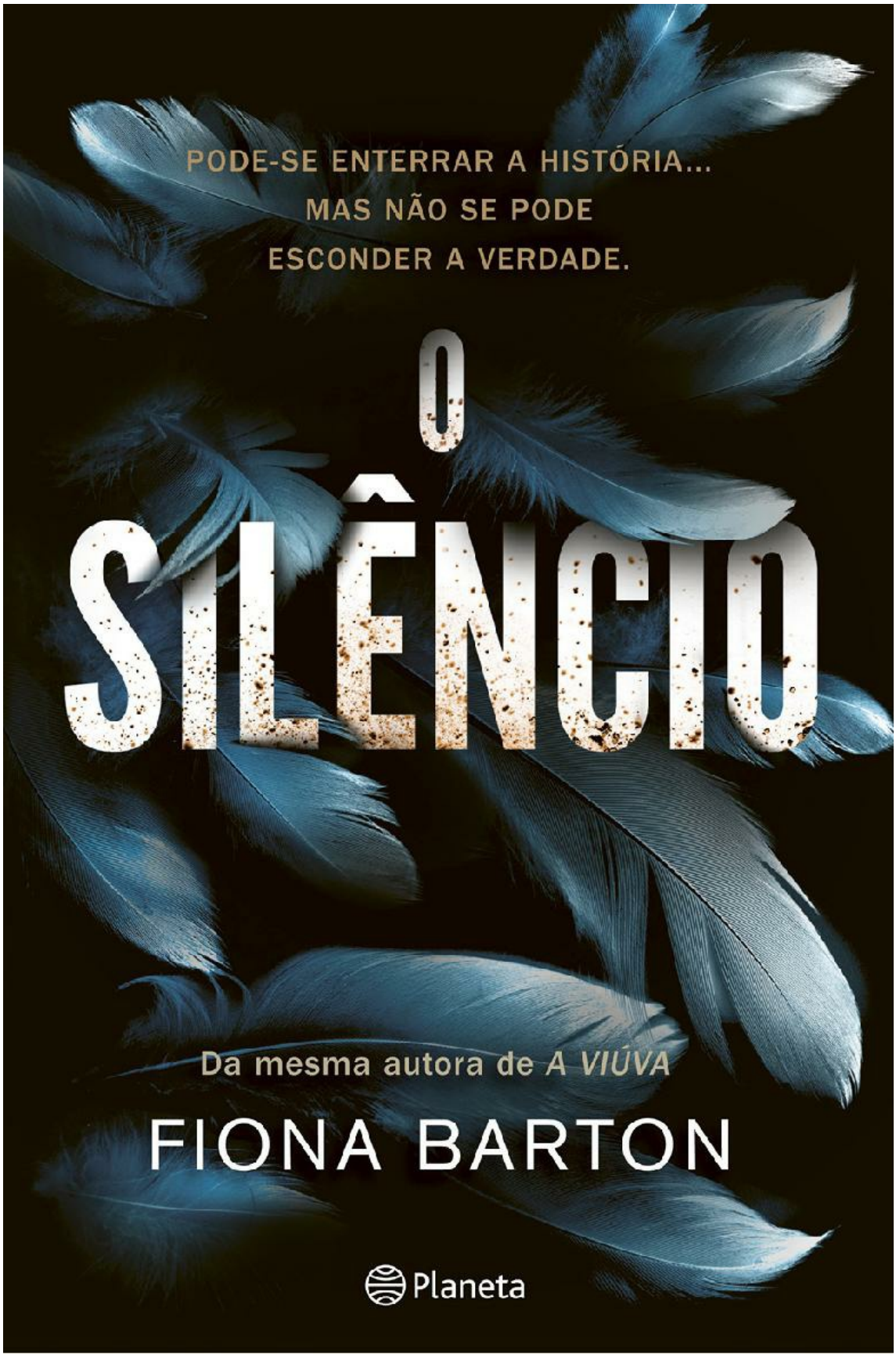

PODE-SE ENTERRAR A HISTÓRIA...
MAS NÃO SE PODE
ESCONDER A VERDADE.
O
SILÊNCIO
Da mesma autora de A VIÚVA
FIONA BARTON
Planeta


PODE-SE ENTERRAR A HISTÓRIA...
MAS NÃO SE PODE
ESCONDER A VERDADE.
O
SILÊNCIO
Da mesma autora de A VIÚVA
FIONA BARTON
Planeta

Fiona Barton

O Silêncio

Tradução
Victor Antunes

Planeta

Para M & D

Quando o silêncio toma o lugar da verdade, o silêncio é uma mentira!

Yevgeny Yevtushenko

Capítulo 1

Terça-feira, 20 de Março de 2012

Emma

Quando me sento à secretária, o computador pisca-me o olho com ar de quem sabe. Primo uma tecla e a fotografia de Paul surge no ecrã. Tirei-lha em Roma, durante a nossa lua-de-mel, olhos repletos de amor do outro lado de uma mesa no Campo de' Fiori. Tento devolver-lhe o sorriso, mas ao inclinar-me detecto no ecrã um reflexo do meu rosto e paro. Detesto ver-me sem aviso prévio. Por vezes nem me reconheço. Pensamos que conhecemos a nossa aparência e aparece uma desconhecida a olhar para nós. Capaz de me assustar.

Contudo, hoje analiso o rosto da desconhecida. O cabelo castanho meio levantado no alto da cabeça num carrapito feito à pressa, a pele nua, as sombras e as linhas que se arrastam na direcção dos olhos como fendas que prenunciam uma derrocada.

Cristo, estás horrorosa, digo para a mulher no ecrã. Hipnotizada pelos movimentos da boca dela, faço-a falar um pouco mais.

Vá lá, Emma, vê se fazes alguma coisa, diz ela. Dirijo-lhe um sorriso débil, ao qual ela corresponde.

Este comportamento é uma loucura, diz-me na minha voz, e calo-me.

Felizmente Paul não me pode ver neste momento, penso.

À noite, quando chega a casa, Paul vem cansado e de mau humor, depois de um dia com alunos de cabeça dura e mais uma discussão com o chefe do departamento por causa dos horários.

Pode ser que seja da idade, mas agora Paul fica mesmo abalado quando alguém o contraria no trabalho. Julgo que começa a duvidar de si mesmo e vê em tudo uma ameaça à sua posição. De facto, os departamentos universitários

são como bandos de leões. Uma imensidade de machos impantes de vaidade e a implicar por tudo e por nada, agarrados com unhas e dentes à sua superioridade. Digo-lhe o que tenho a dizer-lhe e preparo-lhe um *gin* tónico.

Quando pego na pasta que pousou no sofá, vejo que trouxe o *Evening Standard*. Deve tê-lo achado no metro.

Sento-me a ler o jornal enquanto ele toma um duche para se aliviar das preocupações do dia, e é então que vejo o parágrafo sobre o bebé.

«ENCONTRADO CORPO DE BEBÉ» é o título. Umas quantas linhas para informar que o esqueleto de um bebé foi descoberto numa construção em Woolwich e que a polícia está a investigar. Leio uma e outra vez. Não consigo absorver convenientemente, como se estivesse escrito noutra língua.

Mas percebo o que diz e sinto-me envolvida pelo terror. O ar foge-me dos pulmões. Torna-se-me difícil respirar.

Continuo sentada quando Paul desce, húmido e rosado e a gritar que não sei o quê se está a queimar.

As costeletas de porco estão esturricadas. Atiro-as para o caixote do lixo e abro a janela para deixar sair o fumo. Tiro uma piza do congelador e coloco-a no microondas enquanto Paul se senta em silêncio à mesa.

– Devíamos ter um alarme contra incêndios – diz, sem gritar comigo por quase ter pegado fogo à casa. – Quando se está a ler é fácil esquecer as coisas.

É um homem adorável. Não o mereço.

De pé em frente do microondas, a ver a piza borbulhante às voltas, imagino pela milionésima vez se me irá deixar. Já o devia ter feito há muito tempo. Era o que eu teria feito se estivesse no lugar dele, todos os dias a ter de aturar os meus disparates, as minhas inquietações. Mas não dá sinais de quem se prepara para fazer as malas. Em vez disso, paira à minha volta, como um pai que me protege de todo e qualquer perigo. Mostra-se condescendente quando me deixo levar pelos nervos, inventa razões para se mostrar alegre, aperta-me contra si para me acalmar e diz que sou uma mulher brilhante, divertida e maravilhosa.

É a doença que te põe assim, diz ele. *Não és tu.*

Mas sou. Não me conhece. Tratei de fazer com que assim fosse. E respeita a minha privacidade quando evito falar no meu passado.

– Não tens de me contar nada. Amo-te tal como és.

St. Paul – é como lhe chamo quando finge que não sou um fardo para ele, mas em geral manda-me calar.

– Dificilmente – responde.

Bem, não é de facto um santo. Mas há alguém que seja? Os pecados dele são os meus pecados. Como dizem os casais de velhotes? O que é teu é meu. Mas os meus pecados… bem, os meus pecados são meus.

– Não comes porquê, Em? – pergunta quando ponho só o prato dele em cima da mesa.

– Almocei tarde, andei atarefada. Agora não tenho fome, mais tarde como qualquer coisa – minto.

Se agora metesse alguma coisa na boca era capaz de sufocar.

Dirijo-lhe o meu sorriso mais radiante, o mesmo que uso para as fotografias.

– Estou bem, Paul. Agora vê se comes.

Do meu lado da mesa, vou acariciando um copo de vinho enquanto finjo prestar atenção ao que me conta do seu dia de trabalho. A voz dele sobe e baixa de tom, faz pausas enquanto mastiga a refeição deslavada que lhe servi, e depois continua.

De tempos a tempos aceno com a cabeça, mas não ouço nada. Pergunto a mim mesma se Jude terá visto a notícia.

Capítulo 2

Terça-feira, 20 de Março de 2012

Kate

Kate Waters sentia-se enfastiada. Não era uma palavra que normalmente associasse ao trabalho, mas naquele dia estava encafuada na redacção, mesmo debaixo do nariz do chefe, e sem outra coisa para fazer além de algumas revisões.

– Escreve-me isto como deve ser – tinha gritado Terry de longe, o chefe de redacção, a brandir o texto mal escrito de alguém. – Vê se lhe juntas uns pozinhos mágicos.

Foi o que fez.

– Isto aqui parece a fábrica de cuecas do Mike Baldwin – comentou para o *Homem do Crime*, sentado à sua frente. – Sai sempre a mesma porcaria, mais rendilhado, menos rendilhado. Estás a trabalhar em quê?

Gordon Willis, a quem o chefe se referia sempre pelo cargo que ocupava, «Ponham o *Homem do Crime* a tratar disto…», ergueu a cabeça do jornal que lia e encolheu os ombros.

– Esta tarde vou a Old Bailey, quero trocar umas palavras com o inspector-chefe do assassínio com a besta. Ainda não estou a escrever nada, mas espero ter uma conversa com a irmã da vítima quando aquilo acabar. Parece que ela andava a dormir com o assassino. Vai ser um título a várias colunas: «A mulher, a irmã e o assassino que ambas amavam». – Sorriu à ideia. – Porquê? O que tens entre mãos?

– Nada. Estou a corrigir um artigo de uma das escravas *on-line*.

Com um gesto, Kate indicou uma ninfa mal saída da puberdade que do outro lado da sala batia furiosamente num teclado.

– Acabada de sair do secundário.

Apercebeu-se de que estava a ser cruel – e antiquada – e não disse mais. O *tsunami* das notícias *on-line* tinha-a varrido, com outros, para uma praia longínqua. Os jornalistas que dantes se encontravam na linha da frente – uma espécie de pódio dentro do jornal – ocupavam agora as franjas da redacção, empurrados para mais perto da porta de saída pelas fileiras em crescendo dos operacionais *on-line* que escreviam vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, para alimentar o fluxo faminto de notícias.

Os novos meios de comunicação há muito que tinham deixado de ser novos, como tinha explicado o editor a toda a equipa durante a festa de Natal. Era a norma. Era o futuro. E Kate sabia que teria de deixar de se lastimar por causa disso.

É difícil, disse para consigo, quando os artigos mais lidos do incaracterístico sítio do jornal na net eram sobre as mãos de Madonna apresentarem muitas veias ou acerca de uma estrela de *EastEnders* que estava a engordar. «Odiar Uma Celebridade» mascarado de notícia. Que horror.

– Seja como for – disse em voz alta –, isto pode esperar. Vou buscar um café para nós.

Também já faziam parte do passado os dias daqueles bate-papos rápidos nos *pubs* das redondezas, tão do agrado das elites de Fleet Street, enquanto os executivos se juntavam no gabinete do editor para a reunião da manhã. Bate-papos a que se seguiam altercações de rostos avermelhados pela bebida com o chefe da redacção – os quais por vezes terminavam, pelo menos era o que se dizia, com um jornalista demasiado embriagado para se ter de pé a morder o tornozelo do chefe e outro a atirar pela janela uma máquina de escrever que ia cair na rua.

Agora, a sala da redacção, instalada por cima de um centro comercial, tinha janelas hermeticamente fechadas com vidros duplos isolantes, e o álcool era proibido. O café era o novo vício de eleição.

– O que queres que te traga? – perguntou Kate.

– Um *macchiatto* duplo com creme de avelãs, se fazes favor – respondeu Gordon. – Ou um líquido castanho qualquer. O que sair mais depressa.

Kate desceu no elevador, não sem antes sacar uma primeira edição do *Evening Standard* da secretária do segurança instalada no átrio de mármore.

Enquanto esperava que o empregado do bar fizesse os seus truques de magia com a máquina a vapor, foi folheando com preguiça as páginas em busca de artigos assinados pelos amigos.

Abundavam as notícias sobre os preparativos para os Jogos Olímpicos de Londres, e por pouco não lhe escapou o parágrafo no fim das Notícias Breves.

Sob o título «Encontrado corpo de bebé», bastavam duas frases para informar que fora encontrado o esqueleto de um bebé numa construção em Woolwich, não muito longe da residência de Kate, na zona oriental de Londres. A polícia estava a investigar. Sem mais pormenores. Rasgou o pedaço de jornal, para mais tarde. O fundo da sua carteira estava atafulhado com recortes de jornal amarrotados. «Parece a gaiola de um periquito», costumava dizer o filho mais velho, a troçar dela por causa dos pedaços de papel que aguardavam o momento de receberem um sopro de vida. Por vezes eram histórias que mereciam desenvolvimento, mas na maioria dos casos não passavam de uma linha ou citação que lhe arrancavam a pergunta: «Onde está a história?»

Releu as trinta palavras do artigo e interrogou-se sobre a pessoa que nele faltava. A mãe. Enquanto regressava com os copos de café, deu por si a perguntar-se: *Quem será o bebé? Como terá morrido? Quem seria capaz de enterrar um bebé?*

– Coitadinho – saiu-lhe em voz alta.

De repente, a sua cabeça encheu-se com pensamentos sobre os filhos – Jake e Freddie, nascidos com dois anos de intervalo e conhecidos no jargão familiar apenas como «os rapazes» –; recordou-os como bebés, depois crianças robustas, liceais equipados para jogar futebol, adolescentes arrogantes e agora adultos. *Bem, quase adultos*. Sorriu. Recordava-se do momento em que vira cada um pela primeira vez: corpos escorregadios e avermelhados, engelhados, como se a pele fosse demasiado grande, olhos que piscavam junto ao seio e a sensação de que conhecia aqueles rostos desde sempre. *Como era possível que alguém matasse um bebé?*

Quando regressou à sala da redacção pousou os copos e dirigiu-se à secretária do chefe.

– Importas-te que dê uma olhadela a isto? – perguntou a Terry, que analisava um artigo sobre os membros de uma família real estrangeira, ao mesmo tempo que lhe agitava diante dos olhos o pedaço de jornal.

Como ele não levantou a cabeça, concluiu que não se importava.



O seu primeiro telefonema foi para o serviço de imprensa da Scotland Yard. Quando começara a sua carreira jornalística, como estagiária num jornal local de East Anglia, criara o hábito de passar todos os dias pela esquadra da polícia da zona para se debruçar sobre o balcão e ler o registo diário de ocorrências enquanto o sargento de serviço ia falando. Agora, quando contactava a polícia era raro falar com uma pessoa. E quando tal acontecia, era uma experiência fugaz.

– Ouviu a gravação? – perguntava um funcionário civil das Relações Públicas, ciente de que não o tinha feito, e era depressa encaminhada para uma mensagem gravada em voz estridente que enumerava todos os aparelhos de cortar relva roubados e todas as zaragatas ocorridas nos *pubs* da vizinhança.

No entanto, desta vez saiu-lhe o *Jackpot*. Não só foi atendida por uma pessoa como, ainda para mais, alguém que conhecia. A voz que ouviu do outro lado da linha pertencia a um antigo colega do primeiro jornal de circulação nacional onde tinha trabalhado. Um caçador furtivo convertido em couteiro que tinha recém-ingressado no universo mais seguro e mais racional das Relações Públicas.

– Olá, Kate. Como estás? Há muito tempo…

Colin Stubbs tinha vontade de tagarelar. Tinha-se saído bem como jornalista, mas a mulher, Sue, tinha-se cansado daquela existência agitada e irregular e ele acabara por ceder à guerra de atrito que tinha em casa. Mas continuava sedento de notícias sobre o mundo que tinha abandonado; fez perguntas sobre os mexericos que corriam acerca de outros jornalistas e insistiu – com ela e consigo mesmo – que deixar o jornalismo fora a coisa mais acertada que já fizera na vida.

– Ainda bem. Sorte a tua – respondeu Kate contente. – Pois eu cá me continuo a arrastar pelo *Post*. Ouve, Colin, vi qualquer coisa no *Standard* sobre o corpo de um bebé que foi encontrado em Woolwich. Fazes ideia há quanto tempo lá estava?

– Ah, isso? Espera aí. Vou consultar os pormenores no computador… Ora cá estamos. Não há muito para ver, e é um bocado sinistro. Um operário estava a limpar uma demolição, deslocou um vaso antigo de cimento e por baixo estava um esqueleto pequenino. Dizem que é de um recém-nascido. Os serviços forenses estão a examiná-lo. Mas diz aqui que há indícios de lá estar há bastante tempo. Pode mesmo ser histórico. É uma rua numa zona de estudantes, a caminho de Greenwich, creio eu. Não vives para esses lados?

– Na margem norte do rio e um pouco mais para leste. Em Hackney. E ainda estou à espera de melhoramentos, como o comboio. Tens mais alguma coisa? Alguma pista que leve à identificação?

– Não. Os recém-nascidos são um problema quando se trata do ADN, diz aqui. Especialmente se tiverem estado enterrados durante anos. E além disso aquilo é um labirinto de apartamentos e quartos alugados. Os locatários mudam de cinco em cinco minutos, de modo que o polícia encarregado do caso não está optimista. E nós não temos mãos a medir com esta coisa dos Jogos Olímpicos…

– Claro, claro. A segurança deve ser um pesadelo. Ouvi dizer que tiveram de mandar vir polícias de outros sítios para suprir as necessidades. E esta história do bebé parece uma agulha num palheiro. Obrigada, Colin. Gostei de te ouvir. Dá cumprimentos à Sue. Não te importas de me fazer um telefonema se aparecer mais alguma coisa?

Sorriu ao pousar o telefone. Kate Waters adorava agulhas no palheiro. Algo a brilhar no escuro. Algo que a absorvesse por completo. Onde ferrar o dente. Para não ficar fechada no escritório.

Vestiu o casaco e iniciou a longa caminhada até ao elevador. Não foi longe.

– Kate! Vais a algum lado? – berrou Terry. – Antes de ires tens de deslindar esta coisa sobre os reis da Noruega, está bem? Já tenho os olhos vermelhos.

Capítulo 3

Terça-feira, 20 de Março de 2012

Angela

Percebeu que ia chorar. Sentiu que as lágrimas lhe vinham aos olhos, um aperto na garganta que não a deixava falar, e sentou-se um minuto na cama para adiar o inadiável. Precisava de estar só quando chegassem. Há anos que andava a contê-las. Em geral, nunca chorava. Não era do género sentimental. A enfermagem e a vida no Exército tinham-lhe roubado isso há muito tempo.

Mas todos os anos o dia 20 de Março era uma excepção. Nesse dia chorava, era o aniversário de Alice. Em privado. Não se imaginava a fazê-lo na presença de alguém, como aquelas pessoas que vão chorar diante das câmaras de televisão. Não era capaz de imaginar qual a sensação de fazer parte de um programa daqueles. E os tipos da televisão continuavam a filmar, como se aquilo fosse um espectáculo.

– Deviam desligar a câmara – tinha dito a Nick, que se limitara a grunhir e continuara a ver.

Aquilo fazia que se sentisse mal, mas havia imensas pessoas que gostavam. O género de pessoas que gostam de ser notícia.

Fosse como fosse, não imaginava que alguém conseguisse compreender por que motivo continuava a chorar passados tantos anos. Décadas. Diriam que mal tinha conhecido a bebé. Só a tinha tido durante vinte e quatro horas.

– Mas era uma parte de mim. Carne da minha carne – explicou aos cépticos que tinha na cabeça. – Tentei esquecer, mas…

O pavor começava a insinuar-se dias antes do aniversário da bebé, e acudiam-lhe à memória lampejos do silêncio – daquele silêncio no quarto, de arrepiar os ossos.

Depois, no dia, em geral acordava com uma tremenda dor de cabeça, preparava o pequeno-almoço e tentava agir com naturalidade até se encontrar sozinha. Este ano, estava na cozinha a conversar com Nick sobre o dia que o aguardava. Nick queixara-se da montanha de papelada que tinha de tratar e de um dos novos empregados, que passava o tempo com baixa por doença.

Devia reformar-se. Está quase a fazer sessenta e cinco anos. Mas não consegue largar o negócio. Nenhum de nós consegue largar as coisas, acho eu. Diz que precisa de ter um objectivo, uma rotina. Não dá qualquer sinal de saber que dia é hoje.

Ao princípio, costumava lembrar-se. Claro que se lembrava. Aquilo nunca estava longe dos pensamentos de ninguém.

Na rua, as pessoas costumavam perguntar pela bebé. Pessoas que não conheciam de lado nenhum aproximavam-se deles e apertavam-lhes as mãos, com os olhos marejados. Mas isso era noutro tempo. Nick era uma desgraça com datas – deliberadamente, julgava Angela. Nem se lembrava das datas de nascimento dos outros filhos, quanto mais de Alice. E ela tinha deixado de lhe avivar a memória. Não suportava o lampejo de pânico nos olhos dele quando era obrigado a recordar-se daquele dia. Era mais simpático da sua parte recordar-se sozinha.

Ao sair para o trabalho, Nick deu-lhe um beijo no alto da cabeça. Mal a porta se fechou atrás dele, Angela sentou-se no sofá e deixou correr as lágrimas.

Tinha tentado conter-se, refrear as recordações. Ao princípio não recebeu grande ajuda. Só o médico da família – o velho doutor Earnley – é que lhe bateu no ombro e no joelho e disse:

– Há-de superar isto, minha querida.

Mais tarde tinham vindo os grupos de apoio, mas cansara-se de ouvir falar na sua desgraça e nas dos outros. Faziam círculos em volta da dor, a espicaçá-la, a inflamá-la, e depois choravam todos juntos. O grupo ficou transtornado quando ela declarou que conhecer a infelicidade dos outros em nada a ajudava. Não lhe aliviava a dor, apenas lhe acrescentava novas camadas.

Sentira-se culpada, pois quando era enfermeira e alguém morria, costumava oferecer à família enlutada um prospecto sobre como enfrentar a perda.

Espero que os tenha ajudado mais a eles do que me ajudaram a mim, disse para consigo ao levantar-se do sofá. *Não posso ser desagradável. Todos fizeram o que lhes era possível.*

Na cozinha, encheu o lava-louças com água e começou a arranjar as verduras para um guisado. A água fria entorpeceu-lhe as mãos a ponto de mal conseguir segurar a faca, mas continuou a raspar as cenouras com gestos mecânicos.

Tentou conjurar a imagem de como seria agora Alice, mas era demasiado difícil. Só tinha uma fotografia. Dela com Alice. Nick tinha-a tirado com a sua pequena *Instamatic*, e estava desfocada. Tirada à pressa. Angela apoiou-se no balcão da cozinha, como se o esforço físico a ajudasse a visionar o rosto pequenino da filha perdida. Mas sem resultado.

Pela fotografia sabia que o cabelo de Alice era uma penugem escura, como o do irmão, Patrick, mas Angela tinha perdido muito sangue durante o parto e ainda estava drogada com *Pethidine* quando lhe puseram a bebé nos braços. Mais tarde, tinha perguntado a Nick – já depois de Alice ter desaparecido –, mas ele pouco lhe conseguiu dizer. Não a tinha observado com minúcia para lhe memorizar todos os traços, como Angela teria feito. Tinha dito que era linda, mas não entrara em pormenores.

Angela achava que Alice não era parecida com Patrick. Patrick fora um bebé grande e Alice parecia tão frágil. Mal chegava aos dois quilos e meio. Mas mesmo assim analisava com atenção as fotografias de Paddy quando era bebé e as fotografias que tinham tirado dez anos mais tarde quando nascera Louise, a segunda filha.

– É o nosso bebé-surpresa, é como lhe chamo – dizia Angela às pessoas, e insistia em ver nela Alice.

Mas sem resultado. Louise era loura, saía ao pai.

Sentiu o já conhecido aperto doloroso em redor das costelas e no peito e tentou desviar os pensamentos para coisas mais alegres, como tinha lido nos livros de auto-ajuda. Pensou em Louise e em Patrick.

– Pelo menos tenho-os a eles – comentou para as raspas das cenouras que flutuavam na água suja.

Lou havia de lhe telefonar essa noite, quando voltasse do trabalho. A filha mais nova estava ao corrente da história – claro que estava –, mas nunca falava no assunto.

E detesta quando me vê a chorar, disse Angela para consigo, a limpar os olhos com um pedaço de papel da cozinha. *Todos detestam. Gostam de fingir que tudo está bem. Eu percebo. Devia parar. Pôr Alice de parte.*

– Feliz aniversário, meu amor – murmurou em voz entrecortada.

Capítulo 4

Quarta-feira, 21 de Março de 2012

Emma

Por causa do bebé, fiquei acordada a maior parte da noite. Rasguei o pedaço de jornal que continha o artigo e ia para o deitar no lixo, mas acabei por enfiá-lo no bolso do *cardigan*. Não sei porquê. Já tinha resolvido não fazer nada acerca do assunto. Só esperava que desaparecesse.

Dentro de mim, uma vozinha segredava-me: *Então não é como da última vez.*

E hoje o bebé ainda lá está. Insistente. A pedir para ser reconhecido.

Paul dormita, meio acordado e a mexer as pernas, como que para confirmar se ainda lá estão. Espero que abra os olhos.

Tenho pavor. Tenho pavor do desapontamento e da exaustão que verei nos seus olhos quando compreender que os meus dias maus estão de volta.

Era assim que lhes chamávamos, de modo a que não parecesse que a culpa era minha. Decorreu tanto tempo desde o último episódio que tenho a certeza que ele acreditava que já tinham passado. Quando me vir, vai esforçar-se por não mostrar, mas também eu tenho de carregar esta ansiedade. Por vezes sinto que me vou estilhaçar sob o peso.

As pessoas costumam dizer que aquilo que não nos mata nos torna mais fortes. É o que dizem quando alguém passa por uma provação terrível. Jude, a minha mãe, tinha o hábito de dizê-lo. Mas não é verdade. Quebra-nos os ossos, reduz tudo a estilhas reunidas por ligaduras sebentas e adesivo amarelado e pegajoso. A estalar pelas costuras. Frágil e exausta do esforço. Por vezes deseja-se que nos tivesse matado.

Paul levanta-se e, sem uma palavra, vai buscar os meus comprimidos e um copo de água que enche na torneira da casa de banho. Afaga-me o cabelo e

senta-se na cama enquanto tomo os comprimidos. Vai cantarolando em surdina, como se tudo estivesse normal.

Tento pensar *Tudo isto há-de passar,* mas o que se insinua entre as minhas defesas é *Isto nunca mais vai acabar.*

O problema é que, ao longo do tempo, um segredo ganha vida própria. Cheguei a acreditar que se não pensasse no que tinha acontecido a recordação havia de estiolar e morrer. Mas não. Está sentada no centro de uma trama crescente de mentiras e falsidades, como uma mosca gorda apanhada na teia de uma aranha. Se neste momento disser alguma coisa será para rasgar tudo em pedaços. Portanto, não posso dizer nada. Tenho de protegê-lo. Ao segredo, claro. É o que tenho vindo a fazer desde que me recordo. A guardá-lo em segurança.

À mesa do pequeno-almoço, Paul fala comigo, mas não percebo o que diz.

– Desculpa, querido, mas não percebi.

Tento concentrar-me nele, sentado do outro lado da mesa.

– Disse que estamos quase sem papel higiénico.

Não me consigo concentrar. É qualquer coisa sobre papel. *Meu Deus, será que também leu?*

– O quê? – pergunto, a elevar demasiado a voz.

– Papel higiénico, Emma – responde sem se alterar. – Estava só a lembrar-te, mais nada.

– Está bem, está bem. Não te preocupes, eu trato disso. Arranja-te para ires trabalhar enquanto acabo o café.

Sorri para mim, beija-me ao passar e durante dez minutos ouço-o a remexer no escritório enquanto deito fora o café e limpo o tampo da mesa. Ultimamente faço mais limpezas. *Sai, maldita mancha.*

– Pronto – diz ele à porta da cozinha. – Tens a certeza de que ficas bem? Continuas muito pálida.

– Estou bem – digo, a levantar-me. *Vá lá, Paul. Desaparece.* – Que tenhas um dia bom, querido. Não te esqueças de ser simpático com o chefe do Departamento. Sabes que é preciso.

Sacudo-lhe um pêlo do ombro do sobretudo.

Paul suspira e pega na pasta.

– Vou tentar. Escuta, posso telefonar a dizer que estou doente e fico em casa contigo.

– Não sejas pateta, Paul. O meu dia não vai ser difícil. Prometo.

– Está bem, mas telefono-te à hora de almoço. Amo-te.

Aceno-lhe um adeus pela janela, como sempre faço. Fecha a cancela e vira-se, e nesse momento caio de joelhos sobre a carpete. É a primeira vez que estou sozinha desde que li a notícia e finjo que tudo está bem. Sinto-me exausta. Para onde quer que olhe, o título do jornal surge-me como um anúncio a néon. Só preciso de cinco minutos para me recompor. E choro. Um choro aflitivo. Incontrolável. Não é um choro inglês, que se contraria e reprime. Continua até não haver mais nada. Sento-me no chão, em silêncio.

Quando o telefone toca percebo que já se passou uma hora e o torpor nas pernas pica como agulhas quando me tento levantar. Devo ter adormecido. Adoro a imagem que se cria na minha cabeça, deitada num barco à deriva, levada pela corrente. Como Ofélia no quadro. Mas Ofélia estava louca ou morta. *Pára com isso. Atende o telefone.*

– Olá, Emma, é a Lynda. Estás ocupada? Posso passar por aí para tomarmos um café?

Apetece-me dizer que não à aterradora Lynda, mas o que me sai é um «sim».

A cortesia enraizada acaba mais uma vez por triunfar.

– Ainda bem. Estou aí em dez minutos.

– Vou ligar a cafeteira – ouço-me a dizer, como se estivesse a representar.

Fricciono os joelhos para afugentar o entorpecimento e tiro da carteira a escova do cabelo. Tenho de estar apresentável, senão ela percebe.

O marido de Lynda é professor na mesma universidade onde Paul ensina, mas num outro departamento. Costumam apanhar o mesmo comboio da manhã. Ao que parece, isso cria uma espécie de irmandade entre mim e Lynda.

No entanto não gosto dela. Tem aqueles dentes revirados para trás, como um tubarão, e modos insistentes. Ela e as outras MULAs (Mulheres dos

Académicos, como passei a chamar-lhes quanto entrei para o grupo) fazem mexericos a meu respeito. Sei que fazem. Mas nada posso contra isso. Não lhes dou importância. Manter a calma e seguir em frente.

❧

Lynda entra de rompante assim que abro a porta. Esta manhã transborda de energia. Deve ter boas notícias a respeito de Derek. Tenho logo vontade de a ver pelas costas.

– Tens um ar cansado, Emma. Passaste mal a noite?

O meu esforço para estar apresentável não resultou. Lynda assume a função de preparar o café, a deixar-me especada como uma inútil na minha cozinha.

– Hmmm. Passei a noite às voltas. A tentar resolver uma passagem difícil do livro que estou a rever – digo.

Fica irritada. Detesta o facto de eu ter um trabalho. Quando me refiro a ele, considera-o um insulto pessoal. Lynda não trabalha.

– Tenho muito que fazer em casa, não preciso de um emprego – responde quando lhe perguntam.

Em geral com uma gargalhada ríspida.

Seja como for, resolve ignorar a provocação implícita e despeja as suas novidades. Derek vai ser «promovido» – entre aspas, ao que parece. Significa mais importância e mais algum dinheiro. Vibra de entusiasmo e a sua satisfação propaga-se em ondas.

– O chefe do Departamento quer que ele assuma mais responsabilidades. A partir do próximo ano vai ser director-adjunto do Bem-Estar dos Alunos – diz ela, como se estivesse a ler um comunicado oficial.

– Bem-Estar dos Alunos? Meu Deus, vai estar enterrado até aos joelhos em drogas e doenças sexualmente transmissíveis – respondo, a regalar-me com a ideia de Derek, o homem mais pomposo do mundo, encarregado das máquinas de distribuição de preservativos.

Lynda assume uma atitude rígida ao ouvir falar de sexo, e eu disfarço o regozijo por esta pequena vitória.

– Isso é muito bom, Lynda. O leite já está cá fora, no escorredor do lava-louças.

Sentamo-nos à mesa da cozinha e fico a ouvi-la tagarelar sobre o que acontece no departamento. Sei que mais tarde ou mais cedo irá abordar a questão da «pequena dificuldade» de Paul – os seus desentendimentos com o chefe do Departamento – mas não a vou ajudar a lá chegar. Continuo a falar de outras coisas – notícias do mundo, os atrasos dos comboios, o preço da carne – na esperança de que ela se farte. Mas a mulher parece incansável.

– E então, o Paul já se dá melhor com o chefe? – pergunta, a esboçar um sorriso de simpatia.

– Oh, não passa de uma tempestade num copo de água.

– Sim? Ouvi dizer que o doutor Beecham ia levar o assunto a um nível superior.

– É um disparate. O doutor Beecham quer suprimir a cadeira mais popular de Paul para abrir uma vaga para a dele. Para ser franca, tem sido um bom estupor.

Os olhos de Lynda esbugalham-se ao ouvir a palavra. É evidente que, para ela, não é aplicável a um chefe de Departamento.

– Bem, por vezes torna-se necessário fazer compromissos. Talvez a cadeira de Paul já estivesse um tanto estafada.

– Tenho a certeza que não, Lynda. Queres uma castanha de gengibre?

Aplacada, mastiga quase um prato inteiro. Passamos agora para a filha dela, Joy.

– É o nosso orgulho, a nossa alegria, foi por isso que lhe pusemos o nome.

Seguem-se os filhos de Joy. Tem uma mão-cheia deles, ao que parece. Reparo que Lynda não se lhes refere como «os meus netos» quando lhes enumera os defeitos e a falta de educação. São «demasiado independentes», o que no seu mundo fechado equivale a um pecado terrível.

– No outro dia, Josie disse-me para não meter o nariz onde não era chamada – comenta, ainda a fremir de indignação. – Tem nove anos e diz à avó que se meta na sua vida!

Boa, Josie, penso.

– Tenho pena de ti – digo, à falta de alternativa.

– Claro que tu não tens essas preocupações – diz Lynda. – Não tens filhos.

Engulo em seco e não consigo replicar. Em vez disso, olho para o relógio e murmuro:

– Desculpa, Lynda, gostei de pôr a conversa em dia, mas tenho um prazo para cumprir e preciso de voltar ao trabalho.

– Ah, vocês, mulheres trabalhadoras… – replica em tom depreciativo.

Parece desapontada, mas sorri, aquele Grande Sorriso Branco, e pousa-me as mãos nos ombros para se despedir com um beijo. Ao recuar, acrescenta num tom falsamente preocupado:

– Devias voltar para a cama, Emma.

Ignoro o conselho, bem como a falsa inquietação.

– Diz ao novo director-adjunto do Bem-Estar dos Alunos entre aspas que lhe damos os parabéns – digo, enquanto a conduzo até à porta. – E passa um dia bom – acrescento.

Acaba com isso, penso. *Pareces uma empregada de loja a fingir que se interessa pela cliente.*

Subo ao primeiro andar e sento-me no meu escritório, mas o bebé do jornal não me sai da cabeça, do colo e dos ombros.

Capítulo 5

Quarta-feira, 21 de Março de 2012

Kate

A Howard Street ficava num extremo de Woolwich e o seu aspecto deixava muito a desejar. Um exército de pesadas máquinas de construção encobria a vista das casas e lançava para o ar nuvens de fumo e poeirada, na sua missão de transformar esta área de Londres numa *village*.

Após uma fuga do escritório, Kate deteve-se a um extremo da rua.

Concentrou-se nas casas ainda ocupadas. Não pareciam ser mais do que duas ou três. Pelo jornaleco local de distribuição gratuita sabia que as casas tinham sido alvo de venda compulsiva, na sequência de uma longa batalha de planeamento urbano. Os trabalhos de demolição já tinham começado e a rua assemelhava-se a uma fotografia retocada dos tempos do *Blitz*. Sentiu-se afortunada pelo facto de o seu cantinho de East London não ter sido ainda afectado pelo frenesi dos arquitectos urbanísticos, empenhados em transformar a capital numa série de aglomerados, e pelo facto de a sua banda de moradias ter permanecido intacta.

No princípio dos anos de 1990, Kate e Steve tinham comprado a antiga casa camarária em Hackney e foram os primeiros profissionais liberais a morar na rua. No dia da mudança, Bet, a vizinha do lado, trouxera para o jantar um guisado de fígado numa terrina de pirex às flores, semelhante à que a avó de Kate costumava usar. Bet andara pela cozinha a bisbilhotar tudo – o conjunto da cafeteira e da torradeira, os ímanes espirituosos na porta do frigorífico, e a fazer uma série de perguntas intrometidas, mas depois disso os seus mundos raramente tinham colidido, além de um cordial «Olá, como tem passado?».

Quando convidavam os amigos para churrascos ou jantaradas ruidosas e bem regadas, com rolhas de champanhe a saltar no jardim, mais do que ouvir,

sentiam a envolvência da respiração da vizinhança. Mas outras pessoas do mesmo estrato social foram gradualmente chegando, atraídas pelos preços convidativos, e a rua teve direito à sua primeira porta preta envernizada com um loureiro dentro de um vaso sobre o degrau da entrada. É certo que o loureiro sofrera um corte na segunda noite, mas a mensagem perdurara.

Hoje em dia, dos moradores originais só restavam Bet, a vizinha do lado, e um casal de velhotes que vivia ao fundo da rua, protegido por estores e um maciço crescente de sebes podadas. A abertura recente de um supermercado Marks & Spencer na esquina onde antes existia uma loja de aluguer de vídeos parecia ter sido a derradeira gota de água na erradicação da antiga vizinhança.

Graças a Deus não temos de aturar nada disto, pensou Kate enquanto abarcava a cena com o olhar. O interior esventrado dos prédios de três pisos escancarava-se como casas de bonecas em tamanho real, com as cortinas rotas batidas pelo vento. O único sinal de ocupação humana era a luz numa cozinha que dava para a frente, a cintilar por entre a obscuridade triste e industrial.

Kate dirigiu-se à porta e premiu o primeiro dos três botões de campainha. O nome escrito ao lado, a esferográfica, era Walker.

Veio à porta uma mulher idosa que espreitou nervosa para um lado e para o outro.

– Olá, é a menina Walker? – perguntou Kate em tom profissional. – Peço desculpa por incomodar, mas estou a escrever um artigo para o *Daily Post* sobre as mudanças aqui na zona.

Tinha resolvido não abordar de início a questão do bebé. Era preciso avançar com cautela.

A mulher olhou-a de cima a baixo, e só depois abriu a porta.

– Entre. Depressa, por causa da poeirada.

Seguiu à frente para o interior do rés-do-chão, sacudiu do sofá um *terrier* que parecia roído pelas traças e fez sinal a Kate para que se sentasse.

– Desculpe o *Shorty*. Anda a largar o pêlo – disse, enquanto sacudia o estofo. – Qual é o jornal?

– O *Daily Post*.

– Ah, costumo comprar esse. É bom.

Kate sentiu-se à vontade. Uma leitora. Favas contadas.

Conversaram sobre as obras que se desenrolavam do outro lado da janela, obrigadas a levantar a voz à passagem de um camião pesado que avançava penosamente pela ladeira íngreme.

Kate acenou com a cabeça, a mostrar a sua compreensão, e encaminhou subtil a menina Walker para o tema da sepultura.

– Ouvi dizer que os operários encontraram um corpo durante as escavações – observou.

A mulher fechou os olhos.

– Sim, um bebé. Que coisa mais horrível.

– Horrível – repetiu Kate, a abanar a cabeça em sintonia com a menina Walker. – Pobre do homem que o encontrou. Não vai recuperar tão depressa.

– Pois não – concordou a menina Walker.

– Faz-me pensar na mãe – prosseguiu Kate. – Quem será ela, quero dizer.

Tinha pousado o bloco de apontamentos ao lado, para dar a entender à menina Walker que estavam «apenas a conversar».

A mulher não era tão velha como Kate julgara à primeira vista, devia rondar os sessenta, mas parecia desgastada pela vida. Algo nela lhe fez lembrar uma feirante: cores garridas a disfarçar um rosto cansado. Kate reparou nos restos de tinta caseira cor de gengibre para o cabelo e na maquilhagem acumulada nas rugas em volta dos olhos.

– Tem filhos? – perguntou.

– Não – respondeu a menina Walker. – Nada de garotos. Somos só eu e o *Shorty*. Fazemos companhia um ao outro.

Em silêncio, acariciou o pêlo do cão, que estremeceu de prazer.

– Um cãozinho amoroso – mentiu Kate.

Odiava cães. Tinha muitas experiências desagradáveis em soleiras de portas com animais enfurecidos a arreganhar os dentes e a puxar pelas trelas com que os donos os seguravam. Diziam sempre a mesma coisa:

– Não tenha medo que ele não morde.

Mas bastava olhar-lhes para os olhos para perceber que o fariam se tivessem oportunidade. Este também levantava os olhos para ela, mas Kate fez o possível por ignorá-lo.

– Bem, não sabem quando foi enterrado, pois não? – prosseguiu a menina Walker. – Pode ter sido há centenas de anos, foi o que ouvi dizer. Talvez nunca se venha a saber.

Kate fez *hmmm* e acenou com a cabeça. Não era o que queria ouvir.

– Quando ouviu falar no caso? Está aqui mesmo do outro lado da rua, deve ter dado conta de tudo, não?

– Não sou nenhuma velha coscuvilheira – replicou a menina Walker, a erguer a voz. – Não meto o nariz onde não sou chamada.

– É claro que não – disse Kate para a sossegar. – Mas deve ter sido difícil não dar pelos carros da polícia, e essas coisas. Se fosse eu, ficaria mortinha por saber o que se estava a passar defronte da minha casa.

A mulher acalmou-se.

– Bem, vi chegar os carros da polícia. Mais tarde, John, que é o encarregado da obra, contou-me o que tinham encontrado. Estava muito transtornado. É terrível encontrar uma coisa daquelas. Um choque tremendo. Até lhe fiz um chazinho.

– Foi simpático da sua parte. Talvez o seu amigo John saiba mais alguma coisa sobre a data em que o bebé foi enterrado. A polícia não disse nada, não?

– Não faço ideia. Mas John viu aquilo, o bebé, quero dizer. Disse que eram só uns ossos pequeninos. Nada mais. Terrível.

Enquanto a menina Walker preparava um chá, Kate pegou no bloco de apontamentos e escreveu o nome do operário e a sua descrição da minúscula ossada.

Vinte minutos mais tarde, depois de um chá com duas colheres de açúcar, dirigiu-se ao escritório do estaleiro, no primeiro andar de um contentor de onde se desfrutava uma vista panorâmica sobre o caos que se desenrolava lá em baixo.

Um homem corpulento de calças de ganga interceptou-a à porta.

– Deseja alguma coisa?

– Olá. É o John? Estive agora mesmo a falar com a menina Walker, lá do fundo, e ela sugeriu-me que viesse ter consigo.

A expressão do capataz suavizou-se.

– Uma mulher adorável. Foi modelo, ou qualquer coisa do género, sabia? Há muito tempo, é claro. Passa por aqui todos os dias com o cão e conversamos um bocadinho. Às vezes traz-me um bolo, ou outro mimo qualquer. Isto deve ser muito solitário para ela, agora que já quase todos se foram embora.

Kate assentiu.

– Deve ser, deve. É difícil ser-se velho nos tempos que correm, quando tudo muda à nossa volta.

Já chegava de conversa fiada e Kate receou que o capataz se desculpasse e se fosse embora.

– Desculpe, nem me apresentei. O meu nome é Kate Waters.

Estendeu-lhe a mão. As pessoas têm dificuldade em ser rudes quando se lhes aperta a mão.

– John Davies – respondeu o homem em tom mecânico. – O que posso fazer por si?

– Sou jornalista e estou a escrever um artigo sobre o corpo encontrado no estaleiro – disse Kate, e o capataz fez menção de lhe virar as costas. – Deve ter sido um choque terrível para si, coitado – acrescentou rapidamente.

O homem virou-se de novo para ela.

– E foi, desculpe a rudeza, mas a polícia tem andado para cá e para lá no estaleiro. A vedar a zona com fita, a impedir-nos de trabalhar. Os homens estão enervados e os trabalhos já estão atrasados.

– Deve ser um pesadelo – ajudou Kate.

– Pode crer – concordou Davies. – Olhe, eu nem devia falar com a imprensa. O patrão arrancava-me os tomates se soubesse.

Kate sorriu.

– O meu chefe também é assim. Vá lá. Pago-lhe um copo no *pub* lá do fundo. Está na hora de almoço, é só para ter uma panorâmica geral. Não preciso de o citar.

Davies pareceu hesitar.

– Vamos lá. Só quero perceber de quem é o bebé. É horrível uma criança ser enterrada sem nome. Como um indigente da época vitoriana.

– Está bem, mas é só um copo – aquiesceu o homem enquanto fechava a porta de grades com um cadeado.

– Bestial – disse Kate, a dirigir-lhe um sorriso rasgado.

O homem acompanhou-a em passo desengonçado. Passaram pela casa da menina Walker e Kate acenou à nova amiga, de atalaia à janela da cozinha.

Capítulo 6

Quarta-feira, 21 de Março de 2012

Kate

O *pub* rebentava pelas costuras com o pessoal do estaleiro, e o cheiro acre do cimento fresco mesclava-se com o dos restos da cerveja derramada na noite anterior. Kate abriu caminho até ao balcão, a brandir uma nota de dez libras na mão estendida.

– Vinho branco com gasosa – encomendou. – O que toma, John?

– Uma cerveja com limonada, se faz favor.

Sem uma palavra, o proprietário, de olhos ocultos por uns óculos de aros grossos, empurrou os dois copos e entregou a Kate um punhado de moedas de troco.

– Devia ser indemnizado pela escola de boas maneiras que frequentou – observou ela enquanto pousava ruidosamente os copos sobre uma mesa coberta de manchas arredondadas.

– É bom tipo – replicou John em tom brusco e a emborcar um longo trago. – O *pub* dele vai na próxima, se a segunda fase for aprovada. Deve ser duro para ele servir-nos, às forças da destruição.

– Pois é, deve ser. Há quanto tempo começaram as obras?

– Há meses. Parecem anos.

Kate bebeu um pequeno gole. O sacana do proprietário tinha usado limonada em vez de gasosa, e o açúcar fez-lhe ranger os dentes.

– Deve ser sempre um trabalho duro.

– E a semana passada não ajudou nada. Uma coisa horrível.

John pousou o copo e ficou a mirar-lhe o fundo.

– Deve ter sido. Foi você que encontrou o corpo?

– Não, foi um dos operários. Coitado. Só tem dezanove anos. Desde então nunca mais apareceu.

– O que aconteceu?

John Davies esvaziou o copo.

– Vou-lhe buscar outra – ofereceu-se Kate.

Quando voltou, encontrou John absorto, a arrancar o desenho da base para copos.

– Peter estava a limpar o entulho por detrás das casas, para que as máquinas pudessem entrar – disse John sem levantar a cabeça. – Estava a tentar levantar um vaso antigo, de cimento. Daqueles que se usam para pôr flores. Diz que deslocou a terra ao movê-lo para um lado e para o outro. Foi então que viu um osso pequeno. Tão pequeno que pensou que fosse de algum animal e pegou-lhe para ver melhor. Mas havia mais. Quando percebeu o que era, deu um grito. Pensei que tinha cortado uma perna, ou coisa do género. Nunca tinha ouvido um grito assim.

– Deve ter sofrido um choque tremendo. Vocês todos, aliás – murmurou Kate, a encorajá-lo.

O companheiro de mesa assentiu com um gesto cansado.

– É muito religioso, o Peter. É da Europa de Leste, sabe. Sempre a falar em espíritos, e essas coisas. Seja como for, fui ver o que era. Tão pequenino. Parecia um pássaro. Estava embrulhado em qualquer coisa e tinha colados a ele pedaços de papel e de plástico. Chamei a polícia e eles apareceram.

– Onde foi isso? – perguntou Kate.

– Por trás das casas em banda que demolimos vai para dois meses. Casas grandes, velhas, em mau estado, algumas com quatro pisos. Quartos e apartamentos. Toda a fiada de prédios ameaçava ruir sozinha se não a ajudássemos com um empurrão.

Pôs-se de pé.

– Bem, tenho de voltar ao trabalho. Obrigado pelas bebidas, menina. Lembre-se, não me pode citar.

Kate sorriu e apertou-lhe a mão.

– Pois claro. Obrigada pela conversa, John. Foi uma grande ajuda. Acha que o Peter falará comigo? Queria só confirmar alguns pormenores.

– Duvido – respondeu John.

– Olhe, não lhe pode dar o meu número, para o caso de ele me querer contactar? – perguntou, a estender um cartão profissional.

John Davies enfiou o cartão no bolso das calças e acenou com a cabeça a despedir-se. Os restantes operários seguiram atrás dele.

Kate deixou-se ficar sentada no bar de súbito silencioso e começou a escrever as suas notas. O silêncio e o sossego não duraram muito; o patrão veio recolher os copos e interrompeu-lhe os pensamentos.

– Ouvi dizer que é jornalista.

Olhou para ele e sorriu.

– Chamo-me Kate, e sou do *Daily Post*.

– Graham – apresentou-se o homem, de repente disposto a confraternizar, agora que a clientela se tinha ido embora. – Está a escrever a respeito de quê?

– Do corpo do bebé que foi encontrado no estaleiro.

O dono do *pub* cavalgou a banqueta de napa que ficava diante dela.

– Oh, estou a ver. Uma coisa horrível, enterrar um bebé no quintal. Faz-nos pensar no que terá acontecido ao infeliz. Quero dizer, será que alguém o matou?

Kate pousou a caneta e olhou para ele.

– Foi o que pensei. Quem seria capaz de matar um bebé? Só a ideia é insuportável.

Ficaram por momentos em silêncio.

– Conhecia as pessoas que viviam naquelas casas? – perguntou Kate. – A polícia deve andar à procura delas.

– Vão ter um trabalhão. A maioria eram inquilinos e estavam a mudar de cinco em cinco minutos. A história do costume: o proprietário não vivia aqui, mas tinha imensas propriedades na zona, que alugava barato. Aqueles quartos metiam nojo. O género de casa que as pessoas abandonam assim que podem. Seja como for, o bebé não foi recém-enterrado. Foi o que me disse um polícia que andava por aí a fazer perguntas. Pode ter sido há quarenta ou cinquenta anos.

– Sim? Gostaria de saber como sabem isso. Muito antes do seu tempo, portanto?

O dono do *pub* sorriu, sem se mostrar impressionado pelo cumprimento.

– Dificilmente. Quer mais um desses? – perguntou, a apontar para os restos pegajosos dentro do copo de Kate.

– Obrigada. Desta vez pode ser gasosa simples. Vou conduzir. De qualquer maneira – acrescentou, a seguir atrás dele até ao bar, decidida a reter-lhe a atenção para não perder a pista –, quem dirigia o *pub* nesse tempo? Nas décadas de 1970 e 1980? Haviam de conhecer as pessoas que moravam na rua, não é?

– Era o meu pai e a minha madrasta. Nós viemos a seguir. Pode ser que Toni saiba alguma coisa, mas está a trabalhar.

– Não se preocupe. Eu posso voltar.

Capítulo 7

Quinta-feira, 22 de Março de 2012

Emma

Já são horas de almoço e ainda estou na cama, onde Paul me deixou esta manhã. Os comprimidos estão a operar a sua magia e começo a sentir um torpor confortável, de modo que faço um esforço para me levantar. Sinto na pele o mau cheiro dos lençóis suados e deixo-me ficar sob o chuveiro até os dedos se engelharem; depois visto um camisolão largo que me esconde o corpo.

Voltei a guardar os tranquilizantes no armário da casa de banho e fechei a porta. Detesto os comprimidos, significam que me estou a ir abaixo. Apetecia-me deitá-los para o lixo, mas se não conseguir aguentar-me sem eles?

Desta vez talvez procure um tipo diferente de ajuda, nada que tenha a ver com químicos. Quase me dá vontade de rir só de pensar nisso. Significaria falar, não é isso? Contar a alguém os meus pensamentos. A razão por que estou um caco. O que jaz no fundo de tudo. Significaria varrer o lixo antigo e escavar as espessas camadas que envolvem as minhas recordações.

Jude, a minha mãe, uma vez sugeriu terapia de conversação – há muito tempo, quando os dias maus começaram –, mas recusei-me a entrar no automóvel quando ela me quis levar a um psicólogo. Houve uma cena horrível no meio da rua, com ela a gritar comigo para eu entrar e eu agarrada à porta do carro. Meu Deus, seria mesmo eu? A verdade é que nesse tempo já sabia que o silêncio era – e é – a única opção.

Sei que desta vez não vou fazer nada diferente. É demasiado tarde. Vou atirar tudo para trás das costas, tomar os comprimidos até tudo estar sob

controlo e continuar o meu trabalho. Preencher a minha vida com coisas que ajudem a expulsar o terror, como faço.

A minha normalidade.

De qualquer maneira, vou ao talho comprar carne para o jantar de Paul, para o compensar das costeletas esturricadas e da comida congelada. A palavra «carne» não me sai da cabeça. Carne e sangue. Tenho vontade de vomitar.

Pára com isso, digo para mim mesma, a beliscar a pele do estômago por cima da roupa.

Assim que entro no talho chega-me ao nariz o cheiro do sangue, um odor metálico que me reveste a garganta. Para combater o pânico que se avizinha, fico em pé na fila, a praticar a técnica de respiração controlada do ioga. Inspirar pela narina direita, expirar pela boca. Ou será expirar pela narina esquerda?

– Senhora Simmons – interpela-me o talhante em voz alta –, o que lhe posso arranjar hoje?

Arrancada à meditação, respondo atabalhoadamente:

– Ehh, bife. Bife do lombo.

Vou fazer uma salada.

O homem não pareceu impressionado.

– Só um? Esta noite janta sozinha? – pergunta a rir, a cara muito vermelha sob o estúpido chapéu de palha.

Lanço-lhe um olhar de reprovação e depois tento dar uma gargalhada para mostrar às outras mulheres que estão na loja que alinhei com a piada. Mas soa a falso.

– É verdade, o George Clooney voltou a desapontar-me.

Atiro o pacote da carne para dentro do saco das compras, pago um preço que podia ser um resgate real e vou para casa para ver se consigo fazer alguma coisa.

São cinco horas, o Paul deve estar a chegar. A ideia faz-me acelerar os dedos sobre o teclado. Vou continuar durante mais uma hora, depois volto aos

trabalhos domésticos. Ainda não posso parar. Tenho de continuar. Se parar, volto ao bebé. Distrair, distrair, distrair.

Na maior parte dos dias, agradeço a Deus o meu trabalho. Comecei a fazer revisões há cerca de dez anos. Uma boa amiga trabalhava numa editora e num fim-de-semana caiu-lhe em cima uma revisão de emergência. Pediu-me ajuda. Sempre tive o hábito de escrever, para mim mesma e na faculdade, mas aquilo era escrita de mangas arregaçadas, converter frases infantis gatafunhadas por um futebolista em prosa de cortar o coração. Ao que parece tinha talento, e ela arranjou-me mais trabalho.

Hoje estou a meio da ruptura de um casamento, a navegar entre a mágoa, a culpa e o alívio de uma jovem actriz pela separação do marido da sua infância, e o seu optimismo (que se vem a revelar injustificado) quanto ao primeiro casamento a sério. Nunca conheço os protagonistas. É o trabalho do *ghost writer*. Se é uma grande estrela, gastam horas com ela – por vezes semanas – a extrair-lhe a história e os sentimentos. Não pertenço a essa categoria. Sou mais do género de vencedores do X Factor. Pelo que percebo, a maioria é baseada em recortes de jornais e de revistas que monto e aperfeiçoo até se lerem como um conto de fadas. Nunca satisfaz grandemente, mas considerando que é um trabalho feito à pressa para um «furo» noticioso inesperado – morte, escândalo, sucesso –, é assim que tem de ser feito.

É um trabalho duro e por vezes, quando me debato sobre o uso das palavras, amaldiçoo os milhões de pessoas que compram livros de memórias de figuras famosas apenas para ver as fotografias.

Mas pagam bastante bem e é o meu dinheiro. Paul acha que o trabalho está aquém das minhas capacidades, mas posso executá-lo a partir de casa e em absoluto anonimato.

Ninguém sabe quem é Emma Simmonds, embora as minhas palavras sejam vendidas por todo o mundo em dezenas de línguas diferentes. O meu nome nunca aparece na capa dos livros. E é assim que quero que fique. Paul entende que eu devia ser reconhecida, mas é uma coisa que me dá vontade de rir.

Resulta sempre. O prato dele está cheio quanto baste, com o doutor Beecham e os seus esquemas. Paul está mais preocupado do que deixa

transparecer e eu procuro estimular-lhe a confiança. Digo-lhe que é um grande professor e que os alunos adoram as suas aulas.

Quando isso não resulta, digo-lhe que me salvou a vida quando me adoptou, o que o faz sempre sorrir. Pergunto-me se recordará esses primeiros tempos, no princípio da década de 1990, quando eu tentava imprimir sentido à minha vida. Era bastante mais velha e muito diferente das outras alunas para participar nos seus jogos. E havia Paul. Embeicei-me por ele logo no primeiro ano, mas foi só no último que ele se apaixonou por mim. Foi complicado pelo facto de ser meu orientador, mas naquele momento não quis saber disso. Entendi que o doutor Paul Simmonds tinha todas as respostas para os meus problemas.

Era vinte anos mais velho do que eu, maravilhosamente inteligente e divertido, naquela sua maneira seca e académica. Um solteirão com camisas por passar a ferro e meias esquisitas, absorvido pelo trabalho.

– Enfeitiçaste-me – digo-lhe, e ele ri-se.

– Eu? Era lá capaz de enfeitiçar alguém.

Mas é verdade. Quando falava sobre qualquer coisa conseguia cativar. Pelo menos a mim. E dava a sensação de que falava só para mim. As suas aulas sobre a psicologia das heroínas trágicas de Shakespeare eram todas sobre a minha pessoa. Ficava ali sentada, com a sensação de que ele me compreendia, bem como à confusão que me ia na cabeça. Acreditei que ele seria capaz de fazer de mim uma pessoa melhor. Pobre Paul. Que grande responsabilidade.

Diz que se apaixonou imediatamente por mim, mas penso que ambos sabemos que teceu um romance à volta de tudo. A verdade é que começou por se sentir lisonjeado pelo meu interesse nas suas aulas e depois se interessou pelas minhas dificuldades em escrever os ensaios e em gerir a vida na universidade. Tomou-me sob a sua protecção, a aluna problemática do departamento. Pobre Paul. Não fazia a mais pequena ideia de onde se estava a meter.

Comecei a segui-lo por todo o *campus*, sentada na última fila para assistir às suas conferências, só para estar perto dele. As minhas colegas perceberam de imediato e quando me viam trocavam sinais entre si com cotoveladas e segredavam piadas maliciosas.

Por fim, até Paul percebeu que começava a ser de mais e tentou falar comigo sobre o meu comportamento, sublinhando as suas responsabilidades profissionais e instando-me a procurar um namorado da minha idade. Um amor.

– Emma – disse –, tenho idade para ser teu pai.

Se lhe tivesse contado, Jude diria que a razão era mesmo essa. Mas nunca lhe contei. Nesse tempo, a minha mãe não fazia parte da minha vida. Não me sentia obrigada a dizer a ninguém que via Paul como o meu porto de abrigo e que não tencionava deixá-lo escapar. Mais tarde, ele disse-me que tinha sido a minha vulnerabilidade que o atraíra. Que eu precisava mais dele do que qualquer outra mulher.

Tão romântico. Muito diferente do nosso primeiro encontro clandestino, num restaurante indiano bastante encardido com as paredes forradas com um papel berrante e música de cítara muito alta, para abafar as nossas declarações de amor. Paul quase teve de gritar.

Tivemos de esperar até eu terminar a licenciatura para podermos anunciar publicamente, embora já toda a gente soubesse. Durante dois anos, o departamento fervilhou de sussurros escandalizados, a ponto de Paul pensar em procurar outro emprego para podermos começar juntos a partir do zero.

– E nunca diremos que ainda estudavas quando nos apaixonámos – dizia ele. – É melhor não. *Mea culpa,* mas o melhor é não acordar o tigre…

Sempre achei o provérbio engraçado. Não perturbar o tigre que dorme. Porque, mais tarde ou mais cedo os tigres que dormem acabam por acordar, não é?

Capítulo 8

Quinta-feira, 22 de Março de 2012

Kate

Peter, o operário, telefonou no dia seguinte, numa voz hesitante do esforço de se exprimir numa língua estrangeira.

– Menina Waters? – perguntou. – É o Peter. O John disse que gostaria de falar comigo.

Kate apertou o telefone com um pouco mais de força. Nunca acreditara que ele viesse a entrar em contacto.

– Peter, muito obrigada por ter telefonado. Sei que deve estar muito impressionado com o que aconteceu.

– Sim, muito impressionado – confirmou ele. – Como sabe que fui eu?

– Bem, a polícia confiou-me algumas informações sobre a investigação – apressou-se Kate a dizer.

Era evidente o nervosismo do homem que estava no outro extremo da linha e não queria alarmá-lo. Seria mais simples se falassem pessoalmente. Poderia com mais facilidade fazer valer a sua sedução.

– Ouça, é difícil falar pelo telefone. Quero dizer, falar num assunto tão sensível. Seria possível que nos encontrássemos, Peter? Podia ir ter consigo.

O rapaz hesitou.

– Sim, pode ser – disse por fim. – Mas só por um bocadinho. Neste momento estou a viver em casa de um amigo. Em Shepherd's Bush. Podemos encontrar-nos lá? Talvez no café perto da estação?

– Com certeza. Nem estou longe. Estou lá dentro de meia hora. Pode ser?

Kate já estava a pegar na carteira, pendurada no braço da cadeira. Gordon Willis levantou a cabeça. Intrometia-se em todas as conversas, era um dado

adquirido. E Kate tinha mencionado a polícia, o seu território ciosamente guardado.

– O que andas a tramar? – perguntou. – Nada que eu deva saber?

– Não. Apenas um bebé morto em Woolwich. A notícia vinha no *Standard*, Gordon – disse ela, a desvalorizar com cuidado a história para desincentivar qualquer interferência.

O *Homem do Crime* era conhecido como um oportunista, sempre à cata de uma possibilidade de inscrever o seu nome no trabalho dos outros.

– Sim, eu vi. A polícia julga que é antigo, decerto histórico.

– Pois bem, achei que devia dar uma olhada. Por detrás disso pode haver uma história humana interessante.

– Coisas de mulheres – comentou e voltou a dedicar-se às palavras cruzadas.

Quando Kate se dirigiu à mesa onde estava sentado, Peter tinha à sua frente uma *Coca-Cola*. Era magro como um espeto e tinha uma pele tão pálida que as veias eram visíveis. Levantou a cabeça quando ela se aproximou, pôs-se de pé e apertou-lhe a mão. A mão dele estava fria e Kate sentiu-a tremer.

– Muito agradecida por se encontrar comigo, Peter. Pode crer que aprecio o gesto – disse Kate em tom caloroso enquanto se sentavam. – A única coisa que pretendo é confirmar os dados do meu artigo, para bem do bebé.

Tocou-lhe na corda sensível. Os olhos do rapaz marejaram-se de lágrimas e baixou a cabeça.

– Era tão pequeno. Quase nada, misturado com a terra – disse sem levantar os olhos da bebida. – Nem percebi o que tinha à minha frente. Depois vi…

Kate memorizou as palavras dele, já a preparar mentalmente uma introdução.

– Por que motivo estava a escavar naquele sítio? – perguntou, a arrancá-lo do ponto que o obcecava e a dar início à conversa. – Fale-me sobre esse dia.

Peter explicou de modo hesitante, a erguer a cabeça de vez em quando, que tinha recebido ordem para abrir um caminho para uma escavadora através do jardim.

– Era um local difícil de escavar. Dantes tinha havido ali casas, disse John, e tinha ficado muito cimento no chão. Alicerces. Por baixo dos jardins. Estava a chover e eu escorregava na lama. Recordo-me de estar a rir com o motorista da escavadora porque caímos os dois. Era engraçado… – disse, e de súbito pareceu chocado com a irreverência.

– Não faz mal, Peter. Não está a ser desrespeitoso. Nesse momento era engraçado. Não pode mudar isso.

O operário agradeceu com um aceno de cabeça e inclinou-se para a frente, apoiado nos cotovelos para chegar ao ponto crucial da sua história.

– Estava a deslocar um grande vaso de cimento e o motorista voltou para a cabina, pronto para passar pela abertura. E lá estava. Enterrado fundo, mas eu tinha cavado um buraco para libertar o vaso. Pus a mão por baixo…

Embargou-se-lhe a voz e começou a chorar nas mãos vermelhas e gretadas.

Kate estendeu a mão com um guardanapo barato, demasiado fino e brilhante para absorver o quer que fosse. Tocou-lhe ao de leve na mão.

– Por favor, não fique transtornado, Peter. Você não tem culpa de nada. É possível que agora o bebé possa ser devidamente sepultado.

Peter ergueu a cabeça.

– Foi o que disse o meu sacerdote. Seria bom.

– Havia alguma coisa enterrada com o bebé? Roupas, brinquedos? – perguntou Kate, a rezar por mais pormenores que tornassem o bebé mais concreto aos olhos dos leitores.

Tinha aprendido que as pessoas não se interessam por esqueletos.

– Não, não vi nada. Só uns bocados de papel. Pequenos, pareciam *confetti*, foi o que disse o meu chefe. Não consegui olhar mais, depois de ter agarrado o primeiro ossinho.

– Deve ter sido terrível para si – disse Kate, a olhar de relance para o relógio enquanto pegava na chávena de chá. – Como volta para casa? Quer que o meta num táxi?

Peter abanou a cabeça e pôs-se de pé.

– Prefiro andar, obrigado. Ajuda-me a espairecer as ideias.

De regresso à redacção, depois de pagar a conta e ter confirmado como se escrevia o apelido de Peter, perguntou a si mesma se conseguiria publicar o artigo no jornal. Precisava de muito tacto para o impingir ao chefe da redacção. Os dados ainda eram escassos – apenas um corpo e um operário choroso. Ia escrevê-lo, e logo se veria qual a reacção de Terry.

❧

No sábado seguinte, o artigo apareceu no fundo da última página. Kate tinha conseguido arrancar quinhentas palavras à secura dos factos, a alongar-se em termos coloridos sobre Howard Street, o testemunho lacrimoso de Peter e uma anódina citação da polícia quanto ao «prosseguimento das investigações». Terminou com uma pergunta inquietante para suscitar o interesse dos leitores. O subchefe da redacção tinha-a escolhido para título: «Quem é o bebé achado no estaleiro?»

Kate não ficou satisfeita. Para ela, uma pergunta como título era uma confissão de fracasso. Se era preciso perguntar, é porque os factos não tinham sido apurados. Tinha a certeza de que haveria mais, mas era obrigada a esperar que a equipa forense da polícia realizasse o seu trabalho para conseguir farejar mais alguma pista.

E precisava de procurar outros assuntos para que o seu nome continuasse a aparecer no jornal, de modo a que o editor não se esquecesse da sua existência.

Contudo, não conseguia tirar da cabeça a imagem do bebé embrulhado num pedaço de papel, como se fosse lixo.

Não conseguia, nem queria.

Capítulo 9

Sábado, 24 de Março de 2012

Angela

Nem sabia por que razão tinha pegado no jornal. Nessa manhã, quando o tinha trazido da oficina, Nick fora para as páginas sobre desporto e depois abandonara-o em cima da mesa. Angela já tinha planeado a sua manhã – compras no supermercado, um café com Louise no caminho para casa –, mas estendeu a mão e foi folheando o jornal enquanto esperava que a máquina de lavar acabasse de trabalhar. Queria deixar a roupa no secador antes de sair de casa. Nem estava a ler, só a olhar para as fotografias. Mas a palavra «bebé» fez que parasse de repente.

«Quem é o bebé encontrado no estaleiro?» – era o título.

Leu o artigo, e sentiu a pele arrepiar-se debaixo da roupa. Encontrado o corpo de um bebé. Foi a palavra «encontrado» que a fez soltar um grito. Nick apareceu a correr.

– O que foi, Angie? O que aconteceu?

Não conseguiu falar. Estendeu-lhe bruscamente o jornal, a bater com o dedo no título da notícia.

Nick olhou para onde ela apontava e Angela deu-se conta da sua expressão de enfado.

– Angie, meu amor, isto não quer dizer nada. Sabes isso, não sabes? Não é a primeira vez que acontece, pois não?

Recusou-se a olhar para ele e continuou a ler e a reler o artigo. A decorá-lo.

– Logo depois do aniversário dela. Pode ser um sinal – disse Angela.

– Angie – voltou ele a dizer, desta vez mais alto – Só aumentas o teu sofrimento com novas esperanças. Ainda acabas por ficar doente, como da outra vez.

Angela assentiu. Em 1999 tinham encontrado um corpo em Staffordshire e ela convencera-se de que era Alice. Sentira-o nos ossos. Mas não era. Afinal era um rapaz – o filho de uma desgraçada que tinha o hábito de sufocar os bebés como processo contraceptivo. A polícia tinha encontrado outros dois irmãos dentro do congelador.

– A polícia teria entrado em contacto connosco se houvesse qualquer hipótese de ser Alice, não teria? – disse Nick, a usar por fim o nome da filha.

– Já se esqueceram dela – contrapôs a mulher.

Tinham-se esquecido. Todos se tinham esquecido. E queriam esquecer, tinha a certeza. A polícia tinha-se cansado dos seus telefonemas.

– Entraremos em contacto assim que tivermos alguma novidade, senhora Irving – dissera o último agente com quem falara.

Notara-lhe na voz que estava farto e irritado, e percebera que se tinha tornado um incómodo com os seus telefonemas. Desde então Angela nunca mais tinha telefonado e agora, passados treze anos, não sabia a quem ligar.

Dobrou o jornal e pousou-o ao lado da cadeira. Viria buscá-lo mais tarde.

– Queres que te leve ao Asda? – perguntou Nick. – Posso ajudar-te a transportar os sacos. Para te poupar as costas.

Angela não teve ocasião de voltar a ler o artigo antes da noite, quando Nick se foi deitar. Tirou-o do esconderijo e alisou-o com a mão. Leu-o mais duas ou três vezes, assentou no diário o nome da jornalista e dobrou o artigo num minúsculo quadrado de papel. *Sou capaz de telefonar a esta Kate Waters*, pensou. *Só para fazer algumas perguntas. Que mal pode haver nisso?*

Capítulo 10

Sábado, 24 de Março de 2012

Emma

Criei um alerta no Google para a história do bebé. Sei que disse que não faria nada acerca do assunto, mas preciso de saber o que toda a gente sabe, não é? À cautela. Para estar preparada.

De manhã, encontro o episódio seguinte na caixa do correio electrónico: «Quem é o bebé encontrado no estaleiro?»

Uma jornalista tem andado a investigar, a atribuir importância à história ao falar com o pobre homem que encontrou o corpo. E com a polícia. *A polícia.*

O tambor que sinto no coração faz-me vibrar os dedos sobre o teclado. *Com quem mais irá falar?* Escrevo o nome dela – Kate Waters – num bloco que tenho ao lado do computador e leio o artigo uma e outra vez.

Quando o telefone toca, deixo ir para o atendedor. Mas ouço a mensagem de Jude, a voz dela no aparelho do vestíbulo a fazer eco na escada, como se estivesse cá em casa. Como se estivéssemos de regresso a Howard Street e ela me estivesse a chamar para ir para a escola.

Já sabia que havia de telefonar hoje. É o meu aniversário – um dos dias em que entra em contacto desde que nos voltámos a falar. Só se passaram dois anos desde a grande reunião, e agora somos como duas primas afastadas em busca de algo em comum quando falamos.

– Lembras-te daquela horrível casa de banho da tua avó? – pergunta Jude.

Contribuo para a conversa.

– Sim, graças a Deus aquela cor de abacate deixou de estar na moda.

Rimo-nos e sentimo-nos chegadas durante alguns minutos. Mas o jogo do «Lembras-te» não chega para consolidar o relacionamento. Há demasiadas coisas que estão além dos limites.

De maneira que só trocamos telefonemas nos aniversários e pelo Natal, coisas assim. É uma rotina que nos permite manter o contacto com a ajuda do calendário, não com as emoções.

A verdade é que vivi tanto tempo sem ter mãe que sinto não precisar dela e tenho a certeza de que Jude sente o mesmo em relação a mim.

É bizarro. Nenhuma das minhas relações é como as das outras pessoas. A minha mãe é como uma prima, o meu marido é como o meu pai e o meu bebé… Bem, não há bebé nenhum. Agora não consigo pensar nisso. Tenho de parar.

Hoje, o som da voz da minha mãe causa-me arrepios. Espero que acabe de falar antes de descer para ouvir a mensagem.

– Emma, é a Jude.

Nunca diz «é a mãe». Desde os meus dez anos que me obrigava a tratá-la por Jude.

– Mamã dá a ideia de muita idade, Em – costumava ela dizer. – É mais de adulta chamares-me Jude.

Eu não gostava. Era como se tivesse vergonha de que eu fosse sua filha, mas obedecia. Para lhe agradar.

– Humm, estás aí? – diz a voz da minha mãe. – Se estás, atende o telefone. Humm, está bem. Só telefonei para te dar os parabéns e saber como vão as coisas. Humm, preciso de falar contigo, Emma. Telefona-me se fazes favor…

Preciso de falar contigo. Deixo-me cair numa cadeira. *Deve ter visto a notícia. Que será que ela sabe?*, pergunto-me quase automaticamente. É uma pergunta que me tem torturado durante anos.

Volto a ouvir, para o caso de ter percebido mal. Mas não. É claro que não. Há na voz dela a mesma tremura como quando anda à minha procura. *Estás aí?*

Estou mesmo? Estou mesmo aqui? Sento-me em silêncio, de olhos fechados, a inspirar fundo, na tentativa de aclarar as ideias. Mas quando abro os olhos a luz da mensagem continua a piscar. A piscar para mim, como se soubesse.

O telefone adquire de súbito vida, o som da campainha enche o átrio e salto na cadeira como se fosse fugir. Mas levanto o auscultador.

– Emma? Sou eu – diz Jude. – Onde estavas? Tenho tentado encontrar-te…

– Desculpa. Ocupada com o trabalho.

– No dia dos teus anos? Pensei que Paul te levasse a algum lado a almoçar. Esqueceu-se?

– Ele tem de trabalhar durante o fim-de-semana, mas festejamos hoje à noite.

– Ainda bem. Desculpa não te ter enviado um cartão. Esqueci-me de o pôr no correio. Ficou aqui, na secretária. Até me esquecia da cabeça se não estivesse agarrada… Adiante. Como tens passado?

Faço uma pausa, desconcertada pela conversa.

– Ehh… mais ou menos.

– Oh, minha querida… – murmura.

– E tu, como *estás*? – pergunto. *Agarra-te a temas inócuos.* – Como está a tua anca?

– Ehh… dói-me. Estou bem. Emma. Está lá, Emma?

A tensão na garganta impede-me de falar e não digo nada durante um ou dois segundos. Retiro-me para o lugar secreto no interior da minha cabeça, onde tudo é conhecido, onde me sinto segura.

– Sim – acabo por crocitar.

À espera. Devia dizer alguma coisa, adiantar-me a ela. Dizer em tom casual que li que desenterraram o corpo de um bebé na nossa antiga rua. *Curioso que…*

Mas não sei se consigo fingir uma conversa sobre o assunto. Posso ir-me abaixo e desatar a chorar. E ela começaria a fazer perguntas. Quando eu era adolescente, Jude costumava meter-me na cama com uma botija de água quente, a sua panaceia para tudo o que me atormentava, e dizia:

– Estás a ficar outra vez enervada, Emma. Dorme um bocadinho e vais ver que ficas melhor.

É claro que não ficava. Devia ser terrível para ela, ter de aturar os meus humores, mas dizia que muitas adolescentes passavam pelo mesmo.

– São as hormonas. Faz tudo parte do crescimento – dizia ela.

A princípio. Mas as desculpas começaram a perder efeito. E a paciência nunca foi uma das suas virtudes. Deixei de chorar quando ela deixou de

reagir. Um amor difícil, como ela lhe chamava. Que não resolvia nada para nenhuma de nós. Em alternativa, comecei a gritar e a partir coisas. Até ela me pôr na rua.

Não lhe levo a mal. Agora não – poderia fazer o mesmo se fosse eu a mãe. Mas naquele tempo…

– Jude, está alguém à porta – digo de repente, a enrolar o punho na manga e a bater na mesa para tornar a mentira convincente. – Desculpa. Depois telefono-te.

– Oh, Emma.

– Estou à espera de uma encomenda – insisto em desespero, a enredar-me na mentira.

– Então vai – diz ela. – Eu depois telefono.

Pouso o telefone, e o alívio causa-me vertigens. Mas tenho consciência de que apenas adiei o inevitável.

Cinco minutos mais tarde, o telefone volta a tocar e por uma fracção de segundo considero a possibilidade de não atender. Mas tenho de atender. Vai continuar a ligar até conseguir apanhar-me.

– Por que não vens até cá? – pergunta Jude, como se a conversa não tivesse sido interrompida. – Nunca viste o meu apartamento, e há meses que não nos encontramos.

Reajo de imediato.

Culpa e Vergonha – os gémeos católicos e a minha reacção pavloviana à manobra passivo-agressiva da minha mãe.

– É um bocado difícil. Tenho de acabar o livro dentro do prazo.

– Bem, se estás demasiado ocupada… Tens as tuas prioridades, claro.

– Isso não é justo. Claro que o meu trabalho é importante, mas tu também és.

– Pois claro. Mas não o suficiente para passares algum tempo comigo. Deixa lá. Há uma nova série de domingo na rádio. Vou estar entretida.

– Eu vou, eu vou – digo, de novo uma adolescente amuada.

– Que bom! – diz Jude. – Amanhã preparo-te um almoço de aniversário. O Paul também vem? É sempre bem-vindo, claro, mas seria bom se estivéssemos só as duas.

Fico em silêncio, furiosa por causa de Paul. Mas de qualquer maneira ele não quereria ir. Fez tudo o que pôde para gostar de Jude, mas é-lhe difícil.

– Admiro o intelecto da tua mãe – disse depois de a ter conhecido durante um almoço particularmente desagradável em Covent Garden. – Mas ela está apostada em ser sempre a pessoa mais esperta dentro da sala, não é?

A sua pequena vingança é chamar-lhe sempre Judith, um nome que ela detesta.

– De facto o Paul vai estar ocupado o dia todo, de modo que vou ser só eu.

– Então encontramo-nos ao meio-dia. Não te atrases. Temos muito que falar.

Capítulo 11

Domingo, 25 de Março de 2012

Jude

Ansiosa pela chegada de Emma, tinha posto a comida ao lume demasiado cedo e começava a sentir o cheiro dela a pegar-se.

Quando chegou à cozinha, o vapor das lentilhas a ferver tinha embaciado os vidros da janela. Retirou a caçarola da placa eléctrica e colocou-a no tabuleiro de escorrimento, pronta para aquecer quando Emma chegasse.

Espreitou uma vez mais pela janela da saleta. Ansiosa. Incapaz de ficar parada. Não se tinha apercebido a que ponto ansiava por rever a figura esquiva e arisca da sua única filha. Desde a última vez, já se tinham passado pelo menos seis meses, talvez nove. Nem sabia por que razão se incomodava. Emma não se ralava nada.

Desde que a trouxera para casa que assumira a determinação de estabelecer com a filha uma relação diferente daquela que tivera com a mãe. Tinha desempenhado o papel de uma irmã mais velha, tratando Emma como adulta e procurando ser simpática. A táctica explodira-lhe na cara.

Os anos terríveis da adolescência. Jude encostou a testa ao vidro frio da janela enquanto lhe perpassavam pela cabeça imagens de Emma a gritar e a atirar com as portas. E o silêncio, quando ela se afastara em passos pesados, a subir a Howard Street com dois enormes sacos que lhe derreavam os ombros. Deixou cair os seus e fechou os olhos. Continuava a sentir na boca o travo amargo e seco que sentira ao ver a filha desaparecer.

Tinha-se visto obrigada a pô-la na rua, não tinha? O monstro no meio de nós, como tinha dito Will, o namorado.

Mas isso faz parte do passado, disse resolutamente para consigo quando a dúvida ameaçou submergi-la de novo. *Agora Emma é uma mulher adulta.*

Ambas evoluímos.

Concentrou-se nos momentos agradáveis que iriam desfrutar e pôs a tocar um CD de Leonard Cohen para ter alguma coisa com que se ocupar, a cantarolar para acompanhar a letra estafada e a arranjar as pilhas de livros e jornais.

Cinco minutos mais tarde estava de novo à janela, a olhar para a rua em busca da filha.

– Quem me dera que já cá estivesse – desabafou de súbito em voz alta.

Ultimamente, falava cada vez mais sozinha. Um hábito desagradável que a fazia sentir-se velha e um pouco louca, mas as palavras saíam-lhe da boca antes que as pudesse reter.

É curioso como as coisas mudam.

Tempos houvera em que teria pago para se ver livre de Emma durante uma tarde. Era um verdadeiro realejo, a falar sem parar até a cabeça de Jude se ressentir. E nunca parava de falar no pai. No sacana do pai. *É irónico como a ausência torna o coração mais afectuoso*, pensou Jude. *O coração que nada sabe.*

Recordava-se das histórias que Emma inventava acerca dele. Claro que era sempre o herói. Corajoso, bondoso para os animais, belo e, certa vez, quando tinha oito anos e escreveu um trabalho de casa intitulado «A minha família», membro da casa real.

Jude tinha sido chamada pela professora para ouvir dizer que a filha tinha uma imaginação prodigiosa, mas que tinha de ter cuidado para que essa imaginação não redundasse em invenções mentirosas. A professora tratara-a por senhora Massingham, embora soubesse que não era casada.

O rosto de Jude ensombrou-se à recordação de como se retirara, vexada pela admoestação. Apetecera-lhe arrancar a cabeça da professora, mas não quisera chamar mais a atenção sobre si. Nem sobre Emma. Mas recordava-se da fúria com que chegara a casa. Emma estava em casa da senhora Speering, que morava na mesma rua, a fazer os trabalhos de casa.

Tinha gritado com ela por ter dito que o pai era um príncipe e a senhora Speering desatara a rir, pensando que se tratava de uma piada, mas calara-se assim que percebera que o caso era sério.

Muito calma, Emma levantara a cabeça, e respondera:

– Ouvi-te dizer que se chamava Charlie. É um nome de príncipe.

Jude tivera ganas de a sacudir. Mas em vez disso limitara-se a dizer-lhe que o pai não era um príncipe. Que era um zé-ninguém.

Emma ficara devastada e Jude sempre tinha desconfiado que naquele momento a filha resolvera descobrir a verdade.

No que a Jude dizia respeito, a verdade sempre fora sobrevalorizada. A verdade podia ser muitas coisas diferentes para pessoas diferentes, tinha explicado a Emma. Mas só acabara por acicatar a missão que a filha se tinha proposto. A sua obsessão.

Jude não queria que ela pensasse no pai. Nunca tinha feito nada por ela, literalmente nada. Pusera-se a andar assim que lhe fora possível.

Mas à medida que ia crescendo, Emma agarrava-se a todas as figuras masculinas – o homem da loja da esquina, um dos professores, o pai de Harry, a sua melhor amiga. E aos namorados de Jude. Inventava histórias a respeito deles, imaginava-os como o pai nas suas fantasias, e Jude vira-se obrigada a calcar aos pés essas e outras mentiras posteriores.

O toque estridente da campainha da porta fez o gato fugir para debaixo do sofá. Jude premiu o botão para abrir a porta da frente e aguardou a chegada de Emma num feixe de nervos.

– Olá, Jude – cumprimentou-a Emma em voz alta, a fazer-se ouvir acima das lamúrias tristonhas de Leonard Cohen, e a beijá-la no rosto.

– Desculpa, vou desligar – disse Jude. – Estava a ouvir enquanto esperava. Estás atrasada.

– Só passam dez minutos do meio-dia – contrapôs calma Emma.

– É verdade. Pensei que fosse mais tarde.

Apercebeu-se da irritação na sua voz e procurou conter-se. Não era aquilo que tinha planeado. Imaginara-se sentada com ela a conversar e a beber um copo de vinho, mesmo a rir por causa de alguma piada estúpida. Como amigas. Mas ali estava ela, a repreender de imediato Emma, como de

costume. Os seus diálogos pareciam desenrolar-se sobre estrias desgastadas, com hiatos de permeio.

A sensação de frustração deixou-a cansada, e por momentos desejou que filha não tivesse vindo. Mas entregou-lhe o presente. Uma biografia de David Bowie, cuidadosamente escolhida.

– Gosto muito. Obrigada – disse Emma enquanto a abraçava.

Assim que prolongou o abraço um segundo a mais sentiu que a filha se apressava a interromper o amplexo.

– Pensei que havias de gostar. Lembras-te do *poster* que tinhas no quarto? Costumavas dar-lhe um beijo de boas-noites. Lembras-te?

– Sim – respondeu Emma com uma gargalhada. – O meu primeiro amor. Ainda tenho esse *poster*.

– Não! Já deve estar desfeito – observou Jude.

– Colado com fita gomada.

Isto é uma maravilha, pensou Jude, a arrancar-se do assento para servir o vinho que refrescava no frigorífico.

– Queres que ponha o almoço na mesa enquanto estou de pé? – perguntou, e Emma assentiu, entretida a olhar para as fotografias do livro.

Na cozinha, Jude aqueceu o almoço e serviu a comida em dois pratos.

– Guisado de lentilhas – anunciou. – Costumava ser o teu preferido.

Emma sorriu e murmurou:

– Obrigada.

Jude observou enquanto Emma espalhava a comida à borda do prato, a distribuí-la de maneira diferente para dar a ideia de que tinha comido. *De volta aos truques de antigamente*, pensou. Mas optou por não dizer nada.

Ia para falar quando Emma irrompeu de súbito:

– Leste que encontraram o esqueleto de um bebé em Howard Street?

– Ah, sim? E logo em Howard Street. Que coisa mais horrível. Onde o encontraram? Aposto que foi uma daquelas viciadas em heroína que viviam ao fundo da rua. Lembras-te delas?

– Não – disse Emma. – Ah, era aquela casa que tinha cá fora muito lixo e garrafas de leite vazias?

– Essa mesma. Como soubeste? – inquiriu Jude, a servir-se de outro copo de vinho.

– Veio no jornal.

– Mas o que aconteceu? Foi assassinado?

– Não sabem – respondeu Emma, a meter na boca algumas lentilhas.

Jude fez o mesmo. Quando acabou de mastigar, disse:

– Bem, não vamos falar de bebés mortos, pois não? – E mudou de conversa para o trabalho de Emma.

– Continuas em contacto com o Will? – perguntou Emma, a cortar-lhe a palavra.

– Will? – espantou-se Jude, apanhada desprevenida. – Ehh… sim. Uma vez por outra. De facto telefonou-me há algumas semanas. Assim, sem mais nem menos, por causa da angariação de fundos para uma universidade. Conversámos um bocado. – Olhou para o rosto de Emma, em busca de uma pista, mas nada. – Por que motivo perguntas pelo Will? – perguntou, nervosa.

Nunca lhe passara pela cabeça informar Emma de que Will voltara a contactá-la. Sabia que o assunto era tabu. Mas tinha sido a filha a trazê-lo à baila.

– Pensei, só isso – disse Emma, e o silêncio imperou na sala, apenas entrecortado pelo ruído das colheres nos pratos.

– Durante dez anos foi uma parte importante na minha vida, Emma – justificou-se Jude na defensiva, corada por causa do álcool. – E uma parte importante na tua também. Pelo menos durante um par de anos.

Emma assumiu uma expressão rígida.

– Bem, sei que vocês tinham alguns desentendimentos… – prosseguiu Jude. – Mas já lá vai tanto tempo. De certeza que não lhe guardas rancor, pois não?

Emma ergueu a cabeça mas não disse nada.

Tem ciúmes, pensou Jude. *Sempre teve um fraquinho por ele.*

O assunto parecia estar encerrado, e o desapontamento de Jude sugara toda a energia da sala. A filha levantou-se com ar cansado para ajudar a lavar a louça. Ambas tinham consciência de que sairia assim que não parecesse mal.

No lava-louças, Emma secava enquanto Jude lavava. Tinham ligado o rádio para que houvesse vozes na sala.

– Tenho de ir andando, o Paul deve estar a chegar a casa – disse Emma para as costas da mãe. – Obrigada pelo livro maravilhoso e pelo almoço.

– Não comeste nada – replicou Jude por cima do ombro. – Não penses que não sei. Não consegues esconder nada de mim, Emma.

Emma beijou-a outra vez na face e saiu, a fechar silenciosamente a porta atrás de si, de modo que o único ruído foi o estalido do trinco.

Capítulo 12

Domingo, 25 de Março de 2012

Emma

O caminho de volta para o metro parece ter o dobro da extensão, tal é o tremor que sinto nas pernas.

Fiz tudo mal. Tinha-me preparado para a conversa sobre o bebé e tinha respostas prontas para um possível interrogatório, mas tive de lhe fazer aquela última pergunta. Sobre o Will. Para ter a certeza de que ele já não estava em cena. Mas é evidente que está. Como poderia não estar?

Procuro controlar a respiração, mas sinto o coração aos saltos no peito quando por fim me sento no comboio da Central Line.

Sinto-me aturdida. Entre as estações, vejo-me reflectida no vidro da janela.

Horas mais tarde, quando por fim chego a casa, Paul já cozinhou o frango – sinto-lhe o cheiro, o cheiro do lar – e está pacientemente à espera quando rodo a chave na fechadura. Lembrei-me de lhe telefonar a informá-lo de que iria dar uma volta pelas lojas enquanto estava na cidade.

– Querida, pareces gelada – diz ele. – Vem aquecer-te um bocadinho. Queres que te ponha a água a correr para o banho?

– Estou bem, Paul – respondo, a evitar falar sobre o almoço. – Jude preparou um guisado de lentilhas – acrescento ainda, e ele solta uma gargalhada.

Sabe que sempre detestei lentilhas.

– Pois não podia deixar de ser. Que tal é o apartamento dela?

Tenho de pensar.

– Tapeçarias nas paredes e véus a cobrir os candeeiros. Deve achar que é elegância decadente. Para mim é merda decadente.

Paul sorri.

– Tiveste de andar muito? – pergunta, a puxar os meus pés para o colo, para os aquecer.

– Fica a quilómetros do metro, na zona das hospedarias e das lojas de frigoríficos em segunda mão. Senti-me um pouco inquieta ao andar pela rua dela. Não sei por que razão foi viver para um sítio daqueles.

Há anos que Jude se mudou para a margem norte do rio. Uma mudança na sua vida, disse-me mais tarde, quando nos voltámos a falar, depois da minha tentativa de reatar o contacto. Há anos que não trocávamos uma palavra, mas sabem como é quando as coisas atingem um estado em que as decisões se tornam irrevogáveis A raiva de ser posta de parte talvez se tivesse apaziguado depressa se ficasse entregue a mim mesma, mas fui viver durante uns tempos com os meus avós e a minha avó aproveitou a oportunidade para mostrar que tinha razão quanto à incapacidade da filha para ser mãe. Espevitou a minha má vontade, desligava o telefone a Jude para que não pudesse falar comigo. «É para o teu bem», dizia. E quando fiquei entregue a mim mesma o silêncio foi total.

É claro que ao longo dos anos pensei muito em Jude, e por vezes elaborava fantasias sobre uma reunião. Pensei que a veria quando o meu avô morreu, mas por essa altura o conflito entre ela e os pais estava demasiado enraizado para haver um entendimento, creio eu. Não compareceu no funeral dele – nem no da avó, um ano mais tarde. Não deve ter imaginado que eles lhe deixavam algum dinheiro e pergunto-me se não terá sentido remorsos quando recebeu a notificação do executor testamentário.

Continuei a adiar a ideia de entrar em contacto com ela. Andava ocupada a encontrar empregos e quartos onde dormir, e durante alguns anos vagueei sem destino. Depois, apareceram Paul e a universidade. A vida meteu-se de permeio. E não sabia o que havia de lhe dizer.

Foi o meu quadragésimo aniversário que me decidiu a restabelecer o contacto. Um aniversário de referência, disse Paul.

Fiquei imenso tempo sentada, a reflectir no que ia escrever – como se diz «Olá» ao fim de vinte e quatro anos? Por fim decidi-me: *Querida Jude, como tens passado? Tenho pensado em ti – em nós – e gostaria de te voltar a ver.*

Casei-me e vivo em Pinner. Compreendo se não o fizeres, mas se te apetecer contactar-me, por favor escreve ou telefona. Com amor, Emma. Continuava a parecer uma criança.

Esperei muito por uma resposta, a princípio magoada, depois furiosa, até entrar em pânico a pensar que ela tinha morrido e que tinha agido demasiado tarde.

Para saber alguma coisa, liguei para o nosso antigo número de Howard Street – pela primeira vez desde os meus dezasseis anos –, trémula ao agarrar o telefone. Mas quando obtive resposta a voz era de outra mulher.

– Quem? – perguntou ela. – Ah, essa. Já se foi embora há muito tempo. Caraças, já se deve ter mudado há uns dez anos. É curioso, ainda há duas semanas chegou uma carta para ela.

– Fui eu que a mandei. É a minha mãe. Sabe onde vive agora?

– Não, não sei para onde foi. Lamento. – A voz da mulher denotava tristeza por mim. – O que quer que faça com a carta?

– Deite-a fora.

No dia seguinte liguei para o antigo escritório dela – mais pessoas desconhecidas –, mas informaram-me de que, de acordo com os registos, Jude ainda era viva e concordaram em enviar-lhe os meus dados.

Manteve-me em suspenso durante mais três meses, até que comecei a acreditar que nunca mais viria a saber dela. Para falar francamente, não sei o que sentia em relação a isso. Em certos dias ficava devastada, sentia-me outra vez abandonada; noutros dias, a sensação era de alívio. Já tinha tentado, agora podia esquecer o assunto. E dedicar-me à minha vida.

Foi então que na caixa do correio apareceu um bilhete dela. Recordo-me de cheirar o papel, como se pudesse sentir o seu odor e liguei de imediato para o novo número para lhe dizer como estava contente por ter notícias suas.

Não sei bem do que estava à espera, mas Jude não gritou de entusiasmo quando percebeu que era eu. Não é o estilo dela. Como também não pediu desculpa pela ruptura na nossa relação, por me ter posto fora, por ter escolhido Will em detrimento da minha pessoa.

– Precisava de me pôr em primeiro lugar, para variar – disse ela. – Precisava de me encontrar. Depois de Will me ter deixado… foram anos muito difíceis,

Emma. Mas creio que neste momento conseguimos atirar isso para trás das costas. Agora somos pessoas diferentes.

E eu concordei.

– Penso que nos devíamos encontrar num lugar neutro – sugeriu. – Tomarmos um chá num sítio qualquer. O que te parece?

Os seus termos, o seu território, é o que penso. Nunca veio a nossa casa. Jude chama-lhe «a casa de Paul» e diz que fica demasiado longe para ela: «Pinner é quase nos arrabaldes de Londres, Emma.»

Da primeira vez escolheu um café em Covent Garden. Levei Paul comigo, a agarrar-lhe a mão com força. Jude não se incomodou a disfarçar o choque pela nossa diferença de idades e gerou-se um silêncio embaraçoso enquanto fingíamos estudar os menus; de estômago contraído, esperei pelo inevitável remoque. Mas ela conteve-se. Nada foi dito. E no fim não correu mal de todo. Não foi uma reunião emotiva, mas também não houve atrito.

«Bem, não correu muito mal», tinha dito Paul quando nos afastávamos.

– Que compraste? Alguma coisa bonita? – pergunta agora Paul, a levantar-se para pôr a mesa, e por um momento não percebo do que está a falar.

– Oh, acabei por não comprar nada – respondo quando percebo. – Foi só dar uma vista de olhos.

Sento-me em silêncio. Não andei às compras.

Para chegar a Pinner, devia ter apanhado a Central Line em direcção a oeste, mas não o fiz. Segui na direcção oposta. Lembro-me de pensar: *Não vou para casa.* Bem, de certa maneira ia. De volta a Howard Street.

A viagem foi um turbilhão vago e indistinto, com as estações a surgirem envoltas em clarões de luz para logo ficarem para trás, imersas na escuridão, a subir e a descer escadarias de betão entre os magotes de gente que mudavam para a Jubilee Line, e de novo para a luz do dia, em Greenwich. O autocarro 472 para Woolwich levou imenso tempo a chegar – *É domingo*, não parava de me dizer. Acompanhei o mostrador digital na contagem decrescente dos minutos até conseguir entrar. *Três minutos, um minuto. Já está.*

Quando lá cheguei, tudo tinha desaparecido. O entulho do número 63 de Howard Street estava vedado por uma rede de arame e só pude recriar o espaço mentalmente. Quando avancei mais, consegui espreitar por entre as

barracas dos operários para o que outrora tinha sido o nosso jardim. Vi a fita colocada pela polícia, com uma ponta a flutuar ao vento, e a terra remexida. Mas não havia mais nada para ver. Afastei-me. De uma das casas do outro lado da rua, um rosto à janela espiava-me. Enfiei as mãos nos bolsos e mantive a cabeça baixa.

Capítulo 13

Segunda-feira, 26 de Março de 2012

Kate

Segunda-feira.

– Mais um dia no duro – anunciou o *Homem do Crime* sem se dirigir a ninguém em especial, quando Kate chegou atrasada.

Um mau augúrio para começar a semana.

Terry lançou-lhe um olhar de cenho franzido de *Que horas pensas que são?*, mas Kate decidiu ignorá-lo e não apresentar nenhuma desculpa. Em vez disso sentou-se no seu «local de trabalho», como a gerência agora chamava às secretárias.

Relanceou os olhos em volta para ver quem estava e reparou no editor de política em conversa animada com Simon, o director. Estalou uma gargalhada sonora, de rapazolas, quando o homem da política contou uma anedota indecente sobre alguém do governo e o chefe lhe bateu familiarmente no ombro. Com ar satisfeito, de senhor do universo, observou Kate.

De resto, só silêncio. O som abafado das teclas e os ombros curvados dos escravos *on-line* faziam a felicidade de Terry – e distraíam-no da sua pessoa, pelo menos assim esperava. Ligou o computador e foi ver a caixa do correio. Já tinha procurado as mensagens no telefone, mas tinha esperança que nos dez minutos decorridos desde a última olhadela tivesse surgido alguma reacção à história do bebé. Talvez uma informação que a pudesse ajudar. Mas nada.

Não se incomodou a procurar no correio de voz. Dantes, as pessoas tinham o hábito de lhe telefonar para contar histórias, dar umas dicas e apresentar ideias para passarem o tempo. Agora era tudo *on-line*. Podia passar-se um dia inteiro sem ter necessidade de falar fisicamente com outra pessoa.

Escancarou a boca num bocejo. Do outro lado da secretária, o *Homem do Crime* bocejou também, num gesto de companheirismo.

– A propósito. Nina falou comigo a respeito da última investida de Terry contra as despesas – observou ele sem levantar a voz.

Nina, a secretária do chefe de redacção, era a fonte de todo o conhecimento e adorada pelos jornalistas. Trabalhava no jornal «desde que Moisés publicou os Mandamentos», costumava ela dizer, sabia como impingir recibos de hotéis de quatro estrelas à revelia do gerente, como dar cobertura aos «seus rapazes» quando havia sarilhos em casa ou no jornal – «Tenho a certeza de que está a caminho», ronronava ao telefone para uma esposa enfurecida ou ao ouvido de Terry. Sem pestanejar, também era capaz de colocar alguém numa zona de guerra com um automóvel alugado e sem visto.

– Diz que Terry anda a telefonar para os restaurantes para se certificar de que o pessoal comeu lá e que o total do recibo está certo. Parece que o alvo dele este mês são os recibos em branco. Não há-de durar muito.

A guerra às despesas dos jornalistas entrava de tempos a tempos em erupção, em geral quando o orçamento da redacção estava esgotado. O *blanko* – o recibo em branco de um hotel ou de um restaurante que podia ser preenchido pelo jornalista – mais ou menos como um cheque em branco – era o alvo habitual.

Inventar recibos era uma arte do passado; circulavam boatos de impressoras *John Bull* para crianças usadas para imprimir livros de recibos, aos quais se adicionavam manchas de café e insectos esmagados para conferir credibilidade.

– Caramba! – exclamou Kate.

Focaram-se nos respectivos ecrãs. Kate imaginou um extraterrestre a observar a cena. Dezenas de pessoas sentadas isoladamente diante de computadores, sem se olharem nem trocarem uma palavra. Mais ou menos como as almas perdidas dos casinos de Las Vegas, debruçadas durante horas sobre as *slot machines*, de olhos mortiços, a premir de forma mecânica os botões na esperança de um *jackpot*.

Alerta, chefe de redacção a aproximar-se.

Terry ostentava um sorriso vitorioso. Era óbvio que queria um favor. Kate fingiu-se absorvida por qualquer coisa no ecrã.

– Sempre conseguiste cá chegar esta manhã.

Tentou uma abordagem ligeira, mas sem êxito.

– Desculpa, Terry, foi o raio do trânsito – disse ela sem levantar os dedos do teclado, como se estivesse a meio de uma frase.

– É isso, é isso. Aquilo lá fora está terrível. De qualquer maneira…

Lá vem, pensou ela. *A tarefa da morte.*

– Kate, o editor está de olho num dos jovens jornalistas e gostaria que o acolhesses debaixo da asa.

Olhou para ele, de sobrolho erguido.

– Da minha asa? – perguntou em tom de acrimónia.

– É um tipo brilhante – prosseguiu Terry.

O coração de Kate soçobrou. «Brilhante» era a palavra de código para «muitíssimo irritante».

– E tu és a melhor jornalista que temos.

O *Homem do Crime* pigarreou, espicaçado pelo insulto.

Kate deixou-se levar, ainda que contra vontade. Ultimamente, os elogios eram cada vez mais raros. O seu estatuto de estrela, depois do exclusivo no caso da Viúva Taylor, começava a esmorecer. Já se tinham passado dois anos desde que deslindara o que de facto tinha acontecido à pequenita Bella Elliot, que tinha desaparecido do jardim de sua casa. Com os seus avanços e recuos, a história tinha-a consumido, e quando a verdade viera a lume nas palavras do seu artigo houvera um almoço com o director, um prémio e um aumento de vencimento.

Mas esse momento tinha passado, como sempre acontece. O interesse do jornal tinha-se deslocado do jornalismo de investigação para as notícias instantâneas que faziam vibrar e arrancavam comentários à comunidade *on-line*. Cada vez mais se sentia redundante nesta nova ordem mundial. Conseguia redigir a legenda de uma fotografia como os melhores, mas não era um trabalho de adulto, dizia para consigo, enquanto tentava preservar a sua dignidade.

E deixava-se dominar por uma paranóia crescente sempre que Terry atribuía uma história a um dos miúdos e não a ela.

– Estou a guardar-te para uma coisa em grande – dizia ele quando os olhares de ambos se cruzavam.

Mas a «coisa em grande» há muito tempo que não aparecia. Agora encarregavam-na de tomar conta do infantário.

– Estou demasiado ocupada para experiências profissionais, Terry.

– Ele não te vai atrapalhar. É para aprender a profissão, e tu tens muito para ensinar, Kate. Simon diz…

Põe as mãos na cabeça, pensou Kate, de regresso ao recreio da primária.

– Então onde está ele?

– Joe, podes aqui chegar? – chamou Terry em voz alta, e um rapaz baixo de melena caída e fralda da camisa fora das calças levantou-se de um salto e aproximou-se.

– Olá, Kate. É uma honra – disse ele, sem o mínimo de sarcasmo.

Meu Deus, vai dizer que aprecia o meu trabalho.

– Tenho muito apreço pelo seu trabalho – disse Joe.

– Vou deixar-vos os dois – disse Terry, cuja missão parecia estar cumprida.

– Mas… – gaguejou Kate.

– Desculpa, Kate. Tenho uma chamada à espera – e regressou apressado, para a segurança do gabinete.

Kate engoliu uma imprecação e fez um gesto na direcção da cadeira ao lado da sua, a evitar os olhos do *Homem do Crime*.

– Há quanto tempo está cá, Joe?

– Há um mês. Directamente da universidade. Sempre quis ser jornalista, está-me no sangue.

– Como é isso?

– A minha mãe também é jornalista.

– Ah, sim?

Referiu o nome da editora do *Herald on Sunday*, uma mulher com a reputação de rudeza e brutalidade – o *Tirano de Cuecas* – como lhe chamava a velha guarda. A velha guarda masculina, frisou Kate para si mesma. Mandy Jackson adoptara a alcunha, que brandira como um troféu de

guerra enquanto trepava na carreira. Qualquer mulher que subisse acima da categoria de editor de frivolidades era acusada de ter dormido com um tipo do topo ou de ter rebentado os tomates a alguém. Kate não sabia qual tinha sido a opção de Mandy, mas ela continuava lá, a reinar sobre um monte de merda.

E aquele era o menino dela.

Enquanto puxava o computador mais para a sua direita, olhou com mais atenção para Joe Jackson – quando lhe pusera o nome a mãe devia já imaginá-lo a assinar um artigo. O ar dele era de quem ainda não tinha mudado a voz, mas talvez acabasse por lhe ser útil – afinal não desdenhava um emprego no *Herald on Sunday*.

– Em que artigo está a trabalhar, Kate? – perguntou o rapaz, a sentar-se com um bloco-notas na mão na expectativa de captar as suas preciosas palavras.

– Estou a ver o correio electrónico, Joe. Dê-me dez minutos. Por que não aproveita e nos vai buscar um café?

Meteu a mão dentro da carteira e entregou-lhe um punhado de moedas.

– O lacaio da jornalista principal – fungou o *Homem do Crime* quando Joe desapareceu pela porta de vaivém.

– Cala-te, Gordon. O que tens é inveja por não te terem dado um. Que raio hei-de eu fazer com ele?

– Bem, não durmas com ele, ou a Mandy arranca-te a cabeça.

A grosseria do comentário pôs Kate em brasa, mas riu com ele, uma técnica de sobrevivência aprendida num mundo dominado pelos homens e pela bebida.

Finge que alinhas. Não tens de ser sincera, tinha-lhe dito uma colega mais velha, já lá iam muitos anos. *As piadas sexistas nunca vão acabar. Tens de lhes mostrar que és tão boa jornalista como eles. É isso que os vai calar.*

E nem todos odiavam as mulheres. Tinha trabalhado com alguns homens brilhantes, mas havia sempre um dinossáurio emboscado no pântano primitivo. Um editor de notícias da noite gostava de dizer às jornalistas que tinham de deixar o «clube do tricô» quando debatiam uma notícia. Outro executivo costumava perguntar, quando uma mulher não concordava com

uma ideia: «Estás com o período?», e ria alarvemente, como se se sentisse um novo Oscar Wilde.

O *Homem do Crime* era inofensivo. Kate conhecia a mulher dele. Em casa tinha a rédea curta, de modo que Kate lhe permitia de vez em quando uma explosão de liberdade.

– Já trabalhaste com a Mandy? – perguntou.

– Já. Era uma rebenta colhões.

Joe regressou com as bebidas e um bolo para ela.

– Pensei que lhe apetecesse um – disse.

– Coma-o você – murmurou Kate em tom irritado. – Pode digerir um duplo *muffin* de chocolate mais depressa do que eu.

O rapaz riu e desembrulhou o bolo.

O editor apareceu por detrás deles. Simon Pearson tinha a capacidade enervante de se materializar sem aviso prévio – Kate desconfiava que noutra vida devia ter sido rato de hotel – e desferiu no ombro de Joe uma palmada que atirou uma nuvem de migalhas para cima da secretária.

– Não dês muito mimo ao nosso novo *protégé*, Kate. Enquanto come bolos não encontra nenhuma história. É preciso mantê-lo faminto e atirá-lo lá para fora.

Joe imobilizou-se, estupefacto, e Simon continuou a sua patrulha silenciosa.

– Não ligue. É a sua maneira de se mostrar simpático – disse ela. – Você tem o privilégio de ter sido escolhido para qualquer tipo de notícia. Vamos mostrar um ar atarefado. Tem alguma ideia para um artigo? Há uma reunião de noticiário dentro de meia hora e temos de levar três boas sugestões.

A expressão vaga do rapaz sugeria que estava a pensar numa resposta, mas os seus olhos diziam que não.

– Bem, você lê os jornais e vê se há alguma pista que possamos aproveitar enquanto telefono a um contacto que me mandou uma mensagem. Estas reuniões são uma treta. Servem para os especialistas fazerem um grande alarde e são uma oportunidade para o chefe dizer que somos todos uma porcaria. Bem-vindo ao jornalismo.

Capítulo 14

Segunda-feira, 26 de Março de 2012

Emma

A minha professora de ioga orienta um exercício de relaxamento num ronronar monótono que se eleva acima do tilintar dos címbalos e nos induz a um estado de inconsciência. Em geral adoro esta parte da aula, mas hoje, estendida no tapete, não consigo afugentar os fantasmas de Howard Street. Do bebé. Do professor Will.

A minha mente recusa desanuviar-se, mal-grado as exortações de Chloe, e Will materializa-se para me ocupar o cérebro.

Apareceu nas nossas vidas durante a década de 1980. Bem, «apareceu» não é a palavra correcta. Assaltou o nosso castelo e arrebatou Jude. Foi um acontecimento relevante na nossa existência. Enquanto fui crescendo, Jude não costumava ter namorados. Dizia que fizera voto de celibato e que vivia como uma freira. E ria. Quando tinha doze anos, lembro-me de ir verificar o significado de «celibato» e do choque que sofri. Julgava que Jude falava de religião, mas afinal era de sexo. É claro que as amigas ficavam perdidas de riso e até lhe chamavam a Irmã Jude. Eu não era incluída na piada. Não passava de uma garota. No entanto, sabia que Jude não era feliz com o celibato. Para freira, passava demasiado tempo a falar sobre os homens. Mas era só falar, não agia. Harry, a minha melhor amiga, dizia que Jude precisava de um tipo, mas eu nunca lho disse. *Um conselho não solicitado*, teria dito Jude.

Contudo, percebi que algo tinha mudado quando uma noite a ouvi cantar no banho. A cantar a plenos pulmões *You Are the Sunshine of My Life*, com todas as cambiantes de voz e alguns ié-iés à mistura. Tão pouco natural em Jude que bati na porta e gritei:

– Pareces muito alegre!

– E estou! Entra! – gritou em resposta.

Não gostei de ver Jude nua – não me parecia correcto –, mas ela disse que eu demonstrava um pudor ridículo e como era possível que a filha dela se sentisse tão embaraçada à vista do corpo humano.

Lembro-me de estar sentada no tampo da sanita para não ter de olhar para ela enquanto me contava que um homem de quem tinha gostado muito no passado tinha reaparecido. Fiquei excitada porque pensei que se referia ao meu pai. O homem de quem não se podia falar.

Não sabia quem era o meu pai e costumava pensar que ela também não. Quando era pequena e havia papás nos livros que me lia, eu apontava para as imagens e perguntava: «Este é o meu papá?» Ela ria e respondia: «Não, é o papá que está no livro.»

– Onde está o meu papá?

– Não tens papá, Emma. Somos só nós.

Creio que depois disso passou a evitar os livros que tinham papás, pois nunca mais me leu acerca deles.

Claro que quando cresci fiquei a saber que toda a gente tinha um papá, mas pelo silêncio de Jude percebi que não devia perguntar. Portanto, imaginei um. Era bonito e alto, inteligente e divertido, às vezes tocava guitarra, outras vezes escrevia livros e levava-me de férias para lugares distantes. Dá vontade de rir, pois ninguém que conhecesse tinha um papá assim. O pai de Harry era velho e usava *cardigans*. Parecia o capitão Mainwearing, de *Dad's Army*.

Quando me aperfeiçoei na arte de escutar conversas, comecei a captar aqui e ali alguns dados acerca do meu verdadeiro pai. Estava à escuta quando Jude se lamentou a uma vizinha, diante de uma garrafa de vinho, sobre as suas dificuldades em criar sozinha uma criança, ganhar a vida e ainda conseguir estudar Direito.

– Há anos que não tenho tempo para homens – lamentava-se a Irmã Jude. – O pai de Emma foi-se embora há muito tempo, estava ansioso por se pôr a andar. Charlie era muito mais novo, ele era pouco mais do que uma criança.

Guardei a informação – agora tinha um nome e um rosto infantil para alimentar a minha imaginação.

Sentada na banheira, Jude informou-me que o homem que tinha voltado a encontrar iria lá a casa. Contou-me que o tinha visto no noticiário da televisão – a discursar durante uma manifestação antinuclear – e que o tinha reconhecido imediatamente.

– Nunca o esqueci, ao fim de todos estes anos – disse ela.

Disse-me que o tinha conhecido na universidade – Jude cursou História em Cambridge. Jude era, e é, muitíssimo inteligente. Agora está reformada, mas era advogada especialista em casos de direitos humanos. Usava sempre a palavra «advogada».

– Os solicitadores são sempre homens de meia-idade e com uma grande barriga, que se ocupam de contratos – explicou-me.

De qualquer maneira, o Direito não tinha sido a sua primeira escolha. Depois de deixar a universidade, entrara para uma editora e andava por Londres num virote a almoçar com *The Beautiful People*. Quando falava nisso, parecia sempre usar itálicos.

Entretanto apareci eu, e tivemos de viver durante algum tempo com o avô e a avó. Quando nos viemos embora, ela disse que tinha de fazer algo mais sólido, arranjar um emprego a tempo inteiro. Passou a trabalhar num escritório enquanto ia estudando. Lembro-me de a ver horas seguidas com a cabeça enfiada nos livros e nos papéis do tribunal. O quarto dela rescendia ao cheiro acre das tintas e do papel. Se lhe fazia uma pergunta para os trabalhos de casa ou lhe tentava dizer a que ponto o senhor Lawson era mau nas reuniões, respondia que tinha de se concentrar. Tinha de se concentrar para não deixar escapar o pormenor que podia tirar o cliente da cadeia. Voltava então para o David Bowie do meu quarto e conversava com o *poster*.

Gostei daquela nova Jude que cantava no banho. Queria contar-me coisas e parecia jovem e entusiasmada. Deixei-me ficar na casa de banho repleta de vapor, a ouvi-la e a rir com ela até as minhas roupas ficarem húmidas e a minha mãe estar prestes a sair da água.

Não pronunciei a palavra «papá». Sabia que isso seria matar aquele estado de espírito, de modo que resolvi esperar para ver.

Quando o objecto do seu amor veio a nossa casa, acolhi-o com um sorriso, conforme as instruções recebidas de Jude.

Esteve toda a manhã nervosa e irrequieta e mudou de roupa pelo menos três vezes.

– Estás linda – dizia-lhe de cada vez que aparecia com um traje diferente, mas ela continuava a desaparecer lá para cima, para se mudar.

Gostei imenso de a ver usar os lindos brincos de turquesa que lhe tinha oferecido pelos anos com as minhas economias.

Quando o «professor Will», como ela insistia em chamar-lhe, bateu à porta, julguei que Jude ia desmaiar de excitação.

– Vai lá tu, garota – ordenou ela, a ver-se uma derradeira vez ao espelho. – E sorri!

Adorava quando me chamava garota, como quando era pequenina. Deixou de usar a palavra quando cresci, mas continuava a ter o poder de me aquecer a alma.

De qualquer modo, mal tinha acabado de abrir a porta para ele entrar, Jude passou por mim como um fantasma e assumiu a função.

– Olá, Will. Como é bom ver-te! Will, esta é a Emma, o meu bebé. Querida, é o professor Will, um velho amigo da faculdade.

Will dirigiu-me um sorriso cordial e cumprimentou-me com um aperto de mão.

– Já não é um bebé, Jude. É uma jovem.

É curioso como nos recordamos de certas coisas. A mão dele era quente e seca e o anel de ouro que usava no polegar roçou-me pelos nós dos dedos.

Arrisquei-me a olhá-lo mais de perto, para ver se encontrava algumas semelhanças familiares. Mas não as havia. Era um homem anguloso. Nariz comprido e fino, maçãs do rosto salientes. Nada que se assemelhasse a mim e à minha cara redonda e lisa. Por vezes, quando estávamos sós, Jude dizia que eu era bonita. Mas não era, não sou. Bonita seria ter cabelos sedosos, pestanas compridas e maçãs do rosto cor-de-rosa – como Jude. Eu tinha cabelos castanhos encaracolados que nunca assentavam devidamente e uma cara redonda e lisa. Odiava a minha cara. Costumava pôr-me defronte do espelho a repuxar a cara como se fosse de plasticina, até me doer. Segundo Jude, todas as adolescentes passavam por isso.

Will deve ter-se apercebido dos meus olhares e sorriu. Jude não viu, estava ocupada a fechar a porta da frente, portanto foi um sorriso que ficou só entre nós os dois e me causou um formigueiro. Podia ser meu amigo também. Ou meu pai.

– Chá? – perguntou Jude, a conduzi-lo para a sala de estar.

– Adorava – disse ele. – Que bela casa.

Na cozinha, a encher a cafeteira e à procura de um par de canecas iguais, dei por mim a pensar que espécie de homem usa um anel no polegar.

Deve rondar os quarenta, pensei, a remexer o bule do chá com uma colher. *Parece o avô, mas com solas grossas.* A ideia deu-me vontade de rir e levei o tabuleiro para a sala.

O professor tinha descalçado as sandálias e estava sentado no sofá, de pernas cruzadas; em contraste com o estofo, os seus pés pareciam brancos e macios como pão.

– Nem quero acreditar que estás aqui – disse a minha mãe em tom efusivo.

Muito pouco dela. Muito pouco de advogada, pensei, a pousar o tabuleiro com alguma violência, a ponto de salpicar o açúcar com pingos de leite.

– Desculpa – disse relutantemente.

Jude ficou furiosa, mas Will inclinou-se para a frente para ajudar a segurar a mesa, quase a cair da sua pose de guru.

– Não se estragou nada – disse ele. – Vem já misturado.

Ele e Jude riram.

Senti-me excluída da piada, mas ele piscou-me o olho enquanto Jude limpava o tabuleiro.

Capítulo 15

Segunda-feira, 26 de Março de 2012

Jude

Havia vestígios de lentilhas no prato que tirou do escorredor para pôr a torrada e mergulhou-o no lava-louças.

Na véspera, a filha mal tinha tocado na comida. Costumava ser o seu prato predilecto, quando tinha oito ou nove anos e se tinham mudado para a vivenda vitoriana alugada, em Howard Street. Os últimos anos da década de 1970 tinham sido difíceis para Jude, com uma filha para criar e a tentar vencer numa carreira diferente, mas a renda era barata por ser naquela zona. E para Emma não parecia importante o sítio onde morava. Vivia sempre enredada no seu pequeno mundo.

Se fechasse os olhos, Jude quase conseguia sentir o cheiro da casa de Howard Street: uma mescla insidiosa de estuque húmido e dos seus perfumes preferidos. Não era um palácio, mas tinha carácter. Um átrio pavimentado com ladrilhos pretos e brancos, estalados.

– São antigos, não são velhos – tinha dito Jude à mãe quando ela torcera o nariz.

Will tinha gostado logo.

– Oh, Emma! – desabafou Jude em voz alta, a remexer ruidosamente no armário em busca de outro prato. – Por que razão não deixas morrer as coisas? Foste tu quem trouxe Will para a conversa.

Jude nunca tencionara contar à filha todos os pormenores do telefonema que lhe caíra do céu, nem como tinha reconhecido a voz de Will, apesar de não falar com ele há perto de dez anos. Em 1992, ele tinha batido com a porta e abalado com armas e bagagens, a gritar-lhe por cima do ombro que voltaria

a contactar quando ela estivesse mais calma. Mas Jude sabia que ele não o havia de fazer. A discussão entre ambos tinha ido demasiado longe.

O interesse dele começara a dispersar-se. Jude já tinha chegado aos cinquenta e Will perdera o interesse nela, optando por namoriscar com as empregadas de mesa durante jantares que deviam ser românticos.

– Oh, Jude – tinha ele dito a rir, quando o confrontara. – Gosto de uma cara bonita, é só olhar, mais nada.

Mas não se limitava a olhar, como Jude bem sabia. Sentia-lhes o cheiro nele, e ficava acordada de noite, a imaginar que ele a deixava. Procurou manter a calma, dizendo para consigo que era uma crise da meia-idade, que havia de passar. Mas quando o apanhou a apalpar uma das suas amigas durante uma festa houve uma zaragata dos diabos e ele fizera as malas.

Depois disso o silêncio fora total, mesmo após Jude fazer o primeiro gesto. Os telefonemas iam parar ao correio de voz e ele nunca respondia. Como também não lhe respondia aos *e-mails*. Ou às cartas. A pouco e pouco, Jude deixara de tentar.

Mas em 2003 ele tinha telefonado quando tomara conhecimento da morte do pai dela por um boletim informativo da Universidade de Cambridge. Reconhecera-lhe a voz, mas não o tom. Fora muito educado a transmitir-lhe as condolências, mas nem uma palavra além disso. Simpático da parte dele ter-se incomodado, pensou, mas tinha sido terrivelmente embaraçoso e não levara a nenhum contacto posterior.

Até agora. Desta vez tinha-lhe chamado «a minha dama», como nos velhos tempos, e namoriscado com ela. Como a tinha feito sentir-se bem, e mais jovem. Mas ao contar a Emma que tencionava voltar a ver Will ao fim de tanto tempo, falara para a pessoa errada. A expressão dela endurecera, como se tivesse acabado de vomitar para cima da mesa.

Como no dia em que lhe disse que tinha de se ir embora, pensou Jude.

Tinha sido diferente quando Will aparecera pela primeira vez, tinha Emma treze anos. *Nesse tempo gostava dele. Adorava-o. Tal como eu.*

Quando o tinha conhecido em Cambridge, Will era muito especial. Um rapaz nascido para vencer na vida. Mais tarde, brincava com as amigas a dizer

que o génio lhe brotava pelos poros e que lhe podia tomar o gosto se lhe lambesse a pele.

Recordava-se de ter dito o mesmo a uma colega de escritório e da careta de repugnância com que ela tinha reagido.

– Mete nojo. Nessa altura trabalhavas como escrava sexual? – tinha perguntado Erica, a escriturária principal de Bowen and Bailey Solicitors.

Erica não era nenhuma escrava sexual. Era feminista. Como indicava uma placa sobre a sua secretária – «O SEXISMO É UMA DOENÇA SOCIAL» – e nunca perdia uma oportunidade para manifestar as suas ideias. Os sócios, muito formais, com os seus cabelos compridos e fatos às riscas em segunda mão, não se coibiam de lhe chamar *Dyke* quando ela não estava a ouvir. Jude tinha a certeza de que Erica sabia – afinal, ela sabia tudo –, mas não protestava. Talvez considerasse uma compensação justa para o facto de ocupar a chefia.

Jude rira-se com a piada acintosa da escrava sexual e fingira continuar o trabalho sem se perturbar. Mas a jovem Barbara Walker, a terceira escriturária, não deixara passar e fizera questão de saber mais sobre o assunto.

A alusão de Emma a Howard Street tinha despertado recordações antigas e Jude perguntou a si mesma por onde andaria agora Barbara. No passado, fora uma amiga chegada. Recordava-se bem dela – linda ao ponto de ser irritante, mas uma desgraça no que tocava a dinheiro. Em 1984 tinha-se mudado para Howard Street – *o quarto no patamar do meio, está bem* – para ajudar Jude a pagar a renda, mas atrasava-se sempre nos pagamentos e o senhorio aparecia por lá constantemente.

Al Soames, recordou. Um antigo aluno da escola pública[1], que criara o hábito de aparecer sem ser convidado e se sentava na cozinha. Exibia o seu *charme* a falar das pessoas importantes que conhecia e das festas que frequentava. Quando se mudara, tinha-se sentido impressionada, mas ao fim de algum tempo começara a desconfiar que ele era um Walter Mitty. Barbara ficava nervosa com ele. Mas Will simpatizava com o homem. Dizia que era uma companhia agradável.

Jude lambeu o dedo para apanhar as migalhas que tinham ficado no prato.

Pobre Barbara, tinha-se mudado depressa – um ano depois, calculava Jude. Tinha ficado irritada – era mais dinheiro para pôr ao fim do mês – mas Will

mostrara-se satisfeito.

– É bom ter-te só para mim, sem a Barbie a andar por aí, a fazer-me olhinhos – tinha ele dito.

Jude não tinha reparado nisso, mas Barbara já se tinha ido embora e esperava que Will reconhecesse que tinha encontrado uma parceira à altura – tanto no domínio do intelecto como da sexualidade – e viesse finalmente a assentar. Quando andavam na universidade, a ligação tinha durado apenas três semanas, mas desta vez seria diferente. Nessa altura, outras mulheres se tinham posto na fila, impacientes por lhe chamar a atenção. Numa sexta-feira de manhã, quando faltou a uma aula para estar com ele, encontrou-o a prestar assistência a outra rapariga.

Resolveu não pensar agora nisso. Bem como na vingança que então exercera sobre a rapariga: no dia seguinte entrara-lhe no quarto e espalhara-lhe merda de cão em cima da cama. As pessoas têm reacções desproporcionadas a estas coisas, não têm?

Fosse como fosse, a rapariga não tinha apresentado queixa. Jude imaginou que teria levado a colcha para a lavandaria. Will não tinha sabido de nada – pelo menos nunca falara no assunto, tinham mantido uma relação de amizade e de vez em quando iam tomar um café, quando por acaso se encontravam na King's Parade. Mas quando Jude saíra de Cambridge ele já tinha desaparecido do seu mundo.

Entretanto, Jude encontrara outra pessoa. *O Perfeito Sacana*, como agora se lhe referia. Mas que fora Charlie, até a abandonar com Emma. Tinha-se visto obrigada a voltar para casa dos pais com um bebé recém-nascido nos braços, para eles a poderem torturar à vontade e apontar-lhe a culpa.

Mesmo depois de tanto tempo, sentiu o dia ensombrar-se de amargura. Não lhe fazia bem recordar sofrimentos passados. Diz-se que não se devem guardar os rancores para si, mas nunca se tinha aberto com ninguém. As pessoas tiravam conclusões, apressavam-se a julgar. O melhor era guardar tudo. Tinha-se aberto demasiado com Will, dava-se agora conta disso. Tinha-lhe dado a entender que estava desesperada para o conservar. Tinha aceitado tudo – mudara de roupas, de penteado, de amigas, tudo. Chegara ao ponto de

aceitar o conselho dele de pôr Emma «fora do ninho», quando se começara a tornar difícil.

Will tinha imprimido às palavras um tom responsável de quem se preocupa:

– Um amor mais duro só a vai ajudar, Jude. Vais ver. É disso que ela precisa.

E ela tinha obedecido. Ordenara à filha que se fosse embora. Ajudara-a a embalar os pertences. E fechara-lhe a porta nas costas.

Na ausência de Emma, Jude dedicara todas as suas energias a Will, numa tentativa de antecipar os seus mais pequenos desejos. A princípio, ele tinha gostado. De ter para o jantar os seus pratos predilectos, das roupas íntimas e *sexy* que ela comprava para lhe agradar, dos telefonemas para o trabalho só para lhe dizer que o amava.

Mas acabara por interpretar tudo isso como extrema dependência.

– Os homens detestam a dependência – disse Jude para consigo, enquanto limpava a louça do pequeno-almoço.

– É revoltante – tinha dito Will no dia em que se fora embora.

---

[1] As *Public Schools* são de facto privadas e altamente dispendiosas. (*N. do T.*)

Capítulo 16

Quarta-feira, 28 de Março de 2012

Kate

Quando saiu do elevador do serviço já estava farta do dia. A má disposição azedara-lhe o olhar e vincara-lhe rugas na testa, mas Joe Jackson ainda não tinha aprendido a lidar com as pessoas.

– Olá, Kate, como está? – chilreou, afável como um periquito.

Kate atirou-lhe um olhar capaz de intimidar um *Rotweiler.* Atirou a carteira para cima da secretária, a arrancar ao computador portátil um ominoso ruído metálico e encaminhou-se para a casa de banho das senhoras em busca de um espaço para respirar.

Naquela manhã, Steve tinha-lhe levado o chá uma hora mais cedo do que o costume e ficara à espera que ela acordasse.

– Desculpa por ser tão cedo, amor, mas tenho de sair às oito para o trabalho, esta manhã tenho de passar revista às enfermarias, e Jake já está lá em baixo – disse ele em tom de aviso.

Ambos sabiam que havia problemas no ar.

Jake, o filho mais velho, aparecera inesperadamente na noite anterior, a meio do semestre na universidade. Era muito tarde para conversarem – Steve já estava deitado, exausto por um dia de consultas com os doentes de cancro e Kate não se sentia com forças para enfrentar sozinha a mais recente crise de Jake. Tinha-o mandado para a cama, com a promessa de que falariam no dia seguinte. Era evidente que esse momento chegara.

Kate saltara atabalhoada da cama e mal tivera tempo para se sentar à mesa da cozinha e já Jake anunciava que ia abandonar o curso de Direito para poder viajar.

Bem, «anunciar» será talvez um exagero. Jake tinha-o dito no seu tom descontraído e irritante, enquanto mexia dois ovos numa frigideira. Era um rapaz que «fazia tudo sem perder a calma», segundo os relatórios do secundário. *Que adiava tudo*, preferia Kate dizer, mas Steve sempre a tinha aconselhado a não confrontar o filho.

– Só vais tornar as coisas piores. Aquilo há-de passar-lhe – dizia.

Mas não tinha passado.

– Desiste assim que as coisas se tornam difíceis – tinha dito Kate quando Jake resolvera deixar de tocar saxofone ao fim de três meses, depois de os ter chagado para que lhe comprassem o instrumento. – É muito inteligente, mas não se incomoda a fazer o mais pequeno esforço – lamentara-se. – Pobre Freddie, que tem de se desunhar para passar o ano. Deve ser frustrante para ele ver o irmão folhear um livro e no fim obter um *A*.

Como também era frustrante para ela. Tinha sido como Freddie. E não conseguia perceber de onde vinha a falta de motivação de Jake. Tanto ela como Steve cultivavam a ética do trabalho, mas Jake deixava-se ficar no primeiro degrau da escada, a olhar para cima e a encolher os ombros à ideia de subir.

Tinha sido Steve a quebrar o silêncio que se instalara depois da comunicação de Jake.

– Aonde estás a pensar ir? – perguntou, afável e neutro.

Muito Steve, pensou Kate.

– Ainda não sei – respondera Jake com o seu belo sorriso. – À Tailândia, possivelmente.

– Não podes fazer isso depois de acabares o curso? – tinha perguntado Kate quando ele pousara o prato na mesa. – Só te falta um ano.

– Não tenho a certeza de que seja o curso certo para mim, mãe – e começara a comer os ovos, com a pano da cozinha por cima de um ombro.

– Mas sempre quiseste estudar Direito – insistiu ela, a afundar-se mais na cadeira. – O que mudou?

– Penso que fui *eu* que mudei – respondeu o rapaz, a molhar o pão na gema. – Acho que quero outras coisas.

Kate e Steve trocaram um olhar entendido por cima da cabeça curvada do filho.

– Bem, o melhor será não tomares nenhuma decisão precipitada, Jackey – disse Steve. – Por que não acabas este ano e depois decides? Dá a ti mesmo uma oportunidade para repensar no caso.

– Já informei a faculdade de que não voltava para lá – tinha respondido o filho. – Foram muito compreensivos. Está tudo tratado.

Estabeleceu-se um silêncio atónito, e depois o clamor das vozes, sobretudo de Kate, enquanto Jake mastigava calmamente, seguido de pedidos, recriminações e portas a bater. O pequeno-almoço terminara num confronto desagradável. Steve tinha saído desencabrestado para o hospital, Jake tinha voltado para a cama e Kate tinha ficado na cozinha a praguejar.

– Ainda nem são oito da manhã e o dia já é um pesadelo! – tinha exclamado.

Mais tarde, enquanto atravessava Londres de automóvel para chegar ao escritório, Kate tinha rilhado os dentes e ensaiado o que viria a dizer a Jake, ao mesmo tempo que amaldiçoava os motoristas dos táxis pretos e as furgonetas brancas que se atravessavam no seu caminho.

A tensão tinha feito estragos. Olhou-se no espelho e viu os papos sob os olhos, o *rimmel* manchado e o cabelo a escapar-se do rabo-de-cavalo mal feito.

– Cristo, que cara – murmurou.

Tinha ar de quem acabava de cambalear ao longo do rio depois de um desastre de comboio. Soltou os elásticos que lhe prendiam o cabelo, tirou uma escova da carteira e começou a reparar os danos.

– Oh, vê se te aguentas – disse para a imagem no espelho.

És capaz de fazer isto, não lhe saía da cabeça enquanto domava o cabelo revolto. Uma espécie de mantra que tinha herdado do pai, um homem pouco dado a pensamentos negativos.

– Vá lá, Katie – costumava ele dizer quando ela se esforçava por montar uma bicicleta, passar no primeiro ano de matemática ou conseguir uma entrevista para um emprego. – Tu consegues fazer tudo.

Era maravilhoso ter o seu admirador pessoal, mas a pressão constante para ser bem-sucedida era esgotante. *Está bem, papá, eu consigo*, pensou, e agarrou as bordas do lavatório para suster a tremura das mãos.

Capítulo 17

Quarta-feira, 28 de Março de 2012

Kate

Quando emergiu da casa de banho, deparou-se com um estranho silêncio na redacção. Ninguém falava, ninguém batia num teclado – nem a equipa do *on-line* – e ninguém olhava os outros nos olhos. O «bom dia para todos» de Kate ficou a meio, o «para todos» esquecido quando se deixou cair na cadeira.

– O que se passa? Morreu alguém? – perguntou entredentes ao *Homem do Crime*.

O interpelado ergueu os olhos papudos e raiados de sangue.

– Ainda não – foi a resposta.

– Estás com um ar horrível – disse ela. – Por onde andaste a noite passada?

– Saí com o *Major*. Está pior do que eu.

Kate rodou na cadeira para procurar com os olhos o correspondente da defesa – *Major* para os colegas – e o que viu arrancou-lhe uma gargalhada.

– Ele chegou a deitar-se?

– Mete-te na tua vida, Kate. Ainda não viste o teu correio, pois não?

– Não. Já saí de casa atrasada. Porquê?

– Mais uma leva de excedentários. Os malditos contadores de feijões estão de novo ao ataque. Corte de despesas. Outra vez. Dizem que têm de dispensar cinquenta e duas pessoas ao todo. Só aqui na redacção são sete.

– Sete? Cristo! Isso é metade dos jornalistas! – exclamou, a relancear os olhos pela sala e a contar mentalmente os colegas.

– Não sejas estúpida. Somos pelo menos trinta – contrapôs ele.

Olhou-o sem expressão.

– Contando com o pessoal do *on-line*, Kate.

– Ah, sim. Bem, não hão-de ser eles a levar o pontapé. Porra! De entre nós, quem vai?

O *Homem do Crime* abanou a cabeça.

– Dois substitutos, mas do nosso lado ainda ninguém foi convidado para o café da morte. Estamos todos à espera.

Ambos tinham consciência de que ele seria um dos principais candidatos. Gordon Willis era velho, de trato difícil, um luddita quando se tratava de tecnologia e, mais importante do que tudo, muito bem pago. Kate deu voltas à cabeça para encontrar algo de positivo para dizer.

– Um dia destes falei com o Colin Stubbs. Mandou cumprimentos. – O *Homem do Crime* acenou com a cabeça, visivelmente preocupado. – Disse que abandonar o jornalismo foi a melhor decisão que tomou na vida.

– Mandou? Não o vejo há meses. Pensei que a bruxa da mulher o tivesse fechado na cave. Ouve, vou até à Yard para o *briefing* do dia. Não posso ficar aqui sentado à espera de más notícias. Dá-me um toque se acontecer alguma coisa.

– Com certeza. Vais ver que te vais safar. És demasiado valioso para eles.

O homem esboçou um sorriso.

– Obrigado, Kate. Até logo.

Ficou a vê-lo arrastar-se até à porta, com a gola do casaco meio levantada, na nuca uma madeixa de cabelo emaranhado da cama, e o bloco de apontamentos a espreitar para fora do bolso. Na passagem cumprimentou o chefe com um aceno de cabeça. Terry não correspondeu. *Mau sinal*, pensou Kate. *A alcateia está a abandonar os seus.*

Kate considerou a sua posição. Admitiu que devia figurar numa lista qualquer – a idade e o montante do salário estavam contra ela –, mas fez figas para que outros se voluntariassem para receber a indemnização antes de chegarem ao nome dela. Não pretendia ir-se embora. Não fazia ideia do que poderia encontrar lá fora em termos de emprego e nem valia a pena pensar em viver sem trabalhar. O que iria fazer durante todo o dia? Ver televisão e resolver problemas de *Sudoku*? Ou escrever disparates sem sentido acerca de pessoas famosas? Preferia morrer. O que precisava mesmo era de uma história de arromba.

Terry aproximou-se e Kate levantou a cabeça.

– Tudo bem, Kate? Estás com mau aspecto.

– Obrigada, Terry. É simpático da tua parte. Estou bem. Só um pequeno contratempo lá em casa. Com o meu filho mais velho.

– O que fez o Jake? – quis saber Terry. – Já estou farto dos meus. Só querem dinheiro e boleia para as festas.

– Aquilo está tremido, lá na universidade. Mas há-de resolver-se – respondeu Kate.

A notícia do despedimento do *Homem do Crime* chegou por volta das seis e meia. Suficientemente tarde para o poderem pôr fora do edifício sem grande alarido, para o caso de as coisas darem para o torto. Foi chamado ao gabinete da gerência e saiu quinze minutos mais tarde, já um ex-jornalista do *Post*.

– Acenaram-me com uma pipa de massa – disse ele a Kate, enquanto arrumava os seus pertences dentro de um saco de lixo preto. – Fico bem. Já era altura de mudar. Estou aqui há demasiado tempo.

Ambos sabiam que não encontraria outro emprego. Demasiado velho. Demasiado velha guarda.

– A parte pior será dizer lá em casa. Não sei se telefone à Maggie ou se espere até lá chegar. Sabe Deus o que ela irá dizer. Seja o que for, há-de ser aos berros.

– Deixa-te disso, a Maggie vai entender – disse Kate.

Na verdade não acreditava que a *Dama de Ferro*, como era conhecida no jornal, se mostrasse compreensiva – era uma qualidade que ninguém lhe tinha visto –, mas Kate procurava eludir os aspectos negativos.

– Vamos a ver – disse ele, a abanar a cabeça com ar cansado.

– Seja como for, onde vais fazer a festa de despedida? Toda a gente se quer despedir de ti à boa maneira de Fleet Street – disse Kate, a baixar-se para apanhar do chão um sobrescrito caído.

– Hei-de pensar nisso. Gostaria que fosse no Cheshire Cheese – foi onde me levaram no meu primeiro dia como jornalista num jornal de circulação

nacional. Na Idade da Pedra. Costumávamos ir para lá quando as rotativas começavam a trabalhar. Todo o edifício vibrava. E o barulho…

Calou-se, com a voz embargada, e disfarçou examinando as gavetas.

– Talvez na sexta-feira – disse finalmente. – Para pôr um ponto final nisto. Depois digo ao *Major* e ele manda uma mensagem a todos.

Olhou em redor e deixou cair os ombros.

– É melhor ir andando.

Terry aproximou-se e os outros jornalistas começaram a pôr-se de pé.

– Boa sorte, companheiro! – desejou o *Major* quando o *Homem do Crime* agarrou no saco de lixo com o que restava da sua carreira.

Kate pegou no bloco de apontamentos e começou a bater com ele na secretária. Os outros jornalistas imitaram-na e os substitutos e subalternos juntaram-se à cacofonia, a bater nas secretárias com os punhos ou com o que tivessem à mão. Despediam-se do *Homem do Crime* conforme mandava a tradição. Um clamor de emoção num novo mundo cinzento, e o homem chorou ao franquear a porta pela última vez.

Quando a porta se fechou atrás dele e o estrépito se esbateu, havia lágrimas de comoção em todos os rostos.

– Vou beber um copo – declarou o *Major*. – Estou a precisar.

Capítulo 18

Sexta-feira, 30 de Março de 2012

Kate

O Cheshire Cheese, em Fleet Street, era um labirinto de nichos e reservados apainelados a madeira. Até à década de 1990, quando os jornais se dispersaram pelos quatro cantos da capital, tinha sido um covil de jornalistas – cenário de murros e zaragatas, festejos e velórios. Agora, o Cheese sobrevivia como uma relíquia viva desses tempos. Os novos proprietários contavam aos turistas e aos novos residentes histórias de reportagens famosas, de palmadas nas costas num ambiente de camaradagem. Como se o jornalismo fosse uma coisa de épocas passadas.

Mas o cheiro era o mesmo, pensou Kate, enquanto sacudia do guarda-chuva a água que caía em bátegas incessantes e se dirigia em passos pesados para a sala reservada no primeiro piso, onde se bebia de pé. Um cheiro entranhado a cerveja e a batatas fritas.

A vozearia foi aumentando à medida que subia as escadas e submergiu-a quando se juntou à festa. O *Homem do Crime*, muito vermelho, a berrar e já suado, ocupava o centro das atenções, a estender copos de cerveja por cima da cabeça dos antigos colegas.

Kate lançou rapidamente em redor um relance de jornalista. *Quem está? Quem pode ser interessante? Quem devo evitar?*

Os seus olhos iluminaram-se ao ver os polícias a um canto. Era uma verdadeira reunião de clãs. As Relações Públicas da Polícia estavam lá quase em peso – até Colin Stubbs, aceite à última hora – e quase todos os detectives ligados aos casos mais famosos cobertos pelo *Post*.

– Bob – gritou acima da barulheira e a abrir caminho entre a turba.

Ele não a ouviu.

O inspector Bob Sparkes mantinha uma animada conversa com outro polícia. Kate não o via desde o julgamento de Jean Taylor por causa do seu envolvimento no rapto de Bella Elliot. Tinham falado ao telefone de cada vez que Kate escrevia um artigo sobre Jean – o recurso, a história das cartas dela aos pais de outras crianças desaparecidas, as suas relações de amizade travadas na prisão com criminosas famigeradas –, mas desde então Kate nunca escrevera um artigo relacionado com a comissão de serviço do inspector em Hampshire.

Bob apercebeu-se de súbito da sua presença e sorriu-lhe. Kate foi percorrida por um ligeiro arrepio. *Que disparate. Que idade tens tu?*, repreendeu-se. Hesitou, sem saber como o devia cumprimentar. Um aperto de mão ou um beijo na face?

O inspector Sparkes não se debatia com o mesmo dilema. Estendeu a mão e apertou calorosamente a dela.

– Olá, Bob. Muito gosto em ver-te.

– O mesmo digo eu, Kate – respondeu ele, sempre a sorrir. – Já lá deve ir mais de um ano.

– Mais perto dos dois – corrigiu, sem lhe largar a mão, a dar-lhe um último aperto.

– É Kate Waters, a jornalista de quem te estava a falar – apresentou-a Sparkes a um colega mais novo. – Kate, é o sargento Chris Butler.

– Ouvi falar muito de si – disse o jovem detective. – O chefe é o seu fã número um.

Kate e Bob coraram, e o sargento riu-se. Começaram os dois a falar ao mesmo tempo, a tropeçar nas palavras um do outro, até que se calaram. Foi Bob quem dirigiu a conversa para águas mais calmas.

– O que estás a fazer agora, Kate? Em que ferraste o dente?

Os olhos dela expressaram gratidão e expôs o que sabia em relação ao caso do bebé. Na verdade andava há dois dias a trabalhar no caso das despesas de um deputado – uma recomendação especial do editor – tinha dito Terry, mas o que lhe viera de imediato à cabeça fora o caso do bebé. Parecia pairar-lhe num recesso da mente, como uma melodia irritante. O seu bichinho do ouvido.

Mudou de assunto para as sórdidas justificações do deputado quanto a «entreter os seus constituintes», mas Bob interrompeu-a e voltou ao caso do bebé, para saber o progresso das investigações forenses e o historial da zona. O jovem detective começou a dar mostras de tédio e Kate percebeu que preparava uma desculpa para se afastar. Bob também deu por isso.

– Por que não arranjas uma bebida para a Kate, Chris? Vai morrer de sede se ficar aqui connosco.

O sargento Butler assentiu, perguntou-lhe o que queria e foi engolido pela turba.

Olharam um para o outro.

– Está aqui uma barulheira danada, Kate. Mal te consigo ouvir. É a idade… – disse Sparkes. – Chris não vai aparecer tão depressa, assim que Gordon lhe deite a mão. Vamos lá para baixo beber um copo em sossego.

Seguiu atrás dele, a reparar nos cabelos grisalhos e no alastrar da calvície. Mas continuava a ser um homem atraente.

Sentaram-se a uma mesa pequena e pegajosa, ele com uma *Diet-Cola*, ela com um copo de vinho branco quente.

– Então, esse bebé. Fazem alguma ideia de quem possa ser? – perguntou, a pegar de imediato no fio da meada.

Continua a não fazer conversa de circunstância, pensou Kate, a desistir da ideia de um *tête-à-tête* aconchegado.

– Que eu saiba não, Bob. Dizem que não foi recém-enterrado. Pode até ser histórico, mas continuam a fazer testes. Era um recém-nascido, e ouvi dizer, oficiosamente, que o agente encarregado do caso pensa que terá sido uma mãe solteira desesperada, num passado distante, quando a bastardia era um problema de peso. Não creio que ele esteja de facto muito interessado. Estão todos a pensar nos Jogos Olímpicos, no Jubileu de Diamante da rainha e nas ameaças de terrorismo.

– É claro que sim – concordou Sparkes.

– Escrevi sobre a descoberta do bebé, apareceu no jornal de sábado passado – acrescentou Kate. – Um artigo tão pequeno que nem o deves ter visto. Seja como for, não sei se conseguirei ir mais longe com a história. Se for uma

criada, terá pouco valor noticioso para os meus chefes. Pode dar um cabeçalho de página, mas não sei se valerá a pena esgaravatar no assunto.

Esperou pela reacção dele, ciente de que já se tinha alongado bastante. Não queria maçá-lo.

– Então e tu? Que tens andado a fazer? – perguntou quando ele não rompeu o silêncio.

Bob pousou o copo e sorriu para ela.

– Desculpa, Kate, estava a pensar. Neste momento estou encarregado de rever casos. Também é trabalho de polícia. Sabes se a Met já procurou nas pessoas desaparecidas? Devem ter procurado.

– Espero que sim, mas é difícil quando não sabem em que período devem começar. Porquê?

– A lista não é extensa, seja qual for a época. O rapto de bebés não é um crime habitual e o número dos que não são encontrados é diminuto.

Kate assentiu. Procurava lembrar-se de qualquer caso em que um bebé desaparecido não tivesse sido encontrado e entregue aos pais em poucas semanas, senão mesmo dias. Recordou o desaparecimento de um bebé alegadamente roubado de dentro de um automóvel. Mas todos os outros casos tinham tido um fim feliz.

– Lembro-me de três casos – disse Bob. – Um bebé roubado do interior de um automóvel, em Londres.

– Estava mesmo agora a pensar nesse – disse Kate. – Já se devem ter passado vinte anos.

– Sim, e logo a seguir outro levado do carrinho à porta de uma cooperativa, em Portsmouth – pode ter sido uma imitação – e uma recém-nascida raptada numa maternidade de Hampshire, na década de 1970. Alice, era o nome dela. Nunca mais foi vista.

– Desses não sei nada. Estiveste envolvido no caso de Hampshire? – perguntou Kate.

Sparkes soltou uma gargalhada.

– Francamente, Kate, não sou assim tão velho. Devia ter treze anos.

– Desculpa – e riu com ele. – Não fiz as contas…

– Lembro-me do caso por que uma das minhas tias teve um bebé por essa altura – continuou Sparkes. – E pôs à minha prima o nome de Alice. Durante algum tempo, ela e a minha mãe quase não falavam de outra coisa. Foi uma história que se arrastou, não foi o caso de um dia, como seria hoje, causou-me impressão e nunca me esqueci do nome.

– Mais uma das tuas crianças perdidas, Bob?

Conhecia a lista por causa do seu envolvimento anterior: Bella Elliot, é claro; Laura Simpson, levada pelo tio pedófilo; Baby W, sacudida pelo padrasto até à morte; Ricky Voules, afogado num parque. Bob Sparkes trazia-os sempre consigo – os que tinha salvado e os que considerava fracassos da sua carreira. Ao que parecia, a pequena Alice encaixava-se na lista.

– Dá uma vista de olhos aos teus recortes sobre crianças desaparecidas, Kate, se é que estás interessada. Vou fazer o mesmo com os nossos – disse, e Kate, que o conhecia, percebeu que o faria mesmo, pois não era o género de detective que deixasse passar qualquer coisa.

– Pode não ser nada, mas…

O raciocínio de Sparkes foi interrompido pela chegada do sargento Butler, a espreitar por detrás de um pilar.

– Discursos, chefe. Despache-se se não os quer perder – disse o jovem agente, corado de excitação.

– Vou já – disse Sparkes. – Sai poucas vezes de Southampton – murmurou para Kate, e sorriram um para o outro.

– Traz o teu vinho, temos de voltar lá para cima – disse Sparkes, mas Kate percebeu que o bebé encontrado nas obras não lhe saía da cabeça.

Tal como agora também acontecia com ela.

Capítulo 19

Segunda-feira, 2 de Abril de 2012

Kate

O que restava do pessoal do Arquivo de Consulta trabalhava nas entranhas do jornal, como trogloditas sobreviventes da revolução Google. Estavam reduzidos a meia dúzia de carolas excêntricos, uma versão barata do bar da *Guerra das Estrelas*, como diz o *Homem do Crime* (*costumava dizer,* corrigiu-se). Os seus tempos áureos tinham desaparecido com a chegada dos motores de busca da internet, mas continuavam lá, a destacar e a arquivar todas as notícias publicadas, fiéis ao seu conhecimento de peritos nas inovações do século passado até que o último recorte de jornal fosse digitalizado.

Kate sempre gostara de os pôr à prova com pedidos extravagantes: «Têm alguma coisa sobre viúvas que casaram com o irmão do marido?» Seguia-se uma pausa, durante a qual o arquivista desaparecia pelos corredores de ficheiros para reaparecer com um envelope castanho cheio de recortes intitulado «Casamentos: mulheres que casaram com os cunhados.» Nunca deixavam de a espantar.

Quando Kate empurrou a porta de vaivém do arquivo, inalou uma baforada de papel e peixinho-de-prata. Um cheiro que lhe recordava o passado, os tempos em que descia a escada a correr até ao arquivo quando surgia uma história, de consultas nas listas telefónicas do balcão à procura de um nome, de folhear recortes para localizar o elo de ligação vital que lhe forneceria uma pista para o trabalho.

Geoff Bridges, um tipo que usava o tipo de fato-macaco usado pelos tractoristas portugueses e que há décadas tinha o ar de quem estava à beira da reforma, ergueu a cabeça inclinada sobre a mesa de trabalho.

– Olá, Kate. O que podemos fazer por ti?

– Ando à procura de casos antigos de crianças desaparecidas, desde cerca de 1970 até meados da década de 1990.

– Pois vieste ao sítio certo – riu. – Coisas velhas são connosco. Tens um nome ou devo procurar em «Crianças desaparecidas, geral» para esse período?

– Só tenho um nome, Alice, parece que é, de maneira que talvez seja melhor ver todos os ficheiros.

– Alice Irving – acrescentou calmo Geoff, a vasculhar o seu arquivo de memória. – O bebé que desapareceu da maternidade, não é?

Os seus conhecimentos e memórias das notícias publicadas eram lendários.

Kate confirmou com um gesto da cabeça.

– Hmmm. Família de militar. Colocado em Hampshire, mais concretamente em Aldershot? Ou será Basingstoke? As suspeitas recaíram sobre a mãe, tanto quanto me lembro.

– A mãe? A sério? – perguntou Kate, a sentir o pulso acelerado. – Traz-me o processo dela também, se fazes favor.

No piso de cima, desempacotou os volumosos envelopes, acompanhada por Joe. Os recortes apresentavam uma cor amarelada e começavam a desfazer-se e Joe fez uma expressão de dúvida ao desdobrar com todo o cuidado o primeiro pacote de «Crianças desaparecidas, geral».

– Anda à procura da mãe de um bebé que desapareceu há entre vinte e quarenta anos? – perguntou, a franzir o sobrolho. – Porquê?

– Porque quero saber o que aconteceu, Joe. Chama-se interesse humano. Nem todas as notícias são sobre estrelas de telenovela ou políticos. Isto tem todos os condimentos para dar uma boa história. Sinto-o nas entranhas.

Joe fez um ar enojado.

– Isto nada tem de ginecológico, rapaz, é uma maneira de dizer.

Parecia melindrado e Kate sentiu-se mal. Estava a tornar-se um dos dinossáurios.

Percebia o desapontamento dele. Quando entrara para o *Post* talvez esperasse integrar uma equipa de investigação para desvendar uma qualquer

conspiração internacional.

– Vá lá, isto vai ser divertido – ouviu-se Kate dizer, como se falasse com uma criança recalcitrante.

Por que razão hoje em dia as coisas têm de ser divertidas para ter interesse?

– Estamos à procura de bebés que desapareceram sem deixar rasto. Um contacto meu sugeriu três hipóteses, mas só temos as datas e um nome possível.

Olhou para Joe, que a escutava, boquiaberto, e suspirou.

– Ficas com Alice Irving. Procuramos pistas para o paradeiro da mãe, Angela Irving.

Meu Deus, pareço um polícia a falar.

– Seja como for, precisamos de a encontrar e pode ser que nos artigos da época haja alguma pista.

– Pista?

– Pista, sim, Joe. Tal como nomes de parentes, moradas antigas, sítios onde trabalhou. Podemos contactar essas pessoas para saber a morada actual. Pode ter-se mantido em contacto. Estás a ver?

Joe assentiu, a contragosto. Sem palavras-chave nem motores de busca, sentia-se perdido.

– Muito bem. E que tal se começasses por procurar na net as certidões de nascimento e de casamento? – sugeriu Kate.

A expressão de Joe evidenciou mais interesse.

– Quanto mais informações tivermos sobre ela, nome de solteira, data de nascimento, esse género de coisas, mais fácil será encontrar-lhe o rasto – disse Kate. – Procura primeiro a certidão de casamento, é mais fácil. Nos recortes temos o nome do marido, Nick, com certeza Nicholas Irving, e o primeiro nome de Angela. Diz que tinham um filho de dois anos quando Alice foi levada, portanto é possível que se tenham casado pelo menos um ano antes de ele nascer. Procura todos os Irving que se casaram em 1967, está por ordem alfabética, e recua até ao princípio dos anos de 1960; se não encontrares, segue para a frente. No registo do casamento há-de constar o nome de solteira de Angela e a partir daí podes procurar os pais e os irmãos dela. Está bem?

Notou que o rapaz a fitava de olhos esbugalhados, sem tomar quaisquer notas.

– Toma notas, Joe. Os jornalistas tomam notas. Faz disso a tua regra de ouro.

Joe agarrou na caneta e escrevinhou os nomes enquanto Kate abria na net do computador dele os ficheiros Nascimentos, Mortes e Casamentos, a deixá-lo preencher os campos em branco e premir a tecla *enter*.

– Talvez seja melhor começares pela Mortes, para o caso de ela ter falecido – acrescentou. – Não vamos perder tempo à procura de um cadáver.

Enquanto Joe premia as teclas, Kate lia em diagonal os recortes dos anos de 1990. Encontrou rapidamente os raptos, um deles era de uma garota de seis meses, o outro de uma criança que já andava. Nenhuma delas tinha sido encontrada, mas não se enquadravam nas pesquisas sobre um recém-nascido. À cautela, anotou os nomes e as datas.

Quando pegou no processo de Alice, deparou-se com pelo menos cinquenta artigos, o último dos quais de 1999, quando os corpos de três bebés tinham sido encontrados em Staffordshire. Recordava-se do caso, tinha-se falado de incesto e a mãe/assassina, tinha sido internada num hospital psiquiátrico. Uma investigação que se tinha concluído antes de arrancar, e o homem do *Post* nas Midlands tinha feito a cobertura do julgamento, mas Kate tinha sido enviada para o local para tentar falar com a família, que a mandara dar uma volta. O que a deixara satisfeita. Pareciam o painel de actores do *Fim-de-Semana Alucinante*.

Regressou a Março de 1970, data do desaparecimento de Alice e examinou as fotografias de Angela e Nick Irving a saírem do hospital em Basingstoke, de mãos vazias. Observou com atenção as imagens a preto e branco e cheias de grão do jovem casal. A mãe parecia destroçada, a apertar os braços em volta do corpo, como se embalasse a sua desgraça. *Em vez do bebé*, pensou Kate, e desdobrou cuidadosamente o artigo seguinte.

Entretanto, Geoff tinha acertado em cheio. A cobertura inicial do desaparecimento de Alice dera lugar a artigos tendenciosos que sugeriam a possibilidade do envolvimento da mãe. A tese parecia decorrer das buscas

levadas a cabo pela polícia à residência dos Irving, três semanas depois do desaparecimento de Alice.

«Trabalho rotineiro de polícia», tinha sido o comentário oficial, mas os jornais tinham publicado fotografias de agentes a levarem coisas lá de casa. E de Angela a ser conduzida para uma viatura da polícia. De novo com os braços apertados em redor do corpo.

Seria a culpa que ela procurava segurar?, interrogou-se Kate enquanto anotava o nome do agente encarregado do caso. Tencionava procurá-lo, para ver se ainda estaria ao serviço.

Prosseguiu a pesquisa, a examinar títulos em busca do resultado do interrogatório, mas não encontrou mais nenhuma alusão. Tanto quanto lhe era dado ver, a senhora Irving não tinha sido acusada de nada, e quando chegou ao fim de 1970 os artigos sobre Alice já eram bastante mais curtos. Os últimos recortes assinalavam aniversários. *O que terá acontecido à pequena Alice? etc.*, além de o seu nome figurar em resumos de notícias sobre crianças desaparecidas e comunicados relativos a casos mais recentes.

Kate notou que Angela não era citada nos artigos sobre os últimos aniversários. Nos relatórios constava que ela e o marido se tinham mudado para o estrangeiro. Portanto, também ela tinha desaparecido.

O Registo de Eleitores *on-line* apresentava mais de uma dúzia de Angelas e Nicholas Irving disseminados pelo país, mas nenhum em Basingstoke. Kate revia as suas notas quando Joe anunciou que tinha concluído que Angela Alice Irving não tinha morrido; encontrara o seu casamento com Nick e o nascimento de dois outros filhos, Patrick e Louise, um deles casado e ambos a viver em Hampshire.

Kate sorriu. Tinham encontrado o rasto de Angela. E descobrira uma Angela Alice e um Nicholas Irving a residir em Winchester.

Telefonou de imediato a Bob Sparkes.

– Ouve, creio que encontrei qualquer coisa sobre o caso do bebé no estaleiro de obras. A bebé Alice de que falaste chama-se Alice Irving e a mãe, Angela, vive em Winchester.

– Ainda lá vive? – perguntou Sparkes.

Havia satisfação na sua voz. E não era homem para se entusiasmar facilmente.

– Bom trabalho, Kate. Será interessante ouvir o que ela tem a dizer. E quanto aos outros casos? Da garota no automóvel e do bebé no carrinho?

– Já os encontrei, mas creio que a idade não coincide. Já não eram recém-nascidos.

– Está bem. Mais alguma coisa sobre a investigação da Met?

– Não, nada. Neste momento está em curso uma gigantesca operação antiterrorismo. Estão pelos cabelos. Estou também à procura do agente que conduziu as primeiras buscas por Alice, o inspector Len Rigby. Por acaso não sabes se ainda é vivo, não?

– Vou dar uma vista de olhos e telefono-te se o encontrar. Já se deve ter reformado há algum tempo.

– Sim, as probabilidades são poucas.

– Bem, diz-me qualquer coisa quando vieres até cá – disse ele.

Kate sorriu.

– Com certeza. Agora vou telefonar à senhora Irving.

Capítulo 20

Segunda-feira, 2 de Abril de 2012

Angela

Desde manhã que tinha o pressentimento de que qualquer coisa iria acontecer. Um zumbido na cabeça. Nick estava em silêncio a examinar uma encomenda de tubagens ao armazenista enquanto comia os flocos de aveia, mas Angela sentia-se cercada por ruídos. Mal o ouviu despedir-se ao sair.

Sentou-se para acabar o café, com o número de Kate Waters à sua frente e prometeu a si mesma que faria o telefonema por volta da hora de almoço.

Mas o telefone tocou pouco antes do meio-dia.

– Bom dia, peço desculpa por incomodar, mas gostaria de falar com Angela Irving – disse uma voz de mulher.

Uma bela voz, pensou Angela. Educada. Calorosa.

– Sou eu. O que deseja?

– Oh, ainda bem que a encontro, senhora Irving. Chamo-me Kate Waters e sou do *Daily Post.* Gostaria de falar consigo por causa de um artigo que estou a escrever…

– Estava à espera do seu telefonema – disse Angela.

Seguiu-se um breve silêncio quando Kate Waters percebeu que a interlocutora se lhe tinha antecipado.

– Ah sim? – perguntou rapidamente. – Viu o artigo que escrevi na semana passada, senhora Irving?

– Sim. Pensa que o bebé é a Alice?

– É o que a senhora pensa? – perguntou a jornalista.

– Não sei. Tenho esperança – e Angela desfez-se em lágrimas.

Kate Waters aguardou que ela se recompusesse, a murmurar ao telefone que não desejara perturbá-la, que compreendia a emoção que devia sentir,

mesmo ao fim de tantos anos.

Quando voltou a falar, Angela apenas disse:

– Talvez seja melhor passar por cá. Tem a minha morada?

Kate Waters respondeu que estaria lá dentro de duas horas e as duas mulheres despediram-se.

Angela deixou-se ficar sentada no mesmo sítio até ouvir a pancada na porta. Só pensava em Alice. No dia em que tinha desaparecido. E nos dias que se tinham seguido.

Não tinha conseguido voltar à enfermagem. Não podia estar num hospital. O cheiro das enfermarias, os aventais engomados, os sapatos de atacadores, tudo a levava de regresso ao que perdera. Combatera o profundo desgosto em privado, em casa. Ambos o tinham feito. Patrick, o filho, tinha ido para casa da avó e a casa ressoava com o eco da sua ausência.

Angela e Nick sentavam-se a ver televisão, a ler o jornal ou a ouvir a rádio, mas acontecia sempre qualquer coisa. Uma canção estúpida de que gostara enquanto estava grávida, a menção do nome Alice, as palavras «bebé», «gravidez» ou «hospital» – ou mesmo nada – arrancavam-lhe uma torrente de lágrimas. Nick segurava-lhe na mão e procurava confortá-la. Dizia-lhe que a culpa não tinha sido dela. Estava num hospital. Devia estar em segurança.

Mas não estivera.

Quando as enfermeiras tinham chegado a correr, a escorregarem no linóleo do corredor atraídas pelos seus uivos, o berço já estava frio.

Capítulo 21

Segunda-feira, 2 de Abril de 2012

Kate

A viagem até Winchester foi mais fácil do que esperava, com pouco trânsito na M3, em geral engarrafada, mas a excitação de Joe por fazer «realmente» parte de um artigo – usava a palavra «realmente» pelo menos cem vezes por dia, reparou Kate – começava a pôr-lhe os nervos em franja. Esperava que a qualquer momento lhe perguntasse:

– Já estamos perto?

– O que lhe vamos perguntar? – tinha ele inquirido mal sentara o traseiro no automóvel.

– Acha que vai chorar? – perguntara ao colocar o cinto.

– Pensa que é o bebé dela? – quando Kate rodara a chave na ignição.

– Foi ela quem matou o bebé?

A pergunta fizera Kate distrair-se da mudança que devia meter.

– Por amor de Deus, Joe, vê se te calas – tinha dito Kate, a passar de segunda para terceira e para segunda. – Se entras por ali dentro a fazer perguntas dessas ela põe-nos na rua. Vamos deixar que seja Angela Irving a falar. Um interrogatório duro, à Paxman, não resulta neste género de situações. Ela não está na política. É uma mãe a quem roubaram a filha. Consegues imaginar o que ela sente?

Joe pigarreou

– Eu não faria essas perguntas.

Kate sorriu.

– Quando chegas a uma porta, qual é a primeira coisa que fazes? – perguntou.

– Bato?… – foi a resposta hesitante.

– Depois disso, pateta.

Fez um ar de quem revê os apontamentos da faculdade. Profundamente concentrado.

– Dizer-lhe quem somos? Somos jornalistas…

– Muito bem. E depois?

– Faço a primeira pergunta.

– À porta? Nunca, esperas que te convidem a entrar. Tens de criar empatia, um relacionamento humano.

Joe sacou do bolso o bloco-notas e começou então a escrever. Kate relanceou os olhos ao longo da página, à luz dos faróis dos automóveis que passavam. «Relacionamento» estava mal escrito. Suspirou e ligou o rádio.

O noticiário dava conta de uma manifestação em Banguecoque em prol de uma coisa qualquer – não escutou com atenção –, mas a palavra «Tailândia» interrompeu-lhe os pensamentos desordenados.

Vieram-lhe à memória Jake e as suas oportunidades desperdiçadas. *A Tailândia é para falhados*, disse para consigo, a sentir as lágrimas nos olhos. *Deixa-te disso, estás a trabalhar.* Endireitou os ombros e procurou descontrair-se. Se Joe não estivesse no carro, teria feito exercícios de respiração. *Não devo dar espectáculo ao miúdo.*

Joe não deu mostras de se ter apercebido da perturbação dela. Começou a papaguear sobre os Jogos Olímpicos, a sua equipa de futebol preferida, quem ia tocar no concerto do Jubileu de Diamante da rainha, numa corrente de consciência que a submergiu.

– Já foste à Tailândia, Joe? – perguntou quando ele parou para tomar fôlego.

– Já. É fantástico. Umas festas formidáveis.

– É isso. O meu filho está a pensar em lá ir.

– Ai está? Em férias?

Kate hesitou.

– Não, realmente não. Diz que se quer encontrar. Jake é um rapaz inteligente, mas tem dificuldade em se decidir por alguma coisa – acrescentou.

O «oh» de Jake deixou entender um mundo de possibilidades.

Quando por fim se desembaraçou do trânsito londrino, Kate pisou o acelerador e chegou ao desvio para Winchester mais depressa do que o permitido.

– Não sei quantos radares teremos activado – observou alegre Joe. – Realmente, é capaz de ser um recorde para a M3.

Kate ignorou o remoque e pôs o endereço no GPS.

– Vire à esquerda – ordenou a voz.

Kate obedeceu.

A casa de Bishop Street era a mais bem arranjada da rua: com uma parte geminada, um quadrado de relva à frente, vasos com narcisos e amores-perfeitos ao longo do caminho empedrado que dava acesso à porta. Kate abriu a cancela e seguiu à frente, com um sorriso já engatilhado.

– Mete a fralda da camisa para dentro, Joe – ralhou entredentes quando chegaram à porta. – Estamos aqui como jornalistas, não viemos para uma festa.

O rapaz corou, enfiou à pressa a fralda da camisa dentro das calças e puxou a franja para o lado.

– Desculpe.

Angela Irving abriu a porta quase de imediato, como se estivesse atrás dela, à espera. Pálida e de rosto sério, alisou os cabelos compridos e grisalhos e tirou os óculos. Quando os cumprimentou, parecia equilibrar-se ora num pé ora no outro. Não esperou que Kate iniciasse a conversa.

– Deve ser a Kate, não é?

– Exacto. Olá, senhora Irving. Muito agradecida por me receber. Sei que deve ser um momento difícil para si, mas espero que nos possamos ajudar.

– Eu também – disse Angela, a abrir mais a porta para permitir a entrada dos visitantes. – Entrem – disse por detrás deles.

Kate ouviu atrás de si Joe a respirar pela boca e amaldiçoou o facto de o ter trazido.

Na cozinha, o artigo de Kate ocupava o centro da mesa. À volta, pilhas de recortes cuidadosamente dobrados, cartas e o que lhe pareceu ser um

processo oficial.

– Sentem-se, se fazem favor – convidou Angela, ainda muito formal, enquanto colocava uma terceira chávena sobre um tabuleiro com café e biscoitos.

– Tirei algum do meu material para lhe mostrar. Para o caso de estar interessada na história …

Para mostrar o seu interesse, Kate pegou de imediato num artigo, mas não o leu. Era o mesmo que já tinha examinado no jornal, mas precisava de tempo para pensar.

Capítulo 22

Segunda-feira, 2 de Abril de 2012

Kate

Quando Angela Irving tinha chorado ao telefone, Kate julgara que o trabalho seria fácil. Que seria ela a orientar a conversa, mas as lágrimas de Angela tinham secado, e agora Kate sentia-se em desvantagem. Enganara-se ao pensar que a senhora Irving estava habituada a jornalistas. Tinha havido várias entrevistas nos anos subsequentes ao desaparecimento, o que podia funcionar de maneiras opostas. Podia ajudar se a entrevistada soubesse o que se esperava dela, para chegarem ao que interessava.

Contudo, Kate preferia pisar território virgem a terrenos batidos. Os novos entrevistados não usavam clichés gastos nem faziam citações estafadas. E com uma novata, Kate podia controlar a entrevista. Gostava de ouvir e persuadir o interlocutor a falar, inclinada para a frente e a olhá-lo nos olhos quando a situação ameaçava complicar-se. Mas Angela Irving parecia já ter preparado o que pretendia dizer.

Kate fingiu ler o recorte enquanto observava a mulher, atarefada por detrás do balcão dos pequenos-almoços. Parecia tudo muito profissional, mas notou-lhe a tremura das mãos que traía a energia nervosa em tensão sob a superfície. Havia de se arranjar.

– Senhora Irving…

– Trate-me por Angela, se faz favor. Senhora Irving… parece que está a falar com a minha sogra – disse Angela com um vestígio de sorriso. – Agora… – acrescentou enquanto servia o café – o que deseja saber?

Kate dirigiu-lhe um sorriso apologético e procurou responder no mesmo tom factual.

– Tudo, Angela. Se estiver bem para si.

– Com certeza – disse a mulher em voz baixa, ao mesmo tempo que se sentava.

Como ela não dissesse mais nada, Kate inclinou-se para a frente e perguntou:

– Sente-se bem, Angela?

A mulher abanou a cabeça.

– Desculpe, pensei que me ia fazer uma pergunta e eu respondia, como aconteceu com os outros jornalistas. Julguei que havia de aguentar. Mas esse *tudo* é esmagador. Não faço ideia por onde começar.

Os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas e Kate estendeu a mão para lhe tocar no braço, num gesto de simpatia e compreensão.

– Peço desculpa, Angela. Não quis perturbá-la. Vamos por partes. Por que não me fala da sua actividade como enfermeira? A minha mãe também é enfermeira. Onde se formou? Em Hampshire?

Não era informação de que precisasse, mas queria pôr Angela a falar e a descontrair antes de explorar o assunto delicado do rapto. As primeiras impressões de uma entrevista eram cruciais. Quando o jornalista age sem cuidado arrisca-se a vir porta fora com o bloco de apontamentos em branco.

Pela primeira vez, o rosto de Angela abriu-se num sorriso verdadeiro, talvez a pensar que tinha escapado ao tema melindroso.

– Sempre quis ser enfermeira. Já em criança dirigia um hospital de bonecas para as minhas amigas. Formei-me não muito longe daqui, em Basingstoke. Onde os meus filhos nasceram…

Hesitou, mas endireitou os ombros.

– Bem, dois deles. Louise por pouco não nasceu na Alemanha, onde estivemos colocados na década de 1970. Nick estava no Exército, mas isso já sabe. Viemos para cá, para ela nascer aqui.

Kate assentiu e instou-a a prosseguir.

– Em que sítio da Alemanha esteve, Angela? Foi já depois do desaparecimento de Alice?

O nome ficou a pairar no ar, entre as duas.

– Foi. Partimos depois de a polícia ter deixado de fazer perguntas estúpidas. Nick disse que precisávamos de começar de novo e o regimento ofereceu-lhe

um lugar lá fora. Por terem pena de nós.

Kate bebeu um gole de café para dar a Angela ocasião de se recompor.

– Deve ter sido muito difícil, estar longe de casa e da família num momento desses – observou gentilmente Kate.

– E foi – confirmou Angela.

A angústia daquelas semanas nunca se dissipara. Kate entreviu-lhe o sofrimento no rosto. Estava preparada para falar.

– Fale-me sobre esse dia, Angela. Fale-me sobre o dia em que Alice foi levada.

Capítulo 23

Segunda-feira, 2 de Abril de 2012

Angela

Tinha estado à espera daquela ocasião. Apavorada, mas desejosa de contar de novo a história. A dor de reviver aquele momento de perda tornava Alice mais real para ela.

Contou a Kate Waters como a noite tinha sido calma, como uma enfermeira tinha levado Alice para o quarto particular onde se encontrava, para mamar. Depois, Nick tinha ido para casa com Patrick, quando o garoto se mostrara cansado e começara a choramingar.

– As meninas ficam sozinhas – tinha dito Nick, que beijara as duas antes de carregar Paddy às cavalitas.

O beijo e a choraminguice do irmão despertaram Alice, que se mexeu, e Angela pegou nela e deitou-a na cama, a seu lado. Tinha tentado dar-lhe de mamar, mas a bebé recusara o peito, agitada e a fungar antes de voltar a adormecer.

Angela não se tinha preocupado muito; Alice era já o segundo filho e não tinha os receios que são habituais quando se trata do primeiro. Pensou que talvez os medicamentos que tomara para o parto tivessem deixado a bebé sonolenta, e que lhe daria de mamar mais tarde, quando ela estivesse preparada.

Envolveu a filha recém-nascida no lençol branco e macio do hospital para a manter quente e voltou a colocá-la no berço que estava ao lado da cama. Pegou na bolsa que continha o sabonete e na toalha de banho e dirigiu-se para o chuveiro em passo lento e deliberado.

– Antes disso, quando saí da cama, Nick disse que eu parecia o John Wayne a andar – disse ela a Kate.

Lembrava-se de ter rido, porque ele parecia mais feliz do que nunca. Talvez Alice os ajudasse a reconstruir a sua relação, como Nick tinha dito. Talvez fosse o virar de uma página, lembrava-se de ter pensado nisso ao caminhar devagar pelo corredor.

A jornalista está a olhar para ela.

– Desculpe – disse Angela –, estas recordações são tão dolorosas.

Kate bateu-lhe no braço.

– Leve o tempo que for preciso, Angela. Calculo que seja muito difícil para si.

– Não me recordo se voltei a olhar para a bebé antes de sair do quarto – continuou Angela, antes de a voz se lhe embargar.

Kate Waters levantou os olhos do bloco e fitou-a.

– Viu alguém no corredor, Angela? – perguntou com delicadeza.

– Julgo que havia um casal de visitantes, pessoas que já iam a sair da enfermaria, mas não reparei bem. Queria tomar um banho rápido antes de Alice acordar para lhe dar a mama.

Tinha ficado talvez dois minutos debaixo da água quente, mas a polícia disse que deviam ter sido dez. No hospital, o tempo prega-nos partidas estranhas. Por vezes os minutos parecem horas, outras vezes é como se não tivessem passado.

Quando regressou penosamente do banho, ainda húmida, a bebé tinha desaparecido.

Fez-se silêncio na cozinha. O único som audível era o tiquetaque do relógio eléctrico. Angela baixou os olhos para a mesa. Sentia agigantar-se dentro de si uma onda de pânico, como se fosse a primeira vez, as picadas na pele, a náusea repentina, os membros paralisados. Fechou os punhos no colo e continuou, desesperada por chegar ao fim sem soçobrar.

– Disse para comigo que uma enfermeira a devia ter levado. Procurei manter a calma. Recordo-me de dizer em voz alta: «Voltaram a levá-la para o berçário.» Pensei que tinha gritado «Enfermeira!», mas o pessoal disse à polícia que comecei aos gritos e elas vieram a correr.

– A bebé – perguntou-lhes. – Onde está a bebé?

E pela palidez dos rostos quando olharam umas para as outras, percebi que não sabiam. Ninguém sabia. Excepto a pessoa que a tinha levado.

Relatou a Kate a busca frenética em todos os quartos e enfermarias, que não produziu qualquer resultado além de um terror generalizado. Ninguém tinha visto nada. Era ao fim do dia e as que tinham sido mães pela primeira vez encarquilhavam-se sobre os pontos e os agrafos, a olhar receosamente para os filhos enquanto as mais experientes conversavam e discorriam sobre as experiências do parto. Nas enfermarias, as cortinas entre as camas tinham sido corridas para que as parturientes pudessem dormir, e quase todas as visitas já haviam saído.

– E enquanto tudo isto se passava, alguém entrou no quarto, pegou nela e levou-a.

Capítulo 24

Segunda-feira, 2 de Abril de 2012

Kate

Kate escrevia rapidamente em estenografia, sem nunca tirar os olhos da mulher sentada do outro lado da mesa. Quase nem precisava de fazer perguntas, apenas um ou outro estímulo ocasional quando eram necessários mais pormenores. O ritmo da narrativa de Angela abrandou quando atingiu o momento de voltar para casa.

– Deve ter-lhe sido difícil regressar a um quarto vazio – observou Kate.

Angela concordou em silêncio.

– Ficámos durante muito tempo no quarto de Alice. Mas ela não estava lá. Nunca lá tinha estado. Havia apenas um berço e um *mobile* com animais do Jardim Zoológico. Senti-me tão vazia por dentro.

– O que fez a polícia para tentar encontrá-la, Angela?

– As coisas do costume – respondeu Angela, a voz cansada do esforço. – Buscas, conferências de imprensa, procuraram por todo o país.

– Não havia nenhum suspeito? – quis saber Kate. – Devia haver montes de pessoas a entrar e a sair do hospital.

– Pois havia, mas ninguém viu nada. Foi como se ela se tivesse sumido no ar.

Esperou um pouco antes de acrescentar:

– Já sabe, com certeza, que ao cabo de duas semanas apareceram cá em casa a perguntar sobre os meus sentimentos em relação a Alice.

– Os seus sentimentos? Porquê? Para que foi isso? – perguntou Kate, sabendo do que se tratava. – Deve ter sido horrível para si.

Angela pareceu grata pelo comentário e confirmou.

– Também pensei o mesmo. Creio que uma das enfermeiras disse alguma coisa a meu respeito. Depois do parto, estava tão intoxicada com medicamentos que não sabia o que fazia. Talvez não me tenha mostrado maternal o suficiente. A polícia insistiu em perguntar por que razão a tinha deixado sozinha.

– O que lhes disse?

– Que ela estava a dormir e que julguei que estivesse em segurança.

– Pois com certeza – corroborou Kate. – Meu Deus, se uma criança não está em segurança na maternidade, onde estará?

As lágrimas corriam pelo rosto de Angela e Joe estendeu-lhe um maço de lenços de papel que tirou do saco.

– O que acha que lhe aconteceu, Angela? – perguntou Kate.

Angela enrolou um lenço em volta dos nós dos dedos e fechou os olhos.

– Alguém a levou. Nos dez minutos em que estive ausente do quarto, alguém entrou, tirou-a do berço e levou-a.

– Quem pensa que poderia ter feito semelhante coisa? – insistiu a jornalista.

– Não sei – deixou escapar Angela. – Ouve-se falar em mulheres tristes e homens malvados que raptam crianças. Mas não sei quem a levou. Dava tudo para saber.

As duas mulheres ficaram alguns minutos em silêncio, concentradas nas suas bebidas.

Para espanto de Kate, Joe de repente falou.

– Por que razão pensa que a criança encontrada no estaleiro de obras é Alice, senhora Irving?

Kate refreou a irritação. Tinha querido fazer aquela pergunta, mas não podia repreender Joe diante da entrevistada. Tentou dirigir-lhe um olhar de aviso, mas ele estava focado em Angela, a imitar a abordagem de Kate. E Angela olhava para o jovem com uma expressão afável.

– Tem alguma relação com Woolwich? – prosseguiu ele. – Alguém que conheça?

– Gostaria de dizer que sim – respondeu Angela. – Mas nunca estive em Woolwich. Tudo quanto sei é que tive um pressentimento quando li a notícia

no jornal. Um pressentimento de que se tratava de Alice. Sei que parece uma doidice, mas é o que é.

Kate soltou mentalmente um gemido. Nenhuma ligação, nenhuma pista. Não parecia provável que Alice fosse o bebé de Howard Street.

Mas não queria que Angela se apercebesse do seu desapontamento. Tocou-lhe de novo no braço e disse:

– Não parece nada doidice.

Capítulo 25

Segunda-feira, 2 de Abril de 2012

Emma

Já se passaram duas semanas e não apareceu ninguém à minha porta. Gastei imenso tempo – demasiado – a espreitar pela janela, à espera da chegada dos meus acusadores. A polícia, creio, mas há outras possibilidades. É curioso, quando penso na polícia imagino a figura antiquada de um *bobby*[2] a aproximar-se com um mandado de captura na mão. Como era naquele tempo.

Às vezes desejo que venham. Para acabar com este sofrimento. Mas não apareceu ninguém. Deixo-me ficar à janela e tento forçar-me a voltar lá para cima, para o meu trabalho. Mas o corpo não me obedece. Estou enraizada aqui. No meu lugar de vergonha. De volta ao princípio.

Paul está preocupado comigo. Vejo-o nos seus olhos, ouço-o na sua voz.

– Quando foste pela última vez ao *Doutor Gorgeous*? – perguntou-me esta manhã.

É uma piada nossa. O *Doutor Gorgeous* é o doutor Brenton, o meu maravilhoso médico de clínica geral, mas ao atribuir-lhe uma alcunha engraçada torna-se mais fácil falar sobre a «minha condição».

– Já lá vai algum tempo – respondo. – Pode ser que marque uma consulta.

– Boa ideia, Em. Ultimamente tens estado muito melhor, mas talvez precises de mudar para outros comprimidos.

É assim que falamos sobre as minhas angústias. Como se fosse uma dor de cabeça. Nada que me faça sentir envergonhada.

Não vou telefonar para o consultório. Não me estou a fazer difícil, mas o *Doutor Gorgeous* gosta de conversar sobre o que sinto quando o visito para lhe pedir receitas, e neste momento não estou em condições. Da última vez

que tive um dia mau, disse-me que gostaria que eu consultasse não sei quem – um especialista, disse ele – e eu respondi-lhe que não precisava. Gosto de o consultar a ele porque basta sentar-me e ficamos ali a conversar durante os oito minutos estipulados para a consulta enquanto ele me passa uma receita.

Um especialista havia de querer falar sobre a minha família. Sobre o que sinto em relação a Jude e ao meu pai ausente.

Teria de lhe contar que na adolescência fui procurar o meu pai, mas é uma coisa de que não posso falar. Porque não posso contar a história toda. Uma coisa levaria a outra e seria como desfazer a teia.

Faço a experiência, só para ver o que dá. Ouço-me a dizer:

– Começou com o Will. Bem, na verdade foi antes disso, mas foi a chegada de Will que desencadeou tudo.

Mas é tão longe quanto posso ir na zona perigosa.

No dia em que resolvi ir à procura do meu pai tinha tido uma grande discussão com Jude. A nossa vida fora virada do avesso com a chegada de Will. Jude estava obcecada. Ele apoderara-se da vida dela. E da minha. Não podíamos fazer nada nem ir a lado nenhum sem perguntar a opinião de Will, e se queria vir connosco.

Recordo-me também de haver muito mais cantorias na banheira, e que o odor do seu óleo de banho *Aqua Manda* tornava o ar espesso mesmo do lado de fora da porta. Mas aprendera a ignorá-la quando me chamava para entrar, propostas de paz que eu tinha prazer em rejeitar. Não falava noutra coisa que não fosse ele. Imagino quantos dos seus clientes continuavam na cadeia por causa daquela ridícula obsessão.

Contei a Harry, e ela disse que Jude estava a agir como uma admiradora fanática. Não gostei. Não gostei que ela chamasse aquilo à minha mãe. Que eu lhe chamasse coisas ruins, ainda vá, mas mais ninguém tinha o direito de o fazer.

Não contei a Harry que ouvi Jude dizer à nossa hóspede – a Barbara, do escritório – que tinha dormido pela primeira vez com Will depois do baile dos finalistas. Barbara achou muito romântico, mas a mim pareceu-me ordinário. A minha mãe já não tinha idade para ter aquelas conversas.

Jude estava a mudar. Dantes era tão séria e concentrada nas «coisas importantes da vida», uma categoria na qual me julgava incluída. Acalentava grandes projectos para a minha pessoa – ministra, cirurgiã, vencedora do Prémio Nobel, eram coisas que vinham a lume em tom de brincadeira, mas eu sabia que as suas expectativas eram altas.

Tínhamos aquilo a que Jude gostava de chamar «uma relação adulta». Conversávamos sobre política, livros novos e filmes que ela tinha ido ver, falava-me sobre os processos legais que tinha entre mãos e das situações terríveis a que as pessoas eram coagidas por Estados autoritários. Não conversávamos sobre estrelas *pop*, nem sobre rapazes ou coscuvilhices. Isso era o meu outro mundo. Dentro do meu quarto ou da cabina telefónica. Era na cozinha que interagia com a minha mãe.

E de um momento para o outro deixou de se interessar por mim. Andava ocupada a rapar as pernas e à procura de roupa interior a condizer dentro das gavetas da cómoda, a escarafunchar entre camadas de cuecas usadas e *soutiens* velhos.

Certa noite, quando eu estava a fazer os trabalhos de casa, apareceu na cozinha para se exibir com um vestido novo.

– O que achas, Emma? – tinha perguntado.

– Não te parece que já não tens idade para sair sem *soutien*, mãe? – respondi-lhe, usando a palavra proibida começada por *M*. Naquele momento odiei-a. Estava linda e feliz, e nada tinha a ver comigo. – A mulher que vive ao fundo da rua, e que Will tanto aprecia, também nunca usa, e tem um ar horrível – acrescentei.

– És uma cabra – atirou-me à cara.

Nunca antes me tinha chamado aquilo. Nunca tinha sentido necessidade, julgo. Eu também estava a mudar.

Depois de Jude sair, a atirar com a porta, dirigi-me para a cabina telefónica que ficava num extremo da rua. Eram quase oito horas e a cabina estava escondida nas sombras, entre o clarão de dois candeeiros. A única luz que tinha provinha de uma velha lâmpada que difundia uma claridade amarelada no interior, que cheirava a mijo e a charros. O chão de cimento parecia permanentemente molhado e manchado aos cantos, como se o último

utilizador tivesse acabado de puxar o fecho das calças e saído. Mas eu adorava aquela cabina. Era o meu espaço privado. Em casa havia um telefone, na parede do corredor, mas era como se todas as conversas fossem públicas, com Jude à escuta e mesmo a participar, quando assim o entendia.

Alinhei as moedas sobre a prateleira de metal, levantei o auscultador e comecei a marcar o número.

Perguntei ao pai de Harry se podia falar com ela. Era sempre muito educada, com a minha voz apropriada para falar com adultos. Ele detestava que incomodasse a filha quando estava a fazer os trabalhos de casa, mas eu fingia que telefonava por causa de um trabalho para a escola.

O pai dela costumava dizer que não percebia como tínhamos tantas coisas para conversar depois de um dia juntas na escola. Mas cedia sempre.

Ouvi o som dos passos de Harry, que descia a escada a correr, e depois a voz dela, esganiçada e furiosa.

– Pai, deixe-se de ouvir os meus telefonemas. Isto é privado.

Contei-lhe de Jude me ter chamado cabra e Harry ficou excitada. Adorava saber das desavenças dos outros.

– Estou farta de Jude e de Will – disse eu.

– Pois é – disse ela, mas eu sabia das suas apreensões.

O problema era que estava secretamente apaixonada por Will – por vezes não muito secretamente. Dizia que ele era *sexy*.

– Harry! Ele é tão velho – exclamei indignada da primeira vez que lhe ouvi aquilo.

Nunca lhe disse que a palavra *sexy* me punha o estômago em água. Tentava odiar Will por se ter intrometido na nossa vida, mas deleitava-me quando ele me piscava o olho ou me sorria. Era mais forte do que eu.

Os toques interromperam-me os pensamentos, a recordar-me que se tinham passado mais três minutos e introduzi na ranhura a última moeda de dez *pence* para podermos conversar sobre a vida social de Harry. Continuei a falar.

Recordei-me que ela tinha palmado uma nota de cinco libras do bolso das calças do pai para comprar um novo *top*. O roubo fora destinado a impressionar Malcolm Baker, a sua mais recente paixão. Parece que ele lhe

tinha sorrido no autocarro, e Harry imaginava-se a dançar um *slow* com ele na discoteca.

Para mim, o romance limitava-se às páginas dos meus blocos e diários. Nunca me tinha deixado arrastar fisicamente pelo amor – nem pelo desejo sexual –, insegura quanto ao meu aspecto e encantos e sem vontade de me submeter ao teste. Tinha havido alguns beijos babujados e inocentes nas traseiras da discoteca, copiados das histórias de *Jackie*, mas preferia escrever sobre a saudade de amantes imaginários. Nas minhas histórias não se corriam riscos. E havia muito menos cuspo.

E tive de ouvir as aterradoras explicações de Harry sobre a perda da virgindade. Quando me contou, perguntei-lhe como era, e ela disse-me que tinha acontecido com um amigo de Malcom Baker, depois da festa de Natal na discoteca.

– Doeu? – perguntei.

– Um horror. É horrível, mas depois torna-se melhor – tinha respondido Harry, a soprar um preservativo n.º 6 dentro do autocarro de dois pisos.

Calculei que só o tivesse feito uma vez, mas deixei passar. Ela gostava de representar o papel de amiga mais velha e sofisticada.

– Um horror? É mesmo? Meu Deus, acho que vou esperar mais algum tempo. Queres um? – perguntei, a estender-lhe um salgado de queijo e cebola, e passámos sem sobressalto para os nossos sabores preferidos.

Harry tinha tocado a campainha e descido apressada a escada para sair. Olhou para cima e disse-me adeus quando o autocarro arrancou pesadamente.

Harry sempre pensou que a minha incapacidade em arranjar um namorado se devia ao facto de não ter pai.

– Onde estão os homens da tua vida, Emma? Não é para admirar que sejas tão acanhada com os rapazes – tinha ela dito meses antes, da última vez que eu abordara a questão.

A ideia de trazer o assunto para casa fora dela, e foi o que fiz. Sem me alterar, sublinhei que metade do meu ADN pertencia ao meu misterioso pai. Jude reagiu, horrorizada.

– Mas tens-me a mim! – gritara. – E ele não quer saber de ti.

Apontou para a possibilidade de ele entretanto ter constituído outra família e que se lhe aparecesse só lhe iria arranjar problemas.

– Teria de explicar a tua existência à mulher.

Nessa noite, na noite da discussão, Harry disse:

– Manda-os à fava, Emma. Precisas de um pai a sério. Vamos à procura do teu pai.

E eu concordei.

Esperámos pela próxima saída de Jude e fomos ao quarto dela rebuscar entre as suas coisas, à procura de cartas e fotografias de antigos namorados. Tive tanto medo que ela nos apanhasse que fiquei à porta enquanto Harry empreendia as buscas. Instava Harry para que largasse tudo quando ela encontrou uma nota garatujada nas costas do diário de Jude de 1968. Dizia Charlie, e um endereço em Brighton.

– Devíamos lá ir – disse Harry. – Está na altura, e não fica muito longe – acrescentou, com o seu habitual espírito prático.

Para mim, era ir depressa de mais, mas concordei em enveredar por esse caminho. Demasiado tarde para voltar atrás.

---

[2] Alcunha que se dava aos agentes fardados. (*N. do T.*)

Capítulo 26

Segunda-feira, 2 de Abril de 2012

Emma

Devia aperfeiçoar o livro que estou a rever, mas distraio-me constantemente da frase que leio. A minha chefe mandou-me um *e-mail* a dizer que o caso está prestes a ser denunciado num jornal de domingo como obra de um drogado, de maneira que tenho de me apressar para que os editores consigam vender os direitos à imprensa.

Respondi que lho entregava ao fim do dia de amanhã, mas sou incapaz de me concentrar. Os meus olhos fogem do ecrã. Levanto-me para preparar uma chávena de chá e volto a sentar-me, determinada a continuar. Mas o chá arrefece a meu lado e o ecrã desliga-se enquanto fico sentada a pensar que tudo podia ter corrido de maneira diferente se eu e Harry tivéssemos encontrado o meu pai, em 1984. Se a história tivesse terminado em Brighton.

É claro que não terminou.

Quase tenho vontade de rir quando me recordo como tudo começou – uma estúpida aventura de colegial –, mas de facto não há nenhum motivo para rir.

Harry planeou tudo. Forjámos um bilhete para a escola a dizer que eu nessa tarde tinha consulta no dentista, e ela fingiu estar doente.

– Como estamos em turmas diferentes, nunca vão juntar dois e dois – disse ela. – Digo que tenho dores do período. A senhora Carr detesta falar nessas coisas.

Pobre senhora Carr, já devia ter perto de cem anos, e ser professora de Harry não era uma cruz fácil de carregar.

Harry escolheu uma quinta-feira por ser dia de jogos e sairmos à hora de almoço. E ali estávamos nós, na estação do comboio, prestes a concretizar o projecto.

Ainda nos vejo de pé, na gare. Duas garotas. Eu sem pronunciar palavra, concentrada no plano e a esforçar-me por não pensar no que ia dizer. Passava-me pela cabeça um tropel de perguntas, a ponto de me sentir estonteada.

Harry disse que era apenas um primeiro passo e para não ter muitas esperanças. Respondi-lhe que não tinha, mas era difícil não ter.

A verdade é que o meu pai tinha existido durante tanto tempo dentro da minha cabeça que não me era fácil pensar nele como uma pessoa concreta. Perguntava-me se seria parecida com ele, examinava as minhas feições ao espelho e questionava-me sobre quais teria herdado.

Há quem diga que me pareço com Jude, mas nunca fui dessa opinião. As amigas dela diziam que tínhamos os mesmos olhos. Bem, é verdade que ambas temos olhos azuis.

Não sei o que sentia por ir à procura do meu pai. Excitada, mas ao mesmo tempo muito, muito amedrontada. Não disse a Harry. Ficava de trombas quando entendia que alguém estava a ser imaturo.

Assustava-me a ideia de que ele não me quisesse conhecer, como Jude tinha dito, mas imaginei-o a abraçar-me, como naquelas histórias das pessoas que se reencontram. Como na *Heidi.* Quando pensava naquilo arrepiava-me e só tinha vontade de chorar, por isso escrevi sobre o assunto no meu diário. Fazia-me sentir melhor quando estava escrito. Em segurança na página.

Harry nunca falava em «segurança». Adorava a excitação, as encrencas. Em geral, eu não tinha problemas porque só ficava a ver e era o ombro onde ela vinha chorar quando as coisas corriam mal. Como quando começou a andar com aquele ciclista horrível. Os pais ficaram doidos, e o pai dela foi a casa do ciclista ameaçá-lo de ir à polícia se ele voltasse a aproximar-se da filha de catorze anos. Harry chorou durante dois dias.

Mas nesse dia de Janeiro de 1984, nessa quinta-feira em que fizemos gazeta, tudo tinha a ver comigo. Harry disse que era o meu «grande dia», mas a verdade é que eu preferia ter ficado para os jogos.

Já no comboio para Brighton, lembro-me de termos tirado o almoço que leváramos para a escola, o dela eram fatias de pão branco com presunto e salada de repolho, o meu, um bloco de macarrão integral preparado em casa,

com molho de ervilhas, limão e alho, e que ficámos em silêncio. O facto de estarmos a fazer aquilo deixava-nos um pouco atarantadas.

– E se ele for gordo e careca e beber da lata? – perguntou Harry.

– E se for milionário? Ou ciclista? – respondi.

Harry olhou-me de soslaio.

– E se tiver dez filhos e viver num bairro social? – insistiu.

Mal-grado a sua fama de rebelde, Harry era capaz de ser bastante conservadora – julgo que era influência da mãe. Jude dizia que a senhora Harrison era só «casacos de peles e nada de cuecas». Não sabia ao certo o que ela queria dizer com aquilo, mas dava-me vontade de rir.

Não disse «E se ele não me quiser ver?», mas a ideia não me saía da cabeça, e deitei a sanduíche para o cesto do lixo da casa de banho.

Quando o comboio entrou na estação, não me queria levantar. As minhas pernas pareciam geleia e Harry teve de me puxar do assento e entrelaçar o braço no meu.

– Anda lá. Vamos ver quem vive aqui. Não vamos dizer que andas à procura do teu pai que desapareceu há muito tempo sem que estejas preparada para isso. E se não gostarmos do aspecto das pessoas, vamos ao cais comprar algodão-doce. Está bem?

Concordei com um gesto da cabeça.

O endereço era de uma casa grande numa rua elegante, afastada da frente marítima. Mas não era uma casa como as outras. As janelas estavam entaipadas com tábuas e o jardim da frente apresentava-se descuidado e repleto de garrafas vazias.

– Harry, aqui não vive ninguém. Vamos embora – disse eu, feliz por ver que a provação tinha terminado antes de começar.

Mas ela não quis saber.

– Não sejas parva. Fizemos este caminho todo. Pelo menos devemos bater à porta.

E foi o que fez. Trémula, não fui além da cancela, pronta para fugir ao primeiro sinal de sarilho.

– Ninguém responde – gritou-me.

E já se vinha embora quando a porta se abriu e apareceu um homem alto, a esfregar os olhos como se tivesse acabado de acordar.

– O que quer? – perguntou.

– Conhece Jude Massingham? – interpelou-o Harry, sem rodeios.

O homem olhou para ela e riu.

– Jude Massingham? Cristo, é uma aparição do passado. Já lá devem ir mais de dez anos. Ou serão vinte? Era uma companheira, a miúda do Charlie. Quem é você, afinal?

O homem era bastante magro, envergava calças pretas justas, presas por um cinto castanho largo, com uma fivela curiosa que lhe cobria o umbigo, visível através da camisa, muito fina, apesar do frio que fazia, e usava um medalhão pendurado ao pescoço por uma tira de couro.

Conhecia Charlie. *Ele conhece o meu pai*, segredava-me uma voz dentro da cabeça.

Entretanto, Harry tagarelava com o desconhecido, a dizer-lhe que eu era filha de Jude e andava à procura do meu pai. Foi quando ele olhou para mim e imaginei o que estaria a pensar. Por alguns momentos, ninguém falou. Por fim, o homem disse:

– A propósito, o meu nome é Darrell. É melhor entrarem.

E foi o que fizemos.

Ainda hoje sinto o cheiro daquela casa: anos de óleo de *patcholi* subjacente à porcaria entranhada, sufocante e almiscarado como o velho casaco afegão de um *hippie*. Tão escura que tropeçava continuamente nas mais diversas coisas. Não sabia se eram pessoas, e fiquei assustada.

– Não temos electricidade outra vez – explicou o homem. – Alguém se esqueceu de pagar a conta.

– Por que estão as janelas entaipadas? – quis saber Harry.

– Por causa dos ladrões – respondeu ele com uma gargalhada. – Isto é ocupação selvagem, minha linda.

– Oh, nunca tinha estado num sítio destes – comentou Harry, a alimentar a conversa.

Durante todo aquele tempo não pronunciei uma palavra. Não conseguia imaginar nada para dizer excepto: «Sabe onde se encontra agora o meu pai?» Uma pergunta que não me saía da cabeça, para experimentar a sensação.

Para podermos conversar, levou-nos a tomar um café num estabelecimento da mesma rua e eu não tirava os olhos dele.

Quando a empregada chegou com o pedido, empurrou a minha C*ola* por cima da mesa e disse:

– Emma, é um lindo nome. Lembro-me muito bem da tua mãe. Era linda. Tive sempre um fraquinho por ela, mas era a miúda do Charlie.

Não sei porquê comecei a chorar e Harry sentiu-se envergonhada.

– Acaba com isso, Emma – ordenou, ao mesmo tempo que me estendia um molho de guardanapos de papel.

Mas não consegui, de modo que saímos para o passeio, onde esperámos que Darrell pagasse a conta.

– Vem cá – disse ele cá fora, a pegar-me na mão. – Vamos dar uma volta e falar um pouco acerca de Jude.

Harry olhou-me. Sentia-se posta de parte, o que não lhe agradava. Em geral era eu que ficava pendurada enquanto ela desaparecia com o novo namorado.

– Vê se regressas a tempo. Temos de apanhar o comboio das quatro – advertiu-me entredentes.

– Trago-a de volta a tempo – disse ele, enquanto se afastava comigo.

Capítulo 27

Segunda-feira, 2 de Abril de 2012

Kate

Ao saírem, Angela despediu-se dos dois com um beijo. O gesto íntimo tinha apanhado Joe de surpresa, mas Kate já o esperava. Tinham compartilhado os sentimentos mais profundos de Angela e naquele momento era como se fossem amigos chegados. Joe tinha dado um passo atrás, muito corado, mas Kate tinha correspondido ao abraço dela.

– Muito obrigada, Angela. Imagino como lhe deve ter sido difícil, mas você foi brilhante – disse-lhe, já à porta. – Mais tarde telefono-lhe para dizer quando virá o fotógrafo. Cuide de si. E lembre-se, se outro jornalista telefonar, «*Sem comentários*».

Angela sorriu, ainda sob o efeito catártico da confidência.

– Você foi a primeira a telefonar, Kate. Fico feliz por falar apenas consigo.

Durante a viagem, Kate chegara a pensar em oferecer-lhe dinheiro pelo exclusivo. Se a criança encontrada nas obras fosse Alice, seria uma história sensacional e outros viriam atrás dela. À cautela, tinha trazido consigo um contrato em branco, mas ao fim de alguns minutos sentada diante de Angela percebera que a simples alusão a dinheiro ditaria o fim do relacionamento. Aquela mulher não estava interessada em ganhar uns cobres. O que ela queria era saber o que tinha acontecido ao seu bebé. Mais nada.

Tinha de lhe inspirar confiança.

No carro, Joe não abriu a boca. O silêncio que pressagia as tragédias.

– Sentes-te bem? – perguntou Kate. – A conversa foi formidável, não foi? Mas não há nada que indique que o bebé possa ser o dela. Deus, espero que seja mesmo Alice.

– Sim – concordou Joe. – Como se aguentará ela se não for? Pobre mulher…

Kate estendeu a mão para lhe apertar os dedos.

– Pode ser que seja Alice, Joe, mas é uma hipótese remota. Não nos podemos entusiasmar demasiado antes de a polícia fazer os testes de ADN em Angela e nos restos mortais do bebé. Se houver correspondência, ficamos a saber que são da mesma família.

Joe fez um gesto afirmativo com a cabeça.

Ficou mesmo abalado, pensou Kate.

– Bem, vamos tomar um chá e telefonar a Bob Sparkes. Pôr isto a andar.



Atendeu o telefone com uma voz ausente.

– Sparkes.

Kate sorriu. Aquele laconismo começava a dar-lhe vontade de rir.

– Bob, é a Kate. Estou em Winchester. Falei com Angela Irving.

O tom de voz do detective alterou-se imediatamente.

– Olá, Kate. É bom ouvir-te. Como estava ela? O que disse?

– Está convencida de que o corpo é de Alice. Mas é só um pressentimento. Nada de concreto. Não encontra nada que a ligue à zona onde o corpo foi encontrado.

– Pobre mulher – comentou Sparkes. – Não se pode censurá-la por querer que seja o seu bebé, ao fim de tantos anos sem saber de nada. Já há novidades do pessoal forense?

– Por enquanto, nada. Precisamos que a Met recolha o ADN de Angela. Tencionava sugeri-lo ao detective encarregado do caso do estaleiro, mas estava a pensar que…

– Estavas a pensar em quê, Kate? Sinto que me estás prestes a pedir um favor – comentou com uma gargalhada.

– Teria muito mais peso se fosses tu a telefonar. Odeiam que seja um jornalista a sugerir estas coisas. Além disso, foste tu que me puseste na pista de Angela. E Alice foi roubada na tua zona…

Fez-se silêncio do lado de Bob Sparkes, um silêncio tão prolongado que Kate julgou que a chamada tinha caído.

– Só posso fazer isso se a senhora Irving me contactar por causa do corpo encontrado – disse ele por fim, em tom cauteloso. – Não quero pisar os calos de ninguém.

– Vou telefonar-lhe para lhe dar o teu número – atalhou rapidamente Kate, antes que ele mudasse de ideias.

– O meu telemóvel, não. Diz-lhe que ligue para a central. Não quero receber telefonemas às duas da manhã.

– Pois não. Como esta a Eileen? – perguntou Kate, a esforçar-se por parecer sincera.

Segundos os boatos que corriam entre os correspondentes, a mulher de Bob Sparkes nunca se tinha acostumado ao trabalho policial de vinte e quatro horas por dia.

– Eileen? Oh, está bem. Saturada com os meus horários de trabalho. E eu também, aliás.

– Bob – acrescentou ela –, apuraste alguma coisa sobre o inspector Rigby?

– Sim, sim, queria dizer-te que está de boa saúde e dirige um clube de automóveis clássicos perto de Esher.

– Formidável. Não tens a morada, pois não?

– Sabes que não te posso dar esse tipo de informação, mas tenho a certeza de que uma jornalista com o teu expediente não terá problemas em descobri-la.

O sorriso na voz dele era audível.

– Cá me arranjo. Obrigada por teres procurado.

– Está bem. Entrarei em contacto depois de receber o telefonema de Angela Irving.

A linha ficou muda.

– Então adeus – disse Kate.

Marcou de seguida o número de Angela e instou com ela para que falasse o mais cedo possível com o inspector Sparkes. A mulher pareceu entusiasmada e agradecida e Kate procurou refrear-lhe a adrenalina.

A chamada seguinte foi para Terry. Se não o contactasse arriscava-se a receber um telefonema dele quando menos esperasse. Queria estar preparada.

– Kate, onde estás?

Era sempre a primeira pergunta dele, mesmo quando conhecia o paradeiro dos seus jornalistas. O tom era sempre acusatório, como se tivessem desaparecido sem aviso prévio.

– Em Winchester, Terry. Tenho andado a seguir algumas pistas, já te tinha dito.

– Sim, sim.

O chefe não parecia satisfeito. Era evidente que acabara de ter uma conversa tensa com o editor sobre a lista de notícias. Kate amaldiçoou o momento que escolhera.

– Onde está a prova de que se trata do bebé Irving? – perguntou Terry. – Pura especulação, não é? Ouve, Kate, preciso de uma coisa sensacional, não de palpites. Isso não vai pôr os leitores a escreverem na net. Esquece. Já não é o nosso género. Gente famosa e a família real são o que agora conta. É isso que os leitores querem.

Deixou-o desabafar. Interrompê-lo seria prolongar a arenga. Quando por fim se calou, Kate disse:

– Anda lá, Terry, isto pode ser uma história fantástica, o *Post* a resolver o mistério de um bebé desaparecido que se arrasta há quarenta anos. E temos direito a um exclusivo se se confirmar que Angela é a mãe. Os leitores vão adorar. Deixa-me escrever o artigo e depois dizes-me o que pensas, pode ser?

O gesto final de submissão era um truque velho para que o chefe se sentisse no controlo da situação. E resultava sempre.

– Pronto, está bem. Já estás de regresso?

– Estou quase a partir, mas vou levar umas duas horas, e ainda tenho de bater a uma porta. Um polícia do inquérito original. Não faz sentido voltar para o escritório. Escrevo o artigo em casa e mando-to durante a noite.

– Boa sorte com a lista – acrescentou. – Acrescenta-lhe as mãos cheias de veias da Madonna. É um êxito garantido.

Terry soltou uma gargalhada seca.

– Sim, sim. Mas faz-me um favor, dá uma apitadela ao teu contacto em Kensington Palace. Para ver se há alguma coisa que possa melhorar a lista.

– Está bem. Telefono-te já a seguir.

– Cheira-me a sarilho. Há problema? – perguntou Joe.

– Não sejas parvo. Temos uma grande história entre mãos. Só precisamos que Terry se acostume à ideia. Preciso de telefonar a um contacto.

Ligou para o telemóvel de Flora.

– Olá, Flora, é a Kate. Como estás? Pensei em dar-te um toque para saber como vão as coisas. Já não falamos há bastante tempo.

Blá, blá, blá.

O seu contacto para a família real mostrou-se contente com o telefonema. Flora adorava conversar e da oportunidade de se pôr ao corrente dos mexericos que corriam na imprensa. Kate imaginou-a a fornecer pormenores suculentos sobre o casamento de um editor durante uma sessão de trabalho com o príncipe William.

Escutou atentamente enquanto Flora se queixava de um título publicado pelo *Sun* sobre um dos membros menos importantes da família real que se mostrava mais autoritário do que a rainha. Falou-lhe também do despedimento de uma funcionária da Casa Real.

– Andava a vender coisas no e-Bay. É incrível, não é?

A indignação de Flora fazia vibrar a linha.

– Impensável. Que roubou? Algum Vermeer? Não, seria difícil escondê-lo na carteira – disse Kate em tom ligeiro. Não a queria afugentar. – Deve ter sido um choque para toda a gente. Quem está a investigar? Quando vai ser acusada?

Quando acabou de esmiuçar a novidade de Flora, Kate agradeceu-lhe e antes de desligar prometeu-lhe um almoço agradável.

– És um amor – quase gritou de satisfação, esquecida da presença de Joe.

O rapaz pareceu espantado.

– Não é contigo. Tenho um presente para o Tio Terry.

Capítulo 28

Segunda-feira, 2 de Abril de 2012

Angela

Tinha sido engraçado, mas fora o garoto, e não a jornalista, quem formulara a pergunta que tanto receava. Por que razão pensava que o bebé encontrado nas obras era Alice? Não tinha uma explicação racional, não havia nada que a ligasse, nem ao bebé, nem a Woolwich, e receara que deixassem de lhe dar importância. O que não acontecera.

– Joe, o meu estagiário – tinha-o apresentado com ar superior Kate Waters, à chegada.

Mas tinha sido ele quem a pusera realmente à prova. Angela tinha respondido a todas as perguntas anteriores.

Tinha hesitado quando Kate dissera que queria saber «tudo», sentira-se de novo defronte dos detectives, mas recompusera-se. Era o problema de convidar jornalistas, não era? Nunca se sabe onde vão escavar. Antes que lhe perguntassem, resolvera aludir à investigação que a polícia empreendera a seu respeito. A notícia tinha sido publicada nos jornais daquele tempo, de maneira que tinha a certeza de que a jornalista a lera.

De qualquer modo, nada tinha a esconder.

A polícia sentira-se frustrada pela ausência de pistas, era tudo. Quando não encontraram mais nada, viraram-se para ela. Fora o que Nick dissera antes de eles chegarem. Mas nenhum dos dois estava preparado para o que se passou.

Tinham telefonado antes de ir lá a casa e Nick atravessara o átrio depois de desligar o telefone ao simpático inspector.

– Querem vir cá falar connosco, Angie. Sobre tudo e nada, espero – tinha ele dito, mas Angela percebera que ele estava inquieto.

– O que queres dizer com isso de «tudo e nada»? Há novas informações? Encontraram alguma coisa?

– Não, amor – tinha Nick respondido, a pegar-lhe na mão. – O inspector Rigby disse que queria falar connosco em sossego.

Quando chegou, o inspector vinha acompanhado de dois agentes, e enquanto Angela e Nick se sentaram com ele na saleta, os outros vasculharam e reviraram a casa de alto a baixo. Angela ficara sentada, imersa num silêncio estupefacto, enquanto o inspector Rigby formulava perguntas às quais não conseguia responder.

– Senhora Irving, quando foi a última vez que viu Alice?

Pela primeira vez não a tratava por Angela e Nick tinha reagido de imediato. Na defensiva. Táctica errada.

– Que raio de pergunta é essa? – tinha dito em voz alta. – Sabe quando Angela viu o bebé pela última vez.

– Tenha calma, senhor Irving. Só queremos ter a certeza absoluta de que conhecemos todos os pormenores. Como sabe, só temos uma testemunha e precisamos de verificar todos os factos.

– Uma testemunha? Apareceram oito ou nove pessoas a correr quando Angela gritou.

– Mas isso foi depois de ter dito que o bebé tinha sido levado, não foi? – perguntou o detective a Angela, que não levantou os olhos.

– *Ter dito* que o bebé fora levado? O que quer isso dizer? – berrou Nick. – O bebé desapareceu. Alguém o deve ter levado. Por amor de Deus, o que está a insinuar?

Angela estendera a mão para o marido, desejosa de que ele deixasse de fazer perguntas cujas respostas não queria ouvir.

Nick olhou para ela pela primeira vez. Imaginou o que ele veria, do que estaria à procura.

Sabia que estava a chorar, mas era como se observasse a sua reacção. Como naqueles momentos no quarto do hospital, logo depois do desaparecimento de Alice. Quando as enfermeiras tinham entrado a correr, sentira-se alheada. Por causa do choque, tinha sido o diagnóstico, mas não caíra bem à polícia.

– Por que não chora? – tinha ouvido uma agente segredar para um colega, à porta do quarto. – Eu faria um escarcéu se fosse a minha filha que tivesse desaparecido.

Mas Angela não fez. Todas as suas energias se concentravam no acto de respirar, de permanecer viva. Mas ninguém deu mostra de compreender. E agora estava ali a polícia, a insinuar que se tinha visto livre do bebé.

– Inspector… – articulou a custo, e o homem inclinou-se para a frente na cadeira.

– Sim, senhora Irving?

– Inspector, da última vez que vi Alice, ela estava no berço quando saí para tomar duche. Foi o que lhe disse quando chegou ao hospital.

O detective concordou.

– Mas por que deixou a bebé sozinha, senhora Irving?

Nunca lhe tinha feito aquela pergunta. *Que espécie de mãe é você?*

– O duche. Fui tomar um duche. Ela estava a dormir – gaguejou Angela.

O detective fitou Nick.

– A que horas o senhor e o seu filho saíram do hospital?

– Por que motivo está sempre a fazer as mesmas perguntas? – protestou Nick já em tom mais baixo, dominada a irritação. – Porquê?

O inspector Rigby esfregou as mãos nos joelhos.

– Temos de ter a certeza de que não nos está a escapar nada. Vocês não nos perdoariam se assim fosse.

Angela tinha assentido. Nunca poderia perdoar.

– Senhora Irving – prosseguiu o inspector, a assediá-la de novo com perguntas –, quais eram os seus sentimentos em relação a Alice?

A sala mergulhou no silêncio, apenas entrecortado pela respiração pesada de Angela.

– Não percebo o que quer dizer – articulou por fim. – O que sentia em relação ao meu bebé? Amor.

– Amor? – insistiu o polícia.

– Amava-a, sim. Por que razão está atentar confundir-me?

– E quanto a si, senhor Irving? O que sentia em relação a Alice? – perguntou Rigby sem levantar a voz, sem fazer drama.

Nick deixou-se afundar na cadeira.

– O mesmo. Peço desculpa, inspector, estou muito cansado, nem consigo pensar como deve ser – respondeu em tom exausto e indiferente, e Angela estendeu a mão para a dele.

Nervoso, o inspector pigarreou para aclarar a garganta.

Ainda há mais, pensou ela, agarrada à borda do sofá como se tivesse medo de cair.

– Sei que tem havido problemas no vosso casamento – arriscou o polícia.

Angela ergueu o olhar.

– Todos os casamentos têm problemas – disse e largou a mão de Nick.

– Que espécie de problemas têm tido? – insistiu afavelmente Rigby.

– É melhor perguntar ao Nick – disse Angela, a fechar os olhos.

Ouviu a voz do marido como se estivesse noutro compartimento, a gaguejar enquanto contava que a tinha traído.

– Foi um erro, inspector – dizia ele –, um erro terrível. Uma escapadela. Sem significado.

Deu-se conta de que empregava as mesmas palavras que tinha usado quando o confrontara.

Nessa altura também tinha hesitado. Dera-lhe a volta. Persuadira-a de que seria possível reparar os danos.

E ela tivera demasiado receio da alternativa para dizer que não. As vidas de ambos estavam entrelaçadas, não via maneira de as separar. A solidão de uma existência sem Nick ameaçava devorá-la e dispôs-se a enterrar a dor e a indignação. Nunca usara o nome da mulher, nem mesmo em pensamento. Era uma mulher sem rosto e sem nome – nunca a tinha visto, o que ajudava. Uma qualquer, que tinha seduzido o marido depois de uma noite a beber com os amigos.

Nunca teria sabido se não tivesse levado o casaco dele para a lavandaria. Por hábito, esvaziara os bolsos e encontrara parte de uma embalagem de *Durex* vazia.

– Só aconteceu uma vez, Angie – tinha ele dito a chorar. – Estava estupidamente embriagado. Por favor, perdoa-me. Amo-te tanto, a ti e ao Patrick.

«Vamos fazer outro bebé – segredara-lhe na cama, algumas semanas mais tarde. – Gostavas, não gostavas, Angie? Para nos aproximarmos de novo.

E assim fora Alice concebida. Como um aglutinante para o casamento.

O problema era não saber se ele já o tinha feito antes ou se continuaria a fazê-lo. *As pintas do leopardo nunca mudam*, era algo que não lhe saía da cabeça quando ele chegava a casa tarde ou saía durante uma hora. Contudo, se tinha repetido fora mais cauteloso.

Angela tinha aberto os olhos quando Nick chegara ao fim da sua confissão. O inspector estava sentado na borda da cadeira, a sopesar todas as palavras.

– Por que razão não nos falou nisto mais cedo, senhor Irving?

– Não vi que pudesse ter alguma ligação com Alice – respondeu Nick.

– E quem é a mulher com quem teve essa escapadela, como lhe chamou?

Angela cerrou de novo os olhos.

– Marian.

– Marian quê?

– Não, sei, nunca soube. Já lhe disse que foi um disparate de bêbedo. Não tem nada a ver connosco nem com o nosso bebé. Por que me está a perguntar? Por que razão está a desenterrar tudo isto?

– Temos de conhecer todos os antecedentes, senhor Irving – respondeu o detective. – Temos de saber tudo.

Capítulo 29

Segunda-feira, 2 de Abril de 2012

Kate

Quando chegou a casa de Len Rigby encontrou-o de joelhos, ocupado na jardinagem, a arrancar ervas daninhas e a atirar furtivamente lesmas para a sebe de alfena-japonesa do vizinho. Quando ouviu chamar pelo seu nome, levantou a cabeça, a piscar os olhos por causa do sol.

– Inspector Rugby? – perguntou Kate, encostada ao muro baixo de tijolo.

– Quem pergunta? – grunhiu o homem, a tentar levantar-se, apoiado no parapeito de uma janela.

– Deixe que o ajude – disse ela, já a abrir a cancela de ferro forjado e a entrar no carreiro. – O meu nome é Kate Waters e sou do *Post*.

– É mesmo? – E logo: – Eu consigo, obrigado – quando ela se aproximou.

Kate ignorou a recusa e estendeu-lhe a mão.

– Espero que me possa ajudar num dos seus casos antigos, inspector Rigby. Prometo não lhe roubar muito tempo.

Riu, permitiu que Kate o ajudasse e acrescentou:

– Tempo é o que não me falta. Vou pedir à minha mulher que nos arranje alguma coisa que se beba.

Conduziu Kate e Joe através da estufa das traseiras e desapareceu para anunciar à mulher a presença dos visitantes.

– Então, diga lá o que me quer perguntar – disse, a sentar-se devagar numa cadeira de vime.

– Alice Irving – respondeu Kate.

Não valia a pena estar com rodeios. Via-se que o inspector Rigby era um tipo directo.

– Ah! – disse ele, a pegar na chávena que a mulher lhe estendia e a pousá-la com cuidado numa mesa baixa, também de vime. – Obrigado, amor.

«A pequena Alice. No Hospital de Basingstoke. Desapareceu sem deixar rasto. Nunca foi encontrada – disse, a recapitular os acontecimentos da década de 1970. – Um caso muito estranho – acrescentou.

– Estranho como? – quis saber Kate.

– Bem, não havia testemunhas, além da mãe. Num hospital tão cheio como aquele. Lembro-me de termos falado com mais de cem pessoas que estavam no edifício nessa noite: mães, visitantes, enfermeiras, pessoal da limpeza, médicos, auxiliares, pessoal da manutenção, mas ninguém viu nada. Portanto, só tínhamos o relato da mãe para nos basearmos quanto à hora do desaparecimento da bebé. Sempre tive as minhas dúvidas quanto a ela. Angela, distante, reservada, e o marido tinha andado a pisar o risco.

– É mesmo? Nunca li nada disso nos recortes – disse Kate, a inclinar o corpo para a frente.

– Nunca publicitámos o assunto – disse ele, a bebericar o chá. – Guardámos silêncio enquanto investigávamos o marido, Nick, não é? Mas não chegámos a nenhuma conclusão. Tanto ele como Angela se agarraram como lapas aos respectivos testemunhos. E nunca apareceu nenhum corpo. É por isso que está cá? Surgiu qualquer coisa de novo?

– É possível – disse Kate, cautelosa. – Foi encontrado o esqueleto de um bebé num estaleiro de obras em Woolwich e ando à procura de possíveis elementos de ligação.

– Então é isso. Woolwich – disse ele, a rolar a palavra na boca. – Não, não me recordo de nenhum pormenor que os possa relacionar. O marido estava no Exército, sabe? Mas tudo isto já aconteceu há muito tempo e com a idade a minha cabeça já não é o que era.

– Tenho a certeza que não é verdade – objectou Kate com um sorriso.

– Bem, ainda devo ter alguma dessa papelada no escritório. Não diga à minha mulher, prometi-lhe deitar fora toda a tralha que trouxe da Polícia. Quer que dê uma olhadela? Tem tempo?

– Todo o que for preciso.

No escritório abundavam as fotografias de automóveis caros, cheios de cromados, e de carros de corrida. Joe apontou para uma delas e perguntou:

– É em Goodwood, não é?

Len Rigby aproximou-se para ver melhor.

– Sim, é isso. Todos os anos lá vou, ao Festival da Velocidade. Já lá esteve?

– Já, a minha mãe é convidada e eu saco-lhe um bilhete. Adoro aquilo.

– Não queremos roubar muito tempo ao inspector, pois não? – interrompeu-o Kate, a sublinhar o remoque com um toque no pé dele.

– Não, não. Vamos lá ver o material que guardei sobre os Irving – disse o detective, que piscou o olho a Joe.

Era um processo fino com notas escritas à mão e as expectativas de Kate esmoreceram de imediato.

– Ora bem – disse Rugby –, vamos lá a ver o que aqui temos.

Folheou os papéis – demasiado depressa para o gosto de Kate – mas de súbito parou e retirou duas folhas.

– Isto foram apontamentos que tomei depois de termos descoberto a aventura do marido. Quando o interroguei na presença da mulher, Nick Irving disse que tinha sido uma aventura de bêbedo e que nem sabia o apelido da fulana. Mas sabia. Telefonou-me no dia seguinte para mo dizer. Não queria que Angela soubesse. Investigámos a outra mulher, como se chamava? Ah, Marian Laidlaw. É ela.

Kate anotou o nome, depois de confirmar como se escrevia.

– Como era ela? – perguntou.

– O meu sargento falou com ela. Disse que era uma mulher decente e simpática, de trinta e cinco anos. Enfermeira, como a senhora Irving. Segundo ela, a ligação já durava há algum tempo. Tinham considerado a possibilidade de Nick Irving deixar a mulher, mas acabaram quando Angela descobriu.

– Enfermeira? – perguntou Kate, a sentir o pulso acelerar. – Caramba! Então conhecia a Angela? Trabalhava no hospital de Basingstoke?

– Não, infelizmente não – respondeu o detective. – Ficámos excitados, tal como você, julgámos ter encontrado um suspeito a sério, mas a menina Laidlaw tinha um álibi sólido como aço. Estava de serviço numa enfermaria

geriátrica em Southampton, a milhas de distância e com dúzias de testemunhas. Mais um beco sem saída.

– Não deixa de ser interessante – comentou Kate.

– Len, o jantar está na mesa – gritou a mulher do inspector.

– Bem, creio que já vos disse tudo quanto sei – rematou Rigby.

– Foi formidável – agradeceu Kate, que lhe apertou a mão com firmeza. – Não posso pedir-lhe emprestados os seus apontamentos por um dia ou dois? Prometo que os devolvo…

– Len!

Desta vez o grito soou mais insistente.

– Vou já, amor. Pode fotografá-los, mas não os pode levar. E tudo quanto lhe disse só pode ser usado como pano de fundo. Nada de me citar. Entendido?

– Tem a minha palavra – disse Kate, enquanto Joe começava a fotografar os papéis com o telemóvel.

Capítulo 30

Segunda-feira, 2 de Abril de 2012

Emma

Fui buscar os meus diários à mala que está debaixo da cama do quarto de visitas. Há anos que não olhava para eles, mas o bebé obrigou-me a rever como tudo tinha começado. Para o caso de a minha cabeça me pregar partidas.

São cadernos baratos de exercícios, repletos com uma letra miudinha. Os meus anos de adolescente. É curioso como divido a minha vida em blocos temporais. Como se eu fosse pessoas diferentes. Penso que era. Todos somos.

Quando os leio agora, sinto vontade de chorar por ela – por mim – e pela rapariga que podia ter sido.

Era tão jovem e inocente, nada como as miúdas de treze ou catorze anos de hoje que encontro no autocarro, a gritarem, a dizerem palavrões e a assustarem as senhoras idosas. A Emma adolescente escrevia sobre a sua vida como se fosse Jane Austen, a registar conversas e rivalidades na escola e em casa, a observar as pessoas que a rodeavam. Por vezes descrevia os seus sentimentos, como quando viu na cidade um rapaz de quem gostou. Usava palavras como «de sonho». E eram assim esses rapazes, alimento para romances imaginários e fins «felizes para sempre». Pobre Emma… Fora dos livros e dos diários, o mundo não era assim, mesmo que por vezes parecesse.

Darrell Moore foi o seu – o meu – primeiro *coup de foudre.* No caso dela, devia chamar-lhe amor à primeira vista. O que quer que tenha sido, foi devastador. Não devastador como antónimo de espantoso, como se costuma dizer nas notícias para descrever eventos menores. Mas devastador numa acepção esmagadora, selvática, dilacerante. Não conseguia pensar em condições.

O diário diz que fomos dar uma volta – há corações desenhados em volta das palavras – e lembro-me dele nessa primeira vez a acariciar-me o cabelo, a apertar-me os ombros e a enlaçar-me enquanto caminhávamos ao longo da marginal. Adorei. Não queria que parasse. Queria que tocasse cada centímetro do meu corpo. Era tão amoroso que me faltava o ar.

Fiquei de tal modo fascinada por Darrell que quase esqueci a razão da minha ida a Brighton. Já estávamos de regresso à estação quando lhe perguntei se sabia do paradeiro de Charlie.

Respondeu que não fazia ideia, que não sabia dele há anos. Até disse uma piada sobre ele se ter tornado corretor da Bolsa. Na ocasião não percebi onde estava a graça, não sabia que Charlie era músico quando conheceu Jude. Darrell disse-me que ele tinha escrito uma canção sobre ela. Sobre os seus olhos. Os meus olhos, disse Darrell, e beijou-me. Escrevi no diário que tinha sido o meu primeiro beijo a sério. Um beijo doce.

Pediu-me que voltasse, para o ver. Escrevi que naquele momento faria tudo o que ele me pedisse. E é verdade. Tinha treze anos e acabava de ser beijada pela primeira vez. Não via nenhum mal nisso. Estava apaixonada.

Foi então que apareceu Harry, furiosa por se sentir abandonada. Agarrou-me por um braço e levou-me para casa.

Lembro-me de olhar para trás quando nos afastámos, com Harry a fazer-me andar a toque de caixa. Darrell ficou de pé no passeio, rodeado pelos turistas e pela multidão que andava às compras, a olhar para mim até termos virado a esquina, quando me voltei debulhada em lágrimas.

Harry queria que me recompusesse, creio que estava um pouco assustada com o meu estado. Nunca me tinha visto assim. Por norma, eu era a pessoa sensata que a acarinhava e acalmava quando estava furiosa ou transtornada, mas naquele dia a enfermeira era ela.

Foi à casa de banho do comboio e trouxe papel para me limpar, mas era como se qualquer coisa se tivesse partido dentro de mim.

Harry julgou que eu chorava por ter sido um fracasso – não assistiu ao beijo carinhoso nos lábios – e tentou ajudar-me dizendo coisas horríveis a respeito de Darrell.

– Cheira mal. Como o pão bolorento. Não deve tomar banho.

Disse-lhe que ele desconhecia o paradeiro do meu pai e fingi adormecer para não ter de falar mais.

Harry não insistiu, felizmente maçava-se depressa – e começou a falar no homem da banca de doces que metera conversa com ela.

Tinha umas manchas horríveis, mas oferecera-lhe um algodão-doce.

Capítulo 31

Segunda-feira, 2 de Abril de 2012

Jude

A cafeteira fervia com fúria, mais uma vez se tinha esquecido de colocar a tampa, de modo que a desligou da ficha. Tinha estado assim o dia todo, a perder coisas, a arrumá-las no sítio indevido. Na sua cabeça só havia lugar para Will.

– Por amor de Deus! – exclamou em voz alta. – Já não tens idade para ficares assim por causa de um homem.

E soltou uma gargalhada, alegre com as sensações que sentia renascer.

Imagino qual será o aspecto dele agora, pensou pela enésima vez, a alisar o cabelo e a erguer a cabeça para disfarçar as rugas do pescoço.

Marcou pela décima vez o número de Emma, mas pousou o auscultador antes de a ligação se estabelecer. Precisava desesperadamente de falar com alguém a respeito de Will, mas depois do que se passara na véspera sabia que a filha não estaria interessada em ouvi-la. No entanto, Emma era a única pessoa que conhecia Will tão bem como ela. *Já se deve ter habituado à ideia*, disse para consigo, e pegou de novo no auscultador.

– Emma, sou eu. Como vai o trabalho?

– Olá. Ia telefonar para te agradecer o almoço de ontem – disse Emma.

– Desculpa ter dito que estavas a ficar doente, Emma.

Precisava de a apaziguar tão depressa quanto possível, para poder falar de Will.

– Não faz mal – disse Emma, numa voz mais alegre. – Desculpa o meu estado de espírito. Tenho andado cansada.

– Talvez andes a trabalhar demasiado. Seja como for, foi bom ver-te. Para te dar a novidade.

O silêncio de Emma foi como o rebate de um sino, mas Jude ignorou-o e insistiu em falar sobre o telefonema de Will, do local onde se deveria encontrar com o antigo namorado, o que levaria vestido, qual seria o teor da conversa.

Quando parou para respirar, Emma disse:

– Pergunto a mim mesma qual será o aspecto dele hoje.

– Estava a pensar nisso, Em – replicou de imediato. – Era tão bonito, não era? Estávamos ambas apaixonadas por ele, não estávamos?

– Hmm, bem, eu não estava – respondeu Emma numa voz tão abafada que Jude teve de apurar o ouvido para a perceber.

– Que disseste?

– Disse que eu não estava – repetiu Emma, desta vez em tom mais audível.

– Oh, Em, é claro que estavas. Estavas sempre lá, pendurada em todas as palavras dele. Até foste com ele àquela festa. Lembras-te?

Conseguia vê-la, toda olhos e pernas atraentes de adolescente, de pé à porta da cozinha, a desviar para si as atenções de Will. Por vezes Jude irritava-se e Will troçava dela por causa dos seus ciúmes.

– Bem, exerceu certamente um grande impacte em mim – concordou Emma. – Isso é verdade.

– Estás a ver? – disse Jude.

– Qualquer homem adulto o teria feito – contrapôs Emma. – Se é que te lembras.

– Meu Deus, não vamos voltar à história do papá desaparecido, Em. Will não era teu pai.

– Pois não. Não era.

Hesitou e Jude esperou que ela verbalizasse.

– E fez que me pusesses fora de casa quando tinha dezasseis anos.

– Não foi ele – atalhou Jude com brusquidão. – Foi uma decisão minha, por causa do teu comportamento. Era impossível viver contigo e estavas a criar uma barreira entre nós.

– Entre ti e mim ou entre ti e ele? – perguntou Emma.

– Ambas. Tentavas obrigá-lo a sair com as tuas birras e mentiras.

– *Mentiras?*

– A dizeres que o tinhas visto a conversar com outras mulheres. A tentares destruir a nossa relação. Não podes negar, Emma.

– Não estou a negar. Vi-o mesmo na conversa com aquela mulher que vivia ao fundo da rua.

A fúria voltou a apoderar-se de Jude – contra a filha e contra ela.

– Foi inocente – sibilou entredentes. – Ela negou tudo.

– Era o que lhe competia, não era?

– Escuta, sei que não fui uma mãe perfeita, mas também não eras uma filha ideal.

– Mas a adulta eras tu, Jude – contrapôs Emma, a retomar os velhos temas de discussão. – De qualquer modo, o que me surpreende é que queiras voltar a vê-lo. Foi ele quem te deixou.

– As coisas agora são diferentes – rematou Jude com firmeza, a dar por encerrado o assunto.

Mas na sua cabeça, uma voz segredava: *E sinto-me tão só.*

Devia ter continuado a trabalhar. Foi uma estupidez reformar-me tão cedo.

Tinha abandonado a advocacia quando os pais morreram e lhe deixaram algum dinheiro.

– Estou farta disto tudo – tinha dito. – Vou ser uma senhora com tempo livre. Para ir aos concertos e aos museus.

Mas nunca se habituara aos tempos livres. Irritava-se sempre. De facto, irritava-se com a vida.

– Bem, isso é lá contigo, Jude. Mas tem cuidado – disse Emma.

Mais tarde, a frase ficou a ecoar na cabeça de Jude. Mas calou-a. *As coisas mudaram*, disse para consigo.

Capítulo 32

Segunda-feira, 2 de Abril de 2012

Emma

Tenho a cabeça cheia de Will Burnside e descobri que desenhei no bloco o esboço de um homem magro. O lápis furou o papel quando recordei os meus últimos dias em Howard Street. A casa fedia a desespero. Parecia escorrer pelas paredes e entranhar-se na comida.

Recordo-me das trocas de palavras sibilantes e dos murmúrios entre Will e Jude, do laconismo dos telefonemas urgentes, das portas que se fechavam. E da minha exclusão. Como podia Jude dizer que eu estava apaixonada pelo professor Will?

O desenho está na mesma página onde escrevi o nome da jornalista. Kate Waters. Faço um risco sobre as palavras, a conjecturar como poderei falar com ela sem abrir o jogo. Preciso de saber o que ela sabe. Talvez a possa despistar. Mandá-la para longe de mim.

Podia falar nos drogados, pensei, e páro de desenhar.

Dou uma olhada ao capítulo em que estou a trabalhar e anoto o primeiro nome que me aparece.

– Olá, chamo-me Anne Robinson e vivi em Howard Street – experimento dizer. – Sabia que lá na rua havia uma casa de drogados? O bebé deve ser deles.

Soa-me inseguro e muito teatral, de maneira que experimento de novo, procurando mais naturalidade:

– Olá – repito, num tom ainda mais forçado.

«Esquece – e atiro com a caneta para longe.

Mas sei que acabarei por fazê-lo. É uma boa ideia. Irá no rasto daqueles desgraçados que viviam no 81. Desde que Jude os mencionou tentei recordar-

me deles como um grupo, não individualmente, com os cabelos sebentos e os braços esqueléticos tatuados e marcados pelas agulhas. «Os mortos-vivos», como Will lhes chamava.

E se ela fizer perguntas?

Fico a pensar, a roer as peles dos cantos das unhas. Começo a escrever os pormenores que me acodem à memória. Havia uma rapariga chamada Carrie. Viveram lá durante alguns anos. Pelo menos pareceu-me. Creio que se foram embora antes de mim, em 1985, julgo. O senhorio pô-los na rua uma manhã bem cedo. A tralha deles espalhada no passeio – copos de plástico amarrotados, embalagens de massa abertas e a derramar, lençóis manchados, fatos-macaco velhos. Os drogados não levaram nada com eles. Ficou tudo espalhado no chão até à passagem dos homens do lixo, que atiraram o material à pazada para dentro do camião. Até hoje tinha-me esquecido de tudo isso. Relegado para longe, como tudo o resto.

Pronto, já tenho a minha história. Entreguei-me à tarefa que me tinha proposto. Marquei o número do *Daily Post* e fiquei à espera.

– *Daily Post*, em que lhe posso ser útil? – chilreou uma mulher.

– Ehh, será possível falar com Kate Waters? – pergunto, já a soar como uma impostora.

– Vou transferir a chamada.

– Boa tarde, fala Kate Waters – diz uma voz.

E tudo começa.

A frase inicial cuidadosamente elaborada foge-me da memória e gaguejo.

– Alô, é Kate Waters? – embora ela tenha acabado de o dizer.

– Sim.

Desta vez a voz soa mais áspera.

– Desculpe, é que nunca falei com um jornalista – justifico-me, a atropelar as palavras.

– Não faz mal – diz ela. – Em que a posso ajudar…?

Durante uma fracção de segundo não me consigo recordar do nome escolhido, até que digo num repente:

– Anne. Anne Robinson.

– Então, Anne, o que posso fazer por si?

– É por causa do bebé que encontraram nas obras – e ouço do outro lado um «oh!» abafado. – Eu vivi em Howard Street, sabe?

– Ah, sim? E quando foi isso, Anne?

– Desde o princípio dos anos de 1970 até meados da década de 1980. Li o seu artigo na outra semana e pensei logo em ligar-lhe.

– Ainda bem que o fez, Anne.

Sempre que profere o meu nome, pergunto a mim mesma: *Quem é essa Anne?*

– Que idade tinha na altura? Despertou-lhe alguma recordação, Anne?

– Mais ou menos – digo. Não me posso mostrar muito segura. – Saí de lá quando ainda era adolescente. Era uma casa alugada, vivia com a minha mãe.

Estou a falar de mais. A acrescentar pormenores que não tinha apontado. Tenho de me cingir ao plano.

– É que nesse tempo havia ao fundo da rua uma casa de drogados, heroína e essas coisas, e pensei se não estariam ligados a isso. Ao bebé.

– Exacto. Isso é muito interessante. Em que número viviam? Conhecia algum deles? Recorda-se dos nomes?

As perguntas amontoam-se à minha frente. Sento-me e respiro fundo enquanto ela continua a explorar as minhas mentiras.

– Penso que uma das raparigas se chamava Carrie. Mas não falava com elas. Ninguém o fazia, aliás. Foram despejados pelo senhorio quando os vizinhos se queixaram da desordem e do mau cheiro.

– Quais vizinhos? – perguntou Kate.

– Não sei ao certo.

– É mesmo fantástico que tenha telefonado – disse Kate Waters. – Tenho andado à procura de pessoas que viveram em Howard Street nos anos de 1970 para perguntar se se lembram de alguma coisa. Crianças desaparecidas, e assim.

Está a falar do que sabe e procuro sacar-lhe mais informações.

– Anda à procura de quem? Quem encontrou?

– Espere aí, tenho uma lista. Importa-se que a leia para ver se reconhece alguém?

– Claro que não – digo. – É tão misterioso, não é…?

– Absolutamente. A polícia parece não fazer ideia do que terá acontecido – diz Kate, e respiro de alívio. Mas nesse momento acrescenta: – Agora estou na pista de algo interessante. É um tiro no escuro, mas pode dar uma história incrível.

– Ah, sim? – saiu-me num guincho, mas antes de formular outra pergunta ela interrompe-me para ler a lista dos antigos moradores de Howard Street.

Jude consta da lista, e hesito por um instante antes de dizer «Não». Espero que não tenha reparado e procuro distraí-la com mais informações sobre a senhora Speering e para lhe perguntar se já foi a Howard Street.

– O quê? Ah, sim, claro que fui. Já lá estive duas vezes. Na verdade vou lá hoje, mais tarde. Ao *pub*.

– O Royal Oak – digo.

– É isso. O seu estabelecimento local, imagino.

Murmuro qualquer coisa sobre não ter idade para o frequentar.

Ri e volta aos nomes. Quando chega ao fim diz:

– É curioso. Não há nenhuma Anne Robinson na minha lista.

– Não, como lhe disse ainda era criança, portanto não figurava no registo de eleitores – apresso-me a responder.

– Claro. Mas disse que vivia com a sua mãe, não disse? Ela devia constar da lista, não é?

– Hmmm, sim.

– Deixe-me ver outra vez. Não, não há cá nenhum Robinson.

– É o meu nome de casada – gaguejo.

Olho para o bloco em busca das respostas anotadas, mas não há mais nada para dizer.

Tenho de acabar com isto antes que ela me faça mais perguntas.

Enrolo o punho na camisola e bato no tampo da mesa.

– Desculpe, está alguém a bater à porta, tenho de ir…

– Anne, tenho imensas coisas para lhe perguntar. Pode dar-me o seu número para lhe ligar mais tarde?

– Desculpe, desculpe, tenho mesmo de ir – repito em voz trémula, e pouso o auscultador.

Escrevo tudo o que ela disse e começo a planear o que hei-de dizer da próxima vez que lhe ligar.

Capítulo 33

Quarta-feira, 4 de Abril de 2012

Kate

Passaram-se dois dias até Sparkes, Angela Irving e o agente encarregado do caso marcarem o teste de ADN de Angela.

– São só três telefonemas – disse Kate para Joe. – Como podem levar tanto tempo para marcar um encontro?

A sua frustração era amplificada pelo jogo do gato e do rato com o chefe da redacção, de súbito interessado em envolver Kate em todas as histórias que lhe caíam na secretária.

Conseguiu matar no ovo três das ideias de Terry antes de Bob Sparkes lhe deixar por fim uma mensagem no telemóvel.

«Contacto estabelecido com Angela Irving. Pormenores transmitidos aos rapazes de Londres. Falarei em breve.»

Antes de lhe telefonar, recebeu uma chamada de Angela. Tão agitada que se esqueceu de dizer «olá».

– Kate, vou amanhã a Londres, disse que era melhor lá ir do que eles virem cá. Querem fazer-me um teste para comparar com Alice… com o bebé.

– Olá, Angela – saudou-a Kate, num tom deliberadamente neutro.

Mal-grado a sua vontade, os seus sentimentos em relação à mãe enlutada tinham sido afectados pelas informações do inspector Rigby. O detective tinha falado numa Angela que Kate não conhecia e as palavras «distante e reservada» tinham calado fundo na sua cabeça.

– É muito bom que queiram fazer os testes, mas não nos devemos entusiasmar em excesso.

– Pois é, desculpe. Não consigo evitar. Não pode imaginar qual é a sensação, ao fim de todos estes anos, de estar tão perto de saber o que aconteceu.

– Claro que sim. Mas as notícias podem não ser boas, Angela – advertiu Kate.

Angela fez uma pausa.

– Eu sei. Tento manter a calma. Mas é difícil. E nem sei o que poderão ser boas notícias. Qualquer que seja o resultado, será sempre uma má notícia, não lhe parece? Se for ela, o meu bebé está morto. Se não for, vou continuar neste limbo terrível. Mas pode restar alguma esperança. Meu Deus, já nem consigo pensar devidamente.

– É claro que não consegue. Deve estar a viver horrores – disse Kate para a acalmar. – Deve ser uma comoção muito forte para si. E o seu marido?

– Nick? Está tão ansioso como eu – respondeu Angela.

Kate apercebeu-se de uma mudança de tom.

– O seu marido vem consigo amanhã?

Mais uma pausa.

– Ainda não lhe perguntei. Penso que tem muito que fazer.

Ela não lhe disse, pensou Kate. *Interessante*. Mudou de assunto.

– Com quem falou na Met, Angela?

– Com um inspector Sinclair.

– Como reagiu ele?

Kate duvidava que a Met levasse a sério a nova pista.

– Foi simpático. Mas não me revelou nada. Só disse que iam fazer o teste com um esfregaço e que depois falavam comigo.

– Não lhe disse nada sobre os resultados forenses?

– Não. Para ser franca, nem sei se já começaram os exames. Foi o que disse o inspector Sparkes. Um homem muito agradável – acrescentou.

– Pois é. Quer encontrar-se comigo depois para tomarmos um café? – perguntou Kate.

Mantém-na por perto, à cautela.

– Maravilhoso, muito obrigada. Tenho de lá estar às dez. O senhor Sinclair disse que só demorava alguns minutos.

– Mas também vão querer falar consigo a respeito de Alice, Angela Não vai ser apenas um esfregaço na boca. Seria bom que trouxesse consigo todos os documentos que possui. Tudo ajuda.

– Sim, vou levar. Posso telefonar-lhe quando acabar?

– Com certeza. Vou lá ter consigo.

Quando telefonou a Bob Sparkes, este atendeu de imediato.

– Kate. Tudo tratado?

– Sim, obrigada, Bob. Angela vem cá amanhã. Está num estado de nervos terrível. Espero que sejam simpáticos com ela. O que disse o inspector Sinclair quando lhe telefonaste? – perguntou, a mencionar o nome para mostrar que estava por dentro.

– Não se mostrou muito esperançado. Julga que é impossível. É muito difícil identificar um bebé que esteve enterrado durante décadas. Os recém-nascidos não têm os ossos formados, de modo que não há muito material para testar o ADN. E o que possa existir deve estar demasiado degradado para ter utilidade. Como sabes, um recém-nascido não pode constar da base de dados, de modo que é preciso enveredar pelo mundo impreciso do ADN da família, tentando encontrar os pais com meio perfil. Não parece provável que se encontre uma correspondência.

– Já fizeram alguns testes? – quis Kate saber.

– Só os mais básicos, mas têm de fazer muitos mais. Disse que havia um saco de plástico e coisas que pareciam restos de papel agarrados aos restos, portanto não pode ser anterior aos anos de 1960, quando apareceram os primeiros sacos de plástico no Reino Unido, mas nada de mais concreto no que respeita a datas. Ouve, não deposites demasiadas esperanças nisto, Kate. Vamos ver.

Kate recusou-se a partilhar da visão negativa dele.

– Claro que é uma hipótese remota, mas tenho um pressentimento em relação a isto, Bob.

Do outro lado da linha soou uma gargalhada.

– Tens sempre um pressentimento, Kate. Falo contigo em breve.

E desapareceu.

– Que disse? – perguntou Joe.

– Ei, agora escutas as minhas conversas? – replicou Kate em tom irritado.

– Não podia deixar de ouvir. E *estou* a trabalhar na história consigo.

Começa a aprender, pensou Kate.

– Muito bem. Abreviando: a Met ainda não procedeu à totalidade dos exames forenses; o agente encarregado do caso pensa que não tem solução; é difícil fazer testes em bebés, blá, blá, blá. Há que insistir, digo eu.

Joe sorriu e concordou com um movimento da cabeça.

– Olha, enquanto os detectives andam às voltas com o ADN, por que não procuramos entre os moradores de Howard Street nas décadas de 1960 e 1970? – perguntou Kate. – Um dia destes recebi uma chamada curiosa de uma mulher que disse chamar-se Anne Robinson. Tenho a certeza de que não era o nome verdadeiro, mas disse que vivia em Howard Street por essa altura e que havia na rua uma casa cheia de drogados. Não me deu o número, mas vale a pena verificar. Não fazemos a menor ideia do que aconteceu ao bebé nem de quem vivia por ali. E além disso temos um pretexto para sair daqui durante o resto do dia.

– Pensei em mostrar ao Joe alguns métodos de investigação da velha guarda, se não precisares de mim aqui, claro – gritou para Terry sem se levantar da secretária.

– Pode ser, pode ser – respondeu ele a acenar um adeus. – Não o percas…

Estacionar perto da Biblioteca de Woolwich foi um inferno, mas Kate encontrou um buraco, fez marcha atrás e conseguiu meter o carro de esguelha. *Odeio estes estacionamentos em paralelo*, gritou para si mesma, e tentou acalmar-se antes de se arrancar do assento.

– Vem daí – disse para Joe, que passava as páginas do Facebook no telemóvel. – Vamos procurar coisas escritas em papel, para variar.

Na secção dos livros de referência, onde foi pedir os antigos registos eleitorais de Howard Street, o rapaz seguiu atrás dela, sempre de olhos postos no telemóvel.

A arquivista torceu o nariz ao pedido – *Deviam treiná-los para fazer estas coisas*, pensou Kate, mas trouxe-lhe sem comentários a lista de eleitores da área para as décadas de 1960 e 1970.

– Obrigada – disse Kate já nas costas dela, e puxou para si os volumosos documentos soltos.

Ao longo dos anos, as páginas tinham-se encarquilhado nas pontas, e Kate perguntou-se há quanto tempo ninguém mexeria naquilo.

Os nomes dos residentes estavam relacionados por ruas e números de porta, de modo que foi directa para Howard Street e para as casas em banda onde o bebé tinha sido encontrado.

– Estamos à procura especificamente dos números 61 a 67, Joe. São as casas cujas traseiras davam para o estaleiro das obras. Por amor de Deus, vê se largas esse telefone… – concluiu entredentes.

O rapaz fez o que lhe pedia e sentou-se à espera diante da mesa de fórmica. Kate deu por si ainda a recompor-se da sua aventura ao volante para estacionar em hora de ponta. Tinha corado do esforço e ainda sentia a pele a arder.

– Sente-se bem, Kate? – perguntou Joe. – Está muito corada.

– Estou muito bem. Está bastante quente aqui dentro – observou em tom impaciente.

– Ah, está bem.

Sabia o que ele estava a pensar. Menopausa. E por associação, velha, irracional, fora de moda, mulher. Fez um esforço para se conter, furiosa por ele julgar o seu profissionalismo em função do nível de estrogénios. Ele, que nem devia saber escrever «estrogénio». Mas o sermão tinha de esperar. Havia trabalho para fazer. Esboçou um sorriso forçado e lembrou-se de que a frieza de pensamentos faria retroceder a vermelhidão. Tinha lido isso algures num folheto. Um disparate, mas valia a pena experimentar tudo.

Empurrou na direcção dele a lista dos anos de 1960.

– Procura neste monte. Toma nota do nome e das datas de todas as pessoas que viveram nestes números. E no número 81, o covil dos drogados. Quando voltarmos para o escritório vamos ver onde se encontram agora.

Puxou para si o processo dos anos de 1970.

Ao fim de dez minutos tinham as listas feitas. Mais curtas do que Kate tinha esperado; as pessoas de Howard Street eram residentes permanentes e a

passagem de casas de família a hospedaria tinha ocorrido alguns anos mais tarde.

– Quantos nomes tens? – perguntou.

– Doze – respondeu Joe, depois de os contar lentamente. – Ninguém entrou nem saiu. Casais, julgo, com filhos adultos.

– Bestial. Alguns nomes conhecidos? Laidlaw, por exemplo?

– Não. Uma das famílias chamava-se Smith, no número 65.

– Porra! – desabafou demasiado alto, a ponto de incomodar o homem que lia o *The Times* na mesa do lado. – Desculpe – articulou sem som.

– Há mais nomes corriqueiros? Smith é um pesadelo.

– Speering, Brown e Walker – disse ele.

– Muito bem – disse Kate, a consultar os seus apontamentos. – Tenho duas dessas famílias no princípio dos anos de 1970. Mas tudo estava a mudar. Olha, em 1974 há seis nomes diferentes para o número 63, todos solteiros. Gente que mudava de casa de dois em dois anos.

– As pessoas do número 81 não me parecem muito interessantes – observou Joe. – É o mesmo casal ao longo de toda a década de 1960.

– E nada de nomes, está visto. A mulher que telefonou disse que eram ocupantes selvagens, ou coisa do género, portanto não deve haver registos oficiais deles. Temos de fazer umas perguntas. De qualquer maneira, já temos aqui muita coisa.

Joe percorreu a página com o dedo.

– São imensos. Como os vamos encontrar?

– Não temos de encontrar todos. Só alguns. Vais ver. Encontra uma pessoa e ela leva-te até às outras. Tem um pouco de fé, Joe.

Kate organizou os apontamentos e Joe fotografou as páginas com o telemóvel.

Capítulo 34

Quinta-feira, 5 de Abril de 2012

Kate

Quando Angela emergiu pela porta giratória, pareceu-lhe de certo modo diferente. Mais velha.

– Já foram feitos todos os testes. Agora só temos de esperar – disse a Kate. – Estou esgotada.

Kate enfiou o braço no de Angela e apertou-o.

– O que fez foi muito importante, Angela. Tem sido muito corajosa. Venha daí, vamos beber um café e pode contar-me tudo.

Joe ofereceu-se para lhe levar a pasta com os documentos e seguiu adiante, a dar a volta por detrás da Abadia de Westminster para o café que Kate já tinha escolhido.

Angela deixou-se cair na cadeira e pôs as mãos à volta da chávena para as aquecer.

– Acha que fiz bem, Kate? – perguntou por fim. – Agora já não tenho tanta certeza de querer saber a resposta. Estou assustada.

– Seja o que for que eles encontrem, vai ser sempre difícil – disse Kate, a inclinar o corpo para a frente. – Mas pelo menos há a possibilidade de a espera ter chegado ao fim.

Angela concordou.

– Sim, é verdade. Preciso de ver o fim a isto. Está a matar-me lentamente.

Joe empurrou um pacote de bolachas na direcção dela.

– Coma uma, Angela.

Não sabe o que há-de fazer, pensou Kate. *Ainda não deve ter sofrido nenhum desgosto.*

– Obrigada, meu querido – disse Angela, que pegou numa bolacha. – Peço desculpa por estar tão negativa – acrescentou.

– Não está, Angela – disse Kate. – O que sente é natural. Nem sei como tem aguentado estes anos todos. Você é um espanto.

Do outro lado da mesa, Joe acenou entusiasmado com a cabeça e Angela esboçou um sorriso débil.

– Quer que lhe conte o que eu e Joe temos andado a fazer? – perguntou Kate para desfazer o embaraço.

– Quero, sim – respondeu Angela, a tirar uma bolacha.

– Temos andado à procura das pessoas que viviam em Howard Street, onde o bebé foi encontrado.

– Nos anos de 1960 e 1970 – adiantou Joe.

– Importa-se de olhar para a lista dos nomes que encontrámos para ver se reconhece algum, Angela? – perguntou-lhe Kate. – Pode dizer que não – acrescentou.

Empurrou a lista sobre a mesa. Tinha incluído nela o nome de Marian Laidlaw, a amante de Nick. Queria perceber se Angela a tinha conhecido.

Angela pareceu satisfeita com qualquer coisa que a distraísse da angústia que a consumia. Passou rapidamente os olhos pelos nomes e voltou atrás, a pronunciá-los em silêncio à medida que os ia lendo.

– Não, ninguém – disse, e levantou a cabeça. – Lamento.

– Bem, valia a pena tentar – disse Kate, a engolir o desapontamento com um gole de café. – Seja como for, o que disse o detective?

Angela referiu as diferenças no trato com a polícia em 1970 e em 2012, e a mente de Kate voltou a concentrar-se nos nomes.

– Walker – articulou de repente Kate em voz alta.

Angela calou-se e Joe entornou o café no pires.

– Walker? – perguntou Joe. – Qual é a ideia?

– Desculpem, estava a pensar em voz alta. Da primeira vez que fui a Howard Street falei com uma menina Walker. Uma velhota com um cão horrível. Pode ser da família dos Walker que moravam no número 61.

Olharam os dois para ela.

– Bebe o café – ordenou a Joe. – Vamos voltar. E podemos dar-lhe boleia até à estação, Angela. A que horas tenciona apanhar o comboio?

Angela agarrou-lhe o braço.

– Por favor, não posso ir consigo? Quero ver o local onde o bebé foi encontrado.

Kate assentiu.

– Com certeza. Desculpe, devia ter pensado nisso. Talvez seja possível fazer algumas fotografias enquanto lá estamos, pode ser? Se os testes forem positivos precisamos delas para o artigo e podemos não ter outra ocasião.

Angela fez uma expressão de dúvida.

– E pode levar alguém a telefonar – acrescentou Kate.

A sugestão surtiu efeito e Angela manifestou a sua concordância.

Kate fez um telefonema rápido para a secção de fotografia e regressaram todos ao automóvel.

Mick, o fotógrafo, ligou-lhe quando ela estava ao volante, mas não o quis pôr em alta-voz. O seu uso da palavra *f* era por de mais conhecido e desconfiava que Angela não era do género de apreciar. *Vamos lá ver se não afugentamos ninguém*, pensou, a estender o telefone a Joe para que ele atendesse.

– Olá, Mick, como vai essa pendureza?

Pelo retrovisor, Kate atirou-lhe um olhar de reprovação, na esperança de captar a atenção de Angela.

– Sim, já estamos a caminho. Howard Street. Está bem. Encontramo-nos lá. Eu trato disso – terminou num murmúrio, antes de desligar o telefone.

– Tratas de quê? – perguntou Kate.

– Nada – respondeu, a cara muito vermelha. – Brincadeiras do Mick.

A menina Walker não estava em casa e as máquinas do estaleiro repousavam em silêncio.

– É hora de almoço – disse Kate. – Vamos até ao *pub* esperar pelo Mick, não deve tardar.

Uma pequena multidão envergando casacões impermeáveis molhados disputava um lugar ao balcão do Royal Oak, e no ar agitava-se uma floresta de braços para chamar a atenção do pessoal.

– Não vamos conseguir uma bebida – disse Kate. – Vamos sentar-nos e esperar que a enchente passe depressa.

Joe soltou uma risada.

– Aposto que consigo – declarou.

Finalmente estava no seu elemento.

– Então vai lá. O que bebe, Angela?

– Um sumo de laranja, se faz favor – respondeu, a ajeitar o casaco debaixo do corpo ao subir para um banco alto.

– Eu quero uma água com gás, e traz uns aperitivos. Deve estar cheia de fome, Angela.

Joe sumiu-se entre a turba e cinco minutos mais tarde reapareceu com um tabuleiro de copos e três pacotes de salgadinhos.

– Estou impressionada – comentou Kate, e Angela acompanhou-a numa gargalhada. – Agora para a segunda lição de «Como Ser Jornalista»…

– Na verdade foi mais fácil do que eu pensava – disse Joe. – O patrão viu-a e serviu-me em primeiro lugar.

Kate sorriu e ergueu o copo num cumprimento ao homem do outro lado do balcão, que lhe correspondeu com uma vénia.

Quando Mick entrou de rompante localizou-os, mas dirigiu-se primeiro ao balcão antes de se sentar na mesa dos abstémios, a entornar uns pingos de cerveja do copo.

– Olá, Kate. Como vai isso?

Kate apresentou Angela e Mick apertou-lhe calorosamente a mão.

Seguiu-se um momento de silêncio, enquanto ele emborcava um longo trago de cerveja, e só depois a conversa foi retomada. Kate olhava de vez em quando para a porta atrás de Angela, a ver se topava John, o encarregado da obra.

Precisavam da ajuda dele para as fotografias do local onde o bebé estivera enterrado.

Dez minutos mais tarde, John franqueou a porta e cumprimentou Kate com um aceno de cabeça quando esta se levantou para o saudar.

– John! – gritou ela. – Ainda bem que o vejo. Toma qualquer coisa?

– Não diria que não – respondeu. – Li o seu artigo.

– Sim. Peter é um tipo muito simpático. Como vai ele?

– Vai bem, julgo. Ficou feliz com o que escreveu – disse o encarregado, e Kate sorriu.

– Ainda bem. Ouça, estava a pensar em pedir-lhe outro favor…

Foram precisas duas cervejas com limonada e um pacote de amendoins, mas acabou por se deixar convencer.

– Têm cinco minutos antes de os trabalhos recomeçarem. E são mesmo cinco minutos.

Kate apertou-lhe o braço.

– Com certeza. Vou buscar o meu fotógrafo.

Mick detestava quando ela se lhe referia como «o meu fotógrafo».

– Não sou a porra do teu macaco amestrado – protestou entredentes quando ela voltou para a mesa.

Kate piscou o olho a Joe e a Angela, para o caso de terem ouvido.

– Não à frente das crianças – sibilou a repreendê-lo enquanto se dirigiam para a porta.

Nervosa, Angela tinha posado sobre a lama revolvida, junto à fita da polícia que delimitava o local da sepultura. Kate esperara que ela chorasse, mas limitara-se a ficar de pé, os punhos cerrados e os olhos muito abertos e em constante movimento.

Mick foi falando com ela enquanto batia as fotografias, para a acalmar e garantir que estava quase a acabar.

Mas Kate sabia que não era assim. Ainda faltava muito. Ficou a observar a cena, a angústia patente na expressão de Angela, o cabelo despenteado pelo vento, as estrias de lama nas pernas, os olhares desconfiados que lançava à fita que marcava o lugar do derradeiro repouso do bebé. Eram estes pormenores que os leitores queriam saber, que os transportariam ao preciso local onde

Kate se encontrava. Ainda não podia escrever nada, mas já tinha tudo na cabeça.

Ao cabo de quinze minutos, John emergiu do contentor e gritou-lhes que parassem.

– As máquinas vão começar. Têm de sair daí.

– Só mais uma, companheiro – gritou Mick em resposta, o habitual grito dos fotógrafos, e disparou mais alguns instantâneos de Angela a inclinar-se por cima da fita para tocar a terra.

– Por favor, companheiro – gritou de novo John.

Kate aproximou-se de Angela, segurou-lhe o braço e ajudou-a a transpor os sulcos profundos. Joe seguiu atrás delas com a carteira de Angela. Como num cortejo fúnebre.

Capítulo 35

Segunda-feira, 9 de Abril de 2012

Angela

Tinha sido um fim-de-semana cansativo, mas já passara. Nick regressava hoje ao trabalho e podia andar pela casa sem ser em bicos de pés. Como esperava, no sábado tinha gritado com ela quando soubera da sua ida a Londres para fazer o teste de ADN.

– O quê, piraste-te sem me dizer nada? – tinha berrado.

Só esperava que os vizinhos não estivessem em casa.

– Acaba com a gritaria, Nick. Os vizinhos ainda ouvem. Estavas tão atarefado e preocupado com o trabalho que não te quis dar mais uma inquietação.

Olhou para ela, a procurar-lhe a mentira no rosto, mas Angela não alterou a sua expressão de esposa submissa.

– Não te quero ver outra vez numa pilha de nervos. Estou a dizer isto para teu bem, Angie.

Em condições normais ter-lhe-ia sorrido e ficado grata pelos cuidados. Mas não foi capaz. A cabeça girava-lhe num turbilhão, a esperança, a dor e a traição a virem a lume ao fim de todos aqueles anos.

– Não me vou enervar, Nick. Mas é uma coisa que tenho de fazer. Pela Alice.

O ouvir o nome, Nick fechara a boca e retirara-se para a garagem, de onde saíra apenas para as refeições silenciosas.

Como escape para a raiva, Angela dedicou-se à limpeza da casa, a brandir o aspirador como uma arma contra as portas e os rodapés, a arrancar lascas de tinta enquanto passava de um compartimento para outro. Gritava

mentalmente acusações: *Nunca quiseste a Alice. Foi o preço que pagaste por não seres fiel. Era isso que sentias.*

Sou capaz de apostar que voltaste a ver aquela mulher.

Detestava-se por pensar naquilo, mas as suas arengas mentais terminavam quase sempre assim. Não conseguia evitá-lo. Estava sempre lá, à espera para a atormentar. Nunca o tinha perguntado a Nick em voz alta. O que faria se ele confirmasse? O melhor era não saber.

No sábado tinham dormido costas com costas, sem se desejarem boa-noite. Angela tinha ficado acordada, a tentar acalmar os pensamentos, até mergulhar num sono agitado, a revolver os lençóis. Ao acordar, encontrara Nick de olhos abertos, a fitar o tecto.

– Bom dia, amor – tinha dito por força do hábito.

Nick respondera com um grunhido.

– O Patrick vai trazer os garotos esta manhã. Pensei que os podíamos levar ao parque – disse ela, determinada em quebrar-lhe a resistência.

Nick voltou a grunhir, sem deixar de fitar o tecto.

– Em que estás a pensar, Nick?

– Isto nunca vai acabar – disse ele em tom inexpressivo. – Nunca vai desaparecer.

– *Isto?* Estás a falar da nossa filha? – perguntou ela, a soerguer-se da cama.

Nick voltara-lhe as costas, mas Angela estava decidida a não deixar cair o assunto.

– *É* a nossa filha. E eu preciso de saber, Nick, se eu e a Alice podemos contar contigo.

– Por amor de Deus, Angie, o que quer isso dizer? Digam o que disserem, a polícia há-de sempre dar-nos más notícias: ou não se trata de Alice e ficas destroçada, ou então é o nosso bebé e está morto. Ouve, Angie, nada a pode trazer de volta. Não precisamos dos testes. O nosso bebé está morto, foi-se. Sabes isso do fundo do teu coração, não sabes? Não precisamos de sepulturas, de ossadas nem de polícias. Já é tarde para isso. Temos de a deixar ir.

– Pode ser o que sentes, mas eu preciso de saber, Nick. Preciso de ter a certeza do sítio onde ela está para poder ter alguma paz e para me despedir como deve ser. O facto de não quereres deixa-me triste, mas não é por isso

que vou parar – afirmou Angela, os braços a envolver-lhe o corpo, preparada para a tempestade que se avizinhava.

«Sei que nunca sentiste por Alice o mesmo que eu – prosseguiu, e percebeu que o corpo dele se inteiriçava a seu lado.

– O que estás para aí a dizer? – perguntou.

Mas Angela sabia que ele sabia. Há muito tempo que não tinham aquela discussão, mas a sua recordação era tóxica, como um inverno nuclear.

– Não vou discutir isso, Angela. Já se passaram quarenta anos, porra. Foi uma noite e já pedi desculpa. Não tenho mais nada para dizer. Fazeres-me sofrer não traz Alice de volta. Não tive a culpa. Não fui eu quem a deixou sozinha.

O arquejo de dor obrigou-o a calar-se. Percebeu que tinha ido longe de mais. Excessivamente longe. Procurou a mão da mulher e abriu-lhe à força os dedos fechados.

– Meu Deus, Angie, por que estás a fazer isto? A obrigar-nos a dizer coisas de que depois nos arrependemos? Sabes que não te atribuo a culpa. Claro que não te culpo.

– Eu sei.

Mas não sabia. Afinal de contas, tinha sido *ela* quem a deixara sozinha.

A gritaria acabou em poucos segundos; era sempre assim, mas o silêncio perdurou muito mais. Aquelas raras altercações deixavam-nos arrasados e incapazes de pensar fosse no que fosse.

Angela foi a primeira a sair da cama. Vestiu o roupão e foi fazer chá.



Quando chegou a segunda-feira, já se tinha estabelecido uma paz mal-humorada. Os netos tinham-nos forçado a mostrar boa cara. Nick tinha-lhe agarrado a mão no caminho para o parque infantil que ficava ao fundo da rua e ela cozinhara para o jantar o assado preferido dele.

– Adeus, amor – tinha ele dito de manhã, ao despedir-se, a beijá-la no alto da cabeça.

– Depois telefono-te – tinha ela respondido.

Experimentou sentar-se a ler uma revista. Mas não conseguia, presa numa mesma frase cujas palavras se repetiam sem cessar. Preparou várias chávenas de chá que arrefeceram em fila a seu lado. Parecia-lhe sentir os batimentos do coração.

Não dissera a Nick para quando eram esperados os resultados do ADN, fora deliberadamente vaga. Primeiro precisava de os enfrentar sozinha.

Tinham previsto dois dias para obter os resultados. A polícia. Era o que tinham dito. E os dois dias já se tinham passado. Quatro, contando com o fim-de-semana. Não iam faltar ao prometido, pois não? Ora vejamos, quinta, sexta, e agora segunda-feira. Devem telefonar hoje.

Verificou uma vez mais se o telefone não estava mal pousado na base ou programado para *Silêncio*. O ecrã em branco olhou-a, acusador. Telefonou a Kate.

– Olá, era para perguntar se já sabia alguma coisa – ouviu-se dizer.

Kate não sabia de nada, mas disse que iria ligar para ter uma ideia do andamento do processo.

Angela deixou-se ficar sentada, com o telefone na mão.

Quando ele retiniu, cinco minutos mais tarde, soltou um pequeno gritou e acabou por desligar a chamada ao premir o botão errado. O aparelho voltou a tocar.

– Kate? Peço desculpa. Que disseram?

– Disseram que talvez amanhã tivessem uma resposta. Mas só talvez, Angela.

Angela apertou o telefone com mais força.

– Disseram-me dois dias, Kate. Já lá vão três Ainda não têm indicações nenhumas?

– Não, receio que estejam a guardar tudo para eles. Ouça, calculo como tudo isto deve ser horrível, mas temos de ser firmes, Angela.

Angela compreendia que fazia sentido, mas a ideia de ficar mais um dia sentada à espera provocava-lhe náuseas.

– Por que não experimenta fazer qualquer coisa? Ir às compras com uma amiga – sugeriu Kate. – Basta que se certifique que tem o telefone consigo, para que eu a possa contactar.

– Sim, talvez. Liga-me assim que souber alguma coisa, não liga? Prometa – implorou Angela, revoltada consigo mesma por se mostrar tão carente. E desesperada.

– Com certeza – garantiu Kate.

Capítulo 36

Segunda-feira, 9 de Abril de 2012

Kate

Vasculhava a carteira – «o poço sem fundo», como era conhecida por Steve e por todos os fotógrafos com quem tinha trabalhado – à procura de uma caneta que apareceu quando o telefone tocou pela segunda vez.

O nome de Bob Sparkes surgiu no ecrã e Kate atirou a carteira para o chão.

– Bob – atendeu, a falar demasiado alto.

– Desculpa. Não é boa ocasião? Queres que volte a ligar?

– Não, não. Desculpa, isto por aqui anda um bocado frenético. Como estás?

– Bem. Acabei de fazer o ponto da situação com o inspector Sinclair. Coincide.

Por uma fracção de segundo, Kate duvidou do que tinha ouvido.

Sem preâmbulos. Sem rodeios. Directo ao assunto.

– Fantástico! – gritou. – Fantástico, é do caraças!

– Sim, é mais ou menos isso – disse Sparkes, a denotar um pouco de excitação na voz, apesar do esforço para se dominar.

– Não me venhas com essa do polícia *blasé* farto do mundo, Bob Sparkes. Estás tão satisfeito como eu. Oh, meu Deus!, espera só até eu contar a Angela. Vou já a Winchester para lhe dizer. Levo o Mick comigo. Precisamos de uma fotografia do momento em que ela fica a conhecer a verdade.

– Espera aí, Kate… – começou a dizer Sparkes, mas ela nem o ouviu.

– Podemos publicar a notícia no jornal de amanhã. ALICE ENCONTRADA AO FIM DE QUARENTA ANOS. Ou então O MOMENTO EM QUE UMA MÃE DESCOBRE O SEU BEBÉ…

– Kate! – tentou de novo Sparkes.

– Desculpa, Bob. O que ias a dizer?

– Estava a dizer que tens de esperar. O inspector não vai comunicar nada a Angela antes de amanhã. Quer primeiro analisar toda a papelada que lhe caiu na secretária e depois deslocar-se a Hampshire.

– Disseste que havia correspondência.

– E há: telefonaram esta manhã do laboratório para lhe dizer, mas ele é bastante miudinho e quer os resultados por escrito antes de se pronunciar. Amanhã.

– Que coisa mais ridícula! – protestou Kate. – E se eu lhe telefonasse a dizer que ouvi um rumor de que as amostras correspondiam…

– Ficaria a saber que falei contigo e eu apanhava um raspanete dos diabos – respondeu calmo Sparkes. – Confio em ti para guardares isto por mais um dia.

– Mas daqui por vinte e quatro horas toda a gente ficará a saber – protestou Kate. – Vamos perder o exclusivo e foi o nosso trabalho que estabeleceu a ligação com Angela.

Sparkes não reagiu. Kate estava furiosa, mas sabia que não o iria queimar, denunciando-o como a sua fonte. Era um dos seus melhores contactos e Kate precisava dele. Havia de arranjar outra maneira de forçar a mão da Met.

– Está bem – disse por fim, sem revelar as suas intenções. Fico-te muito grata pelo telefonema, Bob. Fico a dever-te uma das grandes – acrescentou, a despachá-lo. – Vou-te mantendo ao corrente.

Foi encontrar Terry no seu aquário dourado, o gabinete envidraçado onde o pessoal o podia observar sem som enquanto desancava os subordinados.

Kate esgueirou-se lá para dentro e sentou-se na detestada cadeira em frente do chefe.

– O que queres? – perguntou ele sem levantar a cabeça.

Porra, está de trombas, pensou ela. *Depressão de segunda-feira de manhã que se vai arrastar por toda a semana…*

– Tenho um «furo» para um artigo.

Terry levantou os olhos.

– Muito bem. Tens toda a minha atenção, Kate.

– É o caso do bebé enterrado no estaleiro de obras.

– Ah, isso… – suspirou Terry.

– Não suspires, Terry. Já te disse que há aqui um «furo», mas tenho um problema e preciso da tua cabeça sensata.

Terry anuiu com um movimento da cabeça sensata e fechou o computador portátil.

– Diz lá então.

Kate fez uma pausa. *Deixá-lo esperar*, disse para consigo, e contou até cinco, como um concorrente num concurso de perguntas rasca.

– O bebé é Alice Irving. O corpo foi encontrado ao fim de quarenta anos. Acabei de receber uma dica.

– Porra! – exclamou Terry, o seu cumprimento mais generoso.

– É isso! – confirmou Kate.

– Precisamos de arranjar espaço no jornal. Onde está a mãe? – quis saber Terry, os olhos esbugalhados de excitação e já debruçado sobre a secretária, os joelhos quase encostados aos de Kate.

– Espera aí! Qual é o problema? – acrescentou, de súbito lembrando-se do início da conversa.

– Temos de ficar calados até amanhã, senão perco o meu melhor contacto.

Um segundo de silêncio até Terry murmurar:

– Por Cristo sagrado.

Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro no pequeno compartimento, enquanto digeria as implicações.

– Quantas pessoas sabem? Polícias e pessoal do laboratório? Devem ser pelo menos uma dúzia. Vou deixar que transpire. A história é demasiado boa para a deixar escapar.

Kate assentiu. Já sabia o que ele ia dizer.

Terry estacou e assumiu um ar profissional.

– Muito bem. Como podemos confirmar a história sem comprometer o teu contacto? É pena que o Gordon já cá não esteja, havia de encontrar uma solução. Nem lhe posso ligar para casa, levou a Maggie até à Costa del Sol com o dinheiro da indemnização.

– Estou a tratar disso, Terry. Creio que Angela é a chave. Vou até Winchester e ponho-a a falar com o agente que retém a informação.

– Boa. Tu consegues, Kate. És a minha jornalista-estrela.

Kate sorriu – com modéstia, esperou –, mas por dentro fervilhava de satisfação.

– Obrigada, Terry. Mas é melhor não dizeres ainda nada ao editor.

O contentamento sumiu-se do rosto de Terry.

– O que foi? – perguntou Kate.

– Gostava de lhe dar uma boa notícia esta manhã, é só isso.

– O tipo passa-se se julgar que tem um «furo» e tivermos de nos conter.

– Tens razão. Telefona-me de hora a hora. E volta a trazer aquele resumo que andaste a preparar com o Rapaz Maravilha.

Kate levantou-se rapidamente, aliviada por ter corrido tão bem. Terry deu a volta à secretária para a abraçar. Kate corou por causa da inesperada reacção do chefe. Em geral não era uma pessoa efusiva. Anos e anos sob a alçada de chefes prepotentes tinham-lhe roubado essa espontaneidade, calculava ela, mas via-se que estava exultante.

Só esperava que o *Homem do Crime* não tivesse assistido ao encontro. Não iria deixar escapar a oportunidade de fazer um alarido. Até que se lembrou que o *Homem do Crime* e as piadas oportunistas tinham desaparecido. Quase sentiu a falta dele, a dizer:

– Abraçada ao chefe? Vais ter aumento, é?

É isso mesmo, vale pelo menos uns dois por cento extra. Devias experimentar, atirou para a cadeira vazia do colega.

Capítulo 37

Segunda-feira, 9 de Abril de 2012

Angela

Apoderou-se dela um frio gélido quando viu o automóvel de Kate Waters parar à porta. Ouviu-o ainda antes de o ver. Com todos os sentidos alerta, despertados pela espera.

Meu Deus, são más notícias. É o bebé de outra pessoa. Se assim não fosse ela não teria vindo pessoalmente, disse para consigo, a encostar a cabeça ao vidro da janela enquanto observava a jornalista a aproximar-se pelo acesso. Esperou que Kate notasse a sua presença. Quando isso aconteceu, viu que a sua expressão se transformava. A jornalista sorriu e acenou-lhe com a mão.

Angela gritou através da janela:

– É a Alice? É ela?

Mas o vidro duplo abafou-lhe a voz. Correu para a porta e escancarou-a.

– É a Alice? É ela? – perguntou num grito estridente, e Kate guiou-a de regresso ao vestíbulo.

– Angela, venha sentar-se.

Parecia nervosa, mas não triste. O que significaria? Tentou ler-lhe no rosto, mas não foi capaz de se concentrar. Apercebeu-se da presença de mais pessoas no vestíbulo – o rapaz e o fotógrafo simpático que estivera em Howard Street. O homem apertava-lhe a mão e dizia-lhe qualquer coisa que Angela não percebeu. Ele e Kate levaram-na até à sala e sentaram-na no sofá. Pareceu decorrer uma eternidade até Kate se sentar ao seu lado e lhe pegar na mão.

Só podem ser más notícias, pensou.

– Angela – disse Kate em tom calmo. – Temos novidades para si. Quis vir cá dar-lhas.

Angela esperou. Já não conseguia falar, mas o seu cérebro gritava: *Digam-me!*

Kate afastou-se dela quando percebeu que, do outro lado da sala, Mick a fotografava.

– A polícia já tem o resultado dos testes de ADN, Angela. Não os recebi oficialmente, mas disseram-me que havia correspondência.

Alice.

Angela sussurrou o nome.

– É a Alice.

Não ouviu mais nada do que Kate disse. Na sua cabeça só havia lugar para a filha. *Encontrei-a.*

Sentiu o tremor de Kate quando lhe voltou a agarrar a mão.

– Fico muito contente por si, Angela – e as duas mulheres ficaram sentadas, a olhar-se nos olhos.

Angela podia ficar assim sentada o dia todo, mas Mick disse:

– Importa-se de olhar para mim, minha querida? – e ela virou o rosto para a câmara, sem saber se devia rir ou chorar.

Kate levantou-se para o deixar trabalhar e foi encavalitar-se no braço de uma cadeira. Joe ficou de pé, junto da porta. De vez em quando olhava para Angela e depois desviava os olhos, como se não suportasse o que via.

Quando Mick pousou a máquina fotográfica, Kate regressou ao sofá.

– Tem de ligar ao agente encarregado do caso, Angela. Ele disse que os resultados estariam prontos hoje, não foi? Pode ligar-lhe a perguntar. Ele tem obrigação de lhe dizer.

O tom de Kate era de preocupação e Angela perguntou-se se lhe teriam contado a história toda.

– Há algum problema?

Kate olhou para as mãos.

– O que há, Angela, é que fui informada a título estritamente particular de que havia uma correspondência, mas sem saber oficialmente o resultado não posso escrever o artigo. Está a ver?

Angela assentiu. Não tinha a certeza de estar de facto a ver, mas queria ajudar a jornalista. Tinha sido ela a encontrar Alice.

– O que quer que diga ao inspector Sinclair? – perguntou.

Kate escreveu as perguntas que ela devia fazer e aconselhou-a a insistir se ele se esquivasse a dar respostas.

– A Angela tem direito a saber. É a mãe de Alice e já esperou demasiado tempo.

Angela pegou no telefone e marcou o número directo que lhe tinham dado.

O detective atendeu imediatamente e Angela procurou desempenhar o seu papel.

– Bom dia, inspector Sinclair, fala Angela Irving.

– Senhora Irving, em que que lhe posso ser útil? – perguntou ele numa voz muito profissional.

– Peço desculpa por incomodar, mas disse que hoje teria os resultados e estou a ficar doida de tanto esperar.

– Percebo que deve ser muito difícil para si – disse Sinclair, já mais afável. – Mas estou à espera que os resultados me sejam entregues por escrito.

– E quando será isso?

– Amanhã, espero.

– Não sei se consigo aguentar até amanhã, inspector Sinclair. Estou a sentir-me mal por causa desta espera. Já esperei tempo de mais.

Kate apontou para a pergunta seguinte que tinha escrito para Angela.

– Já conhece o resultado? – perguntou, obediente, e o inspector Sinclair hesitou.

– Sim, senhora Irving. Recebi um relatório verbal dos técnicos, mas gosto de ter os papéis à minha frente antes de transmitir as informações. Tinha planeado abordar o assunto consigo e com o seu marido. Tenho a certeza de que compreende a minha precaução.

– Por favor diga-me o que sabe, inspector Sinclair. Estou a implorar-lhe.

A linha ficou em silêncio. Angela olhou para Kate e susteve a respiração.

– Há correspondência, senhora Irving – disse ele por fim.

– Há correspondência… – repetiu ela em voz alta para Kate, que desferiu um soco no ar, como uma jogadora de ténis em Wimbledon.

– Sim, a sua amostra de ADN corresponde ao ADN retirado do corpo. Do esqueleto do bebé, quero dizer.

– Portanto, é mesmo Alice – disse Angela, que começou a chorar.

– Como já lhe disse, senhora Irving, ainda não recebi a confirmação por escrito, mas tudo indica que sim. Continuo a querer passar por aí amanhã para falar consigo e com o seu marido sobre os resultados e como vamos dar seguimento ao caso. Gostaria também de levar comigo uma agente de ligação à família. Para que tenha sempre um elemento de contacto. Pode ser?

– Claro que sim, claro que sim. Muito agradecida por me ter dito. Nem sei o que dizer. Venha, se faz favor. Quando tenciona cá estar? – perguntou, a fazer um esforço para articular as palavras.

– Estarei aí pelas nove e trinta, se lhe convier. Fico satisfeito por a sua espera ter terminado. Então até amanhã de manhã.

Quando Angela pousou o telefone, os pés de Kate continuavam a dançar.

– Muito bem, Angela! Foi muito bem! – elogiou Kate. – Conte-me tudo o que ele lhe disse.

Esgotada a euforia inicial da notícia, Angela fitou-a com olhos vazios de expressão.

– A minha menina está morta.

Capítulo 38

Terça-feira, 10 de Abril de 2012

Emma

Ouço a notícia na rádio. A locutora, uma Charlote qualquer-coisa, anuncia numa voz emproada que foi encontrado um bebé desaparecido há décadas. Estaco. Numas obras em Woolwich, diz ela. Uma bebé chamada Alice Irving. Levada em 1970 de uma maternidade. Fico a olhar para o rádio. Isto está errado. Aquela bebé tem nome. Tem nome e tem mãe.

Numa breve reportagem com a mãe, esta confessa-se ao mesmo tempo aliviada e destroçada. Fico de pé na cozinha, a ouvir, e a chorar com a senhora Irving. Tão aliviada como ela. Mas por motivos diferentes.

Ninguém virá bater-me à porta. Não haverá ajuste de contas. Por enquanto.

Mais tarde, quando saio para comprar leite na loja da esquina, vejo os títulos dos jornais e compro o que tem uma entrevista em exclusivo com a mãe de Alice Irving. Tento lê-la a caminho de casa, mas estou sempre a tropeçar e a esbarrar com os muros dos jardins, de modo que acabo por guardar o jornal debaixo do braço. Não quero parecer uma louca.

Em casa, absorvo todas as palavras, debruçada sobre os pormenores, e a ler algumas passagens em voz alta. Não consigo digerir tudo, mas sinto uma espécie de euforia apoderar-se de mim. Talvez tudo se resolva pelo melhor.

Capítulo 39

Terça-feira, 10 de Abril de 2012

Jude

Ouviu a notícia na rádio enquanto esperava que a água fervesse. Não estava a prestar grande atenção, elaborava mentalmente uma lista de coisas que precisava de comprar, mas as palavras «Alice Irving» obrigaram-na a parar de comer o iogurte natural. Levantou o volume até o som lhe fazer vibrar os ouvidos e a vizinha bater na parede.

Capítulo 40

Terça-feira, 10 de Abril de 2012

Kate

De manhã, assim que chegou, Simon, o editor, deteve-se junto da secretária dela.

– Deves estar muito satisfeita, Kate – disse ele, a rasgar o seu sorriso amarelo. – Grande entrevista e a mais lida das notícias *on-line*.

Retribuiu-lhe o sorriso, feliz por se encontrar de novo sob a luz do Sol, nas boas graças do editor.

– E tu – disse Simon, a virar-se para o vulto a seu lado. – É o teu primeiro artigo assinado numa primeira página.

Joe pareceu rebentar de orgulho. Kate tinha-lhe dado um crédito adicional de reportagem – o seu nome em itálico no fim do artigo, continuado nas páginas quatro e cinco –, mas o pessoal lá de cima tinha-lhe transferido o nome para junto do de Kate, na primeira página. A jornalista tinha rangido os dentes quando vira a prova, mas compreendera. Joe Jackson era o menino-bonito do editor.

– Muito bem, então qual é a história de hoje? – quis saber Simon. – O que diz a polícia? Alguma pista sobre quem a levou?

Joe parecia um coelho ofuscado pela luz dos faróis.

– Estamos a falar com os polícias, Simon – esclareceu Kate.

– E temos outro artigo com a entrevista de Angela Irving: «A vida sem Alice» – gritou Terry do outro lado da sala, a levantar-se para se juntar à inesperada conferência.

– Parece-me bem – disse o editor antes de se afastar.

Joe olhou para Kate com uma expressão radiante.

– Obrigado por me ter deixado partilhar a autoria – disse. – Na verdade não fiz grande coisa.

Kate respondeu com um grunhido, mas depois cedeu.

– Fizeste um bom trabalho, Joe. Agora vamos acabar com as palmadinhas nas costas e descobrir o que aconteceu à pequena Alice.

O inspector Sinclair não estava de bom humor quando Kate lhe ligou.

– A senhora Irving telefonou-lhe ontem, menina Waters? O vosso artigo é prematuro. Só agora recebi o processo.

– Fui eu que lhe liguei, inspector Sinclair. Estivemos a preparar um artigo com ela e sabia que os resultados seriam comunicados ontem.

– Pediu-lhe para me ligar?

– Inspector Sinclair, acredita mesmo que uma mulher que esperou quarenta anos para saber o paradeiro da filha precisa que alguém a espicace? Angela Irving estava desesperada por saber.

– Sim, está bem. Só que eu não estava à espera e o gabinete de imprensa foi inundado.

Kate retorceu o canto da boca, mas disfarçou o sorriso para que ele não lho detectasse na voz.

– É uma história sensacional, inspector Sinclair. Seja como for – prosseguiu, a desviar-se da zona de perigo –, o que se segue? Vai abrir um inquérito por homicídio?

– Não necessariamente. Ainda não sabemos como a bebé morreu. Pode ser que nunca cheguemos a saber. Não temos muito com que trabalhar e a equipa forense ainda agora começou a analisar o material retirado do local de enterramento. Daqui por mais alguns dias já saberemos mais.

– Portanto, não sabe quando foi enterrada?

– Ainda não. A investigação está em curso.

– Muito bem. Quando tenciona falar com a senhora Irving?

Kate sabia que ele já lá tinha estado em casa, mas queria dar-lhe a impressão de que era ele quem controlava as informações.

– Estive esta manhã com o senhor e a senhora Irving. Estão a ajudar-nos na investigação.

– Algum elemento de ligação ao sudeste de Londres?

– Até agora, nenhum. Mas estamos a procurar. Foi há muito tempo e a memória das pessoas já não é o que era.

– Não me diga! – observou Kate, trocista. – Mal me lembro do que fiz ontem, quanto mais nos anos de 1970.

– Não acredito, Kate – e ela registou o facto de ele a tratar pelo nome próprio.

– Vou deixá-lo em paz, sei que deve estar muito ocupado, mas obrigada por ter falado comigo. E não deixe de me falar se puder ajudar em qualquer coisa. Quando quiser fazer um apelo público para obter informações.

– Obrigado. Estou a pensar numa conferência de imprensa. Quando for, aviso-a.

– Formidável. Tem alguma linha directa para a qual lhe possa ligar se aqui no jornal descobrirmos alguma coisa? As pessoas podem contactar-nos.

O inspector deu-lhe o número do telemóvel e sugeriu que o tratasse por Andy.

– Voltaremos a falar em breve, Andy. Um milhão de agradecimentos.

Assim que a linha emudeceu virou-se para Joe.

– Está do nosso lado. Vamos lá andar para a frente com isto. Onde está a lista de nomes de Howard Street? A polícia já deve andar à volta dela. E não podemos esquecer Marian Laidlaw. Onde vive ela agora?

Capítulo 41

Terça-feira, 10 de Abril de 2012

Kate

O Royal Oak estava à pinha. Dolly continuava a cantar *Jolene* nos altifalantes, e junto ao balcão alinhavam-se as costas do costume. Kate percebeu que tinha sido aceite pelos operários como frequentadora habitual quando a saudaram em silêncio com acenos de cabeça. Queria falar outra vez com o proprietário, mas tinha de esperar até o ambiente estar mais tranquilo. O homem notou a presença dela e perguntou, a gritar por cima das cabeças:

– O mesmo do costume?

Kate riu e encomendou com outro grito.

– Podemos conversar um minuto? – perguntou quando ele pousou os copos no balcão.

– Com certeza. Mas a patroa ainda não está. É com ela que deve falar. Ouve tudo.

Kate e Joe sentaram-se à mesma mesa onde tinham estado da última vez. Enquanto o rapaz ia digitando no telemóvel, Kate foi observando os rostos que a cercavam, em busca de pormenores reveladores – calças manchadas que denotam negligência, os chupões reveladores de desejo adolescente, os apertos de mão disfarçados, os olhos vítreos, o cabelo penteado para trás de alguém que se agarrava desesperadamente à juventude.

– Kate – disse de repente Joe.

– Que foi? – perguntou, a dar-lhe atenção.

– A menina Walker. Ainda não a vimos.

– Sim, vamos a isso – concordou Kate, pousando a bebida meio acabada. – Pergunto-me se a polícia já a terá abordado.

E tinha. A menina Walker fervilhava de excitação quando os deixou entrar.

– Estiveram cá dois agentes da polícia. Disseram-me que tinham encontrado Alice Irving. Nem queria acreditar. Aquela pobre criança enterrada em Howard Street durante todos estes anos.

– Recorda-se do caso, menina Walker?

– Claro que me lembro. Bem, eles ajudaram-me um pouco, mas sabia de quem estavam a falar.

– Como pensa que Alice pode ter vindo parar aqui? – perguntou Kate.

– Não faço ideia – respondeu a menina Walker. – É um mistério total, disseram os polícias.

Joe inclinou-se no assento e passou-lhe para a mão o telemóvel.

– Estas pessoas viviam aqui nos anos de 1960 e 1970, menina Walker. Uma das famílias tem o apelido Walker. São seus parentes? – perguntou, a mostrar-lhe a lista.

A menina Walker pôs uns óculos sujos, olhou para o ecrã e devolveu o telefone.

– Desculpe, não consigo ler isso.

Kate tirou o bloco da carteira.

– Felizmente eu trabalho com papel – comentou, a erguer uma sobrancelha triunfante na direcção do colega.

A menina Walker analisou os nomes.

– Sim. É o meu tio e a minha tia. Viveram alguns anos no 61. O irmão do meu pai e a mulher dele. Nós vivíamos do outro lado da Circular Sul, em Charlton. Mas também vivi um par de anos no 63 de Howard Street, na década de 1980. Aluguei um quarto a uma colega de trabalho.

– Uau! – exclamou Joe. – Então deve conhecer todos os que constam da lista, não?

Kate reclinou-se e ficou a ver.

A menina Walker leu vagarosamente, ao mesmo tempo que ia acariciando *Shorty*, que estava a seu lado.

– Bem, conhecia todas as famílias que viviam naquelas casas, das visitas que fazia à minha tia. Quando era nova, íamos lá todos os domingos tomar chá. E sabia os nomes de alguns inquilinos, por estarem escritos nas campainhas,

mas estavam sempre a mudar-se, de maneira que não havia meio de os conhecer bem.

– Mantém contacto com algumas das pessoas que constam da lista, menina Walker? – perguntou Kate. – Gostaríamos de falar com elas sobre como era esta zona naquele tempo. Pode ser que saibam alguma coisa.

– Ah, isso. A minha tia e o meu tio morreram há muito tempo. E não tinham filhos. Os Smith tinham um filho mais velho do que eu, mas mudaram-se para o Norte, tanto quanto sei. Há os Speering e os Brown que vivem por estas bandas. Encontro muitas vezes June Speering na Cooperativa. E a filha, Sarah.

Joe escrevia os nomes no bloco.

– Menina Walker, nos anos de 1970, quem era o proprietário das casas? – perguntou Kate. – Quando eram apartamentos e quartos.

– Por favor, minha querida, trate-me por Barbara. Foram compradas por um homem horrível. Muito emproado. Gabava-se de conhecer toda a gente importante. O nome dele era senhor Soames, como na *Forsyte Saga*.

– Não simpatizava com ele, pois não, Barbara?

A menina Walker pestanejou.

– Não – respondeu em voz tensa. – Era uma criatura vil. Julgava-se o eleito de Deus. Aparecia com regularidade. Metia conversa com as raparigas que viviam nos quartos. Armado em Senhor Sedutor. Mas mandava os seus sabujos cobrar as rendas todas as semanas. Que Deus nos valesse se nos atrasássemos com o pagamento. Partiam-nos a mobília. Ou pior.

– Parece terrível – disse Kate. *Aposto que ele tem listas dos inquilinos com todos os pormenores*, pensou. – Onde vive ele agora?

– Só Deus sabe. Morto e enterrado, espero – respondeu a menina Walker.

– Meu Deus. Que lhe fez ele?

– Nada, nada – apressou-se a menina Walker a responder. – De qualquer maneira, ele vendeu as casas antes de os preços subirem. Aposto que ficou furioso por não ter esperado – acrescentou.

Kate olhou para o relógio.

– Temos de ir andando, Barbara. Montes de coisas para fazer.

– Obrigado, Barbara – disse Joe. – Foi uma grande ajuda. Deve ser engraçado estar no centro dos acontecimentos.

– Sim. E já tivemos a primeira curiosa. Uma mulher apareceu aí no domingo, a espreitar pela vedação. Espero que apareçam mais.

– É provável – concordou Joe, a vestir o casaco.

– Apareçam sempre que quiserem. É bom ter um pouco de companhia.

Capítulo 42

Quarta-feira, 11 de Abril de 2012

Jude

Há dois dias que não saía de casa. Flutuava longe da realidade, como num sonho. Necessitava de uma âncora. De pôr as ideias em ordem. De pensar. De dar sentido às notícias.

Pôs a tocar CDs dos álbuns preferidos – os originais em vinil há muito que tinham desaparecido – e ignorou as frenéticas pancadas na parede vindas do apartamento do lado. A música ajudava-a a recordar. A banda sonora da sua juventude. Dos seus vinte anos. Do romance com Charlie.

Conhecera-o quando tinha vinte e oito anos e vivia em Londres, onde trabalhava para uma editora. Não tinha guardado nenhuma fotografia – desfizera-se delas quando Emma começara a perguntar pelo pai, julgando estupidamente que ao ver-se livre das provas resolvia a situação –, mas ainda conseguia recordar-se do rosto dele.

Era músico, irresponsável mas lindo, e tinha-se embeiçado por ele como uma idiota, apesar dos avisos das amigas de que se iria sair mal. Era uma otária quando se tratava de uma cara bonita, dizia-lhes. E além do mais sentia-se só.

Pensara que Londres e o trabalho na editora seriam repletos de excitação, de homens inteligentes e criativos, e eram-no à primeira vista, nas suas roupas King's Road. Mas vestir-se à moda era apenas uma fachada. Por baixo dos blusões desportivos e das calças afuniladas continuavam a ser crianças do pós-guerra, amarradas aos cordões dos babetes das mamãs. Descobriu que o que procuravam era uma mulher que fizesse a cama e saltasse lá para dentro, e nisso não estava interessada.

Até ter conhecido Charlie, satisfazia as suas necessidades sexuais com aventuras de uma noite e amigos de ocasião. Charlie era cinco anos mais novo do que ela, mas parecia oriundo de uma era diferente, e não andava à procura de uma figura maternal. Vivia em Brighton, numa casa ocupada, e Jude tinha-o conhecido num concerto *pop* em Hyde Park. Dos Rolling Stones, logo a seguir à morte de Brian Jones. Pusera-se na fila para comprar uma bebida, e lá estava ele, de cabelos compridos, o sorriso enviesado e as belas mãos e, para ser honesta, não muito interessado nela. Um desafio irresistível. Tinha de o conquistar.

Tornou-se obcecada por ele. Gastou dinheiro a pagar-lhe as viagens a Londres, a vesti-lo como um manequim, a levá-lo ao teatro; emprestara-lhe livros de Mailer e de Updike e deliciava-se a escutá-lo no seu falar arrastado.

Como tinha previsto, Charlie revelou-se infiel. Sempre. Ao que parecia, fazia parte da maneira de ser dos músicos. Coisas sem significado, dizia ele. Garotas, fãs. Mas Jude colava-se a ele como uma lapa.

– Faz-me rir, faz-me sentir bem – dizia às amigas. – É divertido e eu amo-o.

E amava-o realmente. Depois de Will, na universidade, era o primeiro homem que a fazia sentir-se viva.

No entanto, nunca o levou a conhecer os pais. Dispensava a reprovação deles para lhe azedar a felicidade. Havia de contar-lhes quando estivesse preparada. Quando tudo ficasse assente.

Porque, acontecesse o que acontecesse, tinha resolvido casar com Charlie. O seu relógio biológico estava em marcha e precisava de o prender a si, só isso. Ele tinha de apreciar o que ela lhe proporcionava.

Sabia que Charlie achava o casamento antiquado e convencional.

– Quem se casa são os velhos. Nós somos espíritos livres, Jude.

Mas ao fim de um ano tinha resolvido forçar a questão. Engravidar. Esquecer a vergonha. E ele havia de casar com ela.

Todas as manhãs despejava na sanita a pílula contraceptiva e quando lhe faltou o período deu-lhe a novidade de que ia ser pai. Charlie fez uma careta, como se fosse chorar.

– Grávida? Como é isso possível? Disseste que tomavas a pílula – tinha ele protestado.

Não teve pejo em mentir, que se devia ter esquecido de tomar uma, que tinha vomitado. E que estava feliz com a gravidez. E esperava que ele também estivesse. Mas para Charlie as coisas não eram assim tão simples.

Parecia disposto a saltar borda fora, que não tinha a certeza de estar preparado. Chegou a sugerir-lhe que se livrasse do bebé.

Deixara-se levar pela indignação e dera-lhe um berro estridente:

– Nem pensar! Eu vou ter este bebé.

Pela centésima vez, Jude imaginou o que poderia ter sido a sua vida se tivesse aceitado a sugestão de Charlie. Se se tivesse livrado do bebé. Se não tivesse tentado convencê-lo de que seria um pai maravilhoso, se não o tentasse submeter com carícias.

Demasiado tarde para todos esses «ses», disse para consigo. Tinha triunfado nessa primeira batalha com Charlie e fora obrigada a suportar as consequências.

Ele precisara de algum tempo para se habituar à ideia, mas havia dias em que lhe acariciava o ventre e conversava com ela sobre nomes e sobre o futuro. Contudo, ausentava-se cada vez mais. Em *tournée*, dizia ele. Não sabia se ele mentia ou não, mas optou por não querer saber. Voltava sempre para ela e Jude convenceu-se de que ele havia de assentar, depois de o bebé nascer.

Capítulo 43

Quarta-feira, 11 de Abril de 2012

Emma

Esta manhã sinto-me com mais forças. Como não me sentia há semanas. Não sei porquê, mas pego no telefone e ligo a Jude para lhe dizer.

– Olá, Jude.

– Credo, dois telefonemas numa semana. É uma honra – diz ela. – Pareces estar bem.

Ela não está.

– Está tudo bem contigo? – pergunto. – Olha que não quero ouvir os teus problemas. Não quero perder a boa disposição.

– Está tudo bem. Por que estás tão alegre?

– Hoje sinto-me feliz – respondo. Não queria falar no assunto, mas vou para as notícias que me alegraram a alma. – Sabes, aquele bebé de que te falei, o que foi enterrado em Howard Street? Já foi identificado. É uma menina que desapareceu há quarenta anos. Uma Alice qualquer-coisa…

– Irving. Alice Irving – diz Jude. – Sim, ouvi a notícia. Desapareceu antes de nós irmos para lá viver.

– Recordas-te do caso? Nem queria acreditar quando ouvi na rádio.

Um entusiasmo excessivo. Inspiro fundo.

– Nem eu. É incrível – diz ela, mas na sua voz não perpassa qualquer entusiasmo. Nem emoção.

– Portanto, não podem ter sido os drogados – digo.

– É pouco provável. Aconteceu há tanto tempo que espero que nunca venham a descobrir a verdade.

– Não, Jude. Agora a polícia tem métodos novos. Conseguiram estabelecer a correspondência do ADN ao fim de todo este tempo, não foi?

– Bem, é o que dizem. Mas por que motivo estás tão contente?

– Não estou. Apenas interessada.

Mas Jude não está, pois muda de assunto. Para falar de Will, naturalmente. Está outra vez obcecada. Sinto fugir a boa disposição.

– Não voltei a ter notícias dele. Achas que lhe devo telefonar?

– Não.

É a resposta errada e o tom de Jude endurece.

– Pois, mas é o que vou fazer. Na verdade não sei por que te perguntei. Só pensas em ti. Tens um marido, trabalho, colegas, amigos. E eu, o que tenho? Uma filha que é raro ver. Preciso de alguém na minha vida. Sinto-me muito só, Emma.

Para a minha mãe é uma grande confissão, de modo que procuro ser simpática.

– Peço desculpa. Não pensei que te sentisses assim. Podia telefonar-te mais vezes, mas acabamos sempre a discutir. Nunca te encontras com as amigas nem com as antigas colegas do trabalho?

– Estão muito ocupadas com a família ou então já morreram. Estou a chegar àquela idade em que quase todas as pessoas que conhecia já morreram. Só me pergunto quando será a minha vez.

– Porquê? Sentes-te doente?

– Não. Só velha. Mas não te preocupes comigo.

Sou assaltada por uma súbita irritação. Está a manipular-me. Eu sei, ela também sabe, mas não consigo evitar.

– E se entrasses para um clube ou tivesses aulas à noite? – sugiro, desesperada por arrancá-la àquela tristeza.

– Não estou interessada – diz Jude. – Para que quero aprender a bordar ou a dançar em grupo? Preciso é de alguém com quem falar e que me faça rir. E que cuide de mim.

– Não haverá ninguém melhor do que Will Burnside?

– Não há. Já procurei. E Will foi o amor da minha vida. Sabes isso. De qualquer maneira, não te safaste melhor do que eu.

– O que queres dizer com isso?

– Bem, o que eu vou dizer é um lugar-comum, mas casaste com um homem que tem idade para ser teu pai.

Não lhe faço frente. Agacho-me para aparar os golpes. O que torna tudo pior. Jude sempre odiou os meus silêncios. Agora tomou o freio nos dentes e vai despejar todos os rancores passados.

– Vais acabar a pôr-lhe a arrastadeira – grita em voz esganiçada.

Percebo que nunca deixará de se sentir desapontada comigo.

– Tenho de desligar, Jude. Desculpa ter-te irritado outra vez. Volto a ligar-te em breve.

Espero que a linha emudeça antes de pousar o telefone.

Capítulo 44

Quarta-feira, 11 de Abril de 2012

Jude

Ficou um minuto a olhar para o telefone, até concluir mentalmente a descompostura.

Nunca te devia ter tido. Desde o princípio que és um problema.

Tudo começara a correr mal quando Charlie voltara da *tournée*. Tinha ido à porta recebê-lo, com Emma nos braços.

Ansiava pelo momento em que ele regressaria – tinha imaginado uma reunião grandiosa – mas não correra de acordo com o planeado.

Imaginara-o a aparecer com um braçado de rosas e um anel de noivado, mas a única coisa que trouxe foi um saco de roupa suja e histórias sobre noites de bebedeira. E quando ele estendera os braços para pegar na bebé, Jude não tinha conseguido largá-la. Era o penhor do pacto que tinham feito, mas Jude precisava de ter a certeza de que Charlie jogava de acordo com as suas regras.

Tinha engolido o desapontamento e tentara envolvê-lo nas novas actividades domésticas. Deixara-o mudar as fraldas de Emma e preparar-lhe o biberão. Mas nunca lhe permitira que segurasse na criança durante muito tempo. Era um privilégio que ele tinha de conquistar.

– Está a dormir, Charlie – dizia quando ele lhe queria pegar. – Não a acordes.

Percebera-lhe o melindre no olhar, mas não podia ceder. Tinha de ser cautelosa com a filha.

Naquela primeira noite, dormira agarrada a Emma, deitada entre ela e Charlie.

Quando lhe dissera pelo telefone que Emma tinha nascido, ele não lhe perguntara nada sobre o parto. Só queria saber do bebé.

– Com quem se parece, Jude? Tem uns olhos lindos como os teus?

Contudo, pela primeira vez sentado à sua frente, tinha querido inteirar-se de todos os pormenores. E Jude contou-lhe como tinha desejado um parto natural, sem necessidade de os médicos lhe introduzirem instrumentos metálicos no corpo. Resolvera ter a filha em casa, apenas assistida por uma amiga, parteira não diplomada.

Ele tinha feito uma careta. Demasiado visceral para ele. Não tinha assistido a nenhuma aula preparatória nem lido nenhum dos livros. *Demasiado ocupado a ser uma estrela de* rock, tinha ela pensado.

Charlie esquivara-se aos pormenores mais repugnantes e concentrara-se nas funções da parteira.

Explicara-lhe que ao longo da história, as parteiras tinham auxiliado as mulheres nos trabalhos de parto. Em geral eram irmãs ou tias. Mas a parteira dela era alguém que tinha conhecido nas aulas preparatórias da National Childbirth Trust.

– Parece-me porreiro – fora o comentário.

E quando ele começara a bocejar e sugerira que fossem para a cama, Jude mandara-o dormir no sofá, para não ser incomodado pelo choro da criança.

Na manhã seguinte, Charlie entrara-lhe no quarto com uma chávena de chá e sentara-se à beira da cama.

– Lamento não ter cá estado para te ajudar, Jude. Mas agora já estou, *okay*?

Respondera-lhe que sim, a julgar que ele se referia ao casamento. Mas ele abraçara-a e tentara meter-se debaixo dos lençóis. Enxotara-o com a alegação de que precisava de alimentar Emma.

– Por amor de Deus – tinha ele dito, ao fim de duas semanas, quando a tensão ameaçava sufocá-los. – Afinal o que se passa?

De pé, junto da janela, e a olhar para fora, não para Jude.

– Tu mudaste, Jude. Tornaste-te tão convencional em relação a tudo. Paranóica. Nem tenho direito de segurar na minha filha. Como se eu nada tivesse a ver com ela. Como se fosse só tua.

Deitara Emma no carrinho e respondera, esforçando-se por manter a calma:

– Lamento, mas tive de fazer tudo sozinha. Nem sei se estás aqui para ficar.

Charlie encolhera os ombros, sempre de costas voltadas.

– Tratas-me como se fosse um desconhecido. O que me faz pensar se alguma vez tive qualquer coisa a ver com ela. É filha de outro? É isso? Dormiste com outros tipos?

Subiu-lhe pelo corpo a mesma sensação de calor que sentira quando ele gritara as acusações. Respondera-lhe que nunca tinha dormido com mais ninguém, que Emma era filha dele. Mas ele já não ouvia. A ideia de ter sido traído expulsara toda a razão. *É o que as pessoas fazem no seu mundo de estrelas de* rock, disse Jude para consigo.

– Charlie, escuta-me, por favor. E se nos casássemos? Talvez seja por não ter a certeza do teu empenhamento. É isso que se interpõe entre nós.

– Os tomates! – fora a resposta. – Casar contigo não resolveria nada. Só serviria para me amarrar a este pesadelo.

Beijara Emma e saíra porta fora.

Durante dois dias não tinha posto o pé na rua. Demasiado abalada para deixar o ninho. Mas por fim levara Emma ao dispensário, para ser pesada. Não queria sarilhos por faltar às marcações.

O doutor Grundy mostrara-se satisfeito por vê-la – aliás, fazia-o sempre. Havia doentes que se queixavam dele, em especial depois de ter almoçado no *pub* local. Mas Jude escolhera-o para as consultas, e ao cabo de alguns *flirts* cautelosos, tornara-se uma das suas favoritas. Tinha-lho ele dito na cara, enquanto lhe apertava nervosamente as mãos. Da primeira vez que levara Emma à consulta, tinha-a censurado por ter tido a criança em casa, apenas assistida por uma curiosa, mas ela tinha arrulhado as suas explicações, e desde aí ele era como plasticina nas suas mãos. Resmungava, mas assinava todos os papéis.

Na última visita, depois de ter pesado Emma, Jude informara-o de que resolvera voltar para casa dos pais. O médico parecera desapontado.

– Vou sentir a sua falta, Jude.

– Também vou sentir a sua, doutor Grundy – respondera, e dera-lhe um beijo na cara, a sentir-lhe a pele fina como papel.

Tinha sido uma decisão difícil, mas precisava de um novo começo. Na ausência de Charlie, tinha de se sustentar a si mesma. Não podia trabalhar e ao mesmo tempo cuidar de Emma. E não a queria deixar com nenhuma ama. Precisava de quem a ajudasse.

Os pais de Jude sabiam da existência da neta, mas tinham preferido manter-se à distância e em silêncio, como prova do seu desagrado face às opções de vida da filha. Tinha de recorrer a eles. Não seriam capazes de resistir à primeira neta.

Quando lhes apareceu à porta, de mala aviada e Emma deitada no carrinho, acolheram-na com mais tristeza do que fúria, com um beijo seco na cara e muita relutância. A mãe tinha assumido uma atitude indiferente durante toda a manhã, mas Jude fingira não perceber.

O almoço foi medonho. Carne – bife em sangue – e a mãe encolheu os ombros quando a filha, vegetariana, se serviu apenas da couve-flor.

– Não sabíamos que vinhas – justificou-se.

Gerou-se um silêncio sufocante que Jude tentou quebrar falando sobre o bebé, o trabalho e como o jardim estava bonito.

– Então, Judith, onde está o pai? – perguntou a mãe, a estender-lhe as batatas assadas.

– Foi-se embora, mãe – foi a resposta simples.

– Estou a ver. Quando tempo tencionas cá ficar?

– Não sei, mãe.

– A bebé precisa de estabilidade, e não a vai ter se andares a saltitar de um lado para o outro.

– Deirdre – disse o pai em tom de aviso. – Não é o momento para ter essa conversa.

Jude dirigiu-lhe um sorriso tenso de agradecimento.

– Se este não é o momento, quando será? Não fala connosco durante meses, engravida, manda à fava uma excelente carreira profissional e quando

reaparece fingimos que não aconteceu nada? Por amor de Deus, Judith. Nem imaginas a infelicidade que nos tens causado. Passei meses sem dormir.

Jude espetou o garfo numa batata.

– Não quis que se sentissem infelizes, mãe. Tomei uma decisão errada. Podemos deixar de falar nisso? Agora há que pensar na bebé. Pode passar-me as cenouras, se faz favor?

Educada para não perder a compostura mesmo no meio de uma desavença, a mãe fez uma cara de pau e estendeu-lhe a tigela.

Capítulo 45

Quinta-feira, 12 de Abril de 2012

Kate

De manhã cedo telefonou ao inspector Sinclair, ansiosa por ouvir as últimas sobre a investigação antes da reunião com o editor. Esperava que o detective tivesse alguma novidade para ela. Após um primeiro contacto pouco promissor, Kate e o inspector mantinham uma relação calorosa. Tudo fizera para que assim fosse. Era uma história que se podia prolongar por tempo indeterminado, e precisava que ele estivesse do seu lado, custasse o que custasse.

Agia de forma discreta, sem nunca se afastar das linhas que abordavam, e passava-lhe as informações que recebia do público. Até ao momento, a colaboração tinha sido feliz. O detective estava satisfeito com a reacção popular desencadeada pelos artigos publicados a conta-gotas pelo *Post* – mães que tinham dado à luz pela mesma altura que Angela, enfermeiras que a contactavam, e até um dos agentes que tinham investigado o caso. As conversas entre ambos tinham-se tornado menos informais.

Kate sabia agora que ele tinha filhos da mesma idade que os seus e que era adepto do Tottenham.

– Bom dia, Andy. Desculpe telefonar tão cedo. Como está?

– Já estive melhor, Kate – respondeu em voz cansada.

– É pena. Uma noite difícil?

– Não.

Hesitou, e ela permitiu que o silêncio o incitasse a prosseguir.

– Ouça, apareceu um dado novo no caso de Alice Irving. Um pequeno problema. Podemos falar *off the record*?

– Claro – respondeu Kate, de espírito em alerta máximo. – Um problema, Andy? Que espécie de problema? Tem a ver com os testes de ADN?

– Não, não. A correspondência é sólida. Mas há um problema com as datas.

Kate pegou no bloco de apontamentos. Agora era *off the record*, mas queria anotar tudo para mais tarde. Para o caso de deixar de ser.

– Pode continuar – incitou.

– Como sabemos, Alice foi levada no dia 21 de Março de 1970 – disse o inspector Sinclair.

– Sim…

– Pois bem, só foi enterrada em Howard Street na década de 1980. Não pode ser.

– O quê? Porquê? Como sabe?

– Os tipos da equipa forense dizem que o papel em que o corpo foi enrolado é dos anos de 1980, qualquer coisa relacionada com a tinta da impressão, não tenho os pormenores à minha frente, e temos andado a fazer o levantamento da história do local. Devia ter sido mais cedo, mas fomos enganados pela correspondência do ADN. De qualquer modo, até ao fim dos anos de 1970 as casas tinham pequenos pátios de cimento, e não jardins. Os pátios davam para as oficinas de um edifício da Boys' Brigade. O prédio só foi demolido em 1979, quando as casas foram compradas por um construtor civil que prolongou os pátios e os transformou em jardins. Portanto, o corpo não pode ter sido enterrado antes disso.

Kate engoliu em seco.

– Peter, o rapaz que encontrou o corpo disse que encontrou alicerces de cimento no jardim. Estavam a arrancá-los. Por baixo do sítio onde estava a floreira!

– Ele disse isso? Tenho de falar com ele outra vez – disse o inspector Sinclair, também a tomar apontamentos.

– Então, o que significa isto, Andy? A pergunta para um milhão de dólares.

– Creio que o corpo de Alice esteve guardado em qualquer lado durante dez anos.

– Cristo! Isto está a tornar-se macabro.

Quem mais saberá disto?, pensou.

– É verdade – e acrescentou, como se lhe lesse os pensamentos: – Fora da equipa ninguém sabe disto, Kate. Nem disse à Angela. Quero ter a certeza de que não há fugas.

– Adorava escrever sobre isto, Andy.

– Aposto que sim. Mas aguente até amanhã. Depois pode escrever tudo o que quiser. Preciso da sua colaboração para resolver este desfasamento temporal.

– Com certeza. Faremos o que for necessário para ajudar.

O seu cérebro raciocinava a toda a velocidade. *Quem vivia em Howard Street dez anos mais tarde? Onde se pode conservar um corpo?*

– Obrigada por me ter dito, Andy. Vou guardar isto só para mim até você dizer. Depois falamos.

– *Okay*.

Telefonou imediatamente a Bob Sparkes. A sua pedra-de-toque.

– Kate – disse ele. – Estou a conduzir. Vou pôr-te em alta voz.

– Está bem. Estás sozinho?

– Sim, porquê? Aconteceu alguma coisa?

Relatou-lhe por alto a conversa com o inspector Sinclair, e Sparkes deixou-a à espera enquanto digeria a informação.

– O corpo pode ter estado guardado em qualquer parte do país durante dez anos. Isso destrói toda a investigação. Pode ter sido alguém que já vivia na casa que precisou de esconder o corpo ou alguém que se mudou para lá e o levou consigo.

– E um dos operários que trabalharam na demolição do edifício da Boys' Brigade? – perguntou Kate.

– Tudo é possível. Tenho pena do Andy Sinclair. A Angela já sabe?

– Ainda não. Felizmente não serei eu a dizer-lhe.

– Nem eu – concordou Sparkes. – Vai dando notícias, Kate.

E desligou.

Joe entrou no momento em que ela pousava o telefone.

– Veio cedo, Kate. Perdi alguma coisa interessante?

– Bem podes dizê-lo, Joe. Senta-te. Temos uma encrenca no caso de Alice.

– O que é? – gaguejou Joe, a puxar a cadeira para mais perto de Kate, para ouvir. – O que aconteceu?

– Temos de avançar para os anos de 1980, Joe. Alice foi sepultada em Howard Street na década de 1980, não na de 1970. Mas por enquanto mais ninguém pode saber. Sinclair disse-me isto, esta manhã, mas a título oficioso.

Joe lançou-se para trás na cadeira.

– Mas foi morta nos anos de 1980?

– Não. Se assim fosse teríamos o cadáver de uma garota de dez anos, não era?

– É claro, é claro. Só estava a pensar em voz alta. Então, onde esteve o corpo durante dez anos?

– Exacto. E quem o enterrou em Howard Street? Temos de nos concentrar nisso.

– Bem, não pode ter sido Marian Laidlaw – prosseguiu Joe. – Ontem à noite procurei-a nos registos e descobri que morreu em 1977.

– Meu Deus, tão nova. Mas que porra! – exclamou Kate. – Bem, era uma hipótese pouco provável. Len Rigby disse que ela tinha um álibi, mas seria uma história formidável se ela confessasse ao fim de todos estes anos. Então, quem estava vivo à época?

– Barbara – adiantou Joe. – E nessa altura vivia numa daquelas casas.

Capítulo 46

Quinta-feira, 12 de Abril de 2012

Kate

Quando chegaram ao apartamento da menina Walker encontraram-no vazio, mas uma nota escrita em papel pautado flutuava ao vento, presa na porta da frente, a informar os possíveis visitantes de que a locatária tinha ido às compras.

«Estou de volta pelas três da tarde», tinha ela escrito.

– Que chatice. Só falta escrever: «PS: estejam à vontade» – barafustou Kate, que arrancou o papel da porta e o meteu no bolso.

Começava a chuviscar, de maneira que tomou a dianteira a caminho do *pub*.

– Volta dentro de vinte minutos – comentou para Joe.

Graham, o proprietário, riu-se quando os viu.

– Não se conseguem afastar, pois não?

Virou-se para os fundos e gritou:

– Toni, a imprensa voltou!

– É a sua mulher? – perguntou Kate.

– Sim, sou eu – disse a patroa, a emergir pela porta dos fundos. – Graham diz que é jornalista – continuou, como se fosse um segredo pecaminoso.

Uma espécie de aparte.

Kate ficou à espera do habitual comentário depreciativo. As coisas tinham mudado desde os tempos em que as pessoas pensavam que ser jornalista era uma profissão fascinante. Agora, os jornalistas estavam ao mesmo nível que os inspectores de finanças e os polícias de trânsito.

Toda a gente parecia incomodada com a imprensa e com os seus métodos de obter informações. Contudo, hoje em dia tudo tinha a ver com a

tecnologia. Quando Kate começara, o seu antigo chefe em Fleet Street tinha-lhe ensinado a avariar um telefone público para que mais nenhum jornalista pudesse usá-lo – desenroscar o auscultador – e uma vez ordenara-lhe que levasse uma câmara oculta para dentro da enfermaria de um hospital para fotografar um doente famoso.

Não tinha feito as fotografias clandestinas. Tinha medo do chefe, um alcoólico cuja disposição podia ser avaliada pelo modo como de manhã abria a porta do escritório, ao ponto de fazer quase tudo o que ele pedia, mas aquilo, não. Tirara uma fotografia ao casaco e fingira que a máquina se tinha avariado.

Mas, quando comparado com alguma das artimanhas modernas, o seu antigo chefe parecia uma personagem saída de uma comédia dos estúdios Ealing. Cada vez mais as violações de correio de voz, de contas bancárias e de registos clínicos se tinham tornado rotina em algumas redacções.

Em algumas redacções. Mas não interessava quem tinha feito o quê. No que respeitava ao público, eram todos culpados e todos tinham de prestar contas.

Até então, o jornal de Kate tinha escapado a uma investigação policial de interferência em computadores e de suborno a funcionários para obter informações.

– Mas pode vir a acontecer – tinha confessado uma noite Terry, desesperado e em frente de uma cerveja.

– Não sejas parvo – tinha ela dito. – Nunca interferi no computador de ninguém nem saberia por onde começar.

Mas tinha a percepção de que o público considerava todos os jornalistas escumalha.

– Sim, mas a nata da escumalha – tinha-se gabado Mick, o fotógrafo.

A patroa guardou silêncio e fitou-a, na expectativa.

– Eh… sim, chamo-me Kate Waters e sou do *Daily Post*. Prazer em conhecê-la.

– Não tem ar de jornalista – observou a proprietária.

Kate não soube que responder. Perguntou a si mesma qual seria o aspecto que a senhora taberneira atribuía aos jornalistas. Talvez homens.

Possivelmente homens de gabardina sebenta, a remexer em caixotes de lixo. Evitou um suspiro.

– Bem, temos todos os aspectos e feitios – respondeu com uma gargalhada.

A patroa riu também e estendeu-lhe a mão.

– Sou a Toni. Ouvi dizer que anda a fazer perguntas sobre o bebé que apareceu enterrado no jardim. É incrível que aquela pequenita…

Kate concordou e repetiu «incrível».

– O seu marido disse-me que a senhora cresceu nesta rua, que talvez se recorde de algumas das pessoas que aqui moravam nos anos de 1970 e 1980 – disse Kate, que se chegou para o lado para que Toni se pudesse sentar.

– Sim, os meus pais eram os proprietários do *pub,* e antes disso viveram vários anos no número 65.

– O seu nome de solteira é Brown? – perguntou Kate.

– Isso mesmo. Como sabia?

– Tenho andado a procurar nos registos eleitorais desse tempo, só isso. Venderam a casa a um senhor Soames?

Toni revirou os olhos.

– O sacana cá do sítio. Um tipo nojento, todo ele mãos, sempre atrás das raparigas. Eu mantive-me sempre à distância.

Kate sublinhou no bloco a nota «Encontrar Soames».

– E as raparigas que conhecia dos anos de 1980?

– Pensei que o bebé tinha sido raptado na década de 1970 – disse Toni.

– Bem, a polícia está a alargar o leque temporal das buscas, para não escapar nada – respondeu rapidamente Kate.

Por pouco não tinha revelado o jogo. Sinclair ficaria fulo se ela se descaísse com alguma coisa antes de ele lhe dar luz verde.

– Certo. Bem, aquilo era quase uma quadrilha. Vieram todas à festa dos meus dezasseis anos. Foi em 1985. Uma festa formidável. Ao fundo da rua havia uma discoteca, no edifício da Boys' Brigade. Meu Deus, nem quero acreditar que já se passaram quase trinta anos.

Kate esboçou um sorriso vitorioso.

– Devemos ter mais ou menos a mesma idade. – *Tinha uns bons seis anos mais, mas não importava.* – Também foram os melhores tempos da minha

vida. Recorda-se de *Jackie?* Adorava aquela revista, lia-a todas as semanas e colava os *posters* nas paredes do quarto. E as modas? Nem consigo acreditar como vestia algumas daquelas coisas. Os meus filhos pensam que exagero.

Entusiasmada, Toni pegou-lhe na palavra.

– No dia em que fiz dezasseis anos, vesti minissaia e luvas de rede, como a Madonna. Achava-me um espanto. Ainda devo ter por aí algumas fotografias.

– Adorava vê-las – adiantou Kate.

– Vou buscá-las – disse a proprietária, radiante.

Levantou-se e desapareceu para lá de uma porta com o letreiro de «Privado».

– Deu-lhe corda – disse o patrão com uma gargalhada. – Espero que não tenha mais nada planeado para o resto do dia. Toni adora viajar pelo mundo das recordações.

– Olhe que eu também. E tenho todo o tempo do mundo.

Lançou a Joe um olhar carregado de significado, na esperança de que ele não ficasse impaciente.

Dez minutos mais tarde Toni reapareceu com uma pilha de álbuns de fotografias nos braços, bem como algumas fotografias emolduradas.

– Não sei quais são as da festa, de maneira que trouxe todas. Estas que estão emolduradas estavam dentro da mesma caixa, por isso trouxe-as também.

Deixou cair pesadamente o material em cima da mesa, a levantar uma nuvem de poeira.

– Há séculos que não olho para elas – acrescentou em tom de desculpa, ao mesmo tempo que sacudia as provas do desleixo.

As duas mulheres sentaram-se lado a lado na banqueta de veludo e começaram a folhear as páginas. Enquanto Toni ia apontando com o dedo e soltava curtas risadas, Joe concentrou-se no telemóvel e Graham foi limpar copos para trás do balcão.

– As senhoras não querem um chazinho? – perguntou ele depois de ter acabado.

Joe levantou a cabeça.

– Desculpe, companheiro – disse o patrão. – Chá para todos?

– Sim, amor, se fazes favor – respondeu Toni por cima do ombro. – É um querido. Oh, penso que estas são as da festa.

A sair do álbum, havia fotografias soltas e cartões de aniversário. Kate apanhou uma mão-cheia de fotografias que tinham caído para o chão e dispô-las sobre a mesa, como cartas de jogar.

– É a quadrilha – quase gritou Toni, deliciada. – Olhe para nós, todas embonecadas. Antes de irmos para a discoteca juntámo-nos todas no meu quarto para fazer a maquilhagem e nos pentearmos. Mal se conseguia respirar com o cheiro da laca e dos perfumes. Sinto-o como se fosse hoje.

Kate examinava atentamente os rostos.

– Onde está?

Toni indicou um rosto sorridente no centro do grupo.

– Aqui. Nesse tempo usava o cabelo escadeado. Toda a gente usava. Todas nos julgávamos Sheena Easton. Hoje acho horrível, mas naquele tempo era bestial. – Passou a mão pelo carrapito sedoso, num gesto nostálgico. – E olhe para a maquilhagem. Aplicávamos o *blush* com uma colher de pedreiro.

Kate deixou escapar uma gargalhada sonora.

– Parece que saíram da Unidade de Queimados. Não usávamos o mesmo material nos lábios e na cara? Lembro-me que era pegajoso e cheirava a pastilha elástica.

– É isso! E eu tinha um batom que sabia a morango. Que nojo!

– Então e as outras, quem são? – perguntou Kate, ansiosa por voltar ao que lhe interessava.

– Deixe ver… esta é a Jill, a Gemma, a Sarah B, a Sarah S… desta não estou certa, penso que só esteve um período na nossa turma… esta creio que é a Harry Harrison, mais a amiga esquisita. Andavam um ano atrasadas em relação a nós, mas Harry era amiga de Malcolm, o meu irmão. Andava caidinha por ele. Todas andavam. Pobre Malcolm. Demasiado giro para seu bem. Harry pediu-me para a convidar, julgo que andaram algum tempo juntos. Não sei ao certo, já lá vai tanto tempo. Lembro-me que Harry andava sempre metida em sarilhos lá na escola, mas era engraçadíssima.

Kate escrevia nomes, a estancar ocasionalmente a torrente de recordações para confirmar os apelidos e a sua grafia correcta.

– Não conhecia uma Anne Robinson?

– Só se for a do *Elo mais Fraco*, da televisão.

– Não, não é essa. Quem ainda continua a viver por estas bandas? – perguntou durante uma pausa para uma segunda chávena de chá. – Com quem eu possa falar?

– As duas Sarahs vivem perto do complexo industrial, mas não as vejo desde que laqueei as trompas.

Kate assentiu com um gesto de compreensão. Aquela intimidade instantânea sempre a tinha surpreendido. Tinha conhecido a mulher há apenas meia hora e já sabia o seu historial reprodutivo.

– Levei imenso tempo a recuperar – prosseguiu Toni. – Disseram que em dois dias estava fora da cama, mas estava uma ova, é que estava.

– Coitada! – exclamou Kate, uma expressão que usava para pôr termo a reminiscências indesejadas. – O que é feito da Jill e da Gemma? – perguntou, a trazê-la de novo ao que era importante.

– Casaram e foram viver para Kent, ou para Essex, julgo. Meu Deus, há anos que não pensava nelas.

«Éramos tão chegadas naquele tempo, mas depois perdemos o contacto. Eu mudei-me para West London durante alguns anos, quando arranjei o primeiro emprego, e não é preciso mais nada, pois não? Parece que o chão se fecha sobre nós. Quando voltei, elas já se tinham ido embora e eu estava casada.

– Eu sei – disse Kate, compreensiva e a mexer a chávena. – Então e as outras que estão na fotografia? A garota que estava embeiçada pelo seu irmão?

– Harry? Também não sei para onde foi. Não estou a ajudar muito, pois não?

– Não diga isso. Tem sido fantástica. Muito obrigada, Toni. Foi Deus quem a mandou.

A patroa correspondeu ao sorriso de Kate.

– Adorei. Põe-me o sangue a ferver. Creio que vou tentar uma reunião. Um regresso a 1985. Vou ao Facebook para ver se as encontro.

– Se souber alguma coisa delas, diga-me – pediu Kate.

Também tencionava procurar no Facebook, mas sabia que Toni teria mais hipóteses de localizar as miúdas da discoteca.

– E não se esqueça de me convidar. Adoro música *pop*.

Toni deixou escapar um pequeno grito e requebrou-se numa dança animada.

Capítulo 47

Quinta-feira, 12 de Abril de 2012

Angela

Foi Nick quem abriu a porta aos agentes. Tinha vindo a casa para almoçar e para levar uma factura de que se tinha esquecido sobre a mesa do vestíbulo. Em geral nunca vinha a casa durante o dia, preferia levar o almoço de casa ou comer um rolo de salsicha na padaria da esquina, mas desde que circulavam as notícias a respeito da bebé arranjava uma desculpa para vir a casa. Angela desconfiava que ele andava de olho nela.

Tinha chorado com ela quando lhe dissera que tinham encontrado Alice. Nesse dia, ao voltar do trabalho, tinha encontrado Angela sentada e rodeada pelo silêncio. Nem rádio nem televisão para lhe fazer companhia, como era habitual. Tinha percebido porquê mal ela olhara para ele.

– É ela, não é? A nossa menina – tinha perguntado.

E chorara como se nunca mais fosse acabar.

– Nunca pensei que a encontrássemos, Angie – articulara entre os soluços. – Todos estes anos me pareceram irreais. Cheguei a perguntar-me se teria mesmo existido um bebé. Quero dizer, só lhe peguei uma vez antes de ter desaparecido. Pensei que era o meu castigo por te ter magoado. Tenho tanta pena, Angie. Tenho tanta pena de tudo.

Confortara-o. Mas sentira-se profundamente abalada por causa dele. Era a primeira vez que manifestava os seus sentimentos em relação à primeira filha. E à culpa. Nunca antes tinha dito nada daquilo, nem mesmo naqueles dias mais negros do princípio, e Angela perguntou-se se teria sido ela a tornar-lhe impossível a franqueza. A sua raiva e o seu desgosto tinham preenchido todos os recantos da casa. Ele tinha-se visto obrigado a desempenhar o papel do

homem forte. Mas o que se teria passado na cabeça dele durante todos aqueles anos?

Angela sentiu que redescobria o marido e o casamento que poderia ter tido se…

Acarinhara-o até ele se acalmar e ficaram ambos em silêncio.

– E agora? – tinha ele perguntado, a olhar para ela. – O que acontece a seguir?

– A polícia vem cá amanhã falar connosco. Vão tentar descobrir quem levou a nossa bebé, amor.

– Como conseguem? Ao fim de todo este tempo?

– Não sei, Nick. Mas pelo menos agora sabemos onde ela está. Alice.

Tinham telefonado logo aos filhos, antes que a notícia se espalhasse. Patrick tinha ouvido em silêncio enquanto em fundo os dois filhos barafustavam por causa da hora de se deitarem.

– Meu Deus, mãe. Nem consigo acreditar – dissera ele por fim. – Onde encontraram o corpo? Woolwich? Mas isso é a milhas de distância. Como lá foi parar?

Concentrado nos factos, pensou Angela.

Como já esperava, Louise tinha chorado.

– Como se sente, mãe? E o pai? Devem estar de rastos. Vou passar por aí – tinha ela dito.

A filha tinha telefonado a Patrick, pois ele aparecera pouco depois da irmã e deixara-se ficar à porta, visivelmente embaraçado, enquanto Louise e Angela se abraçavam e voltavam a chorar.

Quando acabaram de chorar e todos estavam sentados, Angela contou-lhes uma vez mais a história do rapto de Alice. Em vinte anos, era a primeira vez que o caso era mencionado em família – Nick tinha dito à mulher para deixar de massacrar as crianças com aquilo e ela obedecera. Mas naquela noite podia-se falar de tudo. Com excepção da traição de Nick. Perguntara a si mesma se Nick se disporia a falar nisso aos filhos. Ao fim e ao cabo, o segredo era dele. Mas ele não tinha falado. Há coisas que é melhor que nunca sejam ditas.

– Quer dizer que amanhã vem escarrapachado nos jornais, não é? – tinha perguntado Patrick. – Vão-nos aparecer jornalistas em casa?

– Não sei, Paddy – respondeu Angela. – Espero que não, mas se aparecerem, não tens de dizer nada. Manda-os falar com a polícia.

– Mãe, isto vai ser horrível para si. Quer que venha ficar consigo? – tinha perguntado Louise.

– Nós ficamos bem, minha querida – tinha respondido firmemente Nick. – Durante todos estes anos enfrentámos a perda de Alice. Podemos aguentar mais isto.

Mas começara a vir almoçar a casa, com o pretexto de se ter esquecido de qualquer coisa, ou de passar ali perto. Angela adorou o cuidado dele.



A agente de ligação à família, uma mulher de expressão doce chamada Wendy Turner, telefonava a maior parte dos dias para fazer perguntas ou os pôr ao corrente das últimas notícias, pelo que foi com imenso à vontade que Nick se dirigiu para a porta.

– Olá, Wendy. Como está? – ouviu-o Angela dizer, e voltou a despejar a sopa na panela. – Não estava à sua espera, Andy. É melhor entrarem. Angie está na cozinha.

O inspector Sinclair foi o primeiro a entrar, e sem uma palavra Angela puxou uma cadeira para ele. A agente Turner ficou de pé, de costas apoiadas no balcão da cozinha.

– Desculpem ter vindo sem avisar – disse o inspector Sinclair –, mas queria pô-los a par dos últimos passos da investigação.

O tom era formal e Angela sentou-se defronte dele, do outro lado da mesa, com Nick de pé atrás de si, as mãos apoiadas nos ombros dela.

– De que se trata? – quis saber Angela.

– Bem, chegámos à conclusão de que o corpo de Alice foi enterrado em Howard Street durante a década de 1980. Sabemos isto porque conhecemos a história do local e pela análise forense aos restos encontrados a embrulhar o corpo.

Angela ia para falar, mas Nick adiantou-se:

– Deixa o Andy acabar, amor – disse em tom calmo.

– Sei que isto deve ser mais uma aflição para os dois, mas estamos a fazer tudo para descobrir o que aconteceu a Alice. Quero que tenham a certeza disso.

Nick foi o primeiro a falar:

– Obrigado por nos ter dito, Andy. Acha que vos vai ajudar a apanhar quem raptou Alice?

– Pode ser que sim. Estamos a investigar quem se mudou para Howard Street no princípio dos anos de 1980. São cerca de dez anos menos, pode ser que a memória das pessoas esteja mais fresca.

– Quem ia enterrar um corpo ao fim de dez anos? – perguntou Angela.

– Não sabemos – respondeu Sinclair. – Pelo menos ainda não.

Capítulo 48

Sexta-feira, 13 de Abril de 2012

Kate

Kate apresentou o novo artigo sobre Alice às 9 h 7 m. Já o tinha escrito no dia anterior, assim que acabara de falar ao telefone com o inspector Sinclair. Mas tinha esperado para falar a Angela nessa manhã, para obter umas palavras dela.

– Não sabemos o que pensar. Estamos contentes por ela ter sido encontrada.

Depois de o detective lhe ter falado às 8 h e 40 m para lhe dar luz verde, Kate tinha dado os últimos retoques no artigo.

– Cuidado com o título, Terry – tinha dito ao reler o artigo por cima do ombro dele. – Nada de macabro. Pensa nos pais…

Terry, que tinha dactilografado «BEBÉ *ZOMBIE* ERGUE-SE DA SEPULTURA», soltou uma gargalhada e apagou o texto.

– Estava a brincar, Kate. E que tal «ALICE SEPULTADA DEZ ANOS DEPOIS DO RAPTO»?

Kate assentiu, mal-humorada. Sabia que quando se afastasse ele iria acrescentar *Revelação chocante dos detectives do caso Alice* ou qualquer coisa semelhante, mas ficou a ver até ele enviar o artigo.

– Muito bem, publicado no Twitter, título no Facebook e artigo publicado no nosso *site*. É uma boa história, Kate. E um exclusivo durante os próximos trinta segundos. De qualquer maneira, o que estará por detrás disto? Uma caixa de sapatos debaixo da cama? No congelador? Por que razão resolveram por fim sepultar o corpo?

– Boa pergunta, Terry. Andy Sinclair diz que não há material suficiente para concluir se o corpo ficou mumificado por estar exposto ao ar ou se foi

sepultado e depois desenterrado. Uma boa parte será especulação. Estão concentrados em encontrar o rasto das pessoas que se mudaram para Howard Street no princípio dos anos de 1980.

– Está bem. Presumo que também estejas – disse Terry.

– Pois claro. Vou-me dedicar a isso agora.

Joe encontrou Alistair St. John Soames registado num apartamento em Peckham.

– Não há nenhuma senhora Soames, a menos que não conste dos cadernos eleitorais – observou em tom casual enquanto passavam defronte de dezenas de lojas de frangos fritos, praticamente iguais.

Os filhos de Kate coleccionavam nomes de lojas que vendiam frangos fritos – tinha começado como uma brincadeira, mas já tinham uma lista com mais de cento e vinte nomes – mas resolveu não partilhar com Joe esse pormenor familiar.

– Parece que não conservou o dinheiro – observou Kate. – Isto é um bairro de gente pobre.

Ainda bem. Talvez se mostre mais cooperante se pensar que pode ganhar algum dinheiro, pensou.

Havia cinco campainhas à escolha, todas com um nome quase apagado, escrito num pedaço de cartolina.

– Consegues ler isto? – perguntou, a afirmar os olhos. – Vês algum Soames?

Os olhos mais jovens de Joe decifraram a escrita e Kate premiu a campainha do Apartamento 4. Silêncio.

Esperou antes de voltar a premir o botão. Nada.

– Mais uma vez, para dar sorte – disse, a carregar no botão com mais força e durante mais tempo, seguido de dois toques secos. – Isto até acorda um morto – observou.

Ouviu-se um estalido e uma voz desabrida:

– Largue a campainha! Quem diabo é você?

– Senhor Soames? Sou do *Daily Post*. Gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

– Do *Daily Post?* O que quer?

– Estou a escrever um artigo sobre a descoberta do corpo de Alice Irving em Woolwich. Em Howard Street, senhor Soames, e preciso da sua ajuda. O senhor era o mais importante proprietário da zona e as pessoas de lá aconselharam-me a falar consigo. A fonte de todo o conhecimento, foi o que disseram.

«Lisonjeia, lisonjeia e volta a lisonjear» como dizia um velho chefe de redacção. «Abre todas as portas.»

– Ah, suba, suba – disse a voz, e o trinco da porta abriu-se com um zumbido.

Kate foi a primeira a entrar.

– Cá dentro já estamos – observou em tom alegre.

❧

No segundo piso, a porta do apartamento de Soames estava aberta, e o homem esperava à entrada. Uma figura deplorável, de cabelos desgrenhados e uma camisola por cima de umas calças de pijama demasiado largas, presas por um cordão puído.

– Espero não o ter arrancado da cama – disse Kate.

Soames lançou-lhe um olhar desconfiado.

– Agora os meus dias começam mais tarde – disse, a conduzi-los para a saleta.

A casa parecia ter sido alvo de um assalto. Uma mesa tombada, um frasco de *Rice Krispies* entornado sobre a carpete e uma montanha de livros espalhados no chão, à mistura com pedaços soltos de papel.

– Desculpem a barafunda. Tive um pequeno acidente esta manhã – disse o velho à guisa de explicação, a abarcar a cena caótica com um gesto.

Kate inclinou-se para apanhar o frasco e endireitar a mesa.

– Ora cá está. Magoou-se?

Soames pareceu satisfeito com a gentileza do gesto.

– Não, não. Quando me levanto fico um pouco desastrado. Coisas da idade.

– Quer que lhe faça uma chávena de chá? – perguntou Kate com um sorriso.

Todo ele gritava velhice e solidão. Uma sorte para ela. As pessoas solitárias adoram conversar.

– Que maravilha – respondeu ele. – Como disse que se chamava?

– Kate. Kate Waters, senhor Soames.

– Trate-me por Al – disse ele, com um sorriso canalha que deu a volta ao estômago de Kate.

Tens de ser simpática, disse para consigo.

– É Joe Jackson, o meu colega – disse, a apresentar o rapaz.

Joe estava de pé atrás dela, aparentemente com medo de se mexer, não fosse desencadear outra avalancha de detritos dentro do apartamento.

– Muito gosto em conhecê-lo, Joe – disse Soames, a estender-lhe a mão.

Cumprimentaram-se e Joe equilibrou-se no braço de um cadeirão estofado.

– Meu Deus, tem uma imensidade de coisas aqui dentro – comentou Joe.

– Recordações de uma vida bem vivida. E um monte de porcarias – respondeu Soames, de pé junto a uma prateleira de fogão de sala sobrecarregada de objectos ornamentais poeirentos e velhos convites de rebordo dourado para festas de um passado distante. Kate reparou que os botões do pijama estavam a cair e rezou para que se aguentassem.

– Por que não nos sentamos, Al? – perguntou em tom afável ao mesmo tempo que fazia sinal a Joe para que ligasse a cafeteira.

– Mas com certeza. Onde deseja sentar-se, minha querida?

Agarrava as calças do pijama para evitar que caíssem. Desesperada, Kate relanceou os olhos em redor. Todos os assentos estavam ocupados, mas deslocou uma pilha de revistas que estava sobre uma cadeira e puxou-a para junto do cadeirão de braços do velho que, quase encostado ao cotovelo dela enquanto fazia o arranjo, lhe bateu no ombro quando ela se sentou, e só depois ocupou o seu lugar. *Sempre cavalheiro*, pensou Kate.

– Vamos lá. Quer falar sobre os meus prédios em Howard Street? – perguntou Soames, a reclinar-se no assento, preparado para lhes conceder o benefício da sua longa experiência.

– Sim, em especial dos anos de 1980, Al.

– Se bem me lembro, tive cinco casas nessa rua. E dúzias de outras espalhadas por aí. Um verdadeiro império – declarou.

– A sério? É espantoso – observou Kate para o incitar. – Portanto, deve ter tido centenas de inquilinos.

– Evidentemente. – Soames esboçou outro sorriso canalha. – Transformei as casas em pequenos apartamentos. Montes de belas raparigas, lembro-me bem.

– Aposto que sim – corroborou Kate, e Soames piscou-lhe o olho.

Um piscar de olhos fugaz, mas carregado de intenção. Sentiu-se enojada.

O tilintar da louça anunciou o regresso de Joe com um tabuleiro de chávenas e pires. Todas as peças ostentavam uma pátina gordurosa e Kate procurou beber sem tocar com os lábios no rebordo da chávena.

Já tinha estado em sítios piores. Certa vez fora obrigada a saltar por cima de excrementos de cão no chão do corredor; noutra ocasião, a dona da casa servira-lhe o chá e um ovo estrelado num serviço de criança, da frigideira colocada no braço do sofá. *Outras maneiras de viver,* dissera para consigo.

Pousou no chão a chávena peganhenta.

– Vou esperar que arrefeça. Tem alguma relação dos seus inquilinos em Howard Street, senhor Soames, ehh… Al? Seria bom se pudéssemos ver quem lá vivia quando Alice foi enterrada. Além de gostar que me falasse desses tempos. Das suas recordações, quero dizer.

Soames corou de satisfação.

– Com certeza, minha querida, se é isso que quer.

– Tem fotografias suas dessa época? Seria fantástico se as pudesse ver.

– Claro que sim. Eu guardo tudo – respondeu ele.

Kate tinha mandado Joe à rua buscar sanduíches enquanto ela prosseguia na operação de sedução do velho. Já era perto da uma hora e oferecera-se para lhe preparar o almoço, mas não havia nada no frigorífico além de uma empada de porco coberta por uma camada de bolor com guedelha e uma garrafa de *gin* meio vazia.

– Ainda não tive tempo de ir às compras – tinha dito Soames, e Kate perguntara-se há quanto tempo não sairia ele de casa.

– Não tem ninguém que lhe dê assistência, Al?

– A rapariga que vive no andar de baixo às vezes aparece para ver se ainda estou vivo – lamentou-se ele. – Uma garota adorável. Lindos cabelos compridos e uma bela figura.

– Pois – disse Kate. – Estava a falar de alguém que fizesse a limpeza e lhe fosse às compras.

– Não. Não preciso de ninguém para isso. Estou bem. Há anos que vivo sozinho. Desde que a minha mulher se pôs a milhas.

– Deve sentir-se muito solitário. Tem família, Al?

– Sim. Dois filhos. Um rapaz e uma rapariga. Andam na vida deles. Já têm os seus rebentos. Não querem saber de um caco velho como eu. De qualquer modo, prefiro ser independente.

Tem um ar cansado, pensou Kate, e num gesto espontâneo deu-lhe uma palmadinha na mão.

Quando retirava a mão, Soames agarrou-lhe os dedos a surpreendê-la com a força do aperto.

– Você tem uns olhos lindos – disse ele.

– Você também, Al. Vamos ver as tais fotografias?

– Estão no meu quarto – disse ele em voz melosa. – Aposto que está habituada a entrar em quartos de homens.

– Não, não estou – respondeu Kate, a refrear o processo de sedução e a pedir a Deus que Joe voltasse depressa.

Era tudo excessivamente Leslie Phillips para seu gosto. Tinha a certeza de que seria capaz de fazer frente a um homem da idade de Al, se viesse a ser necessário, mas não lhe agradava a ideia.

– Fique aqui, Al. Eu vou buscá-las – disse em tom firme.

Soames explicou-lhe que era um álbum e um saco com fotografias soltas que estavam por cima do guarda-fatos, de modo que ela levou a cadeira para se empoleirar.

As cortinas do quarto ainda estavam corridas e Kate abriu-as para deixar entrar alguma luz. A luz baça do Sol que se filtrava pelas vidraças sujas revelou uma imundície digna de Dickens. Os lençóis estavam cinzentos e manchados e um bacio espreitava por debaixo da cama. Evitou respirar pelo

nariz enquanto subia à cadeira para procurar no espaço escuro por cima do roupeiro.

De súbito, a voz de Al fez-se ouvir, demasiado perto.

– Já os encontrou? Tenho uma vista admirável daqui…

Kate olhou para baixo, a amaldiçoar em silêncio o facto de ter vestido uma saia, e viu-o encostado à ombreira, a olhar-lhe para as pernas. *Caraças, deve estar desesperado, a olhar assim para joelhos com cinquenta anos*, pensou.

– Creio que deve ser isto – apressou-se a dizer.

– Deixe-me ajudá-la a descer – disse ele, já a aproximar-se, mas com um salto ágil Kate desceu da cadeira, a deixá-la entre si e o solícito senhor Soames.

– Já cá estão – disse. – Leve isto que eu levo o resto para as vermos na outra sala. Tem mais luz.

Desapontado, Al Soames deu meia volta e dirigiu-se em passos arrastados para o seu cadeirão. Kate voltou a subir para a cadeira e tacteou o cimo do roupeiro para verificar se lhe tinha escapado alguma coisa. A mão tocou num maço de papéis, que agarrou. Era um velho envelope almofadado, que tinha resvalado para o espaço entre o móvel e a parede. Coberto de poeira, mas não fechado, tinha escrito *Festas* numa letra descuidada. Um olhar fugaz ao conteúdo revelou uma série de *Polaroids*.

– O que está aí a fazer? – gritou Soames.

– Nada. Vou já. Estou só a sacudir a poeira da roupa – respondeu.

Entrou na sala no momento em que Joe tocou à campainha e ambos se sobressaltaram. Kate pousou o envelope ao lado da carteira, foi abrir a porta e ajudou-o a desembrulhar a comida.

– Vamos lá espalhar as fotografias dos álbuns em cima da mesa – disse ela. – Para que as possa ver todas.

Limpou o tampo, a amontoar o lixo no chão, e dispôs as fotografias como cartas de *Tarot*.

– Ora cá estamos nós – disse Soames, de pé ao lado dela.

Apontava para uma fotografia onde estava com outro homem e duas raparigas. Os dois homens riam para a objectiva. As raparigas, não.

– Os sedutores – disse a sorrir. – Engatámos uma boa quantidade delas.

– Quem é o outro tipo? – perguntou Joe.

– Um amigo dos velhos tempos. Vivia em Howard Street. O velho Will. Deixei de ter contacto com ele. Olhem para esta…

As modas iam mudando e os cabelos tornavam-se mais compridos, ou mais curtos, à medida que as fotografias avançavam no tempo.

Kate examinava cada fotografia com a máxima atenção, à procura em cada rosto de algo que pudesse dar uma boa história.

– Inquilina? – perguntava, e quando Al Soames anuía pegava na fotografia e colocava-a numa pilha diferente.

Soames não era bom a recordar nomes, mas prometeu pedir ao contabilista os antigos contratos de arrendamento.

– Isso seria maravilhoso – disse Kate. – Entretanto, posso pedir-lhe que me empreste algumas fotografias?

– Com certeza, Kate, se acha que pode ajudar.

Já lhe vinha comer à mão.

Empilhou as fotografias e meteu-as no envelope, que continuava ao lado da carteira.

– Vai ter de cá voltar. Para as trazer – disse ele com um risinho.

Joe interceptou o olhar de Kate e ergueu uma sobrancelha em sinal de cumplicidade.

– Então quando vendeu as casas, senhor Soames? – perguntou Joe, a pegar na deixa.

Soames deixou de rir e concentrou-se.

– Deve ter sido há quinze ou vinte anos.

– Caramba, já lá vai um tempão.

– É isso. Vendi-as no momento errado e fui enrolado por um construtor civil. Fez uma pipa de massa. E como pode ver… – os dois homens relancearam o olhar pela sala – a minha mulher levou quase tudo o que ficou – concluiu Soames.

Joe assentiu e inclinou-se para a frente para mostrar a Soames que merecia toda a sua atenção.

– Que pena!

– Depois disso tornei-me PNG.

Ao reparar na expressão vazia de Joe, acrescentou:

– *Persona non grata*. Deixei de ser bem-vindo. Os convites para as festas acabaram e o tempo foi passando… – Sorriu para Joe. – Gostava de ir a festas. E as raparigas adoravam.

– Deve ter passado uns bons bocados – disse Joe, a sorrir.

Conversa de rapazes, pensou Kate.

– Sim. Formidáveis. Tínhamos cá uma lábia…

Inclinou-se para Joe e Kate teve de se esforçar para ouvir.

– E quando não resultava, tínhamos os nossos pequenos ajudantes.

Soltou uma gargalhada. Uma gargalhada rouca, repugnante.

– Pequenos ajudantes? – perguntou Joe, e Kate susteve a respiração.

Uma pergunta arriscada.

– É uma maneira de dizer – respondeu rapidamente Soames, com uma piscadela de olho.

Capítulo 49

Sexta-feira, 13 de Abril de 2012

Kate

Quando finalmente saíram do apartamento de Soames, Kate e Joe ficaram de pé no passeio a respirar fundo, como dois competidores no fim de uma corrida.

– Meu Deus, aquilo foi horrível – desabafou Joe.

– Bem-vindo ao meu mundo. Anda, vamos sair daqui.

Já no automóvel, ficou dez minutos sentada a escrever apontamentos sobre a conversa. Não quisera tirar o bloco dentro do apartamento – sabia que Soames havia de se fechar como uma ostra se percebesse que estava a escrever as suas palavras.

Assim que tinham entrado, ligara o gravador que trazia na carteira, mas não sabia ao certo o que tinha ficado na fita. Toda a gente se movimentava de sala para sala. Mesmo assim, havia de lá ter alguma coisa. Mais tarde verificaria.

De uma maneira geral Kate não confiava muito nos gravadores. Eram criaturas temperamentais: botões encravados, pilhas fracas. Certa vez, tinha gravado uma entrevista inteira, e ao ouvir a gravação deparara-se com uma hora de assobios de electricidade estática.

Preferia a velha arte da estenografia, uma capacidade que era motivo de gozo por parte dos novatos da net. Kate tinha-a aprendido com um antigo prisioneiro de guerra japonês, quando começara na profissão. Era um tipo pequenino e divertido que tinha o hábito de, ao entrar na sala, dar um salto e com um pontapé ligar o interruptor. Isaac Pitman era capaz de sofrer um ataque cardíaco, mas o ninja tinha conseguido pô-la a escrever cem palavras por minuto.

Tinham estado no apartamento durante duas horas e meia, mas a sua memória estava treinada para recordar integralmente uma conversa. Era essencial para o trabalho, mas também dava jeito em casa, quando discutia com os filhos.

– Nunca esqueces nada, mãe – tinha dito há pouco Jake, no decurso de uma altercação sobre o seu futuro. – Não deixas passar nada.

E tinha razão. Kate conseguia recordar-se de coisas que as pessoas tinham dito como se estivessem escritas a néon na sua cabeça.

E Soames tinha usado algumas expressões maravilhosas. Nas margens do bloco, desenhou estrelas ao lado dos nomes das pessoas e dos lugares que tinham surgido ao longo da conversa.

«Gostávamos de ir a festas… Tínhamos a lábia toda… E se não resultassem, havia sempre os nossos pequenos ajudantes», escreveu no bloco, acrescentando: Bebidas? Drogas? *Rohypnol*?

Joe também escrevia no seu bloco de apontamentos, mas com o mesmo ar de concentração dolorosa com que os filhos de Kate faziam os trabalhos de casa na mesa da cozinha. Steve encarregava-se dos trabalhos de matemática e de ciências, enquanto para Kate sobravam a correcção ortográfica e as redacções. Trabalho de equipa.

– Escreve tudo o que te lembrares, Joe. Mais tarde comparamos as notas.

Na redacção, abriu o envelope e retirou um monte de fotografias, entre as quais as *Polaroids* que encontrara entaladas entre o roupeiro e a parede.

As imagens estavam um pouco esbatidas, já que o papel fotográfico ia perdendo definição ao longo do tempo, mas o conteúdo saltou-lhe à vista. Membros nus, roupas espalhadas pelo chão, rostos inconscientes.

Guardou-as e levou-as para a casa de banho das senhoras, onde as podia examinar sem ser interrompida.

Examinou-as com cuidado, a sentir as mãos trémulas enquanto escrutinava os rostos das mulheres e das raparigas. *Todas são filhas de alguém*, pensou. *Ainda bem que só tive rapazes. Como se consegue proteger as raparigas do mal?*

O aspecto delas era inquestionavelmente de pessoas drogadas, pensou Kate ao atentar nos olhos mortiços e entreabertos das fotografias.

– És tão nova, pouco mais do que uma criança – disse para uma das raparigas.

E havia relances do agressor – um ombro, uma mão, o rosto de Soames, reconhecível de perfil. Aquelas fotografias eram troféus. A matança recordada pelo caçador.

Esforçou-se por ver mais. Esforçou os olhos para detectar qualquer coisa nas imagens que lhe revelasse toda a história, mas não havia mais nada. Um pequeno quadrado de prova, como o azulejo de um painel. Espalhou todas as fotografias no chão.

Quando entrou para um chichi rápido, Nina a secretária do chefe da redacção, foi encontrá-la ajoelhada no chão, rodeada de imagens.

– Porra, Kate, por pouco que não caía por cima de ti. O que estás a fazer? É hora da oração, ou quê?

Nina fazia gala de ser a pessoa menos politicamente correcta da redacção.

– Desculpa, Nina. Queria ver estas fotografias sem fazer corar ninguém. Podem causar má impressão.

Nina ajoelhou-se ao lado dela.

– Porra, os meus joelhos. Afinal o que é isto?

– Bem podes perguntar. Penso que alguém drogou e violou estas mulheres.

– Não! Que animal! – vociferou Nina. – E levou um fotógrafo consigo?

Kate olhou para ela. Nina tinha razão. Tinha-se concentrado tanto nas imagens que nem se apercebera do facto óbvio de que tinha de haver duas pessoas implicadas. O fotógrafo e o homem que aparecia nas fotografias. Não se tratava de *selfies*. Havia pose e enquadramento.

– Nina, és uma maravilha constante.

Nina pareceu intrigada, mas satisfeita.

– Ajudo sempre que posso. Agora, ajuda-me a levantar.

Capítulo 50

Sexta-feira, 13 de Abril de 2012

Emma

A noite passada acordei a chorar. Não foi sonho. Tinha a cara molhada das lágrimas, e deixei-me ficar enroscada. A lutar para combater a respiração ofegante, para não acordar Paul. Para não pensar no meu sonho.

Mas é difícil não pensar. Invade todas as células do meu corpo. É o mesmo sonho que tenho vindo a ter há anos.

Começou quando tinha quinze anos. Recordo-me de que nessa altura acordava sem me poder mexer nem respirar. Terrores nocturnos. Julgo que é assim que agora lhes chamam. Mas nem fazem ideia do que era. No sonho, um bebé falava comigo, zangado, e perseguia-me a cambalear nas suas pernas pequeninas, como um boneco grotesco. Ia de encontro à porta, para entrar. E eu a manter a porta fechada e a chorar. Acordei, como sempre acontece, quando a porta começou a abrir rachas.

Consigo ver-me paralisada pelo terror. O peito opresso e a garganta espessa de angústia. Precisava de uma eternidade para conseguir voltar a mexer-me. Tinha de me esforçar para perceber onde estava e convencer-me de que fora apenas um sonho e que podia voltar a fechar a porta. Lembro-me de enterrar o rosto na almofada quando ouvia Jude mexer-se no quarto por baixo do meu, porque ela me tinha ouvido. Dominava a respiração ofegante e fingia que continuava a dormir.

Por vezes resultava, mas em certas noites ouvia o ranger da porta do quarto dela e o som abafado dos seus pés descalços a caminho da casa de banho.

– Volta para a cama, mãe – murmurava para mim mesma, desejosa de que ficasse longe de mim.

Mas inevitavelmente os pés descalços subiam a escada do sótão e detinham-se do lado de fora do meu quarto.

– Estás bem, Emma? – perguntava baixinho Jude ao abrir a porta. – Ouvi-te outra vez a chorar.

Lembro-me de ficar quieta e em silêncio, de costas voltadas para ela. Não sabia o que dizer, o que lhe contar. Por vezes, como eu não lhe ligasse, Jude afagava-me o cabelo e ia-se embora, mas nessa noite sentou-se na borda da cama.

Por fim, a presença da minha mãe no escuro forçou-me a falar.

– Foi só um sonho. Creio que comi de mais ao jantar. Só isso.

– Tu mal comeste. Estás a ficar tão magrinha, estou preocupada contigo. Eu e o Will. Sei que as coisas têm sido difíceis, mas estás a crescer. Bem gostaria de saber o que vai nessa cabeça. Conta-me, por favor.

– Não se passa nada de mal – respondi precipitadamente. Não me tinha apercebido que ela notara. Julgara-me invisível. – Estou só um bocado farta da escola.

– Oh, Emma, o que se passa contigo? Ias tão bem. Parece que já não queres saber de nada.

Viro-me de costas e estendo a mão para tocar o rosto de Paul. Para ter a certeza de que lá está. Sem acordar, põe um braço por cima do meu peito e aperta-me contra si. Naquela noite também queria abraçar a minha mãe, mas tive medo.

Medo que o meu corpo me traísse.

Paul está tão preocupado comigo que esta manhã telefonou para cancelar uma aula.

– Fico a trabalhar em casa, Em. Não te posso deixar nesse estado.

Tento protestar, mas falta-me energia. Vou lá para cima, para ver se trabalho, mas nada. As palavras baralham-se e colam-se, como num disco velho, a contorcerem-se espasmodicamente na minha cabeça até ter vontade de gritar. Por fim, desço, preparo um café e ligo o rádio para me fazer companhia.

Quando a música acaba, o locutor do noticiário da hora de almoço anuncia um novo desenvolvimento no caso de Alice Irving, e eu estaco, à espera. Deixo arrefecer a cafeteira. Primeiro, tenho de ouvir três ou quatro histórias sobre os Jogos Olímpicos, política e guerras. De súbito, o locutor diz-me que o bebé foi enterrado na década de 1980. Assim, sem mais nem menos. Grito-lhe em resposta *Não!* Quero que retire o que disse. Que diga que se enganou. Mas ele continua e informa que a polícia «fez novas descobertas que colocam o sepultamento de Alice pelo menos dez anos depois de ter sido raptada».

Já não sei o que pensar. Está tudo errado. Devo ter percebido mal.

Paul sobressalta-me quando aparece na cozinha a correr. Tinha-me esquecido de que ele estava em casa e assusto-me quando me aparece de repente.

– O que foi? – pergunta. – O que aconteceu?

– Foi uma coisa nas notícias. Estou a ser parva, é só isso – respondo para o tranquilizar, mas em voz demasiado alta.

– O que disseram no noticiário?

Tento mentir. Mas não consigo. Não tenho outras palavras na minha cabeça.

– Foi acerca de um bebé. Estão enganados. Estão a cometer um erro terrível.

– Vem sentar-te. Estás outra vez desorientada – diz ele, a pegar-me na mão e a sentar-me à mesa consigo. – Por que razão estás tão preocupada com esse bebé?

Olho para ele e digo:

– Porque creio que é o meu bebé.

A expressão dele desmorona-se.

– Em, tu não tens nenhum bebé – diz-me em tom tranquilizador. – Resolvemos não ter, não foi? Porque não estavas preparada.

Desvalorizo as suas palavras com um aceno.

– O bebé não é teu, Paul. É meu.

– Por que estás a dizer isso? Nunca antes tinhas falado nisso – diz ele, a procurar a verdade nos meus olhos.

Estou a assustá-lo. Sei que devo parecer louca.

– Porque não queria que soubesses. Ninguém sabe.

– Nem a Jude? – pergunta.
– Não – respondo, e observo a incredulidade a apossar-se dele.
– Estás transtornada. Vou buscar os teus comprimidos.

Capítulo 51

Sexta-feira, 13 de Abril de 2012

Jude

Não lhe reconheceu a voz quando atendeu o telefone, e por um momento pensou que fosse Will. Mas era Paul. O Paul de Emma.

Que diabo quererá ele?, pensou, mal-humorada.

– Olá, Jude.

Bem, pelo menos deixou de me chamar Judith.

– Olá, Paul. Mas que surpresa!

– Desculpe ligar-lhe assim sem mais nem menos, mas estou preocupado com a Emma.

Jude sentou-se e apertou o auscultador com mais força.

– O que aconteceu?

O genro hesitou, à procura das palavras mais adequadas:

– Emma está muito perturbada por causa de um bebé encontrado em Woolwich.

– O bebé de Howard Street? Sim, ela falou-me nisso. Era a rua onde vivíamos.

– Eu sei – confirmou Paul, que voltou a calar-se.

– Se me quer dizer alguma coisa, deite-a cá para fora – disse Jude.

Não tivera a intenção de ser tão brusca, mas ele enervava-a com aqueles longos silêncios de mau agouro

– Desculpe… sim, bem… Emma diz que deve ser o bebé dela.

Jude deixou escapar um som de espanto.

– O bebé *dela?* Mas que disparate! Já se sabe que se chama Alice Irving.

– Sei que sim, mas a polícia acaba de divulgar nova informação a dizer que o bebé foi enterrado na década de 1980, e foi isso que deixou Emma em

pânico.

Jude ficou em silêncio. Mas só por um segundo.

– Ah, sim? Não tinha ouvido. Mas continua a ser um disparate. Olhe, Paul, você não a conhece há tanto tempo como eu. A minha filha sempre teve uma relação difícil com a verdade.

– Pensa que ela está a inventar?

– É óbvio. Para ser franca, quando era mais nova inventava montes de coisas. Coisas idiotas acerca do pai e do meu namorado. Não precisamos de remexer nisso, mas talvez ela esteja transtornada porque na semana passada, quando veio almoçar comigo, falámos sobre o passado, um passado desagradável, por sinal.

– Ela não me contou nada – disse Paul.

– Ah, não? Talvez não queira que saiba o pesadelo que foi para mim quando era mais nova. Sabe que tivemos de acabar por lhe pedir que saísse de casa?

Fez-se silêncio do outro lado da linha.

– Paul?

– Sim, estou aqui. Pobre Emma. Não sabia disso. Na verdade, nunca me falou sobre a sua infância. Mas disse «tivemos». Pensei que viviam só as duas. Emma disse-me que não sabia quem era o pai. Quem mais vivia consigo?

– Will, o meu namorado. Emma deve ter-lhe falado nele.

– Não, não creio.

– Que estranho. Bem, de qualquer modo não foi *pobre Emma*, foi pobres de nós. Nem pode imaginar o que era – acrescentou Jude.

O argumento para a sua defesa.

– Porque não pede à Emma que me telefone? Para eu ter uma conversa com ela a respeito de certas coisas. Pode ser que a consiga acalmar.

– Posso sugerir-lhe isso, Judith. Adeus.

Jude levantou-se e agarrou numa fotografia de Emma que estava sobre a prateleira do fogão de sala. Tinha dois anos quando fora tirada, vestida com um pequeno *kilt* que a mãe de Jude tinha trazido de umas férias na Escócia, e sorria para a máquina. *Aquela carinha.*

Quando imaginara ter um filho, Jude nunca pensara a sério além da idade de berço, nunca ponderara o impacte de outra pessoa na sua vida.

Concentrara-se na sua imagem de Nossa Senhora com o Menino, até que a questão se impusera quando Emma crescera e se tornara alguém com vontade própria.

Aos dois anos já dera prenúncios do que estava para vir – um curto período de horríveis birras diárias, quando ainda viviam em casa dos pais de Jude, seguido pelas intermináveis perguntas da menina esperta de cinco anos e o prazer de a ajudar a descobrir o mundo dos livros.

Jude julgava conhecer a filha, mas a repentina mudança que se operou nela quando chegou à adolescência foi uma revelação. Emma desenvolveu-se e criou espinhos no que lhe pareceu uma questão de semanas. No pior momento possível, quando o romance entre Jude e Will estava nos primórdios.

Ele tinha sido formidável quando ocorrera aquele episódio horroroso com Darrell Moore. Jude tinha ficado abalada. Emma tinha apenas treze anos, uma criança.

Queria denunciar Darrell à polícia.

– É quase um pedófilo – tinha dito a Will, mas ele tinha-a aconselhado a não o fazer com a justificação de que seria muito mau para Emma.

Sempre a pensar em Emma.

E Jude sabia que viriam a lume muitas perguntas. E quando as perguntas começam…

De qualquer modo, tinha descoberto o caso antes de Emma arruinar a sua vida com aquele sacana.

Naquele Verão de 1984, Will foi uma dádiva de Deus, pensou Jude. *Bons tempos. Breves, mas bons. Emma acabou por sair da casca.*

Acudiram-lhe à memória os cuidados de Will com ela e com Emma, sempre presente para o que fosse preciso, a fazê-las rir, a pôr ordem nas coisas. Jude fora levada uma vez mais a acreditar que era aquele o homem certo, o futuro de ambas, mas por qualquer motivo tinha corrido mal. Não exactamente por qualquer motivo. Por causa de Emma.

O regresso à insolência descarada tinha ocorrido quase de um dia para o outro, e a flutuação dos humores da filha ressoava pela casa com o fragor de um camartelo.

Emma fechara-se no quarto, pendurara na porta um letreiro NÃO ENTRAR, e mal falava, a não ser que a obrigassem. Tinha perdido o interesse por tudo, excepto pela comida. Levava as refeições para o quarto, os pratos a abarrotar, e empanturrava-se, recordou Jude. Ganhara demasiado peso. *Cadelinha gorda*, tinha-lhe chamado Jude. Mas era intencional. Autodestruição deliberada.

O seu afastamento tornara-se quase absoluto. Entretanto, Barbara começara a agir como uma sombra dentro de casa. Não se queixava de nada, mas Will tinha dito que era arrepiante e incitara Jude a dizer-lhe que procurasse outro sítio para viver.

Mas não se podia fazer o mesmo a uma garota de catorze anos. Tiveram de esperar cerca de um ano. E nesse ínterim Jude deixara de se assustar com a mudança operada na filha para passar a detestá-la pelo comportamento cínico e egoísta.

– Não mereço ser tratada desta maneira – tinha dito a Will. – Tenho todo o direito a ser feliz.

E Will concordara, dizendo que não devia levar o assunto demasiado a sério.

– Faz parte do crescimento, Jude. Está a pôr-te à prova. É o que fazem todos os adolescentes. Há-de passar-lhe. Temos de lhe dar espaço.

E assim passavam cada vez menos tempo em casa, em jantares e idas ao teatro, deixando o problema para trás. Os meses foram correndo, e Jude recordava-se de às vezes se sentir culpada – quando à noite ouvia Emma a chorar, mas a filha intratável não se deixava acarinhar nem amar. Pelo menos tinha perdido a mania de comer desalmadamente, mas continuava a afastá-la com a sua indiferença, o que lhe fora aos poucos embotando o afecto.

E Will estava lá sempre, um ombro onde chorar.

– Ela hoje está histérica. Deve estar com o período. Não lhe ligues, Jude – dizia ele, a puxá-la para a cama.

E Jude ficara feliz por investir todas as suas energias na parte boa da sua vida: Will.

Qualquer pessoa teria feito mesmo, não?

Todavia, as coisas tinham piorado depois de decidirem casar. Bem, quem tinha decidido fora ela; Will limitara-se a concordar, num momento de paixão arrebatada.

– Já é altura de assentar – tinha ele dito enquanto saboreavam um cigarro pós-coital.

Não a declaração romântica que ela esperava, mas servia.

Andara nervosa com a perspectiva de contar a Emma. Recordava-se do silêncio na sala quando lhe dera a novidade.

– Ele faz-me muito feliz – tinha então dito.

Não é como tu, segredava-lhe uma vozinha na cabeça.

A notícia desencadeara qualquer coisa na filha e os silêncios ominosos tinham sido substituídos pelo bater das portas e pelas explosões histriónicas. A insolência ganhara voz e foros de confronto. Emma passara a ser desagradável com Will, acusava-o de tratar as mulheres como objectos, de ser um macho porco e chauvinista e emitia grunhidos obscenos quando ele entrava na sala.

Ao princípio, Will tinha rido dos insultos e das acusações, mas Jude percebera que a nova fase de Emma o deixava pouco à vontade. Como se lidasse com uma bomba prestes a explodir.

O ambiente azedara. Jude e Will acusavam-se, com discussões entredentes na sala de estar para que Emma não os ouvisse, e Will passara a ausentar-se dias seguidos e a reaparecer como se nada se tivesse passado. Quando a confrontara com a opção: «Ou eu ou Emma», tinha ficado aterrada, mas ele explicara tudo tão bem:

– É o melhor para Emma. Afastá-la de uma situação que considera tão intimidatória proporciona-lhe a oportunidade de amadurecer.

Quando o tinha dito, fazia sentido. Como é evidente, tivera de ser Jude a transmitir a mensagem à filha.

– Pensamos que será melhor ires viver algum tempo com a avó e o avô, Emma. Precisamos todos de uma pausa nesta situação. Percebes, não percebes? Não podemos continuar assim.

– Mas a minha casa é aqui – tinha protestado Emma. – Por que razão me estás a mandar embora? Foi ideia dele?

– Não. Bem, eu estou de acordo com ele – tinha respondido Jude.

E quando a filha esboçara aquele sorriso de quem já sabia, tinha perdido a cabeça.

– Foste tu que nos obrigaste a isto! – gritara-lhe então. – És tu que estás a expulsar o Will! Ele não fica se tiver de continuar a aturar-te! Não posso permitir que arruínes a minha vida. Foste um erro desde a primeira hora.

Ainda se lembrava da expressão de Emma. O rosto lívido, do choque.

Capítulo 52

Sábado, 14 de Abril de 2012

Emma

Harry combinou encontrar-se no sítio do costume. Assim que atendeu o telefone percebeu que qualquer coisa ia mal, mas não fez perguntas. É boa nestas coisas. Apenas disse:

– Tem calma, Emma, vamos sentar-nos no parque e contas-me as novidades.

Devia estar mais vezes com ela, mas andamos muito ocupadas. Bem, é a desculpa que dou a mim. Mas sei que me mantenho afastada porque ela faz parte do meu passado, que tenho de separar do presente. Falou com Paul uma ou duas vezes, mas certifiquei-me de que nunca ficassem a sós. Porque ela sabe coisas, e não quero que as deite cá para fora a despropósito.

Coitada da Harry, a culpa não é dela, e creio que fica magoada quando às vezes não respondo às suas mensagens. Talvez fosse mais simpático cortar com ela. Mas não consigo. Em dias como o de hoje, é a única pessoa com quem quero estar. Paul queria que eu falasse com Jude, mas não posso. Depois do que ela disse, não posso. Sinto-a outra vez a fechar-me a porta na cara.

Saio do metro e dirijo-me para o pequeno café de que Harry tanto gosta, em Hyde Park, junto ao lago. Ela vem a pé de casa para aqui, e para mim é um prazer sentar-me cá fora, a sentir no rosto o calor do Sol.

Paul pensa que fui ao médico. Dentro de cerca de trinta minutos vai ligar para o meu telemóvel, e terei de mentir sobre o que pensa o *Doutor Gorgeous*. Não faz mal. Sei o que vou dizer. Pratiquei no metro.

Como cheguei cedo, aproveito para reler o artigo de Kate Waters. Agora a história é longa; mais pormenorizada e com maior número de intervenientes

a dar a sua opinião sobre o que poderá ter acontecido. Mas no centro continua a estar a pequenita Alice Irving. Usam sempre a mesma fotografia dela, tão velha e desfocada que mal se distingue. Mas há também uma fotografia de Angela Irving, a mãe, de pé no nosso jardim de Howard Street.

Sinto a verdade a pairar por perto. Eles também a devem ver. De certeza.

Estou prestes a ligar outra vez para Kate Waters, para saber quais são as suas suspeitas, mas nesse momento vejo Harry a atravessar o parque. Deixo o telefonema para mais tarde.

Abraça-me com força e depois segura-me nos braços estendidos, para me ver bem.

– Por Deus, Harry. Eu estou bem.

Mas ambas sabemos que ela sabe que não é verdade. Harry deixa-se cair num assento e com um movimento amplo pousa a enorme carteira na cadeira do lado.

– Pois sim, pois sim – diz. – A propósito, devo dizer-te que estás linda.

– Tenho um aspecto desgraçado. Devia estar no médico – digo, e ela ergue as sobrancelhas.

– E não estás porquê?

– Não me apetece – respondo, a pegar na lista plastificada. – Se o Paul telefonar vou ter de mentir. Percebes? Oh, não olhes para mim dessa maneira. Já fizeste pior.

Ri e puxa-me o menu das mãos.

– Também lá devia ter ido a semana passada e fiz gazeta, portanto não te vou denunciar.

– Ias ao médico porquê? – pergunto.

Harry faz uma careta.

– Um caroço no peito. Bem, nem é um caroço.

– És uma parva – digo. – Vai lá. Marca outra consulta.

– Sim, sim, está bem. Marco amanhã. O que bebes?

Fico a vê-la desaparecer no interior do café e agradeço a Deus a sua existência.

Foi graças a Harry que me dei conta da minha vida miserável. Estávamos no Verão de 1994, e ela entrou de rompante no *pub* onde eu então trabalhava. A

tirar cervejas e a descongelar empadas, para manter a cabeça à tona de água.

– Emma! – gritou quando me viu a transportar um tabuleiro de comida para a mesa do lado.

Foi tão estranho voltar a vê-la. Tinham-se passado anos, e o contexto era tão diferente. Era-me familiar e ao mesmo tempo desconhecida, tal como alguém famoso que se encontra na rua e que por momentos não conseguimos identificar.

E Harry não se parecia em nada com a grande amiga que vira pela última vez. Esta Harry tinha uma elegância requintada, de casaco e calças de bom corte, unhas tratadas, cabelo esticado e olhos escondidos por detrás de uns enormes óculos de sol.

Creio que eu também não exibia semelhanças com a sua amiga de outros tempos. Mais alta, cabelo louro pintado e cortado curto, e magra como um espeto. Nas fotografias desse período tenho o ar de uma viciada em heroína.

– Olá, Emma – disse ela.

Não sei como, mas sempre esperei que um dia me aparecesse. Desejava-o em segredo, presumo. Sentia a falta dela quando me deixava arrastar para as recordações do passado. A mais pequena coisa as desencadeava – uma canção na rádio que costumávamos cantar juntas, uma expressão que ela utilizava – e me deixava paralisada. De regresso à adolescência. Por um breve instante. Depois voltava a lavar os pratos gordurosos e a tirar cervejas.

Foi-me difícil vê-la e recordar como tínhamos sido íntimas. Mantive-me longe dela, como se pressentisse um perigo.

– Olá, Harry. Desculpa, não posso ficar a falar contigo. Tenho a cozinha cheia de encomendas.

Empurrou os óculos para a testa e lançou-me um olhar duro.

– Não faz mal. Eu espero.

Mais tarde, quando nos sentámos no parque – neste mesmo parque, com latas de sidra e pacotes de batatas fritas nas mãos, como nos velhos tempos –, comecei a olhá-la como uma chamada à realidade.

Harry sabia que eu tinha ido viver com os meus avós, mas fora-me embora sem me despedir dela, e quando nos voltámos a encontrar continuava furiosa por ter sido abandonada. Só se acalmou quando lhe expliquei que tinha sido

posta fora por Will e Jude. Nesse dia no parque, contei-lhe que tinha abandonado a escola assim que pudera porque não queria amarras.

– Optei pela liberdade em troca de um curso e de um empréstimo – gabei-me. – Queria fazer o que me apetecesse e ir para onde me desse na gana.

Harry lançara-me mais um dos seus olhares e dissera:

– Se assim é, por que razão não andas por aí à conquista do mundo, Emma?

Fragilizadas as minhas defesas pela sidra e pela nostalgia, comecei a chorar. Lágrimas grossas, derramadas sobre as batatas fritas. Nesse momento ansiei fisicamente ser de novo *eu*. A rapariga que tinha sido.

Harry apertou-me nos seus braços e puxou-me para si, sem falar.

– Porque não sou nada – articulei com dificuldade.

– Não é o que eu penso – disse ela.

E esperou.

Comecei a contar-lhe como de facto me sentia.

– Jude costumava dizer que eu podia ser quem quisesse. Quando era pequena. Mas na verdade não sou ninguém.

Os anos de trabalho no *pub* durante o Inverno, a fazer camas e limpar retretes durante o Verão, os lençóis sujos, os desconhecidos sórdidos e os saltos de um emprego para outro tinham-me desgastado.

– Não consigo começar, Harry, o problema é esse. Sinto-me quase sempre como se estivesse perdida num nevoeiro espesso. Não vejo o que está mais adiante. Demasiado assustada para avançar. Pode ser pior do que isto. Estou sempre a dizer-me: deixa-te estar como estás. É o lugar mais seguro.

– Que te aconteceu? – perguntou Harry.

– Houve um bebé – respondi.

– Oh, Emma.

– Não te pude contar, nem a ninguém. Fiz uma coisa terrível.

Guardou de novo silêncio.

– Tenho muita pena – disse por fim. – Tenho a certeza de que fizeste o que na altura julgaste mais certo.

Lembro-me de ter ficado espantada com o comentário. Como podia ter sido a decisão mais certa? Mas depois compreendi que ela pensava que eu tinha

feito um aborto, e por um instante tive vontade de corrigir o engano. Mas o alívio de não ter de dar mais explicações fez-me calar.

– O que queres ser quando cresceres? – perguntou quando me viu mais calma.

Descansei a cabeça no ombro dela e sonhei com um futuro.

– Gostava de ir para a universidade, Harry.

– Muito bem. Vais precisar de notas excelentes, mas com esse teu grande cérebro…

– Não sei se ainda resta alguma coisa dele – disse eu, e ela apertou-me a mão.

– Carradas – contrapôs. – Portanto…?

– Pensei em inscrever-me na escola nocturna.

– Isso parece-me um projecto, Emma.

– É isso. Vou voltar para a escola.

Soltei uma gargalhada e senti a cabeça aliviada como não sentia há muito tempo.

Mas neste momento não há alívio algum na minha cabeça. O café está a arrefecer e debato-me com a vontade de contar tudo a Harry.

Sei que ela vai falar de Alice Irving – a nossa ligação a Howard Street é irresistível.

– Então e aquela história da bebé Alice? – diz ela. – Costumávamos ficar sentadas no teu jardim, não era? Naquele último Verão, antes de ires viver com a tua avó. Tinhas umas cadeiras de lona, não tinhas? Lembras-te? Discutíamos sempre sobre quem ficava com a amarela…

– Julgo que o bebé de Howard Street é meu – digo. – Tenho sonhado com ele.

Olha para mim, a pensar no que há-de dizer.

– Não é, Emma – diz pausadamente, como se falasse com uma criança. – É Alice Irving. É o que revelam os testes feitos pela polícia. Não podes dizer essas coisas. Já percebi que esta história te tem incomodado, mas não te parece que é por causa do teu aborto? Está a ressuscitar todos os sentimentos

que experimentaste na altura. É normal. Foi uma coisa terrível que tiveste de enfrentar. Contaste ao Paul?

Abanei a cabeça numa negativa.

– Talvez devesses. Ele ama-te, Emma. Há-de compreender.

Aceno.

– Mas tens de parar de dizer que o bebé é teu. Se dizes coisas dessas, as pessoas não te vão acreditar. Está bem?

Volto a acenar com a cabeça. Ela tem razão. Vou ficar calada até as pessoas descobrirem por si mesmas.

Capítulo 53

Sábado, 14 de Abril de 2012

Angela

O ASDA estava a abarrotar de pessoas que atiravam pacotes de *Monster Munch* para dentro dos carros enquanto ralhavam aos gritos com os filhos.

– Kylie, larga isso! – gritou atrás dela na fila para a caixa uma mulher vestida com a camisola do Southampton United, e Angela baixou a cabeça para se proteger do barulho.

– Desculpe, minha querida – disse a mulher –, mas estas sanguessugas precisam de uns berros, não é?

Angela procurou no carro das compras, a fingir que se tinha esquecido de qualquer coisa, e abandonou a fila. Saiu do supermercado e sentou-se no automóvel, de olhos fechados e a tapar os ouvidos com as mãos. Desde que o corpo de Alice tinha sido encontrado a sua sensibilidade ao ruído tornara-se insuportável. Na verdade, tudo era insuportável. Pensara que seria mais fácil depois de saber do paradeiro do bebé ao fim de tantos anos, mas não era. Era uma peça de um *puzzle* há muito abandonado, mas continuava a não haver imagem, nem respostas.

Deixou-se ficar sentada até começar a chover; ligou o carro e pôs-se a caminho de casa. Quando enveredou pelo acesso, a sentir os ossos gelados, não se conseguia recordar de algumas partes do dia. Nick saiu de casa para levar os sacos de compras do porta-bagagens. Só então Angela se lembrou do carrinho de compras que deixara ficar no supermercado.

– Desculpa – disse quando ele abriu a porta do carro. – Não trouxe nada. Não aguentava estar ali mais tempo. Toda aquela gente aos berros…

Nick enlaçou-a e guiou-a para casa em segurança.

– Eu vou lá depois. Dá-me a lista – disse ele.

Sentou-se para ver televisão, mas não viu nada. Nick tinha estado a ver um programa desportivo, mas as imagens de Howard Street, a lama e a fita da polícia a drapejar ao vento não lhe saíam da cabeça.

– Não me estou a sentir melhor – disse quando ele se sentou a seu lado.

– Louise está aí não tarda nada. Telefonei-lhe.

– Não lhe devias ter telefonado. Ela tem a sua vida. Não pode passar o tempo a correr para cá.

– Mas foi ela que disse que queria vir. Está preocupada contigo. Estamos todos.

Louise entrou cautelosamente pela porta da saleta, como se tivesse receio de a acordar, e Angela entrou de imediato em modo de mamã, a saltar da cadeira para a receber e lhe oferecer chá.

– Ou uma sanduíche? Já comeste, meu amor? Tens de te alimentar como deve ser.

A filha abraçou-a com força e não a queria largar.

– Estou bem, mamã. Já sou uma menina crescida. Já não preciso que me dês de comer. A questão é saber se *a mãe* comeu como deve ser. O pai diz que deixa a comida no prato.

– Não tenho grande apetite – admitiu Angela.

– Não é para admirar. Se o pai cozinhasse para mim também perdia o meu – retorquiu Louise, e ambas sorriram. – Salsichas com puré de batata todas as noites, calculo. Trouxe um fornecimento de socorro, borrego guisado. O pai levou-o para a cozinha.

– Obrigada, meu amor. És tão boa para nós.

– Disparate. És a minha mamã e eu adoro-te. Só isso.

Angela começou a chorar. A singeleza daqueles sentimentos só amplificava o seu sentido de perda.

Por que razão isto não te chega? És uma mulher de sorte. Estás rodeada por pessoas que te amam. Tens dois filhos lindos.

Louise continuava a falar e Angela emergiu do seu devaneio para a ouvir dizer que tencionava levar a mãe para passar o fim-de-semana.

– Não posso sair daqui. Pode acontecer alguma coisa, a polícia pode precisar de mim – disse Angela.

– Tenho telemóvel. Não tens de estar aqui o tempo todo. É isso que te põe doente, mãe.

– Não, eu estou bem – replicou Angela, a tirar um lenço da manga para se assoar. – Tenho de aqui estar. Pela Alice.

A expressão de Louise endureceu.

– Tens de fazer o que é melhor para ti e para o pai, mãe. Tens de fazer uma pausa nisto. A polícia faz o que tem a fazer e tu tens de cuidar de ti. Pelo Paddy e por mim. Alice partiu, mas nós ainda aqui estamos. Percebes isso, não percebes?

– Estou aqui por ti! – gritou Angela à filha.

Como a mulher no ASDA.

Nick apareceu à porta.

– O que se passa?

– Fui eu que indispus a mãe. Não devia ter vindo – disse Louise. – Peço desculpa.

– Não. A culpa não é tua. Sou eu. Neste momento não sei o que digo nem o que faço – replicou Angela.

– Vou voltar a levá-la ao médico – segredou Nick à filha. – Ela não está a aguentar.

Voltar ao médico. O doutor Earnley já deve ter morrido. Mas serão sempre mais palmadinhas no ombro e palavras de conforto.

– Vai ver que isso passa, Angela.

Capítulo 54

Sexta-feira, 20 de Abril de 2012

Kate

Toni praticamente guinchava de excitação quando telefonou a Kate para lhe dizer que a grande reunião estava combinada.

– Encontrei toda a espécie de gente na net. Adoraram a ideia, e para a semana vamos fazer uma festa na Boys' Brigade. Vai ser fantástico. Temos um *DJ* dos anos de 1980 e tudo. Diga-me que também vem.

Ai não que não vou, pensou Kate.

– Parece-me coisa a não perder, Toni. Quem faz parte da lista?

A proprietária do *pub* desfiou um rosário de nomes.

– Fantástico, encontrou-os todos – felicitou-a Kate. – Deve ter dado um trabalhão, ao fim de tanto tempo.

– Sim, alguns foram difíceis de encontrar, mas segui-lhes o rasto. Até Harry Harrison. Subiu na vida. Quem diria…

– Onde vive ela agora?

– Num sítio muito chique, em Kensington. Agora é a senhora Thornton.

Kate tomou nota de tudo.

– E Malcolm, também vai à discoteca? – perguntou a rir.

– Claro que sim. E as Saras. Vai ser de gritos – disse Toni, ofegante de entusiasmo. – Agora tenho de ir. Tenho montanhas de coisas para fazer. Começa às oito. Lá a espero, vestida a preceito.

Kate pousou o telefone e reclinou-se na cadeira.

– Quem era? – quis saber Joe, sempre alerta. – Parece muito contente.

– Para variar – comentou Terry, que ia a passar. – A tua chefe é muito temperamental.

Kate sentia-se demasiado satisfeita para morder o anzol.

– Fui convidada para uma festa – disse a rir. – Agora preciso de roupa adequada.

Os dois homens entreolharam-se, intrigados.

– Pensei que fosse um artigo – disse Joe.

– Claro que é uma porra de um artigo – replicou Kate.

Levantou-se e tirou o casaco das costas da cadeira. A gozar o momento.

– Vá lá, diz-nos o que é – insistiu Terry.

– Não me apetece – respondeu, a pendurar a carteira ao ombro, pronta para se pôr a andar. – Tenho de sair para falar com uma pessoa. Até mais logo.

Já na rua, telefonou a Joe e pediu-lhe que se encontrasse com ela junto à porta principal.

– Vamos falar com Harry Harrison – disse-lhe. – Desta vez não vamos de carro. Podemos ir a pé.

A porta foi aberta por uma mulher de meia-idade com um cigarro na mão.

– Olá, é a senhora Thornton? Sou Kate Waters, do *Daily Post* – apresentou-se Kate.

– É mesmo? Da imprensa? O que pretende? – perguntou a mulher, que depressa assumiu um tom depreciativo. – Ouça, eu ia agora sair.

Está a mentir, pensou Kate. *Acabou de acender o cigarro e tem os chinelos calçados.*

– Prometo que não demoro um minuto – disse Kate. – Espero que me possa ajudar. Tento contactar Susanne Harrison, de Woolwich.

A mulher na soleira da porta semicerrou os olhos e hesitou.

Apanhei-te, pensou automaticamente Kate.

– Quem quer saber dela? – perguntou Harry, um tanto agitada.

– Desculpe aparecer assim, mas pode conceder-me cinco minutos para lhe explicar?

– É melhor entrar – disse Harry, que nesse momento viu Joe. – E você, quem é? Não parece ter idade para ser jornalista.

Joe esboçou um sorriso tímido.

– Sou estagiário. Prometo que fico calado.

Com a mão livre fez-lhes sinal para entrarem, fechou a porta com força e conduziu-os para a cozinha de estilo onde momentos antes parecia ter estado a ler o jornal. Kate reparou que se tratava do principal concorrente do *Post* e pousou-lhe a carteira em cima.

– É óbvio que já sabe que sou Susanne Harrison – disse a senhora Thornton, a esmagar a ponta do cigarro numa taça de cereais já frios. – Harrison é o meu nome de solteira. Todos os conhecidos me tratavam por Harry.

– Tantos nomes. Como a devo tratar? – perguntou Kate a rir.

– Trate-me por Harry. É curto e agradável.

Como tu não és, pensou Kate. A mulher sentada à mesa era alta e elegante. Harry bem podia falar no tom arrastado e enjoado das pessoas endinheiradas, mas a tatuagem no esterno, a espreitar por cima da gola da blusa cara, contava uma história diferente.

– Teve sorte em me encontrar em casa. Em geral, a esta hora costumo estar no escritório, mas hoje almoço fora da cidade.

– Formidável. Onde trabalha. Na City?

– Não, na Thornton and Coran, uma editora.

– Ah, já sei, publicam memórias de pessoas famosas, não é? Na verdade, no ano passado até publicámos em episódios um dos vossos livros, o da actriz que sobreviveu ao cancro.

Harry sorriu.

– É verdade, já me lembro. Deram-lhe uma grande cobertura, os exemplares voavam das prateleiras. Bebe um café?

Harry despejou café do filtro para duas requintadas chávenas pintadas à mão e foi falando sobre os projectos em curso e largando algumas deixas sobre mexericos de celebridades enquanto ia buscar a leiteira e o açucareiro do mesmo serviço.

– Portanto – disse quando se voltou a sentar –, isto vem a propósito de quê?

– Bem, tenho andado a escrever sobre um acontecimento que teve lugar no sítio onde cresceu.

Harry mexeu o café.

– Cristo, já se passou uma eternidade desde que saí de Woolwich, décadas. Não tenho motivo para lá voltar…

– Não tem lá família? – perguntou Kate, a estender a mão para uma bolacha.

– A minha mãe.

O olhar de Harry desviou-se para Joe, que escrevia num bloco.

– O que está a escrever? Isto não é uma entrevista.

Kate tinha-se esquecido da criança que trazia à experiência e não reparara quando ele pegara no bloco. Um erro fatal, de garoto de escola.

– Desculpe, Harry. Ele só está a tomar apontamento sobre a minha maneira de trabalhar. Não é, Joe?

O tom cortante da sua voz resultou e o rapaz apressou-se a pousar a caneta e a sorrir para Harry.

– Trabalho de casa.

Mas o mal estava feito. Harry começou a levantar as chávenas, a equilibrar as requintadas peças de porcelana como uma empregada de bar de praia. Kate levantou-se para a ajudar a meter os pires na máquina de lavar enquanto dava voltas ao miolo sobre a maneira de reconquistar a confiança da outra. Estavam a ficar sem tempo.

– Ouça, não chegámos a falar na razão que me trouxe cá. Espero que me possa ajudar. Estou a escrever sobre a descoberta do corpo de Alice Irving em Howard Street. Não sei se tem acompanhado os meus artigos sobre o caso.

As persianas caíram. Os olhos de Harry perderam expressão.

– Não, não ouvi falar nisso – respondeu em tom altaneiro. – Em Howard Street? Bem, eu não vivia lá. Nem sei se me lembro da rua.

– Era onde vivia a sua amiga.

– Não creio – cortou secamente Harry.

– A Toni, do Royal Oak – adiantou Kate.

– Toni? Toni Baker. Meu Deus, telefonou-me um dia destes. Foi ela quem lhe disse onde me encontrar? Ouça, não sei. Foi há tanto tempo. Não a posso mesmo ajudar. Vou-me arranjar e vocês têm de sair – disse, a pegar na carteira. – Posso acompanhar-vos à porta? Obrigada.

Kate empurrou Joe para o corredor.

– Harry, vou deixar o meu cartão em cima da mesa, para o caso de me querer contactar – disse virada para trás, e fechou suavemente a porta ao sair.

– Ora cá estamos – comentou para Joe no caminho de regresso.

O rapaz olhou para ela, intrigado.

– Estamos onde? Aquilo não foi um desastre? Ela pôs-nos na rua.

– Sim, mas o que nos disse antes de nos mandar sair?

– Nada. Disse que não sabia de nada.

– Joe, por amor de Deus, não sabes ler nas pessoas? Assim que falei no bebé, Harry fechou-se em copas. E disse uma mentira estúpida acerca de Howard Street.

– Oh!

– Ela sabe qualquer coisa – continuou Kate. – Vamos ter outra oportunidade de falar com ela na discoteca. E, Joe, nunca se tomam notas quando se tenta persuadir alguém a confiar em nós. É a regra de ouro de uma entrevista.

– Mas a Kate disse que a regra de ouro era tomar sempre apontamentos – protestou ele.

Kate suspirou. Coisas de criança.

Capítulo 55

Segunda-feira, 23 de Abril de 2012

Emma

Kate atendeu de imediato.

– Olá, fala Anne Robinson – digo.

Fechei a porta do escritório para não ser incomodada por Paul.

– Olá, Anne – responde ela. – É bom voltar a ouvi-la. Como tem passado? O que tem feito?

Sou apanhada de surpresa. Fala comigo como se me conhecesse. Olho para a minha folha de apontamentos, em busca de auxílio.

A primeira anotação na folha é: O*s drogados?*

– Estou bem, obrigada. Pensei em dar-lhe uma apitadela para ver se sempre encontrou os drogados de Howard Street.

– Não, um vazio total. Não há registo oficial deles, julgo que deambulavam de um local para outro. De qualquer modo, as coisas alteraram-se um pouco desde a última vez que falámos, não é? A polícia diz que o bebé foi enterrado nos anos de 1980.

– Sim, eu vi isso.

– Portanto, deve ter sido mais na sua época. Recorda-se de alguém desse tempo que tivesse um comportamento estranho? De mexericos entre vizinhos sobre o que outros andavam a fazer?

– Não, não me lembro de nada. As pessoas eram muito fechadas.

E era verdade.

Kate Waters solta um suspiro.

– Se tivesse uma libra por cada vez que ouvi isso – diz ela a rir. – As pessoas gostam de guardar segredos, não é?

Tenho de passar adiante. A segunda linha da folha reza: *Como sabem que é ela?*

– Queria perguntar-lhe como têm eles a certeza da identidade do bebé. A polícia, quero dizer. Julgo que se devem ter enganado.

– Acha que sim? Porquê? Sabe alguma coisa a respeito do bebé, Anne?

– Não tenho a certeza. Só me parece que cometeram um erro. Deviam verificar de novo.

Estou a afastar-me do texto. *Pára.*

– Pensa que o bebé pode ser de outra pessoa, Anne?

Sinto-me insegura para responder, de modo que fico em silêncio.

Kate Waters parece agitada.

– Ainda vive nessa zona? – pergunta. – Podia passar por aí para conversarmos.

– Não, não – digo precipitadamente. – Vivo fora de Londres.

Ouço Paul a subir a escada. Não o quero cá, mas ele não se detém.

– Estás ao telefone? – pergunta do outro lado a porta, e eu imobilizo-me.

– Amor!

Tapo o microfone com a mão e respondo em tom sibilante.

– Estou ocupada.

– É o seu marido? – pergunta Kate quando retiro a mão.

– Sim, é melhor desligar.

– Anne – diz ela em tom cauteloso. – Ligou-me para falar sobre o bebé, e fico-lhe grata por isso. Se pensa que a polícia cometeu um erro, é importante que o diga. Sei que pode ser difícil para si, mas podemos falar sobre o assunto. Posso ajudá-la. Não me interessa qual o nome que usa, está bem?

– Está bem. Vou pensar nisso.

Não faço mais nada durante o resto do dia.

Capítulo 56

Segunda-feira, 23 de Abril de 2012

Jude

Jude pintava as raízes do cabelo, a cobrir os cinzentos com uma tinta adquirida na drogaria local, e a imaginar o que iria vestir. Podia usar o de veludo preto, se conseguisse meter-se dentro dele, mas tinha de comprar uns *collants* justos. E verniz para as unhas. Sentia-se jovem, como não acontecia há muitos anos. Tinha um encontro marcado.

Will tinha voltado a telefonar. Por pouco não lhe atendera o telefone. Não reconhecera o número e pensara que podia ser um vendedor ou um vigarista qualquer a tentar sacar-lhe dinheiro. De certo modo tinha acertado.

– Olá, minha dama, como tens passado? – perguntara ele.

– Bem, Will – tinha respondido com um sorriso idiota.

– Pensei em telefonar-te para confirmar se transferiste o teu donativo para o fundo do centenário da universidade. Já temos quase metade da quantia.

Tinha-se esquecido. Era por isso que ele tinha telefonado. Não por causa dela. Por dinheiro. Expulsou o pensamento mesquinho.

– Desculpa, Will. Vou tratar disso hoje. É muito bom voltar a ouvir-te.

– Também gosto muito de te ouvir. Não pareces nem um dia mais velha, Jude – tinha ele dito.

E ela foi invadida por uma alegria que não sentia há semanas.

– Onde estás agora a viver? Continuas em Clapham? – perguntou Jude.

– Não, depois da reforma mudei-me. Estou numa pequena aldeia de Kent. Um retiro bucólico. Tão morto como um túmulo, para dizer a verdade.

– Parece que precisas de qualquer coisa que te alegre – disse ela. – Por que não vens à cidade para jantarmos?

Ele hesitou, e Jude sentiu-se ridícula por ter sugerido, mas antes de formular uma desculpa Will pigarreou para aclarar a voz e disse:

– Seria um enorme prazer.

O encontro fora marcado para a segunda-feira seguinte, num dos seus antigos refúgios, em Victoria.

– Dá jeito para o comboio – tinha ele dito.

– Esta noite é que é – disse Jude para consigo enquanto se olhava ao espelho para colocar os brincos.

Foi a primeira a chegar. Saiu de casa cedo para poder andar devagar, devido à falta de firmeza na anca, mas poucos minutos depois ele surgiu, a espreitar do outro lado da montra de vidro.

Meu Deus, como estás velho, pensou quando lhe viu o rosto.

Will atravessou o restaurante, inclinou-se para lhe dar um beijo e segurou-a pelos ombros para a ver bem.

– Continuas linda, Jude.

– Continuas um galanteador.

– É verdade, mas agora é só conversa – respondeu ele, e ambos riram.

Quebrado o gelo, passaram rapidamente em revista décadas de vida diante da entrada tricolor de saladas. A abreviar as suas experiências, a rir a bandeiras despregadas com as recordações partilhadas e a evitar as razões que os tinham levado a não se encontrarem durante perto de vinte anos.

A meio da *melanzane alla parmigiana*, Will perguntou por Emma. Jude já estava à espera da pergunta.

– Portanto – disse ele, enquanto o empregado deitava mais vinho nos copos – a Emma nunca mais entrou em contacto?

– Entrou, sim. Vai para dois anos. Assim, sem mais nem menos.

– Estou a ver. Então como está ela?

– Assim-assim. Casou com um homem que podia ser pai dela.

– Estou a ver. Trabalha?

– Sim. Acabou por se encontrar. Levou algum tempo, mas aos vinte e tal foi para a universidade. É editora de livros. Trabalha em casa. Porcarias comerciais na maior parte, mas safa-se bem.

– Costumas estar com ela?

– Sim, às vezes. Disse-lhe que tinhas telefonado.

– Disseste? – perguntou, a sacudir do garfo um pedaço de molho de tomate. Limpou o garfo à toalha. – Que disse ela?

– Pouca coisa – respondeu Jude, a recordar a expressão gélida de Emma. – Deve ser difícil para ela. Ainda se deve sentir culpada por se ter intrometido entre nós.

Will não parou de mastigar.

Jude sabia o que ele estava a pensar. Will tentara compreender as mudanças de disposição de Emma e as suas ansiedades de adolescente, mas em certos dias ela era impossível.

– Costumavas dizer que aquilo havia de lhe passar. Mas foi-se embora antes disso – disse, fragilizada pelo vinho e pela proximidade dele.

Will levantou os olhos.

– Às vezes ponho-me a imaginar o que teria acontecido se nos tivéssemos casado naquela altura, como tínhamos planeado, Will.

Não sabia ao certo que resposta esperava, mas ansiava por uma centelha da intimidade que tinham partilhado. Em nome dos bons velhos tempos.

– Hmmm… eu também – foi a resposta.

Não acreditou nele. Dizia o que ela queria ouvir.

Will levantou a cabeça e Jude esboçou um sorriso que lhe ficou entalado nos dentes.

Ele estendeu a mão manchada de sumo de tomate e deu uma ligeira palmada na dela.

– Ouve, foi um tempo difícil para todos. Eu amava-te, Jude, mas Emma estragou tudo.

– Só te foste embora seis ou sete anos depois de ela sair – observou Jude sem levantar a voz.

– Bem, o mal já estava feito, creio eu. Tinha de sair dali – disse ele, e limpou a boca ao guardanapo.

– Sim.

E dormir com todas as que te excitassem, pensou.

Não quis o pudim.

Capítulo 57

Terça-feira, 24 de Abril de 2012

Emma

Na verdade não quero ir.

– É uma ideia estúpida – disse a Harry quando ela telefonou a noite passada para dizer que a Toni da Secundária de Woolwich a tinha contactado, mas ela não quis saber.

Está entusiasmada com uma espécie de jornada nostálgica. Coisas da nossa idade, suponho, mas está excitada por encontrar pessoas da escola no Facebook. Eu não procurei. Sou mais de ficar à espreita, oculta nas ombreiras, a ver quem faz o quê. Sem assinalar a minha presença. Não tenho nada para dizer.

A Emma Massingham pensa que o bebé de Howard Street é dela, seria como atirar o gato para o meio dos pombos, não?

Disse a Harry que só iria à discoteca se ela consultasse o médico para fazer um *check-up*. Como sabia que não iria, acabava-se a discussão. Mas afinal foi lá esta manhã.

Quando Harry telefona à hora de almoço, está mais alegre do que nunca.

– Foi como se me tirassem de cima um peso enorme, Emma. Acho que nem percebia a que ponto estava preocupada. Mas o médico diz que é apenas um quisto. Não me vai matar.

– Fantástico! Fico feliz por ti – respondo.

– Agora tens de vir à discoteca. Prometeste – diz ela, e eu respondo com um gemido.

– Francamente! Vai ser horrível. Todas aquelas matulonas que nos gozavam por causa do corte do cabelo até nos porem a chorar – argumento, a defender o meu caso.

– Bem, tens a oportunidade de lhes dizer o que pensas desse comportamento, não é? Organiza uma audição de verdade e reconciliação. Onde está Desmond Tutu quando precisamos dele? – diz Harry, na tentativa de me seduzir.

Por muito que queira, não consigo resistir à sua boa disposição.

– Sim, pode ser um serão divertido. Ou então vamos pular como doidas em volta das carteiras, calçadas com sapatos extravagantes.

– Isso é que é falar – diz Harry. – Começa a pensar no que vais levar vestido e telefona-me amanhã para combinarmos os pormenores.

– Está bem.

– Obrigada pelo dia de hoje, Emma. Sempre foste a mais inteligente.

Digo a Paul que vou à reunião, e ele sorri. Um sorriso verdadeiro, não aquele esgar nervoso da boca que adoptou há pouco tempo.

– Formidável. Vai-te fazer bem. Passas demasiado tempo sentada ao computador. Sempre sozinha.

Apetece-me dizer-lhe que nunca estou sozinha, mas não digo.

– Um dia destes falei com a Jude – diz ele, a levantar os olhos para observar a minha reacção.

– Ah, sim? – Estou espantada, e não disfarço. – Porquê? Ela telefonou quando eu não estava, foi?

– Não. De facto fui eu que liguei.

– Ligaste-lhe? – repito.

– Estava preocupado contigo, queria ouvir a opinião dela.

Percebo que já está arrependido de me ter dito, vejo-lho na cara.

– Seria a última pessoa a quem pediria um conselho – digo.

Que lhe terá ela dito? A ideia martela-me na cabeça como o trepidar de um comboio.

– Que disse?

– Não muito. Que tinha falado contigo sobre o passado e que tinhas ficado indisposta. Quando foste lá almoçar. Achas que ela tem razão?

Suspiro.

– Paul, sabes que detesto olhar para trás. E a nossa relação foi muito difícil.

– Disse que se tinha visto forçada a mandar-te embora de casa – diz Paul, e percebo que tem andado a matutar no assunto. – Nunca me falaste nisso.

Sento-me ao lado dele no sofá, de modo a que não veja bem a minha cara.

– Não gosto de falar nisso. Foi um período horrível. Nem podes imaginar. Creio que nunca me recompus. Só tinha quinze anos.

– Oh, Emma, como puderam fazer uma coisa dessas? Ainda eras uma criança – diz ele, a apertar-me a mão.

Todos os meus sentidos estão alerta.

– *Eles?* – pergunto.

– Jude disse-me que Will, o namorado dela, vivia convosco. Julgo que também nunca me falaste nele. Demasiados segredos não te fazem bem, Emma. Guardar tudo para nós é pernicioso.

É como se ele visse o que me vai na cabeça.

Posso contar-lhe tudo? Posso? Não ficará a odiar-me por causa do meu acto horrível? É claro que fica.

– Tens razão, meu querido. Mas agora já sabes.

Vira-me suavemente o rosto para si e segura-o entre as duas mãos.

– Podes contar-me tudo, Emma, sabes isso.

Inclino-me para o beijar. Para mostrar que o amo. E para o calar.

Capítulo 58

Sábado, 28 de Abril de 2012

Kate

Na noite da festa, Kate estacionou ridiculamente cedo em Howard Street. Eram apenas sete horas, mas despachara-se depressa para se esquivar aos comentários dos filhos sobre o vestido comprido com uma racha até à coxa e o chapéu de abas à moda de Anita Ekberg.

Não precisava de se ter preocupado. Freddie estava no cinema com os amigos e Jake não saiu do quarto. Passava cada vez mais tempo na internet, a planear a viagem.

– Encontrei um projecto em Phuket – tinha anunciado dois dias antes.

O irmão mais novo largara uma gargalhada.

– Tem a ver com bronzear ao sol? Também sou capaz de fazer isso.

Kate tinha engolido os seus comentários e continuara a pôr a mesa.

– Trocaste as facas e os garfos – observou Freddie, a mudá-los de posição.

– Desculpa, tenho a cabeça cheia de outras coisas – e lançara a Jake um olhar carregado de intenção.

O rapaz tinha-se feito desentendido.

– Tem a ver com a conservação da linha de costa – dissera Jake para Freddie.

– O que percebes disso? Estás a estudar Direito.

– Tenho o diploma de Geografia e Biologia do Secundário. Deve ser divertido.

– Bem, enquanto for *divertido*… – murmurara Kate entredentes.

Mas Jake tinha ouvido e levara o jantar para o quarto.

Quando regressara do trabalho, Steve fora lá acima falar com ele.

– Está magoado por não dares importância aos projectos dele – tinha dito o marido.

– Oh, deixa-te disso. Tratá-lo como uma criança e envolver o problema em palavras caras não resolve nada. Tem vinte e dois anos e vai tornar-se um vadio de praia, Steve. Tem de ser confrontado.

Ainda bem que o pai não estava cá para ver o neto desistir da vida. Teria encontrado meia dúzia de palavras adequadas para lhe atirar à cara.

Deve estar a dar voltas na campa, pensou Kate. *Peço perdão, papá.*

– Pronto, Kate, vamos deixar isso por esta noite, está bem? Ele vem cá para baixo ver o jogo comigo na televisão – dissera Steve.

Enquanto na sala os rapazes aplaudiam ou criticavam os futebolistas, levara a embirração para a cozinha, a mexer um molho de queijo para uma refeição futura até ele extravasar do tacho e emporcalhar a grelha. Atirou tudo para o lixo.

❧

A única pessoa que lhe viu o traje foi Steve, que nessa noite chegou cedo a casa. Para variar. Tinham pensado que com os rapazes fora da sua alçada teriam mais tempo para estar juntos, para fazerem as coisas que as pessoas da sua idade fazem: idas ao teatro, jantares acompanhados de vinho, viagens exóticas. Mas os espaços vazios nos seus diários, anteriormente ocupados com os treinos de futebol, a natação, as boleias para festas e encontros, foram preenchidos com trabalho, em vez de lazer. Kate tinha consciência de como eram importantes para Steve as consultas no hospital, e nunca protestou. De qualquer modo, e considerando os seus horários arrevesados, não tinha moral para falar.

Nessa noite, foi com surpresa e alegria que o viu abrir a porta.

Quando a viu, Steve soltou um assobio.

– Uau! Olha para ti! O que se passa?

– Disse-te ontem à noite. Vou a uma festa em Woolwich. Ando à procura de mulheres que possam saber como Alice Irving foi parar àquela zona.

– Claro que disseste, amor. Desculpa. Tive um dia terrível. Só más notícias. O cancro da senhora Telling espalhou-se. Tinha acabado de lhe dizer que estava em remissão. Não podia ser mais injusto.

– Oh, Steve – disse ela, ao mesmo tempo que o abraçava. – Que horror. Ao pé disso, o meu dia é ridículo. Tenho andado às voltas com um artigo de domingo para segunda sobre o Jubileu da Rainha. Adivinhas quem vai tocar no concerto?

– Paul McCartney? – arriscou ele, e ambos riram à gargalhada.

– Pois claro. Não há cerimónia completa se não incluir Macca. Mas esta noite estou esperançada em conseguir uma boa história.

– Hmmm… – fez Steve, a procurar no frigorífico qualquer coisa para entreter o estômago até ao jantar. – Já não há *Brie?*

Estava sentado diante da televisão com os pés elevados quando Kate saiu da casa de banho e desejou-lhe boa sorte naquele tom irritante de indiferença que usava quando se tratava do trabalho dela.

– Não é sorte, Steve, é trabalho árduo e persistência – atirou-lhe.

– Claro que é. Mas é difícil levá-lo a sério quando tens de te vestir a preceito para ires a uma discoteca dos anos de 1980. Não são coisas que aconteçam no meu mundo…

O que ele queria dizer era que o seu mundo, o Departamento de Oncologia do Hospital de Lewisham, era mais real, e de certo modo mais importante.

Kate mordeu o lábio e soube-lhe a essência de morango.

– Estou a investigar o rapto e a morte de um bebé, Steve. Não há muitas coisas mais sérias do que isso, pois não?

– Oh, Katie, sempre a jogar à defesa. A propósito, estás fantástica.

– Vai-te lixar. Não me compras com meia dúzia de elogios lamechas.

Deu-lhe um beijo seco.

– Hmmm… que delícia. Sabe à minha juventude. Trata de pores isso logo à noite, antes de entrares na cama.

– Até logo – despediu-se ela com um aceno ligeiro, e encaminhou-se para o automóvel muito depressa para que a vizinha Bet não a visse a equilibrar-se sobre as solas de dez centímetros de espessura.

Agora, tinha à sua frente uma hora para queimar. Não lhe apetecia entrar no *pub* vestida à moda dos anos de 1980, de modo que ligou o rádio e ficou a

ouvir a Rádio 4. Um programa sobre o aquecimento global, onde um idiota qualquer palrava a sobrepor-se ao entrevistador. Sorriu. Era sempre um problema controlar os tagarelas durante uma entrevista. Ninguém gosta de ser interrompido e pode estragar a relação.

Tinha aprendido a calar as pessoas com a linguagem corporal – inclinar-se para a frente para as incitar, para trás para que se calassem. Não tinha acreditado quando um velho colega lhe ensinara a técnica. Mas resultava sempre.

Interromper o contacto visual e pousar a caneta também era eficaz, mas demasiado óbvio. Os jornalistas da rádio levantavam a mão para interromper uma resposta excessivamente longa. É interessante como interpretamos os sinais.

Sobressaltou-se quando Barbara Walker bateu no vidro da janela. Baixou o vidro e sorriu da surpresa.

– Meu Deus, pregou-me cá um susto, estava a quilómetros de distância.

A menina Walker abanou a cabeça.

– Desculpe, minha querida. Da janela vi-a aí sentada e lembrei-me de lhe perguntar se não queria beber alguma coisa. É triste estar sentada sozinha.

– Adorava – disse Kate, que se levantou, a dominar a nova amiga de toda a sua altura.

A menina Walker ergueu os olhos para ela e depois baixou-os para os sapatos.

– Adoro essas solas compensadas. Onde encontrou isso?

– No Age Concern. Departamento de calçado histórico – respondeu Kate.

– Entre antes que caia e torça um tornozelo – convidou a menina Walker, a rir.

Obrigou Kate a colocar o chapéu largo e a rodopiar à sua frente na sala. A agitação despertou *Shorty*, que ladrou para as duas.

– Cala-te – ralhou a menina Walker, a dar-lhe uma palmada no nariz. – É só uma brincadeira. Então, prefere um *Cinzano* em vez do chá? Já que estamos numa de *retro*.

– Tem mesmo? Pensava que já não faziam – disse Kate, a deixar-se cair sobre um cadeirão de braços. – Muito obrigada, Barbara.

– Não sei quantos anos tem a garrafa, mas misturo-lhe um pouco de limonada para lhe dar vida. Talvez também um cubo de gelo. Vá lá, *Shorty*, depois dou-te de comer ao mesmo tempo.

Kate reclinou-se e mexeu os dedos dos pés dormentes, na tentativa de fazer circular o sangue. Ossos do ofício, diria Steve se estivesse presente.

Soltou uma gargalhada sonora quando Barbara entrou com um tabuleiro onde avultavam dois copos altos, uma garrafa de *Cinzano* coberta de pó e uma taça com cubos de gelo. Barbara misturou as bebidas com grande aparato, e as duas mulheres tocaram os copos antes de beberem um gole.

– Uau, já me tinha esquecido do sabor disto. À nossa – disse Kate. – O que fazia nos anos de 1980, Barbara? John, o capataz, disse que era modelo.

– Sim, mas em *part-time*, coisas de amadores, mas fiz algumas fotografias para um amigo que tinha uma revista de fotografia. Na verdade, era secretária num escritório de advogados.

– Fotografias artísticas! Isso é formidável. Deve ter conhecido pessoas interessantes e ouvido algumas histórias – disse Kate, a ingerir mais um gole da bebida.

– É verdade – murmurou a mulher mais velha.

– E deve ter ido a festas – insistiu Kate, a sorrir na expectativa.

Adorava os mexericos do mundo do espectáculo, essa mistura de *glamour* e do mundano trivial – Hollywood e hemorróidas.

– Montes de festas – começou a dizer a menina Walker, mas as palavras morreram-lhe na garganta, inseguras, e dedicou a sua atenção ao tabuleiro.

– Meu Deus, as coisas que deve ter visto – acrescentou Kate.

– Pode crer que não me lembro – replicou Barbara, a levantar-se e a dirigir-se à cozinha.

Kate ficou só, a meditar no que ela tinha dito.

Quando reapareceu, Barbara tinha retocado os lábios, e o rasgo vermelho dominava-lhe o rosto.

– Está linda – comentou Kate com um sorriso.

– Para ficar um pouco mais garrida. Ficamos logo melhor, não é? – disse a menina Walker, visivelmente satisfeita.

– Agora já quase não uso maquilhagem. Dá um trabalhão, e ninguém repara. Chega-se a uma certa idade e *paff!* É como se fôssemos invisíveis. As pessoas olham através de nós. E ficam espantadas quando falamos. Todas as minhas amigas deram por isso – disse Kate.

– Podia fazer muito pelo seu rosto – disse a menina Walker, que estendeu a mão para afastar uma madeixa do cabelo rebelde de Kate. – Tem umas maçãs do rosto adoráveis. Eu podia libertá-la num ápice desses papos debaixo dos olhos.

As duas mulheres fitaram-se.

– Vou buscar a minha caixa dos truques – disse a menina Walker, que desapareceu pelo corredor.

A caixa era grande e revelava muito uso, com a cobertura de vinil desbotada de tantas andanças.

– Vá, sente-se aqui à luz do candeeiro. Para eu ver como deve ser – disse a menina Walker.

Tirou as esponjas de caracterização para televisão, manchadas de cor de laranja, e começou a passá-las muito ao de leve pelo rosto de Kate. As esponjas cheiravam a sujo, mas Kate fez por não se sentir incomodada.

– Agora olhe para cima, enquanto trato do *eyeliner* – disse a menina Walker, debruçada sobre Kate, e numa voz segura e rejuvenescida. – Tem uns olhos mesmo lindos, Kate. Precisa de os trabalhar mais. Agora pestaneje.

Kate obedeceu e deixou-se mimar.

– *Blush?* Só um bocadinho. Todas nós precisamos de um rosto rosado, não é?

– Meu Deus, lembra-se de quando o aplicávamos às riscas, nos anos de 1970? – perguntou Kate a rir.

– Parecíamos o Hiawatha.

Barbara riu também.

– Adorava aquela maquilhagem. Os olhos com sombras esbatidas e os lábios de uma cor viva. Mas você pode manter um ar mais natural.

– Aposto que eles até caíam de costas – disse Kate. – Adorava ver uma fotografia sua desse tempo.

A menina Walker suspendeu o gesto, de pincel na mão.

– Está bem. Devo ter algumas por aí. Limpe os lábios a este lenço enquanto as procuro.

Regressou com um maço de fotografias de estúdio a preto e branco.

– Meu Deus, está espantosa! – exclamou Kate, genuinamente impressionada.

Mas calou-se logo.

– Dei a volta a algumas cabeças – disse Barbara em voz tímida.

Kate estava sem fala, a olhar para as fotografias de Barbara em papel brilhante. Era uma das mulheres de olhar vago das *Polaroids* de Al Soames. Reconheceu o arco da sobrancelha, o cabelo. Bebeu mais um gole de *Cinzano*. Não sabia o que dizer ou fazer. Não podia deitar aquilo cá para fora. Barbara saberia?

Barbara continuava a divagar sobre os seus tempos de modelo, a rir das recordações.

– Deviam cair-lhe aos pés – disse Kate, para não deixar morrer a conversa. – Gostaria de lhe pedir uma emprestada, para mostrar ao fotógrafo com quem trabalho. Vai ficar impressionado. Qual foi a sua conquista mais famosa? Mick Jagger?

A menina Walker soltou uma gargalhada.

– Não seja tonta. Não fazia parte desse campeonato. Pode levar uma, se quiser.

– Nesse tempo, onde vivia, Barbara?

– No número 63. Já lhe disse, no outro dia. Aluguei um quarto com serventia de casa de banho. Era uma casa grande. Quem lá vivia era Jude, uma colega de trabalho.

– Sim, E quem mais? Não havia nenhum homem? Na casa, quero dizer?

– Jude não se interessava pelos homens, dizia que só arranjavam sarilhos. Bastavam-lhe a filha e o trabalho para se sentir ocupada. Até Will ter aparecido…

Aqui, a voz de Barbara sumiu-se num murmúrio.

– Oh? – fez Kate, a inclinar-se para a frente.

– Will Burnside – disse ela, e Kate foi surpreendida pelo azedume que lhe transpareceu na voz.

– Quem era ele? Já percebi que não era muito do seu agrado.

– Não, era horrível.

– Horrível? Horrível como?

– Não era nada do que parecia. Nunca gostei dele. Mas Jude gostava. Estava deslumbrada por ele. Mudei-me pouco depois. E também mudei de emprego. Para começar de novo.

– O número 63 era uma das casas de Al Soames? – quis saber Kate.

Barbara Walker cerrou os olhos. Como que fechada numa concha. Kate chegou-se para a frente e tocou-lhe no braço, para lhe recordar a sua presença, e a mulher abriu os olhos.

– Sente-se bem, Barbara?

A menina Walker esboçou um sorriso pouco convincente.

– Desculpe, minha querida. Recordações, só isso. Podem apanhar-nos desprevenidas, não é?

– Parece um pouco abalada, Barbara.

– E estou – confirmou Barbara Walker em voz trémula. – Sabe, as pessoas não são o que parecem. Quando as vemos na rua ou numa festa parecem pessoas normais, mas não são. Por vezes não são.

– O que quer dizer com isso, Barbara?

Há um minuto estava a bebericar *Cinzano* com limonada, e no minuto seguinte a ouvir uma confissão, calçada com sapatos de sola grossa. Não se diga que o jornalismo é previsível. Ficou à espera.

– Falo por falar – disse a menina Walker, que puxou *Shorty* para o colo.

– Mas está tão transtornada. Creio que está a falar de alguém em concreto, Barbara. Está, não está? Às vezes desabafar com alguém ajuda.

A mim, diz-me a mim, pensou Kate, a cruzar os dedos e as pernas. A menina Walker voltou a fechar os olhos, mas abriu-os de repente ao ouvir os acordes baixos da *Dança das Valquírias*, de Wagner.

– Cristo! – exclamou Kate, a rebuscar no poço sem fundo da carteira à procura do telemóvel. – É o meu telefone. Peço desculpa, Barbara.

O telefone tocou seis vezes antes de o localizar. Seis acordes de abertura que obliteraram qualquer espécie de intimidade.

– Olá, Mick – disse quando por fim atendeu. – Neste momento estou ocupada.

Mas Barbara já levantava os copos.

– É melhor ir andando se não quer chegar atrasada à festa – disse ela.

Capítulo 59

Sábado, 28 de Abril de 2012

Kate

Foi encontrar Mick encostado ao guarda-lamas do carro.

– Olha para ela, toda aperaltada. Esta noite estás ao ataque? – perguntou ele em voz alta quando ela se aproximou.

– Cala a boca, Mick. O que estás aqui a fazer?

– Foi a chefia de imagens que me mandou. Para bater umas fotografias de uma reunião em que vais estar presente. Não te disseram nada?

– Não. Nem parece que estamos no ramo das comunicações. Olha, não sei o que posso fazer. É uma incursão para apalpar terreno. Vou a esta festa para encontrar pessoas que viviam por aqui quando Alice Irving foi enterrada. Não há nada para fotografar.

– Porra de chefia. E é o meu dia de folga. Nunca fazem as perguntas necessárias antes de me enviar – desabafou Mick, a atirar para longe a beata do cigarro.

– Lamento, Mick. Mas há uma coisa que podes fazer. Deram-me uma fotografia da qual preciso de uma cópia. Posso entregar-ta para tratares disso?

Arqueou os ombros antes de os encolher.

– Sim, pode ser.

Kate começava a tremer de frio. Tinha deixado o casaco no carro quando se dirigira a casa de Barbara.

– Vamos entrar no carro. Podemos falar nisto sem ser ao frio.

Entregou-lhe a fotografia de estúdio a preto e branco de Barbara, e ele examinou-a.

– Um rosto adorável. Quem é? – perguntou.

Kate pô-lo ao corrente do que sabia sobre Barbara, o número 63 de Howard Street e Al Soames, enquanto Mick fumava cigarro atrás de cigarro com o braço de fora da janela do lado do passageiro, como se isso fizesse diferença para o nevoeiro azulado que enchia o compartimento.

– E há mais fotografias – disse ela.

– Mais? Também de estúdio?

– Não. *Polaroids* de mulheres inconscientes, algumas muito jovens, a que deitei a mão no apartamento de Soames. Julgo que Barbara pode ser uma delas. Não as tenho aqui, mas amanhã posso mostrar-tas.

– Porra. Já disseste ao Terry?

– Dá-me um minuto, Mick. Isto acabou de acontecer. Não sabia que ia encontrar uma das vítimas de Al Soames. Um minuto antes ela estava a maquilhar-me e um minuto mais tarde a história apareceu aos trambolhões. Seja como for, quero reflectir sobre isto antes de falar ao chefe da redacção. Sabes como eles são, atiram-se para a frente a todo o vapor. Não sei se Barbara tem consciência do que lhe aconteceu. Pode ser demolidor para ela. Isto precisa de ser tratado com imenso cuidado.

– Sim, tens razão. Pobre mulher.

– Para já, tenho de encontrar o outro homem envolvido nas fotografias – disse, a desejar não ter deixado de fumar.

«Vá, vai-te embora – disse Kate, a sacudir o fumo e a tentação. – Amanhã de manhã falo com o Terry. Não há nada que possamos fazer esta noite.

Mick sorriu-lhe.

– Se precisares de mim, amanhã estou no escritório – disse, a atirar fora a beata.

Um grupo ruidoso de divas de discoteca de meia-idade passou por eles, agarradas umas às outras e a soltar gritos agudos.

– Boa noite, minhas senhoras – disse Mick atrás delas.

– É melhor ir andando. Estão à minha espera – disse Kate, a estender a mão para o óculo traseiro para agarrar o grande chapéu de feltro.

– Vai lá então. Não posso ir também? Olha que sou um diabo à solta na pista de dança.

Assumiu uma pose à John Travolta, bateu com a mão no retrovisor e soltou uma imprecação.

– Já percebi que sim, Mick. Mas já tenho par. Vai para casa estragar a noite da tua mulher. Como está a santa Anna?

Mick sorriu.

– Aguenta-se – respondeu, a dar-lhe um toque na aba do chapéu em jeito de despedida.

Kate esperou que o carro dele se afastasse antes de endireitar o retrovisor para se ver ao espelho. Servia. Tinha um ar fatigado.

– Amadureci cedo de mais – comentou em voz alta.

Perguntou-se como estaria Barbara. Tinha-se prontificado a ficar mais um pouco com ela, mas fora enxotada porta fora.

– Vá-se embora – tinha dito Barbara. – Vou fechar os olhos durante um bocadinho.

– Com certeza. Precisa de descansar. Mas amanhã de manhã, telefono-lhe, Barbara.

– Vamos lá – disse para o reflexo no espelho.

Joe não devia tardar, e o trabalho não havia de demorar muito. Apenas tinham de falar com as amigas de Toni para ver se descortinavam alguma pista sobre quem poderia ter trazido Alice.

– Uma hora, e ala para casa.

Joe apareceu a correr, para mostrar que sabia estar atrasado.

– Com essa camisa pareces o Donny Osmond – disse Kate quando ele parou ao lado do carro, ofegante.

– O autocarro ficou preso no trânsito e um bêbedo chamou-me mariconço de merda.

– Não te rales, também tive uma tarde agitada, mas vamos até lá trocar umas palavrinhas com toda a gente. Estás pronto?

Fez que sim com a cabeça e endireitou os ombros.

Quando abriram a porta, a música por pouco não lhe arrancou o chapéu da cabeça. Gloria Gaynor berrava a plenos pulmões *Never Can Say Goodbye* e o

salão da Boys' Brigade abarrotava de mamas cobertas de lantejoulas e de pernas pouco recomendáveis para usar minissaia. A *Oxfam deve ter tido uma boa semana*, pensou Kate.

Olhou para a cara apatetada de Joe e riu.

– O paraíso da mamã – gritou-lhe ao ouvido. – Vai para o bar e conversa com as mulheres que lá encontrares. Eu vou para a pista de dança.

Juntou-se à turba a gingar o corpo e de braços levantados, numa homenagem bem-humorada aos primeiros acordes de *Girls Just Wanna Have Fun*, e Toni avançou para a envolver num abraço.

– Isto é fantástico! – gritou Kate. – Um trabalho formidável, Toni!

A patroa do *pub* acenou-lhe com os polegares erguidos e gritou-lhe ao ouvido que a seguisse.

Abriram caminho entre os dançarinos, a esquivarem-se dos braços esvoaçantes, e sentaram-se a uma mesa perto da saída de emergência.

Toni fez as apresentações, a apontar ao mesmo tempo que gritava os nomes.

– São a Jill e a Gemma.

As duas morenas saudaram-na com um movimento de cabeça e dirigiram-lhe um sorriso cordial.

– E estas são a Sara B. e a Sara S. E a Harry.

Kate cumprimentou-as a todas com um trejeito mudo da boca. Ao reconhecê-la, Harry ergueu a sobrancelha, espantada.

– Kate é a razão pela qual estamos aqui todas – guinchou Toni. – Foi ela que me deu a ideia. Vamos lá, este é o meu disco preferido. Tenho ganas de dançar toda a noite.

Quatro das mulheres saltaram para a acompanhar, mas Kate deixou-se ficar com Harry.

Tentaram falar, mas era impossível, pelo que Harry resolveu gritar:

– Vamos à casa de banho?

E lá foram.

– De volta ao clube da juventude – observou Kate quando alcançaram o tradicional refúgio das adolescentes e fecharam a porta para obliterar a música.

Harry mirou-a da cabeça aos pés.

– O que está aqui a fazer? – sibilou entredentes.

– A Toni convidou-me. E você sabe porquê.

Nesse momento, a porta do cubículo abriu-se com um estalido das dobradiças à moda antiga. Lá de dentro, envergando um elegante vestido azul, emergiu uma mulher que Kate olhou atentamente.

Capítulo 60

Sábado, 28 de Abril de 2012

Emma

Encontrei-me com Harry na estação de Woolwich Dockyard e apanhámos um táxi para a festa. O edifício da Boys' Brigade deixou de ser novo há muito tempo. Parecia inclinado para a esquerda, como um bêbedo, o tecto apresentava sinais de humidade e a tinta soltava-se das paredes.

– Nem quero acreditar que ainda esteja de pé – comentou Harry, a pagar ao motorista e a saltar do táxi.

Tinha optado por um traje estapafúrdio de cantora de *rock*, enquanto eu preferi dar-me um ar *New Romantic*, depois de ter vasculhado as roupas antigas da arca do sótão. Encontrei um vestido antigo de Jude, com um milhar de botões que me ficava largo, mas era capaz de jurar que já o tinha vestido antes. Pedi a Paul que me ajudasse. Quando acabei de me vestir, beijou-me e disse:

– Estás fantástica, Emma. Vai e vê se te divertes com as tuas amigas.

– Obrigada pelos botões – respondi a enfiar o casaco e a pegar nas chaves. – Não fiques a pé à minha espera. Vou chegar tarde.

– Está bem. Adeus – disse ele, já a ligar a televisão.

A discoteca está em roda livre, e a música agride-me como um tijolo na cabeça. Durante alguns segundos não consigo ver nem ouvir nada. De olhos fulgurantes de excitação, Harry belisca-me o braço para me chamar a atenção.

– É como voltar atrás no tempo – berra. – Mas agora estamos legais. *Bacardi* e cola?

– Não, *Dubonnet* e limão, ou daquela horrível sidra doce. Quero recordar-me do gosto.

Sentimo-nos alegres como não acontecia há anos, a conversar e a dizer graçolas como adolescentes.

Toni e o seu grupo rodeiam-nos de imediato, ansiosas por saber o que temos feito durante todo este tempo.

Decidi antecipadamente o que iria dizer sobre a minha vida. *Breve e agradável, Emma,* disse para comigo. *Reduz ao mínimo a imundície e a degradação. Não queremos que tenham pena de nós. Nem que nos julguem.*

E tudo parece correr pelo melhor. Harry faz as despesas da conversa, quero dizer, tenta, mas é difícil fazer-se ouvir acima do tumulto de cem vozes a gritar ao ritmo dos Wham, e as raparigas estão arrebatadas. Não param de nos tocar, como se fôssemos extraterrestres. Dá vontade de rir, mas se tivesse ficado a viver aqui talvez fizesse o mesmo. Podia ser uma delas. Uma mãe de meia-idade, insatisfeita, com um emprego miserável na Tesco e filhos que não telefonam.

Por fim, as nossas bebidas aparecem, e quando algumas das outras se levantam para dançar, tento conversar com Harry mas é impossível, e acabo por ir aos lavabos. Muitas vezes me pergunto por que motivo uma tão grande parte da minha adolescência foi passada em casas de banho públicas malcheirosas, mas tudo se torna claro quando entro e fecho a porta. Era o único lugar onde nos podíamos ouvir.

Entro num dos cubículos, agacho-me sobre a sanita de tamanho infantil e leio as frases obscenas rabiscadas à altura dos olhos. Ao que parece, uma rapariga chamada Maz está a subir de escalão nas fileiras da Boys' Brigade e vai riscando os nomes dos rapazes na parede, como um condenado. Talvez seja.

Memorizo a informação para contar a Harry, mas encontro-a ao sair do cubículo. Conversa com uma mulher que nunca vi. É da nossa idade, mas não me parece que seja da nossa escola. Resolvo guardar Maz para mais tarde.

A mulher é Kate Waters. Quando Harry ma apresenta, é como se alguém me desse um murro no estômago. Ouço-me arquejar, e começo a tossir para que ela não perceba. Mas olha para mim como se eu estivesse sob o foco de um projector. Aguardo que me denuncie. Embora saiba que ela não conhece

o meu verdadeiro nome. A minha máscara parece tão inconsistente que a sinto escorregar. Mas Kate Waters não dá sinal de me reconhecer.

Procuro não reagir quando ela menciona Alice Irving e desvio a conversa para terrenos menos movediços.

– Deve ser interessante, trabalhar como jornalista – ouço-me dizer.

Meu Deus, estou a ser tão óbvia. Ela deve saber. Deve ver através de mim.

Mas se vê, não mostra. Entra no meu joguinho. É uma tipa divertida, sabe tudo acerca de Malcom Baker e Sara S, embora tenha acabado de nos conhecer. Deve ter sido Toni a contar-lhe. É engraçado, como se parece comigo e com os meus livros. Uma especialista instantânea na vida de outras pessoas. Às vezes é perigoso pensar que se sabe de mais. Pois quem conhece realmente outra pessoa? Arranha-se-lhe a pele, mas nunca se chega à carne. Ao osso.

Capítulo 61

Sábado, 28 de Abril de 2012

Kate

Deus, como ela é esbelta, pensou Kate quando a viu. *Também gostaria de perder algum peso.*

– Emma – disse Harry –, não sabia que estavas aqui. Esperei por ti na mesa.

– Desculpa, precisei de fazer um chichi rápido. Estas bebidas atravessam-me para a bexiga.

– Olá, sou a Kate – disse ela.

– Olá. Kate? Não me recordo de nenhuma Kate na turma. Estava no ano a seguir? Na turma de Toni? – perguntou Emma.

– Não, é jornalista – interpôs Harry. – Kate Waters.

– Estava a falar com Toni a respeito da história de Alice Irving, a bebé encontrada em Howard Street, e ela convidou-me para a festa – explicou Kate.

A mulher reagiu à informação evitando o contacto visual.

Está a esconder, pensou Kate. *Mas a esconder o quê?*

– Deve ser interessante, trabalhar como jornalista – disse.

Kate olhou para ela. A manobra de diversão clássica. Esperava um comentário ou uma pergunta acerca de Alice. Era a coisa mais interessante de que tinha falado, não era? Era o tema de conversa de todos os que viviam nas cercanias. Não o facto de ela ser jornalista.

– Ehh… sim, conhecemos todo o género de pessoas. E quanto a si? O que faz?

– Sou editora de livros.

– Emma trabalha com memórias de pessoas famosas – intrometeu-se Harry.

– Como *ghost writer?*

– Não, o fantasma não sou eu. Sento-me no escritório a corrigir os textos de outras pessoas.

Kate sorriu.

– Parece que também ando a fazer muito disso. – Não lhe agradava, mas continuou com a conversa fiada. – Que belo emprego. Trabalhou com alguém de qualidade?

Emma referiu os nomes de dois futebolistas e o projecto da estrela de cinema em que estava a trabalhar enquanto rebuscava na carteira à procura da maquilhagem, e Kate fez os comentários adequados.

– Deve ser fascinante ver além do rosto que se mostra ao público – observou.

– Sim, fascinante e por vezes um pouco assustador – disse Emma.

– Assustador?

– Bem, saber como as pessoas são e ter de descrevê-las de maneira diferente. Para corresponder à imagem pública. É uma responsabilidade, quando desconfiamos que a pessoa em causa é um brutamontes violento, por exemplo. A mentira é nossa ou é deles?

– Meu Deus, deve ser bastante difícil. Já alguma vez declinou um serviço?

– Não. Preciso do dinheiro – riu Emma.

Uma gargalhada fria.

– Deve ser giro reencontrar aqui os rostos do passado – disse Kate, a voltar ao assunto.

– Sim. Já lá vão anos. Décadas.

– Mudou-se daqui, portanto?

– Bem, fisicamente não para muito longe – disse Emma, a trocar um olhar com Harry que saía de um dos cubículos e metia a fralda para dentro da saia. – As nossas vidas é que tomaram direcções diferentes, creio.

– E como é voltar atrás? – perguntou Kate.

– Estranho. Mais ou menos como viver um sonho. Olho em volta e vejo caras que quase conheço. Quero dizer, são-me familiares, mas não as consigo localizar. É quando dizem o nome que se revelam. Percebe o que quero dizer?

Kate assentiu, encantada com a descrição.

– Foi Harry quem me convenceu a vir. Tem muita influência sobre mim. Não tens?

Harry sorriu para a amiga.

– Faz-te bem sair. E isto é formidável – disse ela.

Kate esboçou um sorriso travesso e acrescentou:

– Será que Malcolm também cá está?

As outras riram à gargalhada.

– Aposto que usa capachinho e já está fora do mercado – disse Harry.

– E eu aposto que tem uma amante e uma *Harley* de crise da meia-idade – afirmou Emma. – Vamos à procura dele. Encontramo-nos dentro de meia hora para apresentar o relatório.

Kate abriu a porta para as deixar sair e enxotou-as.

– Encontramo-nos mais tarde. Boa caçada.

Capítulo 62

Sábado, 28 de Abril de 2012

Kate

Deu a volta à sala e dirigiu-se ao bar, para ver como Joe se estava a sair. Encontrou-o encostado ao balcão peganhento, embrenhado numa conversa animada com a mulher do bar, que usava grandes enchumaços e demasiada laca no cabelo.

– Uma limonada, se faz favor – pediu Kate, a apontar para uma garrafa na prateleira.

– Olá, Kate – saudou-a Joe com um movimento silencioso dos lábios e com ar de quem está satisfeito consigo.

Kate apontou para a saída, agarrou no copo de plástico e seguiu à frente dele.

– Como te tens safado? – perguntou quando se debruçaram sobre um muro baixo de tijolos, fronteiro ao salão.

– Muito bem, obrigado. Disse às pessoas que era seu filho.

Kate ergueu o sobrolho.

– Bem visto – admitiu. – E então?

– A Rita, que serve no bar, tem estado a pôr-me ao corrente de todos os mexericos.

– Boa. O que tens?

– Montes de coisas sobre a Harry. Parece que é só disso que querem falar. É a primeira vez que lhe põem a vista em cima desde o tempo em que era uma arruaceira mal-amanhada. Nem querem acreditar que se tenha safado tão bem.

– Acabei de tagarelar um pouco com ela na casa de banho das senhoras. Ao princípio estava um bocado estranha, mas acabou por se descontrair. E acerca

do bebé? Corre algum boato?

– Não, nada acerca de um bebé. Nenhuma gravidez de súbito terminada, nem amores clandestinos de mulheres casadas, nada. Um mistério total, diz Rita. Perguntei-lhe sobre a casa de Barbara Walker, o número 63. Disse que se recordava de lá viver também uma advogada. Uma mulher inteligente chamada Jude.

– Judith Massingham, a companheira de casa de Barbara – disse Kate.

– E uma filha – acrescentou Joe.

– Sim, Barbara mencionou uma criança. Mas não podia constar dos cadernos eleitorais. Rita disse alguma coisa a respeito dela? Conhecia-a?

– Sim, sim, Rita andou com ela na escola. Está cá. Chama-se Emma.

Kate agarrou-lhe o braço com força.

– Emma? Creio que acabei de a conhecer. És um pequeno génio, Joe. Estava capaz de te beijar, mas nos tempos que correm podia ser interpretado como assédio sexual.

Joe irradiava satisfação. Não sabia ao certo o que tinha feito para merecer o elogio, mas não tinha importância. Fizera uma coisa bem feita. Se a chefe assim o dizia…

Kate deixou a bebida em cima do muro e dirigiu-se para a porta.

– Vou à casa de banho – gritou por cima do ombro. – Encontramo-nos mais tarde.

Harry e Emma já lá se encontravam, a retocar os lábios com batom em frente do espelho manchado.

– Então, milionário ou vagabundo? – perguntou Kate

As imagens reflectidas das duas mulheres centraram-se nela com um sorriso.

– Careca, barriga de cerveja e cinco filhos – respondeu Harry.

– É bem feito para não te ter partido o coração – acrescentou Emma.

– Casou com a Sarah S? – quis saber Kate.

– Caraças, conhece todos os nossos segredos – disse Emma.

– Bem, só alguns – respondeu Kate, a tirar o batom da carteira.

Capítulo 63

Sábado, 28 de Abril de 2012

Emma

Estávamos de saída, para voltar à pista de dança – tal como sempre fazíamos, eu atrás de Harry, a balancear o corpo – quando Kate me bate no ombro.

– Podemos conversar um bocadinho, Emma? – grita-me ao ouvido.

Parece nervosa. Pergunto-me se não terá já adivinhado quem sou.

– Vamos até lá fora?

Deixo Harry e sigo atrás dela até à porta, para lá da mesa de fórmica onde levantámos o crachá, agora coberta de copos de plástico amachucados.

Sentamo-nos no muro baixo que fica em frente, com os ouvidos ainda a zunir, e a observar os fumadores que acenam para os carros que passam.

– Que festa formidável! – diz Kate. – Deve ser como nos velhos tempos.

– Pois é. É estranho encontrarmo-nos todos como adultos. Como numa peça de Dennis Potter. Naquela em que os actores adultos desempenham papéis de criança.

– *Blue Remembered Hills* – diz Kate, que também a viu. – Uma peça bastante sinistra – acrescenta. – Uma das crianças morre.

Ficamos sentadas em silêncio. Vem-me à memória o bebé e levo a mão ao estômago. Kate parece ler-me os pensamentos, pois começa a falar de Alice Irving.

– Foi ali ao fundo da rua que a encontraram. No jardim da casa onde viveu, Emma. Leu os artigos que escrevi no jornal?

– Sim, sim, vi-os.

– Ando a tentar descobrir o que aconteceu a Alice – diz ela. – A polícia pensa que foi enterrada quando você e a sua mãe lá viviam.

– Não posso acreditar nisso. Já falei com a minha mãe a esse respeito. E ela também não acredita.

– Bem, mas aconteceu – diz Kate. Senta-se de lado, para me ver bem. – Como era naquele tempo? Que idade tinha? No princípio dos anos de 1980, você devia ter treze ou catorze anos.

Confirmo com um gesto de cabeça.

– Recorda-se dessa época?

Insistente.

– Com essa idade, deve ter sido difícil viver numa casa partilhada. É quando mais precisamos de privacidade, não é? Vivia com a sua mãe e com Barbara Walker. É difícil manter qualquer coisa em privado, ou em segredo, quando as pessoas vivem em cima umas das outras.

– Nem queira saber – digo em voz alta.

Não queria, mas saiu-me.

– Acredito – diz ela. – Eu costumava esconder os livros que todas líamos em segredo na escola, recordo-me bem de *The Carpetbaggers*. O que escondia a Emma? – pergunta como se soubesse.

Não sei o que dizer sem me denunciar.

– Emma, conhece alguém que possa ter tido alguma coisa a ver com o bebé?

A voz dela é suave e hipnótica. Quer fazer-me falar.

A palavra «bebé» repercute-se incessantemente na minha cabeça. *Bebé, bebé, bebé.*

– Não quero falar nisso. Fico muito incomodada.

– O que a incomoda?

– O bebé.

– Alice?

– Não. O meu bebé.

Começo a balançar-me para trás e para a frente sobre o muro. Para me acalmar, como a minha mãe costumava fazer.

– O seu bebé? – pergunta Kate. – O que quer dizer com isso?

Creio que ansiava pela pergunta. Apetecia-me contar. Deixar sair. Ela pode ser a minha tábua de salvação.

– Engravidei quando tinha catorze anos – digo.

– Meu Deus, ainda era uma criança – diz ela, a pegar-me na mão num gesto de absolvição.

Julguei que quando por fim confessasse haveria gritos e recriminações, mas o mundo não pára de girar. Continuamos sentadas no muro, e os fumadores continuam a fazer sinais aos carros que passam.

– Vamos falar para qualquer outro lado? – pergunta ela. – Deve sentir frio. O Royal Oak é mesmo ao virar da esquina.

Abano a cabeça. Não suporto a ideia de ver outras pessoas.

– Ou quer sentar-se no meu carro? – sugere Kate, como se compreendesse.

E talvez compreenda. Não sei porquê, mas confio nela.

Já dentro do automóvel, pergunta-me afavelmente se mais alguém sabia. Jude ou Barbara sabiam?

Sacudo a cabeça.

– Como conseguiu manter segredo? Devia estar assustadíssima.

Não há julgamento na sua voz, apenas compaixão. Não me diz que pare de falar no assunto, como Harry faz. Não pensa que estou doida.

Quero contar-lhe tudo a respeito das mentiras, de esconder a gravidez debaixo de camisolas largas, e sei que me vai escutar.

Capítulo 64

Sábado, 28 de Abril de 2012

Emma

– A princípio nem queria acreditar – digo. – Disse para comigo que não se podia ficar grávida por uma única vez. Que na minha idade os períodos eram incertos, é o que dizem todas as conselheiras sentimentais das revistas. Convenci-me de que me tinha enganado na contagem das semanas. Que engordava porque comia demasiados doces. Que as indisposições de estômago eram devidas à ansiedade provocada pelos exames.

«Mas o meu corpo contava uma história diferente.

Kate inclina a cabeça para o lado e suspira.

– Oh, Emma.

– Quando os vómitos começaram, pensei numa intoxicação alimentar. A minha mãe tinha tido uma, e fui eu que cuidei dela. Mas a minha não melhorava e vomitava quase todas as manhãs. Abria as torneiras da casa de banho para ninguém ouvir e pulverizava o ar com desodorizante para que não se sentisse o cheiro da minha desgraça.

Volto-me para Kate. Preciso de a fazer entender que eu não era uma rapariga estúpida. Um bocado inocente no que respeitava a rapazes e a sexo, mas não era estúpida.

– Sei que é difícil alguém acreditar, especialmente agora, quando o sexo está por toda a parte, mas embora soubesse o que estava a acontecer, pensei que bastava ter força de vontade para que passasse. Nunca considerei a possibilidade de um aborto, nem de beber *gin* dentro de um banho quente. Isso seria admitir a realidade.

«Julguei que seria capaz de terminar com aquilo através da força do pensamento. Havia de "melhorar", como se fosse uma doença. Ainda nem

tinha feito os cálculos sobre a data de nascimento do bebé. Não iria acontecer.

A meu lado, Kate agita-se no assento, procura um lenço na carteira e estende-mo. Não tinha percebido que estava a chorar.

– Emma, como ninguém se deu conta do que se estava a passar? Devia ser tão óbvio.

– Talvez, mas não deram. Não deixei. Vivia uma vida dupla: Emma, a garota que andava na escola, e Emma, a rapariga que se tinha metido em sarilhos. Mas não podia durar muito. A verdade ameaçava derrubar a porta, a exigir que a reconhecessem, como uma louca fechada no sótão. Acho que era uma espécie de loucura.

– Devia andar desvairada com tanta preocupação. E nessa idade. Como aguentou?

– Já não sei. Mas quando o pavor se instala é um sentimento avassalador de que o mundo está prestes a acabar.

– E quando a gravidez se tornou evidente? – pergunta Kate.

– Essa foi a parte pior. Não suportava ver-me ao espelho. A barriga não parava de crescer. Comprimia-a com uma echarpe, vestia camisolas largas e não saía do quarto, longe das amigas e da família, a insistir que precisava do meu espaço. Aterrava-me a ideia de que vissem e percebessem.

«Quando estava de lado, tenho a certeza de que era visível, de modo que tinha o cuidado de me apresentar sempre de frente à minha mãe e de não voltar a abraçá-la. Vi que se sentia magoada comigo quando a empurrava, mas não podia arriscar.

Agora que comecei, não consigo parar de falar. E conto a Kate como levava as refeições para o quarto.

– Jude não ficava satisfeita, mas Will, o namorado dela, disse-lhe que era melhor não fazer uma fita. O que ele queria era ver-me longe. À medida que a barriga ia crescendo, enchia mais o prato com comida que depois deitava fora, para ter uma desculpa para o aumento do peso.

Tão cheia de recursos. O meu cérebro detectava os perigos com rapidez. Quase me sentia orgulhosa da criança que era. Merecia a nota máxima em matéria de embuste.

Kate vai acenando sem nunca afastar os olhos de mim. Sei que quer fazer montes de perguntas sobre como engravidei e o que aconteceu ao meu bebé, mas o que tenho para dizer é muito. Tenho de o deixar sair a pouco e pouco, para que não se escape de rompante e me sufoque. Sinto-me tonta, como se a minha cabeça fosse explodir.

– Quando entrou em trabalho de parto, o que aconteceu, Emma? Não lhe era possível esconder isso.

– Não, foi um pesadelo. Mas fiz tudo sozinha. O parto propriamente dito foi muito rápido. Tive dores nas costas durante um ou dois dias, depois rebentaram-me as águas e a barriga ficou dura. Era o meu corpo, mas não era o meu corpo, não sei se me faço entender. Ficou fora de controlo, e de cada vez que as dores vinham, cada vez mais fortes, segurava-me à borda da banheira e gritava até ficar rouca. Julguei que ia morrer. Lembro-me de chamar pela minha mãe, sabendo que ela não estava em casa. Que estava sozinha. Porque tinha de estar. Ninguém podia saber.

Kate aperta-me a mão tal como eu apertava o rebordo da banheira. Acodem-me as recordações sepultadas no fundo da memória, batem com violência à porta, a pedirem para entrar.

Consigo ver-me, como se olhasse por uma janela. Quando a coisa deslizou cá para fora, brilhante e a exalar vapor na casa de banho fria, deitei-me a seu lado sobre a pasta de sangue que cobria o linóleo. Arrefeceu ao meu lado.

Não é como dizem nos folhetos. Enquanto as outras raparigas da escola liam em segredo Fear of Flying*, eu andara a ler opúsculos sobre placentas e cordões umbilicais que tinha surripiado da sala de espera de um hospital. As palavras provocavam-me vómitos, mas continuei a ler, para o caso de ser necessário.*

Na casa de banho, cortei o cordão com a tesoura do estojo de primeiros socorros e embrulhei a coisa, com o resto do que tinha saído de dentro de mim, num exemplar do Sunday Times *que tirei da caixa que ficava em frente da porta. Abri as torneiras e enfiei-me no banho tépido, a observar as partículas de sangue que rodopiavam à minha volta.*

– O que recordo é o silêncio que se seguiu aos gritos – digo a Kate. – Tinha tido sorte. Jude e Will estavam no trabalho. Era só eu e a coisa. Não me lembro de olhar para ela, mas devo tê-lo feito. Como quando há qualquer

coisa aterradora na televisão e olhamos por entre os dedos para não vermos todo o horror. Não me recordo do seu rosto. Nem sei se era rapaz ou rapariga.

– Meu Deus! É a primeira vez que conta isto a alguém? – pergunta Kate.

– É. Uma vez tentei contar a Harry, mas ela não percebeu o que eu dizia. E não podia dizê-lo a mais ninguém. Está a ver, fiz uma coisa terrível.

– O que fez, Emma? – pergunta ela em tom carinhoso. – Fez alguma coisa ao bebé?

– Enterrei-o.

Capítulo 65

Sábado, 28 de Abril de 2012

Emma

Quando digo que enterrei o bebé, Kate cala-se.

Ouço a minha voz como se fosse a de outra pessoa, a dizer-lhe que enterrar o bebé foi fácil.

– Foi como quando enterrei o meu coelho de estimação, quando tinha nove anos. Embrulhei-o num jornal e num saco de plástico para não se perceber o que estava lá dentro. Abri um buraco no jardim, meti-o lá dentro e tapei com terra. Despachei o assunto em poucos minutos.

«Arrastei para cima da cova um vaso grande onde a minha mãe tinha plantado narcisos. As pequenas pontas verdes já despontavam. Depois voltei para casa.

Recordo-me de pensar que bastava deitar fora a toalha suja de sangue e era como se nada tivesse acontecido. Tudo de volta à normalidade. Era tão nova. Não fazia ideia de que nunca mais nada seria normal. Lembro-me de pousar a mão sobre a barriga vazia e senti-la como um balão no fim de uma festa, mole e enrugado. Por cima da camisola, belisquei a pele flácida para ver se continuava a ser eu. Para sentir alguma coisa. Qualquer coisa.

– Estupidamente, julguei que o perigo passaria mal tivesse parido – digo à jornalista. – Tinha tudo planeado.

Agora, quase tenho vontade de rir perante a minha ingenuidade, mas naquela altura sentia-me tão só.

– Quando aceitei que ia nascer um bebé, resolvi que o ia deixar na maternidade do hospital para que uma enfermeira o encontrasse e cuidasse dele. Já tinha lido nos jornais que as enfermeiras davam nome aos bebés abandonados – Holly, se fosse pelo Natal, ou o nome do polícia que o tinha

encontrado, coisas assim – e que os seguravam nos braços. E depois eram adoptados por famílias que os amavam e tudo acabava em bem, pelo menos para o público. Fins felizes por todo o lado.

Tentei ver a minha vida em termos de heroína de novela. Tudo limpo e asseado. Sem pontas soltas.

– Convenci-me de que iria ser muito fácil. Ia deitar o bebé cá para fora, como nos desenhos dos folhetos, embrulhava-o num cobertor branco que tinha comprado em segredo no Boots, deixava-o discretamente na casa de banho e vinha-me embora. Há sempre gente a entrar e a sair das casas de banho. Não se passariam cinco minutos até o bebé ser descoberto.

«Mas não precisei de fazer isso. Para o enrolar, usei papel de jornal e um saco do Boots.

– Oh, Emma. E guardou tudo isso para si até agora. Até terem encontrado o corpo de Alice.

– O corpo encontrado no jardim é o meu bebé – ouço-me gritar. – O meu bebé!

Vejo que Kate está a tremer e que se agarra ao volante com força. Estou a assustá-la. Assusto-me a mim mesma. Pareço louca. Tenho de parar com isto.

– Tenho de ir para casa, Kate. Tenho de dizer a Harry onde estou. Deve andar doida à minha procura.

O rosto de Kate está lívido, e fala comigo como se fala com um doente no hospital. Em voz baixa e ritmos calmantes.

– Eu levo-a a casa, Emma. Deve estar demasiado cansada e magoada para organizar os seus pensamentos.

Tudo muito normal e reconfortante. *Organizar os meus pensamentos. Era o que eu devia fazer. É o que diz Paul quando me vê preocupada com qualquer coisa. Mas não preciso de os organizar. Estão comigo há muitos anos.*

Quando voltamos a entrar, Harry está de pé sobre uma cadeira, a sondar a pista de dança e a retorcer as mãos com ar ansioso.

– Onde raio estiveste metida? – grita em voz estridente assim que me vê. – Desapareces sem mais nem menos, Há meia hora que ando a procurar-te.

Mas cala-se assim que vê a minha cara. O meu aspecto deve ser horrível, pois agarra-me por um braço, obriga-me a sair de novo e sussurra-me ao

ouvido:

– O que aconteceu, Emma? Onde estiveste?

– Estive a falar com a Kate, só isso. Desculpa se te inquietei – digo-lhe, a procurar manter a voz firme.

– A falar de quê? De que estiveram a falar?

– Agora já não interessa. Sinto-me cansada, Harry. Vou para casa. A Kate leva-me.

Harry levanta os olhos para Kate. Está ao pé do carro, a falar com um jovem e a dar-lhe dinheiro para o táxi.

– Vê em que estado a pôs? – grita-lhe Harry, e o rapaz parece assustado, como se ela o acusasse.

– Não foi ela, Harry. Quero que tudo isto acabe. Não aguento mais emoções. Esta noite foi de mais para mim. Ver toda a gente. Montes de recordações, e nem todas boas.

Aperta-me o braço.

– Peço desculpa, Emma. Não devia ter insistido para que viesses. Vou contigo até casa.

Abano a cabeça.

– Eu estou bem.

Os fios da história continuam a desenrolar-se na minha cabeça e não os posso partilhar com mais ninguém, nem com a minha melhor amiga. Harry havia de ficar perturbada e indignada por minha causa e eu teria de lidar também com as suas emoções, além das minhas. Não compreenderia o motivo que me levara a contar os meus segredos a uma desconhecida. Mas senti-me em segurança. Quase anónima.

– Telefono-te amanhã de manhã – grita Harry, e despede-se com um aceno triste quando nos afastamos.

O caminho para casa é longo, enveredamos por ruas escuras e tortuosas até desembocarmos nas luzes ofuscantes da estrada.

Pouco ou nada falamos. Transmito-lhe indicações. Aqui à esquerda, dê a volta à rotunda. Mas tanto eu como Kate estamos mergulhadas nos nossos pensamentos. Eu, a reviver a minha vergonha. Atormentada pelo terror.

Quando entro, a casa está às escuras. Paul não deixou acesa a luz do vestíbulo. Imobilizo-me um momento no escuro, incapaz de pôr um pé à frente do outro, avassalada pelos meus pensamentos.

– Sentes-te bem, Emma? Que estás a fazer aí em baixo? – grita Paul em voz ensonada.

– Nada, estou só a despir o casaco – respondo. – Vê se dormes.

Ligo o interruptor e tenho de fechar os olhos para os proteger da luz intensa. Reabro-os lentamente, a testar a claridade. Tudo está tal como quando saí esta tarde. O casaco de Paul pendurado torto no cabide, o correio por abrir em cima da mesa, os meus sapatos alinhados sobre a esteira. Contudo, nada é igual.

Já falei. A polícia há-de aparecer. Preciso de tempo para pensar. Para gizar um plano.

Pareço um animal selvagem a caminhar em bicos de pés na margem do rio, com os crocodilos à espreita para lá da curva, as mandíbulas preparadas. Penso em fugir. Esconder-me. Mas detenho-me bruscamente. *Na tua idade?*, digo para comigo. *Não sejas ridícula*. É o momento de olhar as coisas de frente.

Esboço um plano adulto.

Não vou deixar em sossego o tigre que dorme.

Capítulo 66

Sábado, 28 de Abril de 2012

Kate

Perdeu-se no regresso a casa. Passou o cruzamento e só deu por isso vinte minutos mais tarde, quando se viu rodeada de arvoredo, em vez das luzes de néon.

– Merda – gritou para a estrada.

Encostou num desvio para descanso, mas não conseguiu tirar as mãos do volante. Olhou para os nós dos dedos, brancos, como se pertencessem a outra pessoa.

Continuava a ver o rosto de Emma, fulgurante de emoção no ambiente escuro do automóvel, os seus lábios a articular as palavras enquanto desfiava a história.

Quando gritou que o bebé era dela… pensou Kate. Tinha ficado mesmo assustada. O som e a dor que lhe transparecia na voz – aquilo era mesmo verdadeiro. Mas a história, seria?

Os jornalistas eram muitas vezes o primeiro recurso dos desiludidos ou dos que procuravam chamar a atenção. Pessoas tristes que queriam a todo o custo fazer parte das notícias.

Foi percorrida por um arrepio. Na sua cabeça fervilhava um turbilhão de perguntas e respostas, em busca do que lhe poderia ter escapado.

– Dois bebés? Dois bebés, caraças? Não pode ser – disse em voz alta. – Afinal, o que sei?

Estava tudo a acontecer tão depressa que se sentia a perder o domínio da situação. Da história.

Quando lera pela primeira vez o pequeno recorte sobre o corpo do bebé, Kate esperara ser capaz de escrever um artigo comovente sobre uma criança

esquecida e a tragédia pessoal que se encontrava por detrás da sua morte. Uma leitura para sábado, tinha pensado. A oportunidade de se libertar da monotonia das notícias *on-line*. Mas ao agitar a superfície desencadeara uma inesperada erupção de segredos.

Devia estar excitada com a perspectiva de uma história sensacional, e contudo sentia-se subjugada pela torrente de informações.

Sentia-se guardiã de segredos: Barbara Walker, drogada e talvez abusada sexualmente, a gravidez na adolescência de Emma Massingham, o adultério de Nick Irving. Tinham-lhe confiado os seus mistérios porque soubera formular as perguntas adequadas. Mas podia escrever sobre o quê? Ser-lhe-ia lícito deixar transpirar alguma coisa?

O que tinha de fazer, disso tinha a certeza, era telefonar a Terry para que agisse depressa, mas isso significaria perder o ínfimo controlo que ainda detinha sobre a narrativa. Haviam de arrancar-lha para ser dissecada, debatida e remexida pelas patas de pessoas que nunca tinham conhecido Barbara, Angela ou Emma.

O jornalismo é assim, *Kate*, recordava-se de lhe ter dito um antigo chefe. *Estás aqui para contar a história deles, não para fazeres de mãezinha. Envolves-te demasiado.*

Mas o envolvimento era indispensável para a obtenção da história na sua íntegra. Os professores universitários que leccionavam a cadeira de Jornalismo a miúdos como Joe Jackson frisavam o equilíbrio e a objectividade, mas gostaria de os ver sentados com uma vítima de violação ou com a mãe de uma criança vítima de abuso sexual sem que isso os afectasse. Sem empatia, sem sentir a dor do outro, como era possível contar uma história daquelas e captar a verdade da situação?

O problema surgia quando se tornava impossível pôr de lado os sentimentos para começar a escrever.

Precisava de um momento. Precisava de uma voz adulta que lhe dissesse que tudo havia de se resolver. *Preciso do meu pai*, pensou, e sentiu vontade de rir. *Por amor de Deus, vê se te recompões.*

Ligou para o telemóvel do marido e fez figas para que ele ainda estivesse acordado. Steve respondeu.

– Olá, Katie. Está tudo bem?

Kate desatou a chorar. Não tinha antecipado aquilo, mas o som da voz dele desencadeou um fluxo de emoções contidas ao longo de todo o dia.

– O que aconteceu? Estás bem? – perguntou Steve em voz ansiosa.

Kate nunca chorava.

– Está tudo bem. Desculpa, amor, tem sido um dia incrivelmente desgastante e foi maravilhoso ouvir-te.

– Tão maravilhoso que te fez chorar? – riu Steve. – Exerço esse efeito sobre demasiadas pessoas.

Kate acalmou-se e relatou-lhe o que tinha acontecido, atenta à reacção dele e a uma nota de censura. Precisava que ele a tranquilizasse, que lhe dissesse que não tinha ido demasiado longe.

– Tens de falar com a polícia, Kate. Isso está além de uma investigação jornalística.

Steve tinha razão. Era evidente.

– Está bem. Vou já tratar disso – respondeu.

Olhou para o mostrador do *tablier*. Pouco faltava para a meia-noite. Poderia ligar a Bob Sparkes? Eileen era capaz de o matar. Marcou o número e susteve a respiração.

Bob atendeu ao segundo toque. Treino de polícia.

– Inspector Sparkes – disse ele, numa voz entaramelada pelo sono que depressa se dissipou quando ela começou a falar.

Ouviu-o pôr a mão sobre o microfone e dizer:

– É trabalho, amor. Vou lá para baixo.

Eileen estava neutralizada.

– Kate, estamos a meio da noite – disse ele enquanto descia a escada. – É bom que seja mesmo importante.

– E é, Bob. Peço desculpa por ser tão tarde, mas tinha de falar contigo.

– Diz lá então.

– Acabei de falar com uma mulher que diz ter tido uma criança quando tinha quinze anos, em 1985. Ninguém soube. Ocultou a gravidez. Vivia no número 63 de Howard Street e enterrou-a no jardim.

– No mesmo jardim onde foi enterrada Alice Irving?

– Sim.

– Cristo! Acreditas nela?

– Pareceu-me muito verdadeiro, Bob. Mas só temos a palavra dela.

– Então foi Alice que ela enterrou? Foi ela que a levou?

– Não pode ter sido, Bob. Ainda não tinha nascido quando Alice foi levada.

– Não, claro que não. Desculpa, estamos a meio da noite, a cabeça não funciona devidamente. Mas pode tê-la enterrado em 1985. Pode ter encontrado o corpo e tê-lo enterrado.

– Uma miúda de quinze anos? Achas mesmo? Não sei o que pensar, Bob.

– Bem, quais são as probabilidades de dois bebés terem sido sepultados nesse jardim? Por amor de Deus, Kate, telefona já a Andy Sinclair. Não tentes resolver o assunto sozinha. É demasiado complexo. Telefona-lhe já, senão telefono eu.

Kate apertou o telefone com mais força.

– Eu ligo, Bob. Obrigada por me teres ouvido.

– Envia-me uma mensagem depois de teres falado com ele.

Não acredita que lhe vou telefonar, pensou Kate quando ele desligou.

O inspector Sinclair não estava a dormir. Kate interrogou-se se não estaria ainda a trabalhar quando atendeu o telefone com um ríspido:

– Sinclair.

– Andy, é Kate Waters. Desculpe incomodá-lo a esta hora.

– Não faz mal, Kate. Você trabalha até tarde. Mas eu também. A pôr a papelada em ordem. Não me acordou.

Relatou-lhe o mesmo que tinha contado a Sparkes, e ele deixou-a falar até ao fim sem a interromper.

– Quem é a mulher que disse ter enterrado o bebé?

– Emma Massingham. Bem, Massingham é o nome de solteira. Agora chama-se Emma Simmonds.

Sinclair anotou o nome e o endereço de Emma e confirmou por duas vezes o número da porta.

– Gravou a conversa?

– O gravador estava a funcionar, liguei-o quando ela começou a falar, mas ainda não ouvi a gravação.

– Faça isso agora, se faz favor.

Kate sacou o gravador da carteira e rebobinou a fita. O som não era o melhor, mas a voz de Emma era audível. Encostou o gravador ao telefone para que Sinclair pudesse ouvir.

– É o meu bebé que está no jardim! O meu bebé! – dizia a voz estrídula.

– Ela parece perturbada. Em que estado estava ela quando a deixou, Kate?

– Mais calma, mas muito abalada.

– Acha que ela está a dizer a verdade sobre a gravidez?

– Não sei, Andy. Quero dizer, como pode ser? Não pode haver dois bebés, pois não?

– Extremamente improvável. Pode ser só alguém que procura chamar as atenções, Kate. Acontece. Olhe, deixe isto comigo, mas preciso que passe por cá amanhã para fazer um depoimento – amanhã não, hoje – e guarde esse gravador em local seguro.

– O que tenciona fazer, Andy?

– Vou falar com o meu chefe. E você?

– Não vou escrever nada, se é isso que o preocupa.

– É. Trata-se de uma mulher vulnerável. Não podemos pressioná-la demasiado.

Kate engoliu em seco. Tinha-a a pressionado, não tinha? Não seria isto «enterrar os dedos na alma das outras pessoas», o veredicto da Comissão de Queixas da Imprensa sobre a acção dos órgãos de comunicação no caso da princesa Diana?

– Depois diz-me o que resolveu fazer, Andy? Por favor – acrescentou.

– Amanhã falamos. Eu telefono-lhe. Boa noite.

Capítulo 67

Domingo, 29 de Abril de 2012

Jude

Emma não telefonou antes de aparecer à porta, ao raiar da madrugada. Disse que sabia que Jude estaria levantada.

– Tens a sorte de eu ser uma pessoa de hábitos – replicou Jude, irritada.

Tinha querido mostrar-se afável, mas os nervos levaram a melhor. *Por que razão veio?* Era a pergunta que não lhe saía da cabeça. Em geral, tinha praticamente de implorar à filha que a visitasse.

Deixou Emma entrar e correu para a cozinha para lhe preparar uma chávena de café. Não esperou que a cafeteira fervesse e deitou a água quente sobre o café instantâneo, ansiosa por saber o que sairia dali.

Pousou com força a chávena do líquido acinzentado ao lado da filha e debruçou-se sobre ela, incapaz de ficar quieta.

– Por amor de Deus, Jude, senta-te – disse Emma.

Parecia diferente. Sem falinhas mansas. Sem olhos velados.

Jude encavalitou-se no braço de uma cadeira.

– Ouve, já percebi que te preparas para me dizer alguma coisa, Emma. Diz lá, seja o que for – incitou-a em tom seco. – Algum problema com Paul? – perguntou, a tentar disfarçar a ansiedade. – Já te disse que ele me telefonou, muito nervoso, por causa das coisas que andavas a dizer. A respeito do bebé de Howard Street. Respondi-lhe que era um disparate. Ele ameaçou deixar-te? Foi por isso que vieste cá?

– Não, claro que não. Ele ama-me – retorquiu Emma sem alterar a voz.

E a olhar para ela. De olhos fixos nos seus, como se a visse pela primeira vez.

– Quero falar no que me aconteceu quando tinha catorze anos, Jude.

Jude sentiu um aperto no estômago.

– Por amor de Deus, Emma. Temos mesmo de voltar a isso? Pensei que quisesses atirar o assunto para trás das costas e não remoer obsessivamente nele. Foi um pesadelo. Não falemos mais nisso.

O olhar de Emma não vacilou.

– Pois foi. Nunca te interrogaste sobre o motivo do meu comportamento impossível? Por que deixei de ser uma boa filha?

– As hormonas e a adolescência. Foste uma adolescente difícil. Pior do que a maioria – disse Jude, a apresentar a sua resposta preparada.

Calou-se e entrelaçou os dedos.

– Não – disse Emma em tom firme. – Aconteceu uma coisa que me mudou.

– O quê? O que aconteceu?

– Fui violada.

Decorreu um instante antes de Jude voltar a falar.

– Oh, meu Deus! Por que razão dizes uma coisa dessas? É mais uma das tuas histórias?

Fechou os olhos, à espera da resposta.

– Foi o Will – disse Emma, como Jude já calculava.

Procurou manter a calma, dominar a indignação que lhe fervilhava na cabeça.

– É claro que não foi. Não sejas ridícula, Emma. Will gostava imenso de ti. Fazia tudo e mais alguma coisa por ti, e aguentou todos os teus disparates. Estás obcecada por ele. Não estás bem. Tomaste os comprimidos hoje?

Emma não reagiu, limitou-se a prosseguir, os olhos faiscantes fixados nos da mãe.

– Will violou-me no dia 21 de Julho de 1984. Dentro do carro dele, Jude. Lembras-te do carro dele? Aquele *Cavalier* encarnado com uma faixa preta de lado e o ambientador pendurado no retrovisor? Lembras-te? Eu nunca me hei-de esquecer.

– É claro que me lembro. Andei nele centenas de vezes. E tu também. Isso não quer dizer nada.

A expressão de Emma não se alterou. A sua falta de reacção começou a inquietar Jude.

– Mas dessa vez foi diferente. Tu não estavas lá. Ele contou-te uma mentira, Jude. Disse que ia a casa buscar não sei o quê. Mas foi-me buscar a mim. E depois de ter acabado levou-me até à paragem do autocarro no fim da Howard Street e recomendou-me que não dissesse nada. Disse que tinha sido eu a obrigá-lo e que tu me atribuirias a culpa. Que nunca havias de me perdoar.

Jude chegou-se para a frente na cadeira, a comprimir os olhos com as mãos, como para obliterar o rosto da filha e as palavras que lhe saíam da boca.

– Emma, sabes muito bem que isso não é verdade – disse por detrás das mãos. – Só me queres magoar porque Will voltou a fazer parte da minha vida. Sentes ciúmes porque tens um fraquinho por ele. Sempre tiveste. Tentaste separar-nos antes, com as tuas mentiras vergonhosas acerca dele e da mulher lá da rua. Isto é mais uma invenção tua. Acaba com isso.

Mas Emma não se deixou intimidar. Imparável.

– Depois, disse que eu o tinha seduzido. – Soltou uma gargalhada seca, sem alegria. – Tinha catorze anos e era virgem. Não fui eu que o seduzi.

Jude ergueu a cabeça com ar cansado.

– Por que havia ele de fazer isso, Emma? Tinha-me a mim.

– Talvez o tenha feito apenas porque podia – contrapôs Emma, cuja raiva finalmente eclodiu. – Talvez gostasse do risco de ser apanhado. Há homens que se excitam com isto. Ou por capricho, como uma afirmação de poder. Não tenciono procurar as suas razões. É um homem retorcido. Um monstro, Jude. O *teu* monstro.

Jude julgou que ia vomitar.

– Não sabes o que estás a dizer! – gritou. – Estás a assustar-me. Vai-te embora daqui!

Emma levantou-se e pegou no casaco.

– Durante todos estes anos acusaste-me de o ter afastado, mas o que fiz foi salvar-te dele – disse, e voltou a rir com amargura. – Podias ter casado com um violador.

Depois de ela sair e bater com a porta, Jude fez menção de se levantar, mas as pernas não lhe obedeceram.

A raiva que tinha sentido ao ouvir as acusações de Emma extinguira-se e agora estava demasiado chocada para sentir fosse o que fosse.

– Por que motivo havia ela de dizer aquelas coisas? – perguntou a si mesma. – Mentiras. Mentiras horríveis.

Mas acudiram-lhe à memória as recordações daquele Verão. O Verão em que Emma tinha desaparecido, substituída por uma estranha taciturna.

Capítulo 68

Domingo, 29 de Abril de 2012

Kate

Preparava o pequeno-almoço, um ritual de domingo, quando Emma telefonou. Enfiou a espátula na mão de Steve, a salpicar-lhe o jornal de gordura, e disse:

– Tenho de atender. Desculpa.

– Emma, está bem? Como se sente?

– Não muito bem. E você?

– Não se trata de mim. Estava tão preocupada quando a deixei a noite passada. Creio que aquilo que me contou nos deixou às duas em estado de choque. É uma história extraordinária.

– Peço desculpa se a assustei – disse Emma. – A verdade é que guardei as coisas só para mim durante tanto tempo que precisava de desabafar com alguém.

Kate hesitou, sem saber se devia voltar à história ou informar Emma de que falara com a polícia sobre a sua confissão. Sabia que seria o fim da relação de confiança entre ambas. Primeiro tinha de saber o que ela tinha para dizer.

– O que vai fazer a seguir? – perguntou.

– Não sei bem. Mas preciso da sua ajuda – disse Emma.– Podemos encontrar-nos?

Kate voltou à cozinha, onde Steve cortava fatias de *bacon* como um profissional.

– Quantos ovos, Katie?

– Tenho de sair, amor. Peço imensa desculpa.

Steve fez uma careta de desagrado e voltou a colocar a frigideira ao lume.

– Por amor de Deus, é o teu dia de folga. O único dia que podemos passar em família. Um dia juntos; será pedir demasiado? Estava a pensar em nos sentarmos com Jake para termos uma conversa como deve ser.

– Ele ainda nem acordou. Podemos fazer isso logo à noite. É uma emergência. A sério.

– É sempre uma emergência, não é? Nunca nos pões em primeiro lugar – protestou ele.

– Isso não é justo – replicou, ciente de que ele tinha razão. – Seja como for, o Freddie vai ficar satisfeito. Pode comer ovos e *bacon* a dobrar.

Steve estava mesmo aborrecido, e Kate sabia-o. Mas que outra coisa podia fazer? Vestiu o casaco e gritou, já à porta:

– Depois telefono-te.

Steve não respondeu.

– Então adeus – disse ela para o silêncio.

Emma tinha-lhe dito para se encontrarem na estação de metro de North Greenwich, e que lhe contaria mais coisas quando lá chegasse.

Kate foi a primeira a chegar e ficou sentada no parque de estacionamento, a imaginar no que se estaria a meter. A situação era insólita. Altamente insólita. Ainda não sabia o que pensar de Emma. Não era a primeira vez que caía na esparrela. Fora só uma, mas ainda lhe causava irritação. Uma mulher cheia imaginação que tinha conseguido convencer Kate de que ela e o seu filho ilegítimo tinham sido abandonados por um famoso homem de negócios. Kate e o jornal tinham despendido duas mil libras a instalá-la num magnífico hotel e a viajar por meio mundo para recolher provas antes de a sórdida verdade vir a lume.

Kate conseguira a certidão de nascimento do bebé e descobrira que outro homem figurava como pai. Devia tê-lo feito mais cedo. Um telefonema para o homem indicado como pai tinha revelado que a mulher era uma vigarista de primeira água, e Kate vira-se obrigada a confessar tudo a Terry. Felizmente, tinham descoberto o logro antes da publicação.

A sua consolação era que a mulher tinha persuadido outro jornal a publicar a história. O ovo rebentara na cara de outros, mas Terry ainda trazia o caso à baila sempre que ela saía dos eixos.

Era arriscado, mas Kate tinha o pressentimento de que se aproximava da verdade no caso de Alice Irving. Agora já não podia parar. Veria o que Emma tinha para dizer. Sem deixar de fazer figas.

Emma apresentou-se de tal modo envolta num chapéu e num xaile que Kate teve dificuldade em reconhecê-la.

– Kate – disse Emma, quando já se encontrava ao lado da janela do automóvel.

– Desculpe, Emma. Hoje não sei onde tenho a cabeça – respondeu com um sorriso.

– Podemos sentar-nos outra vez no seu carro? – perguntou Emma. – Preciso que venha comigo a um sítio.

– A Howard Street? – perguntou Kate.

– Não. Ver o pai do bebé.

Kate olhou para ela. Estava a entrar em águas profundas. Já não se tratava só dela, de Emma e do bebé-fantasma.

– Ele sabe da criança?

– Não. Obrigou-me a fazer sexo com ele – disse Emma. – Depois, desinteressou-se.

– Quem a forçou? – perguntou Kate sem elevar a voz. – Foi Al Soames?

– Al Soames? – repetiu Emma, a olhar pelo pára-brisas. – Não, claro que não. Era o senhorio da casa que tínhamos arrendado em Howard Street. Como sabe o nome dele?

– Fui falar com ele para saber coisas sobre os inquilinos das casas na época em que o bebé foi enterrado – disse Kate, insegura quanto aos pormenores que lhe convinha revelar. – Por engano entregou-me algumas fotografias de mulheres despidas. Pareciam drogadas.

– Mulheres despidas? *Polaroids* a preto e branco?

Kate arriscou olhá-la de relance.

– Ehh… sim. Também as viu?

– Não sei. Mas havia uma na secretária de Will. Uma fotografia de Barbara, que viveu algum tempo comigo e com Jude. Encontrei-a quando andei a bisbilhotar no gabinete dele na universidade.

Fechou os olhos, a relembrar o momento.

– Will estava na biblioteca, a tirar umas fotocópias, e tinha prometido comprar-me um gelado quando acabasse, para festejar o fim das aulas. Sentei-me na cadeira dele e comecei a rodopiar enquanto cantava *Wake Me Up Before You Go Go*.

«Um copo de água que estava em cima da secretária tombou e vi que o líquido escorria para dentro de uma das gavetas, de maneira que a abri e usei o casaco de malha da escola para ensopar a água o melhor que podia. Os estragos não foram grandes, e ia para fechar a gaveta quando vi a fotografia. De Barbara. Parei. Recordo-me de me perguntar por que razão Will teria uma fotografia de Barbara.

Kate escutava com toda a atenção. *Will and Al* não lhe saíam da cabeça.

– Tirei-a cá para fora para a ver melhor – continuou Emma. – Tinha um ar esquisito. Era ela, mas não era ela, não sei se me percebe.

Kate fez um gesto afirmativo.

– Tinha os olhos semicerrados, e de repente percebi que não tinha nada vestido da cintura para cima. Via-se um dos mamilos e larguei a fotografia como se me queimasse os dedos. Senti-me agoniada e assustada. Sabia que não devia ter visto aquilo, mas era tarde para voltar atrás. Peguei na fotografia e voltei a colocá-la no sítio, para que ninguém soubesse. Mas eu sabia.

– O que aconteceu quando Will regressou? Confrontou-o? – perguntou Kate.

– Eu tinha catorze anos, Kate. E ele era namorado da minha mãe. Não sabia o que dizer. Fiquei atrapalhada e com medo por causa do que Jude diria se descobrisse.

– E descobriu? Contou-lhe?

Emma sacudiu a cabeça, numa negativa.

– Will disse-me para não lhe dizer. Mais tarde, quando estávamos sentados cá fora, no jardim de Howard Street, com os cornetos dos gelados. Reclinava a cabeça sobre o braço e fitava o céu. Perguntei-lhe se estava apaixonado por

Barbara. Riu-se e disse que era uma pergunta engraçada. Mas ficou calado durante algum tempo. Foi então que lhe disse que tinha visto a fotografia. Que tinha entornado sem querer a água e que a vira. Ele disse que Barbara lha tinha mandado. Que ela tinha sido muito inconveniente, a atirar-se a ele nas costas de Jude. E desde que se tinha ido embora tentava convencê-lo a deixar Jude.

«E aconselhou-me a não dizer nada porque Jude não sabia e ficaria muito incomodada.

– E nunca disse?

Emma sacudiu de novo a cabeça.

– Não podia. Will assegurou-se de que eu ficaria calada.

– Como, Emma? Que lhe fez?

O único som era o da respiração de Emma.

– Foi Will quem a violou?

– Foi – respondeu Emma, a tapar a boca com a ponta do xaile.

– Mas podia ter contado a alguém – insistiu Kate. – Por que razão não disse a ninguém o que ele tinha feito?

– Porque não sabia que ele me tinha violado. Sei que agora parece loucura, mas ele convenceu-me de que tinha feito sexo comigo porque eu o tinha seduzido. Que a culpa era minha. Tinha sido eu a fazer uma coisa terrível, não ele.

– Grande sacana – deixou Kate escapar.

– Um sacana muito inteligente – acrescentou Kate. – Fez-me acreditar que tinha sido eu a instigá-lo. Eu tinha catorze anos. Antes disso só tinha beijado um tipo. Não sabia nada de nada. Portanto, quando ele me disse que tinha sido eu a atirar-me estava seguro de que eu acreditaria. Escrevi no meu diário que era «uma porca» e disse para comigo que o bebé era o meu castigo.

Kate ligou o motor.

– Para onde vamos, Emma? Onde vive ele?

Capítulo 69

Domingo, 29 de Abril de 2012

Emma

Pensei que me sentiria melhor depois de contar a Jude. Julguei que admitiria a sua culpa. Mas é claro que não admitiu. Negou-a. A princípio esperei que contestasse, mas que lá bem no fundo soubesse que era verdade. Que veria a verdade quando lha escarrapachasse em frente dos olhos. Mas não. Will continua a exercer poder sobre ela.

Mas agora que comecei tenho de continuar. E Kate vai ajudar-me.

Quando saímos do parque de estacionamento, Kate disse que as coisas podiam ficar feias se confrontássemos Will, mas respondi que não podiam ficar mais feias do que já estão.

– Mereço este momento – afirmo. – E ele também. Ainda não quero ir à polícia. Não creio que acreditem em mim, e se eles não agirem, tudo fica em nada, não é? Não terei uma segunda oportunidade.

Kate diz que sim com a cabeça. Creio que está do meu lado.

– Precisamos de uma confissão – prossigo.

De o «confrontar», como diz Kate.

Kate obtém de um colega o endereço de Will e saímos de Londres. Já resolvi o que vou dizer e continuo a ensaiar o discurso na minha cabeça.

Preciso de comer qualquer coisa, senão desmaio, penso. Não me lembro quando foi a última vez que comi. Sinto-me aturdida só de pensar que o vou ver, mas sei que é o que tem de ser feito.

Imagino o que fará quando me vir. O espectro no banquete. Será que o choque não o mata? Por um instante imagino-o a sofrer um ataque cardíaco, mesmo à minha frente. Mas não dispenso o meu momento com ele.

Esperei vinte e oito anos por isto. Cresce-me água na boca e volto a sentir-me estonteada. Tenho na cabeça a imagem de um anjo vingador. O bater das asas poderosas, o sopro dos ventos celestiais. Tenho de me refrear.

❧

A vivenda dele assemelha-se à tampa de uma caixa de bombons. Rosas em volta da porta, e tudo o resto. *Nada mais inadequado,* penso, enquanto Kate bate à porta.

E lá está ele, o professor Will. Acolhe a desconhecida com um sorriso, e só depois me vê.

Disfarça bem a surpresa e assume uma atitude educada e sedutora.

– Bem, isto é uma surpresa. Como estás, Emma? Que andas a fazer por aqui?

– Vim falar contigo, Will.

– Falar de quê? Não me parece que tenhamos alguma coisa para falar.

Já está nervoso. Um vizinho passa junto à cancela e cumprimenta em voz alta: «Olá, professor Burnside», e ele retira-nos rapidamente da rua.

Não quer uma cena em público, penso.

Conduz-nos até à sala de estar decorada com chita. Sobre a mesinha de café vejo uma chávena com pires, uma torrada de pão integral e mel; os suplementos do jornal de domingo estão espalhados pelo sofá.

Senta-se e cruza as pernas, a revelar as meias amarelas e as canelas tisnadas pelo sol.

– Então, Emma quem é a tua acompanhante? – pergunta quando nos sentamos nas cadeiras de braços.

– Kate, uma amiga – respondo.

Não quero que ele saiba que é jornalista e Kate concordou em não dizer.

– Trouxe-me até cá – acrescento, à guisa de explicação.

– Olá, Kate – diz ele, e espera que uma de nós fale.

Sempre a sorrir.

A tensão começa a indispor-me e forço-me a falar.

– Vim para falar sobre o que me aconteceu quando tinha catorze anos.

– Meu Deus! Então isto não é uma visita de passagem – diz ele. – Queres falar nas tuas mentiras perversas ou das birras e dos gritos? Estão muito vivas na minha memória.

– Não. É sobre teres-me violado – ouço-me dizer.

Foi como se o mundo parasse. Nenhum de nós se mexe, nem respira. A palavra «violado» parece ecoar pela sala, a reflectir-se no papel de ramagens e ornamentos bucólicos.

A cor sumiu-se do rosto de Will, para logo regressar quando ele se soergue do assento para protestar.

– *Violado?* – pergunta, como se ouvisse a palavra pela primeira vez. – De que estás a falar? Isto é absurdo!

Percebe que está a gritar e volta a sentar-se.

– Minha querida, Emma. Não estás mesmo bem, pois não? – diz ele, a retomar o controlo da situação.

Olho para ele, que me devolve o olhar. Num desafio para que repita a acusação.

– Tu violaste-me, Will. Deste-me boleia quando voltava a pé para casa. Fizeste sexo comigo e disseste que fui eu que te obriguei. Que te seduzi. Mas eu era uma criança, Will.

– Não propriamente, Emma – responde com um sorriso velhaco.

É um erro, e percebo que Kate se agita, indignada.

– Uma criança, Will – repito em voz alta. – Tinha catorze anos.

– Emma, acalma-te, por favor. Ambos sabemos que eras uma rapariga perturbada. E parece que continuas a ser. Queria sentir pena de ti, mas se insistes em fazer essas acusações caluniosas posso ter de agir.

– Quem vai agir sou eu – respondo, porque vou mesmo. Faz parte do meu plano, agora que o vi. – Vou à polícia.

– Bem, será a tua palavra, a palavra de uma mulher destrambelhada com um historial de problemas mentais, contra a minha – diz Will, agora em tom mais seco. – Talvez seja melhor reconsiderares.

– Não. Chegou o momento.

Vira-se para Kate e olha-a com aquele ar consternado e compreensivo dos adultos perante uma criança difícil.

– Não sei o que ela lhe contou, Kate. Mas são tudo mentiras. Tem problemas de saúde mental, sabia? Tivemos de a mandar para casa dos avós. Está a cometer o erro da vida dela.

– Parece-me mais que foi *você* o erro da vida dela, Will – diz Kate. – Era a filha da sua namorada. Confiava em si como num pai.

Apetece-me abraçá-la.

Will deixa tombar de imediato a ofensiva charmosa.

– Disparate! Tudo isto é um disparate! – diz, a descruzar as pernas tão depressa que bate na mesa de café e entorna a chávena. – Olhe, nunca quis dizer isto, mas a sua amiga não era nenhuma flor inocente. Tinha um namorado muito mais velho em Brighton. Foi ela que me disse. Faz tudo parte do seu papel de Lolita. Estava a pedi-las.

Kate acena com a cabeça. Creio que já ouviu o que tinha para ouvir. Acredita em mim. É o meu anjo vingador.

– Como é evidente, ter relações sexuais com uma garota de catorze anos, com ou sem consentimento, é um crime. Mas tenho a certeza de que uma pessoa educada como você sabe isso – diz ela, e ele cala-se. – E Emma teve um bebé, Will. O *seu* bebé – acrescenta, como se só então lhe tivesse ocorrido, e Will leva tempo a reagir.

– Nunca houve nenhum bebé. Vivia com ela e com a mãe. Não houve bebé nenhum. Mais mentiras – acrescenta, visivelmente nervoso. – Mentiras – repete, como se lhe faltassem as palavras.

Com as suas ridículas meias amarelas, parece ter encolhido no sofá enorme.

– Está errado. Enganou-se ao julgar Emma – diz Kate.

– Tal como eu e Jude nos enganámos a teu respeito – acrescento. – Mas agora sei quem és. Não vou mais dar ouvidos às tuas desculpas vis. Vais ter de as apresentar à polícia.

Kate agarra-me o braço e dirigimo-nos para a porta enquanto Will fica para trás, a vociferar ameaças sobre uma acção judicial.

Capítulo 70

Domingo, 29 de Abril de 2012

Kate

Nem Kate nem Emma quebram o silêncio durante metade da viagem de regresso a Londres. Por fim, é Kate quem fala.

– Sente-se bem?

– Sinto. E você?

– Um bocado trémula, para ser franca. Mas que animal!

– A minha mãe não havia de concordar consigo. Não acreditou quando lhe contei. Continua a acreditar que Will é um sol radioso. Gostaria que tivesse lá estado connosco. A ouvi-lo. A ver o verdadeiro Will.

– Vai mesmo à polícia, Emma? – perguntou Kate em tom preocupado. – O problema é que não há provas, ou há? Ouça, eu acredito em si, mas ele tem razão. Vai ser a sua palavra contra a dele. Pode ser muito doloroso.

– Há o bebé, que há-de ter a marca dele – replicou Emma.

Kate deixou Emma à esquina da rua.

– Paul deve estar a chegar da biblioteca da universidade. Não quero ter de lhe explicar a sua presença. Pelo menos por enquanto. Muito obrigada, Kate. Obrigada por ter ido comigo.

Kate apertou-lhe o braço.

– Foi muito corajosa, Emma, mas pense bem antes de dar os próximos passos. Se precisar de ajuda, telefone-me.

Assim que Emma desapareceu de vista, Kate ligou para o telemóvel de Terry. Era perto da hora de almoço e ainda não lhe tinha falado sobre a confissão de Emma nem da sua convocatória para se apresentar na polícia.

Resolveu que o confronto com Will Burnside ficaria entre ela e Emma. Para já, pelo menos. Não queria complicar ainda mais as coisas.

– Kate? O que se passa? – perguntou Terry. – Julguei que estavas de folga.

Ao cabo de dez minutos de conversa tensa, Terry soltou um suspiro.

– Grande porra, Kate, mas que trapalhada. Então temos uma mulher que julga ter dado à luz Alice Irving?

– Não, Terry. O que ela diz é que o bebé é dela, um outro bebé, enterrado em Howard Street. Vou ao escritório para podermos falar como deve ser antes de prestar declarações, está bem?

– Sim. Vou ter de telefonar ao Simon para lhe dizer o que se passa. Espero que esteja a jogar golfe e não queira vir. Pode ser que consigamos resolver o assunto entre nós.

O editor irrompeu apressadamente pelo escritório, equipado com umas calças largas cor-de-rosa e camisola a condizer.

– Tive de vir eu a conduzir – lamentou-se. – O meu motorista foi para a caravana que tem em Frinton. Vamos lá a ver isso.

Todo mesuras à volta dele, Terry encomendou um expresso duplo e desfez-se pela centésima vez em desculpas por lhe ter perturbado o domingo. Kate continuou sentada com o bloco de apontamentos e o gravador na mão.

Por fim, foram todos para o gabinete do editor e Kate recontou pela quinta vez a sua entrevista com Emma.

Simon e Terry escutaram duas vezes a gravação, com Terry a inclinar a cabeça para o lado, para que não lhe escapasse o mínimo som.

– Ela parece num estado terrível, Kate – disse ele. – Achas que está a inventar?

Kate encolheu os ombros.

– Só tenho a palavra dela.

Não podia ser mais clara.

– Já nos aconteceu uma coisa semelhante, não foi, Kate? – disse Terry.

Já esperava que ele trouxesse aquilo à baila. A mancha na sua carreira. A mulher fantasiosa que por pouco não a tinha ludibriado.

– Por amor de Deus, Terry. Já lá vai uma data de anos. Todos aprendemos as nossas lições – cortou secamente Kate. – Já te disse que só tenho a palavra dela. Não te estou a pedir que escarrapaches a história no jornal sem que antes seja verificada. Deixa-me falar com a polícia. Hei-de descobrir o que sabem. O inspector Sinclair pediu-me que passasse por lá às duas.

Terry e Simon entreolharam-se, um tanto estupefactos com a explosão de Kate. *Esperem até ouvir o resto*, pensou ela.

Em seguida falou-lhes nas fotografias. Os olhos do editor quase saltaram das órbitas quando ela lhe entregou o maço de *Polaroids*.

– Cristo, chama cá acima o advogado – disse ele.

A jurista de serviço, uma solicitadora que arredondava o chorudo salário com um ocasional fim-de-semana de plantão no jornal, não se apressou a subir o lanço de escadas que a separava do piso de cima. Escutou sem comentários enquanto Kate repetia a história e depois aconselhou-a a entregar as fotografias à polícia o mais depressa possível.

– Vão querer saber como entrou na posse dessas *Polaroids*, Kate.

– Faziam parte de um monte de fotografias que o senhor Soames me entregou – respondeu Kate em tom ríspido.

Bem, era quase verdade, e Soames teria problemas em contestar.

– Muito bem – disse Simon. – Kate e advogada, vão à esquadra. Terry, mantenha-me ao corrente.

Kate pediu desculpa para se ir arranjar. Tinha de fazer uma coisa antes de sair. Foi à procura do seu fotógrafo preferido.

Mick estava sozinho a jogar *Candy Crush* no telemóvel na sala dos macacos, um cubículo sem janelas esquecido pelos arquitectos entre a redacção e a saída de emergência, onde os fotógrafos se escondiam do editor de imagens. A fotografia de Barbara estava diante dele, em cima da mesa.

– Estás a ganhar, Mick? – perguntou ela.

Mick interrompeu o jogo e ergueu a cabeça.

– É claro que estou. O chefe pensa que estou a fazer grandes planos para a secção de Propriedades. Bati umas fotografias de um par de arranha-céus e de uma ponte e tenho o resto do dia por minha conta. Apetece-te almoçar? Abriu um restaurante novo mesmo ao fundo da rua.

– Bem gostava, mas ando ocupada com esta história. Desculpa o tempo que perdeste ontem à noite, Mick.

– Não há problema. Até estava lá perto. Sempre foste à discoteca? A que horas chegaste a casa?

– Por volta da uma da manhã. A festa durou até tarde e aconteceram outras coisas.

Mick assentiu e pegou no telefone. Kate percebeu que ele estava em pulgas para retomar o jogo.

– Pobre de ti! Mas valeu a pena, hem?

– Acabaste de copiar a tal fotografia? Se acabaste, vou devolvê-la a Barbara.

Mick pousou o telefone e meteu as fotografias a preto e branco de Barbara numa mica de plástico.

– E as *Polaroids* de que falaste ontem à noite? Posso dar-lhes uma vista de olhos?

– Com certeza – disse ela, a procurá-las dentro da carteira. – Podes copiá-las rapidamente? Só tenho meia hora antes de sair para prestar depoimento na polícia.

Mick ergueu a sobrancelha.

– Acabaram por te deitar a unha, foi? Bem, deixa-me vê-las.

Entregou-lhe o maço de fotografias, que ele passou em revista.

– Meu Deus. Isto é sinistro. Caramba, cá está a Barbara – disse ele, e Kate sentiu-se invadir por uma onda de alívio.

Não tinha imaginado que a parecença fosse tão flagrante.

– Olha – disse Mick, a retirar uma das fotografias de estúdio. – Podes confirmar. Tão claro como água. Vou copiá-las num instante.

– Obrigada. Mick…

O fotógrafo sorriu, pois já sabia o que ela ia dizer.

– Não há conversas, está bem? A polícia ainda não sabe das fotografias. Venho buscá-las mais tarde.

Mick piscou-lhe o olho.

– Até se mijam nas calças quando virem isto.

Kate tentou sorrir. Podia ser que sim. Ou então podiam arranjar-lhe um tremendo sarilho por tê-las ocultado, para já não falar na maneira como as

tinha obtido.

– Volto daqui a pouco para as levar.

– A noite passada estavas um espanto – acrescentou Mick.

– Vai-te lixar.

E abandonou o compartimento.

Capítulo 71

Domingo, 29 de Abril de 2012

Kate

Quando chegou com a advogada – Simon tinha feito questão de que ela também fosse – levaram-nas para uma sala de interrogatório. Kate sentou-se, a tamborilar com os dedos no tampo da mesa. A advogada pigarreou e Kate aquietou-se.

– Desculpe, são os nervos.

Ao entrar, Andy Sinclair exibiu um sorriso de desculpa por tê-las feito esperar.

– Muito obrigado por ter vindo, Kate. É importante recolhermos o seu depoimento esta manhã. Trouxe a gravação?

Sentaram-se a escutar em silêncio o relato do sofrimento de Emma.

– Já falou com Emma? – perguntou Kate quando ele meteu a fita num saco e lhe apôs uma etiqueta.

Já sabia a resposta, mas queria que o detective sentisse que continuava a dominar o processo.

– Não. Estamos em conversa com um psicólogo para ver qual será a melhor abordagem. Depois de ouvir isto, creio que não nos devemos precipitar, para não nos explodir na cara. Ela tem de ser abordada com o máximo cuidado.

– E agora… – disse ele, a assumir uma atitude profissional.

Kate respirou fundo e relatou para o gravador de Sinclair as suas conversas com Emma no muro da Boys' Brigade e no automóvel.

Era uma sensação estranha, estar do outro lado da entrevista, e interrompeu Sinclair duas vezes para reformular as perguntas por ele.

– Obrigado, Kate. Creio que já percebi – disse ele com um sorriso.

Continuamos amigos, pensou ela.

Quis saber por que motivo ela tinha ido à reunião.

– Você não é dali, pois não?

– Não, fui em trabalho. À procura de pessoas que tivessem vivido na zona e pudessem saber como Alice foi parar a Howard Street. Quem a poderia ter levado.

– Muito bem. Portanto foi ao sótão buscar o seu disfarce dos anos de 1980 e dirigiu-se para lá. Muito engenhosa.

– Julguei que também pudesse lá estar – disse Kate.

– As lantejoulas não fazem o meu estilo… – respondeu ele.

E ambos riram à gargalhada, a dissipar a tensão na sala.

– Vamos lá continuar… Que mais sabe a respeito da casa das Massingham, no 63 de Howard Street?

Chegou o momento de abrir a lata dos vermes, pensou Kate. *Limita-te aos factos.*

– A mesma coisa que você sabe, imagino. Emma vivia lá com a mãe, Jude Massingham, e com outra inquilina, Barbara Walker. Barbara vive agora do outro lado da rua, no número 16. Já falou com ela, ou então foi algum dos seus subordinados.

– Sim, é verdade – confirmou Sinclair, a sublinhar qualquer coisa nos seus apontamentos, com um traço grosso.

– Segundo Barbara, havia um tipo que passava lá muito tempo. O namorado de Jude, Will Burnside – esclareceu Kate, a soletrar o apelido para o detective.

– Muito bem, obrigado por isto – disse Sinclair, a passar os olhos pelo processo. – Sabemos que a casa era propriedade de um tal Al Soames. Tem cadastro. Ofensas sexuais, coisas sem grande importância. Apalpar mulheres no metro, levantar-lhes as saias, esse género de coisas. Esteve em liberdade condicional no fim dos anos de 1970, diz aqui. Pouco antes de comprar as casas em Howard Street.

– Agressor sexual condenado? – perguntou Kate. – Fui visitá-lo há coisa de duas semanas.

Sinclair esbugalhou os olhos.

– Vive num apartamento sórdido, no sul de Londres. Localizei-o para ver se ele sabia alguma coisa acerca do caso.

– Caramba, Kate, há algum sítio onde ainda não tenha estado? – perguntou Sinclair.

Kate olhou de relance para a advogada, que lhe acenou de modo quase imperceptível. Mas teve a certeza de que Andy Sinclair se apercebeu.

– O que acontece… – começou Kate a dizer – é que Soames nos entregou algumas fotografias dos anos de 1980, para nos ajudar a identificar as pessoas, e entre elas havia um envelope com *Polaroids*.

Sinclair mostrou-se interessado.

– São fotografias de raparigas e de mulheres que parecem ter sido drogadas – prosseguiu Kate. – Soames aparece em algumas.

Sinclair empurrou a cadeira para trás e soltou um ligeiro assobio.

– E continua a ter na sua posse essas fotografias?

Kate meteu a mão na carteira e tirou o envelope. Espalhou as *Polaroids* em cima da mesa.

Sinclair e Kate olharam com atenção cada rosto, a dedicar às vítimas a atenção que mereciam.

Kate perguntou-se se ele reconheceria Barbara, e ela tentou localizá-la nas fotografias. Mas outro rosto lhe chamou a atenção. Espetou o dedo numa fotografia e virou-a para si, para ver melhor.

– Meu Deus, é Emma. Emma – repetiu.

Sentiu que ia chorar e virou a cara para disfarçar o embaraço.

Sinclair tinha pegado na fotografia e examinava-a atentamente.

– É a nossa rapariga? – perguntou.

– É. Tenho a certeza. Passei a maior parte da tarde de ontem a olhar para ela. Desculpe – disse enquanto se assoava.

Bebericava um chá reconfortante quando um jovem agente meteu a cabeça pela abertura da porta.

– Inspector, está aqui uma mulher, na verdade é um casal, para falar consigo. Estão no gabinete da frente.

– Qual é o assunto, Clive? Não pode esperar? – perguntou Andy Sinclair.

– Não sei, inspector. É por causa do bebé.

Kate e Andy viraram-se bruscamente para o ver melhor.

– Quem são? Nomes, Clive – exigiu Sinclair.

– Emma e Paul Simmonds – respondeu o agente, depois de consultar uma folha de papel que trazia na mão.

– Caramba! – exclamou Sinclair. – Leve-os para a sala de interrogatórios número 9. E dê-lhes uma chávena de chá, ou qualquer outra coisa. Estou lá dentro de cinco minutos.

Kate olhou para ele.

– Ela veio ter consigo. Tem alguma coisa para dizer. Meu Deus, não será possível eu…

Já tinha ouvido falar de colegas autorizados a assistir do outro lado do vidro a interrogatórios da polícia.

– Esqueça, Kate. Isto é um assunto de polícia – atalhou Sinclair. – Depois falamos.

Kate pegou nas coisas que lhe pertenciam e começou a metê-las na carteira.

– Espere aí, deixe ficar as *Polaroids*. Vamos precisar delas.

Capítulo 72

Domingo, 29 de Abril de 2012

Emma

Paul é o próximo. Ele tem de saber. Não o posso deixar de parte quando a polícia vier. Não seria justo.

Quando entro em casa, não dispo o casaco. Convido-o para dar um passeio no parque que fica ao fundo da rua, digo que preciso de apanhar ar.

– Estás tão pálida, Emma. Está um pouco agreste lá fora, mas serve para espantar a má disposição.

Caminhámos quase sem falar; aqui e ali, Paul aponta para um canteiro recém-plantado, ou para os cães que correm atrás de paus. Quando regressamos aos portões do parque, compramos café no quiosque e sentamo-nos num banco.

– Sentes-te melhor? – pergunta.

– Sim, obrigada. Tenho umas coisas para te contar, Paul. Coisas que se virão a saber a meu respeito.

A sua inquietação é tal que tenho vontade de parar, mas preciso de desabafar agora.

– Paul. Eu tive um bebé.

– Mas… – começa ele a dizer, mas calo-o com um gesto.

– Espera, Paul. Sei que pensas que estou a inventar isto. Mas não estou. Tive um bebé quando tinha quinze anos. Ninguém soube porque ocultei a gravidez. Mas dei à luz. E enterrei a criança no nosso jardim de Howard Street.

Pousa o café e agarra-me as mãos enquanto lhe conto a respeito de Will. Está branco e não se mexe uma única vez enquanto falo.

Quando acabo, fica sentado, imóvel como uma estátua.

– Lamento imenso – digo. – Não queria trazer esta desgraça para a tua vida.

Olha para mim com os olhos marejados de lágrimas.

– Emma, quero desesperadamente acreditar no que me dizes. Mas essas acusações são muito sérias. E se não corresponderem à verdade… se estiveres errada num pormenor qualquer, haverá consequências. Sabes isso, não sabes?

– É a verdade, Paul. Juro.

Envolve-me nos seus braços e embala-me. Aconchego-me como uma criança e ele conforta-me.

– Emma – diz por fim. – O que vamos fazer a seguir?

– Não sei. É com a polícia. Tenho de falar com eles. Vens comigo?

Paul e eu aguardamos uma eternidade, sentados na sala de espera, até que encontrem o agente encarregado do caso.

Subimos os degraus de braço dado, como se nos sentíssemos fortes, mas apercebi-me do tremor que corre de mim para Paul, e dele para mim. Quando chegámos à porta, sorriu-me.

– Vai tudo correr bem, Emma – e eu assenti.

É curioso. Sempre imaginei que seria a polícia a bater-me à porta. Mas cá estou eu, a bater à porta deles.

Na recepção, damos os nossos nomes e pedimos para falar com o inspector Sinclair. Aparece citado em todas as notícias sobre Alice como o responsável pela investigação. O jovem agente de serviço diz para nos sentarmos e Paul toma lugar ao lado de um homem que tem aspecto de ter sido espancado. Está bêbedo e a sangrar, e chora. Paul dá-lhe os lenços de papel para se limpar e tenta conversar com ele, mas o homem está demasiado desorientado para o ouvir.

Sento-me, a balançar o joelho ao ritmo da minha música interna.

Quando somos chamados à recepção, Paul dá-me uma palmadinha no ombro e levantamo-nos.

Percorremos o que me parecem milhas, com os grandes pés do agente a ecoar pelo corredor. Tudo me parece excessivo – o tempo, os sons,

a intensidade das luzes. Enterro as unhas na palma da mão, por baixo da carteira. *Vai tudo correr bem, Em*, é o chavão que vou repetindo.

O jovem agente não nos sabe dizer nada, mas oferece-nos uma bebida e traz-nos uns copos de plástico fino com chá açucarado, que nenhum de nós suporta. Esperamos em silêncio, fechados nas nossas bolhas. Já dissemos um ao outro tudo quanto havia para dizer.

– Não há mais segredos – tinha dito a Paul e ele respondeu-me:

– Não – e virara a cara para o lado.

Agora tenho de contar os meus segredos ao inspector Sinclair. Pergunto-me se eles acreditarão que o bebé não respirava. Podem pensar que fui eu que o matei. E meter-me já numa cela.

O detective chega discretamente e apresenta-se. Não é tão velho como eu pensava. Carinha gorda. Muito educado. Coloca os óculos para ler quando se senta e abre o processo. Entrevejo o canto de uma fotografia a espreitar por baixo dos documentos. Percebe que estou a ver e fecha o processo.

– Senhora Simmonds – começa ele –, pode dizer-me por que razão veio cá hoje?

Estou preparada.

– Vim dizer que o bebé encontrado em Howard Street não é Alice Irving. É o meu bebé. O bebé que tive uma semana depois de completar quinze anos.

O meu depoimento estudado.

Olha-me com atenção. Como Kate fez. A avaliar-me. A ponderar as minhas palavras.

– Quando nasceu o seu bebé, senhora Simmonds?

– No dia 1 de Abril de 1985. Tive-o sozinha, na casa de banho da minha casa, no número 63 de Howard Street.

– Deve ter sido uma tremenda provação – diz ele.

Mas percebo que não me acredita. Está só a fingir preocupação.

– Alguém soube da sua gravidez e do nascimento?

– Não. Tive demasiado medo e vergonha para falar com alguém. Escondi tudo.

– Muito bem. Quando enterrou o bebé?

– No mesmo dia.

– Como morreu o bebé?

Paul intervém de repente.

– Não tens de responder a essa pergunta, Emma.

– Não faz mal, Paul Quero contar à polícia tudo o que sei. Não quero mais segredos.

Viro-me para o polícia e digo:

– Não sei. Não emitiu nenhum som ao nascer.

Estou de volta ao silêncio sufocante da casa de banho e aperto os dedos com força sobre as coxas.

– Senhora Simmonds, temos provas de ADN que indicam tratar-se de Alice Irving – diz, a falar demasiado devagar, como para uma criança.

Tem cuidado com a doida, deve estar a pensar.

– Então devem ter cometido um erro – digo. – Não pode haver dois bebés.

O inspector Sinclair esfrega a cabeça. Usa o cabelo curto, com alguns pequenos remoinhos espigados. Imagino qual será a sensação de os afagar. Estou a divagar. *Tens de te concentrar.* Dou um beliscão na pele da barriga.

– Como diz, seria contra todas as probabilidades – diz ele. – Sente-se bem, senhora Simmonds?

– Sim, obrigada – respondo, e chego-me para a frente na cadeira, para lhe mostrar que estou a ouvi-lo.

– A minha mulher viveu uma experiência altamente traumática – diz Paul, e eu silencio-o com um olhar.

– Não faz mal, Paul.

O inspector Sinclair tossica para limpar a garganta. *Deve achar difícil fazer a próxima pergunta.*

– Segundo creio, ontem à noite falou com uma jornalista, não falou?

Digo que sim com a cabeça. Sinto-me agoniada. *Ele falou com Kate. Por que não me disse ela? Mentiu-me.* E debato-me com a ideia de que não se pode confiar em ninguém.

– Disse à jornalista que tinha feito uma coisa terrível. Qual foi a coisa terrível que fez, Emma? Teve alguma coisa a ver com o enterramento de Alice Irving?

Apanha-me desprevenida ao usar o meu nome próprio, e quase não ouço a acusação que se segue. Até que desaba sobre mim.

– Não, claro que não. Não é Alice. Por que razão não acredita em mim? A coisa terrível que tem vindo a torturar-me desde os meus catorze anos é ter feito sexo com o namorado da minha mãe. E acreditar ter sido eu a induzi-lo.

Sinclair ergue uma sobrancelha.

– Disse que fui eu que o seduzi e que se contasse alguma coisa sobre o que tínhamos feito a minha mãe havia de odiar-me para sempre – deito cá para fora, a derramar as palavras pela sala. – Mas não fui. Agora sei isso. Ele violou-me e fez com que me sentisse culpada.

Olha-me de relance enquanto relato a história da perda da minha virgindade. Pergunto a mim mesma se ele terá filhas.

– Está a dizer que foi violada?

– Sim. Fui violada por Will Burnside – afirmo.

Está dito. Não há maneira de voltar atrás.

O detective toma apontamentos.

– E afirma que é ele o pai do bebé que diz ter dado à luz? – pergunta, e eu aceno.

Há um silêncio enquanto toma notas e aproveito para fechar os olhos. Quando os volto a abrir, ele já tirou as fotografias do processo e pousou-as numa pilha em cima da mesa, voltadas para baixo.

– Senhora Simmonds – diz, de novo em tom formal –, gostaria de lhe mostrar algumas *Polaroids* que vieram parar às nossas mãos como parte de um inquérito. Importa-se de olhar para elas para ver se reconhece alguma destas mulheres?

Não percebo, e olho para Paul. Ele também não percebe.

O inspector Sinclair vira as fotografias para cima e espalha-as para que eu as possa ver. A princípio não distingo nada. Apenas pedaços de coisas. Pessoas. São pedaços de pessoas. Uma perna, um peito, uma maçã de rosto. Mas a pouco e pouco vão ganhando significado e consigo juntar as peças. Olho para os rostos, para os olhos abertos mas sem vida. Olhares vazios. Como o rosto de Barbara na fotografia da gaveta de Will. São as fotografias que Kate obteve de Al Soames.

Levanto os olhos para o inspector Sinclair.

– O que tem isto a ver comigo?

Ouço Paul a arfar.

Sigo os seus olhos para a fotografia do meio e percebo logo que sou eu.

Estendo a mão para a agarrar. Tenho os mesmos olhos mortiços das outras raparigas e por um instante isso deixa-me satisfeita. *Pelo menos ela não sabia*, penso. Não quero pousar a fotografia. Não suporto a ideia de estranhos me verem naquele estado. Exposta.

Quero ser a guardiã do que me resta de dignidade. Por um momento, ao menos. Ele tem de me permitir isso.

Olho de novo para a fotografia e estremeço ao ver a mão que aparece a um canto. Uma mão de homem, a acariciar o rosto de Emma. O meu rosto.

Não consigo afastar os olhos da imagem, mas o detective Sinclair está a falar e Paul chora.

– Esta fotografia é sua? – pergunta o detective amavelmente.

– É. Onde encontrou isto? Quem a tirou?

– É isso que estamos a investigar. Mas diga-me: conhece um homem chamado Al Soames?

– Conheço. Al Soames era o senhorio da nossa casa em Howard Street.

Parece que lhe estou a ver o rosto. E a mão a roçar-me no peito. Numa festa. A festa a que Will me levou quando tinha catorze anos, quando Jude sofreu uma intoxicação alimentar.

Sinto um gosto a vomitado no fundo da garganta e engulo em seco, a procurar recordar-me de mais pormenores daquela noite. *Como voltei para casa?* Estou arrepiada.

O inspector Sinclair fala comigo, mas não consigo ouvir o que ele diz. Tenho de me recordar. Faço jogos de memória, na tentativa de despertar as recordações. Mas não me lembro de nada sobre o fim do dia.

– Foi ele quem tirou as fotografias? – pergunto, a interromper o inspector.

– Como já disse, Emma, de momento não lhe posso dar mais pormenores. Mas falarei consigo durante os próximos dias, à medida que as investigações forem avançando.

É uma resposta de polícia. Dizer qualquer coisa sem dizer nada.

– E quanto ao meu bebé? – pergunto. – O que tenciona fazer quanto ao meu bebé?

Remexe na papelada para ganhar tempo, de modo que repito a pergunta.

– Vamos verificar outra vez os resultados do ADN.

Não acredita em mim.

– Devia tirar uma amostra do meu – digo. – Do meu ADN. Para comparar.

– Claro, com certeza. Vou telefonar para trazerem o esfregaço. Não se importa de esperar um momento? – diz ele, já a despedir-se.

Muito obrigado por terem vindo, etc, etc…



Recolhida a amostra, encontramo-nos cá fora, à luz do Sol.

– Ele não acreditou em mim.

– Mas eu acredito – diz Paul.

Capítulo 73

Domingo, 29 de Abril de 2012

Emma

Kate esperava-me no café do outro lado da rua. Tinha-me enviado uma mensagem a dizer que estava lá, mas tive de explicar a Paul a sua existência. Ficou horrorizado por eu querer falar com uma jornalista e queria vir comigo, mas respondi-lhe que sabia o que estava a fazer. Que confiava nela. Acabou por ceder, mas recomendou que tivesse muito cuidado com o que dizia. Ficaria à minha espera, e se eu não regressasse dentro de vinte minutos iria procurar-me.

Quando me virei para sair, agarrou-me o braço.

– Tens a certeza absoluta de que precisas de fazer isto?

Foram-me necessários mais cinco minutos para o convencer e agora estou atrasada. Kate tem o ar de quem já não esperava que eu aparecesse e está a vestir o casaco quando transponho o umbral da entrada.

Assim que me sento, uma empregada aproxima-se para aceitar o pedido, antes mesmo de nos cumprimentarmos.

A jovem escreve meticulosamente no bloco «Dois cafés com leite», a repetir cada uma das palavras enquanto escreve. Só quero que ela saia dali. Mal volta costas, Kate diz:

– Peço desculpa, Emma. O que aconteceu na esquadra? Sente-se bem?

Como uma criança, brinco com uma saqueta de açúcar que tirei da taça que está à minha frente.

Ela sabe. Falou com o inspector Sinclair. Toda a gente fala de mim. Demasiados sussurros. Não posso confiar nela.

Conto-lhe o que decerto já sabe. E fico à espera.

– O inspector Sinclair disse-me que lhe mostrou as fotografias, Emma. Não sabia que você figurava nelas. Posso jurar. Foi só esta tarde, quando fui interrogada por Andy Sinclair, que vi a sua fotografia. Tencionava telefonar-lhe mal saísse de lá, mas você apareceu na esquadra antes disso.

Ela tinha-me visto. Tinha visto Emma.

Continua a pedir desculpas quando volto a prestar-lhe atenção, mas já não sei se devo acreditar nela ou não. Contudo, preciso de saber mais, portanto vou entrar no jogo.

– Foi um choque terrível, ver-me a mim – digo, a derramar o açúcar da saqueta rasgada.

– Pois deve ter sido.

– O inspector Sinclair perguntou se eu conhecia Al Soames. Deve pensar que foi ele que tirou as fotografias.

– Como as podia ele tirar? – perguntou Kate, e eu conto-lhe sobre a festa.

– Foi ideia de Jude – digo. – Pediu a Will que me levasse, para me distrair. Eu estava excitadíssima. Jude deixou-me usar o seu vestido predilecto, da *Laura Ashley*. Era azul-cobalto com ramagens discretas. Decotado, justo na cintura, com um milhar de botões nas costas. Lembro-me de rodopiar como uma bailarina para fazer rodar a saia e que nos fartámos de rir.

«A festa era como nos filmes. Com champanhe e pessoas famosas. Will não parava de mandar os empregados encherem-me o copo. Foi a noite mais bela da minha vida.

«Will apresentou-me como "a minha amiga Emma", e recordo-me de dois homens que lhe piscaram o olho e riram. Não percebi onde estava a piada.

Mas agora percebo.

– Um homem beijou-me na face quando Will me apresentou. Não estava à espera, mas a cara dele não me era estranha. Ia fazer uma pergunta quando a mão dele me roçou pelo peito, antes de se afastar. Foi como se recebesse um choque eléctrico e devo ter ficado muito corada, pois Will desculpou-se e levou-me dali.

– Al Soames? – pergunta Kate, e eu aceno.

Não lhe conto que Will disse que eu estava muito sedutora e volto a sentir no estômago a mesma sensação de revolta.

– Levou-me para a rua, para apanhar ar. De repente, a porta abriu-se com estrondo e o homem das mãos atrevidas saiu. Foi então que o reconheci. Só o tinha visto uma ou duas vezes lá em casa – Jude enxotava-me sempre da sala porque ele vinha falar na renda –, mas reparei-lhe na cara coberta de bexigas. Lembro-me de me ter voltado para Will e dizer: «Olha, é o nosso senhorio», mas Will fingiu não o conhecer.

– E depois, o que aconteceu? – insistiu Kate.

Apercebo-me de que as minhas recordações da festa se assemelham a um filme caseiro, onde uma câmara insegura regista apenas partes da acção que interrompe de repente para retomar noutro ponto. Há lacunas. Enormes lacunas.

– Não sei – digo. – Depois disso não me recordo de nada. Nem de chegar a casa. Mas Will telefonou na manhã seguinte para dizer que se sentira orgulhoso de mim.

– Meu Deus! – exclamou Kate. – Pensa que foi nessa festa que Soames a drogou e a fotografou?

– Não é Soames quem está na fotografia – replico em voz rouca, concentrada em desenhar uma cruz no açúcar espalhado sobre a mesa.

– A mão na minha cara não é dele.

Kate faz um gesto afirmativo.

– Soames gabou-se de andar à cata de miúdas com um amigo.

– É Will. A mão que se vê na fotografia é de Will Burnside. Reconheci o anel no polegar.

– Cristo, Emma – diz ela em voz demasiado alta, e há pessoas que se viram para olhar.

Começo a chorar quando a empregada regressa com o nosso pedido. Olha-me com curiosidade enquanto pousa as chávenas e se retira depressa, como se a minha desgraça fosse contagiosa. Mais cabeças que se viram. Devem estar entusiasmados por assistirem a uma cena dramática no café.

Kate comprime a minha mão trémula contra os cristais de açúcar.

– Disse isso à polícia, Emma?

– Ainda não. Não tinha a certeza. Disse-lhes que ele fez sexo comigo dentro do automóvel. Que me ameaçou se eu contasse a alguém.

Kate acena mais depressa com a cabeça, visivelmente excitada. Tenho de ter em atenção que é jornalista, não é o meu confessor. Não fez voto de silêncio.

– Creio que agora percebo por que agiu assim. Passei anos a imaginar por que razão me desprezava. Mas creio que foi para se proteger. Não queria que eu contasse a ninguém que tinha visto a fotografia na gaveta dele. Julguei que queria que eu ficasse calada para não humilhar a infeliz e apaixonada Barbara. Mas, como é evidente, havia dúzias de Barbaras.

– E você podia denunciá-lo.

– Ninguém podia ter conhecimento do seu pequeno *hobby*, portanto tinha de se certificar que me calava de vez. Tinha de me forçar ao silêncio pela vergonha.

O meu pensamento foge para Will. Procuro recordar-me do seu rosto naquele tempo, mas não consigo. É uma imagem desfocada. Tento lembrar-me de como me tratara depois da festa, depois de ele e o amigo me terem feito posar para a *Polaroid*. Tinha agido de forma diferente? Tinha havido olhares ou insinuações maldosas quando voltara lá a casa? Não, não tinha mudado. Porque ele sempre tinha sido assim. Enganava-nos a todas. O monstro entre nós.

A confiança que eu depositava nele. Will espertalhão, mestre manipulador. Como se deve ter rido depois. Da minha ingenuidade. Da minha inocência.

Imagino o que terá sentido depois disso, quando me via. A rapariga nua à sua mercê? Terá guardado a imagem num recanto da cabeça, para a usar sempre que lhe apetecesse? Quando se sentava do outro lado da mesa, ao domingo, na presença da minha mãe?

Tento afastar estes pensamentos. Mas eles avassalam-me, esmagam-me. Penso no bebé. Entoo mentalmente uma canção de embalar. A mesma que Jude me cantava.

– Creio que é melhor ir para casa – digo.

– Acha que fica bem? – pergunta ela.

Penso que a preocupação dela é sincera.

– Fico bem. Paul está à minha espera na rua.

Kate pousa sobre a mesa uma nota de cinco libras e faz sinal à empregada, que se refugiou atrás do balcão, de que vamos sair. Ergo-me nas pernas

trémulas e ela conduz-me para fora pela mão.

Capítulo 74

Segunda-feira, 30 de Abril de 2012

Will

Tinha tomado um duche depois de Emma e a amiga saírem. Para ensaboar as acusações debaixo da água quente. *Não vai haver problema*, pensou. Gostava de navegar nos limites, sempre tinha gostado.

Apreciava os desafios quando se tratava de mulheres. *Nada pode ser excessivamente fácil*, tinha dito para consigo ao voltar a vestir-se. *Jude foi demasiado fácil. Bastou-me aparecer.*

Tinha sido assim na universidade, com as mulheres a atirarem-se a ele. Uma noite, Jude tinha-lhe dito que se «pusera na fila» para estar com ele. Tinha rido à gargalhada.

– Eu não passava de um aluno com a cara cheia de borbulhas, e tu eras uma deusa. Devia ter sido eu a entrar na fila – tinha ele replicado.

Um elogio ardiloso. E ela tinha tirado o vestido. Resultava sempre.

Na verdade, nunca tinha sido um aluno com a cara cheia de borbulhas. A sua pele tinha sobrevivido quase incólume à adolescência e tornara-se um jovem alto e esguio. O seu ar grave e profundo, alvo da troça dos colegas no secundário, conferia-lhe uma atracção especial na faculdade. Descobrira de repente que nem tinha de se esforçar, que bastava ser Will para ser adorado. E adorara ser adorado.

Quando entrava numa sala, as pessoas olhavam e dirigiam-se para ele, trémulas de desejo, como partículas de ferro atraídas por um íman. Queriam estar com ele. Queriam que os outros vissem que estavam com ele. O Rapaz de Ouro. Podia ter-lhe subido à cabeça, e na verdade subiu, mas não deixava transparecer.

Contudo, esta adoração era assustadoramente frágil. As pessoas eram inconstantes, não se podia confiar nelas. Portanto, fingia não se aperceber a que ponto era brilhante. Troçava de si mesmo e realçava os seus pontos fracos para quem o quisesse ouvir.

– Este meu último ensaio foi uma trapalhada. Como correu o teu?

Isto tornou-o ainda mais atraente. Os professores e as colegas ficavam encantados com a sua modéstia e precipitavam-se a assegurar ao Rapaz de Ouro o seu brilhantismo. Depois, ele levava-as para a cama. Nem as professoras escapavam. Na verdade, eram por vezes mais fáceis de seduzir do que as alunas. *Coitada da velhota da doutora Foster, não esperou que eu fechasse a porta para se atirar a mim. Tempos loucos.*

Saíra de Cambridge com a nota máxima em duas cadeiras e tornara-se uma estrela em ascensão numa universidade do Grupo Russell, onde levara uma vida de sucesso. O seu departamento ganhava prémios e donativos, publicava com regularidade, adquirira fama no seu campo, e um dos benefícios suplementares em cada ano era o envolvimento romântico com um número considerável de alunas.

Os anos de pousio chegaram quando a juventude começou a estiolar e a sua frescura se desvaneceu.

Aos trinta e nove, descobrira que não era o único lobo solitário da matilha. A Academia estava repleta de Wills. Continuava a ter o seu séquito de garotas disponíveis, mas já não faziam fila.

Por vezes, via-se obrigado a dar uma nota alta para conseguir os seus intentos. Foi um colega do Departamento de Ciências que lhe falou no *Rohypnol*, em tom de brincadeira, mas a sério. Conforme confidenciara a Will, esse colega obtinha a droga por intermédio de um amigo que trabalhava no ramo. A droga era de fabrico recente e tornara-se popular entre homens mais velhos que tinham de se esforçar para ter relações sexuais.

– É dez vezes mais eficaz do que o *Valium* – tinha dito o colega. – Dissolve-se numa bebida sem deixar rasto nem sabor, e vinte minutos depois as gajas estão grogues. E o melhor é que de manhã nem se lembram de nada. Serviço limpo.

Da primeira que a usou estava nervoso, a imaginar como iria explicar-se se as coisas corressem mal, se a rapariga acordasse ou se se recordasse do que tinha acontecido. Mas não tinha motivo para estar.

Como é evidente, o prazer não era o mesmo, com a conquista num estado semicomatoso, mas servia. E no dia seguinte ninguém se lembrava de nada.

Tinha conhecido Alastair Soames em Howard Street. Al era proprietário da casa onde Jude morava, e uma noite apareceu para cobrar a renda. A boneca Barbie tinha as rendas em atraso, de modo que se escondera no quarto, e Will tinha ficado a conversar com Al enquanto Jude fingia andar à procura da outra. Descobriram que tinham amigos em comum, e Al fê-lo rir com as suas histórias sobre alguns inquilinos bizarros. Will tinha simpatizado logo com ele.

Combinaram encontrar-se para tomar uma bebida num *pub* de Chelsea. Beberam cerveja sem mistura e depois foram para o apartamento de Al, onde ficaram a conversar até à meia-noite sobre trabalho, sexo, o mercado de imóveis e o futuro**.**

– Tenho tido uma carga de trabalhos com as mulheres – tinha confessado Al, a quem o uísque rompera as inibições. – E com a polícia. Tenho de passar a ter mais cuidado.

Will falara-lhe então nos seus «pequenos auxiliares».

Os olhos de Al cintilaram de excitação.

– E elas não se lembram de nada? – tinha perguntado. – Talvez dar-lhes qualquer coisa para ficarem em sossego seja a solução. Olhe, devíamos formar uma equipa. Eu tenho os contactos e os convites para as festas, você tem o *know-how*, Will. A combinação perfeita.

Tinha sido divertido escolher as vítimas, das mais diversas idades e tipos, como um desafio a vencer, mas algo perigoso. Excitantemente perigoso. Barbara fora um erro, não tinha bebido o suficiente para que a droga actuasse como devia e com a pressa não tinham reparado nisso, mas ela nunca contara a ninguém. Will tinha-se encarregado disso.

E Emma. Bem, o risco tinha valido a pena.

Perguntou a si mesmo se ela teria inventado a gravidez. Lembrava-se de ter usado preservativo durante a sessão de fotografias – fazia-o sempre, para não

deixar rasto –, mas não conseguia recordar-se se o tinha usado no automóvel. Ou se Emma ainda se lembrava da fotografia de Barbara. Mas isso agora não tinha importância.

Mesmo que vá à polícia, não vão acreditar nela. Sobretudo com um historial de doenças mentais. Pobre mulher, pensou.

Serviu-se de mais uma chávena de *Earl Grey* e permitiu-se uma incursão pelas suas recordações. Um frémito de nostalgia. Que pena não ter guardado nenhuma das fotografias.

Capítulo 75

Terça-feira, 1 de Maio de 2012

Angela

O fim-de-semana com Louise tinha começado de forma desastrosa. A filha tinha reservado uma estada num *spa* e dissera a Angela que podia fazer uma massagem e relaxar, longe de tudo. Mas o lugar estava cheio de despedidas de solteiras, com mulheres aos gritos no *jacuzzi* e jogos de bebidas no salão.

Louise e Angela tinham-se retirado para o quarto de duas camas sobreaquecido, a fingir que liam enquanto aguardavam os tratamentos. Angela reparara que o marcador do livro da filha não se tinha movido ao longo dos dois dias em que lá tinham estado. Destacava-se uma polegada para fora da capa. Mas ela não fizera melhor, a esconder os pensamentos por detrás da novela de praia que tinha trazido consigo.

Não disse a Louise que tinha chorado durante as massagens; as mãos reconfortantes das esteticistas tinham-na de súbito feito sentir-se indefesa, e vira-se na obrigação de pedir desculpa. Toda a gente se mostrara compreensiva quando se explicara – num caso até fora evidenciado demasiado interesse – e Angela dera por si, deitada nua sobre uma marquesa, a relatar em pormenor o desaparecimento de Alice.

No domingo à noite, estavam ambas dispostas a ir para casa, mas tinham pago até segunda-feira de manhã, de modo que se deixaram ficar. Angela sentiu-se contente por terem ido, pois uma vez desaparecidos os grupos das despedidas de solteiras podiam sentar-se para conversar à vontade.

Louise desabafou com a mãe o que tinha sido crescer no seio de uma família marcada pela tragédia. Pela primeira vez não guardou nada para si, chegando mesmo a admitir que por vezes odiava Alice por ter arruinado a felicidade de todos.

– Sei que era apenas um bebé, mãe, mas nunca pensei nela dessa maneira. Nunca a conheci. Não havia fotografias. Era apenas uma nuvem negra que pairava, permanente, por cima de nós. Não se podia falar no assunto para não te fazer chorar. Ainda bem que a encontraram, embora continue a fazer-te chorar.

Angela sentira vergonha. Tinha-se envolvido de tal maneira nos sentimentos que na sua determinação de proteger os filhos contra eles nunca tinha reparado na infelicidade que lhes causava.

– Passado algum tempo, o teu pai dizia que eu não devia falar no assunto para não vos perturbar, a ti e ao Patrick – explicou. – Gostaria de me ter apercebido do que sentias. Vou fazer o possível por não voltar a chorar, Lou. Tens razão. Temos de continuar com a nossa vida. Vamos fazer o funeral de Alice como uma família, está bem?

Louise tinha assentido e estendido a mão para a mãe.

– Com certeza, mãe.

– E vou-me concentrar no futuro – tinha dito Angela. – Em ti, no Patrick e nos meus netos.

Ao regressar a casa, a cabeça de Angela estava mais fresca e tinha começado a tratar com o vigário local no sentido de preparar o funeral de Alice, a escolher os hinos e as leituras. Sentia-se bem como há semanas não acontecia, e Nick deixara de embirrar com ela por tudo e por nada.

– Estás com bom aspecto, amor – tinha ele dito naquela manhã. – Não queres sair esta noite para comermos qualquer coisa? Há meses que não te levo a lado nenhum.

Angela sorrira-lhe e dissera que sim.

Uma hora mais tarde, a detective Turner tinha telefonado. Angela atendera o telefone e pronunciara em silêncio «Wendy» para Nick. Era bom ouvir notícias dela.

Ia para lhe perguntar quando poderiam efectuar o funeral de Alice, mas a detective Turner cortara-lhe a palavra.

– Hoje esteve aí alguém da imprensa, Angela?

– Não, Wendy. Porquê, aconteceu alguma coisa?

– Eu e Andy Sinclair estamos a caminho. Chegamos dentro de meia hora, portanto deixe-se estar. O melhor é não atender o telefone até nós chegarmos.

– Meu Deus, mas o que aconteceu?

– Falamos quando chegarmos, Angela. O Nick está?

– Sim.

– Ainda bem. Até daqui a pouco.

Sentaram-se à espera na sala de estar, atentos à chegada do carro. Quando o inspector Sinclair e a detective Turner bateram à porta, Angela não se conseguiu pôr de pé, tal era a tremura nas pernas.

Nick conduziu os dois agentes até à saleta e Wendy sentou-se ao lado de Angela e agarrou-lhe a mão.

O inspector Sinclair parecia cansado e deprimido. Deixou-se cair na cadeira ao lado da janela e olhou para os dois.

– Peço desculpa por vos ter feito esperar, mas era importante falar convosco.

Ninguém proferiu uma palavra e o inspector pigarreou.

– Tenho novidades que não são muito agradáveis. Houve desenvolvimentos significativos na investigação. Ontem apresentou-se uma mulher que diz ser mãe do bebé encontrado em Howard Street. Para ser franco, pensei que fosse alguém que quisesse apenas chamar a atenção, mas os testes que fizemos ao ADN dela mostram uma correspondência.

– Não – murmurou Angela, a estender a mão para Nick, para se amparar.

Olhou para o marido e viu que a cor lhe fugia do rosto.

– Não posso acreditar. Como pode acontecer uma coisa dessas? – perguntava Nick. – Quem se enganou?

– Nick, não… – advertiu ela.

– Ainda não sabemos, Nick. Neste tipo de testes, os enganos são raros. Vamos descobrir o mais cedo possível.

– Mas quando sabem ao certo? – insistiu o marido de Angela. – Estou a ver… Por favor, Andy, telefone-nos assim que souber.

Sentaram-se à mesa da cozinha, a fitar-se.

– Tem de ser engano – disse Nick. – Temos de ter paciência e aguardar que eles deslindem o assunto.

– Não, ela desapareceu – contrapôs Angela. – A nossa menina desapareceu outra vez.

Capítulo 76

Terça-feira, 1 de Maio de 2012

Kate

Sabia que os resultados do novo teste de ADN deviam estar a sair. O inspector Sinclair dissera-lhe, após a entrevista com Emma, que os tinha colocado no topo da lista, ansioso por ver as coisas voltarem à normalidade.

Tinha telefonado a Kate para saber se havia alguém a viver com Soames.

– Vou agora mandar lá os meus rapazes, Kate. Só quero saber se há quaisquer factores de complicação.

– Não. Existe uma ex-mulher e dois filhos adultos, com os quais não se dá. Mas é um solitário – tinha dito Kate e acrescentara: – Como foram as coisas com Emma?

O inspector já esperava a pergunta, e Kate queria que os seus encontros com ela não sofressem perturbações.

– Pobre mulher, estava destroçada. A tremer de nervos. Os olhos dela saltitavam de um lado para o outro.

– Vá lá, Andy, você não estaria destroçado se o tivessem violado e tivesse tido um bebé quando ainda era apenas uma criança?

– Ela diz que teve um bebé, Kate. Mas ambos sabemos que é altamente improvável que seja verdade. Quero dizer, dá muito jeito à história dela que mais ninguém tenha sabido. Uma adolescente tem uma criança e ninguém se apercebe disso? Com franqueza!

– Pode acontecer, Andy. Já houve casos. As pessoas são capazes das coisas mais extraordinárias.

– Está bem, está bem, mas o corpo é de Alice – é o que dizem os técnicos – e é nisso que estou concentrado. Não nos podemos deixar levar por pessoas que

só querem chamar a atenção. Na nossa profissão, é uma coisa que está sempre a acontecer, Kate.

«E se quer o meu conselho – prosseguiu –, não se deixe envolver.

Mas Kate já estava envolvida.

Foi Angela quem lhe deu a notícia, na terça-feira em que o inspector Sinclair lhe telefonou para dizer que havia uma nova linha de investigação e que se preparasse para os telefonemas dos *media*.

Felizmente para Kate, Angela não a considerava parte dos *media*.

– Kate – disse ela, à beira das lágrimas –, aconteceu uma coisa horrível. Os testes de ADN associaram o bebé a uma mulher de Londres. O inspector Sinclair diz que ela se apresentou a dizer que o bebé era dela, e a princípio julgaram que era alguém que só lhes queria fazer perder tempo. Mas afinal parece que ela estava a dizer a verdade. Estão a reexaminar as minhas amostras de ADN, mas penso que voltei a perder Alice – concluiu já a chorar.

– É uma confusão terrível – disse Kate. – Lamento imenso, Angela.

– A polícia parece não fazer nada de jeito – chorou Angela ao telefone. – Enganaram-se nas datas, e agora dizem que o bebé é de outra pessoa. Não sei se consigo aguentar muito mais…

– Vá lá, Angela. O Nick está consigo? Isso é bom. Quando disse o Andy Sinclair que lhe voltava a telefonar?

– De manhã. Já não sei o que pensar.

– Compreendo – disse Kate. – Vou deixar o telefone livre para o caso de ele me querer contactar, mas ligue-me assim que souber alguma coisa.

Não telefonou a Sinclair. Ele teria logo percebido que Angela lhe tinha ligado e podia ordenar-lhe que não voltasse a falar com ela. Já tinha acontecido anteriormente. Iria esperar até que ele comunicasse aos Irving os novos dados.

Sentou-se em silêncio no aquário, a ouvir Terry barafustar. Fazia-lhe bem deitar tudo cá para fora. Guardava demasiadas coisas para si, e de vez em quando tinha de explodir. Que tinha tido uma semana horrível, queixou-se ele, e que ela era «a porra da gota que fazia transbordar o copo».

– Continua a ser uma história formidável, Terry – disse ela, e deixou-o dar livre curso à birra. – Eu sabia que Emma não estava a inventar.

– Não, parece que não – concordou Terry. – Raios a partam. Muito bem. O que podemos escrever?

– Só que os testes de ADN estão a ser repetidos. Não vamos cheirar os resultados antes de amanhã de manhã. Mas se dissermos que estão a repetir os testes vamos alertar toda a gente. Por que não ficamos calados e depois publicamos os resultados em exclusivo? – sugeriu Kate.

– Está bem – resmungou ele.

Joe esperava-a ao lado da secretária. Tinha assistido ao espectáculo através do vidro e estava desesperado por saber alguma coisa.

– O que disse a Angela? O que disse o Terry?

– Disseram à Angela que o ADN da Emma corresponde ao do bebé.

– Não acredito! Então e o ADN da Angela? Enganaram-se no laboratório?

– Parece que sim. Pobre Angela, está destroçada. Estão a fazer novos testes e Andy Sinclair ficou de lhe telefonar quando tiver os resultados.

– Portanto, não é Alice – comentou Joe. – Mas que história!

– E tu a pensares que ia ser uma chatice quando te entreguei o primeiro maço de recortes.

– Bem…

– Nunca é enfadonho – disse ela.

– Isso é a Regra de Ouro Número Dois? – perguntou ele, com um sorriso nos lábios.

– Toma nota. Agora vou telefonar à Emma – disse Kate.

A chamada foi para a caixa de mensagens de voz, e Kate deixou uma mensagem a pedir a Emma que lhe telefonasse.

Não havia nada a fazer senão esperar, mas Kate não conseguia estar quieta.

– Vou até à casa de Emma – anunciou a Terry.

Joe pegou no bloco de apontamentos e acompanhou-a para fora da redacção.

Bateram repetidamente à porta, espreitaram pelas janelas da frente e do lado, mas não detectaram sinais de vida. Indecisa, Kate deixou-se ficar junto à cancela.

– Ela não está em casa – disse Joe.

– Pois, até aí já cheguei, Joe – foi a resposta seca.

– E agora, o que fazemos? – perguntou o rapaz.

Como um cordeiro a caminho do matadouro.

– Com raio hei-de saber? – respondeu ela em tom desabrido. – Por amor de Deus, deixa-te de lamúrias!

Joe olhou para o lado, a fingir-se indiferente. Como Jake tinha feito naquela manhã, ao sair para o aeroporto. Kate deixara que ele lhe desse um beijo de despedida antes de dizer:

– Esperamos ter notícias tuas quando precisares de dinheiro.

Steve tinha-lhe dado uma valente cotovelada, a mandá-la calar.

– Vai dando notícias, Jackey – tinha ele dito, mas o filho já se dirigia para a porta.

– Por que raio disseste aquilo? – perguntara Steve.

– Porque tu o apaparicas – tinha respondido Kate. – O que ele precisa é de uma dose de realidade, não é que lhe façam todas as vontades.

Já no carro, tinha enviado uma mensagem ao filho.

«Volta para casa de boa saúde. Amo-te, Jake. Um chi.»

Mas ele não tinha respondido.



– Ouça, você aí!

A voz provinha da rua, e uma mulher acercou-se deles.

– Estão à procura dos Simmonds? – perguntou.

– Eh… sim, estava a contar encontrar Emma em casa – disse Kate.

– Foi esta manhã no metro com o meu marido. Foi ele que me disse, quando me telefonou a dizer que tinha chegado ao emprego. A propósito, o meu nome é Lynda, e sou amiga da Emma.

– Oh, encantada por conhecê-la – disse Kate, a registar que algumas mulheres controlam os horários de entrada e saída dos maridos. – Ela disse onde ia?

– Não. O Derek disse que estava muito alheada, mal pronunciou uma palavra. Está a ver, a linha do metropolitano vai sobrelotada àquela hora do

dia. É curioso que alguém queira viajar àquela hora se não tiver necessidade.

Kate adoptou uma expressão de quem compreendia.

– Talvez esteja num dos seus dias maus – insinuou maldosamente Lynda. – Por vezes é muito estranha.

– Pode ser – disse Kate, que lhe agradeceu e empurrou Joe para o automóvel.

– Onde foi a Emma? – perguntou Joe, a apertar o cinto. – Estou só a perguntar, não é uma lamúria – acrescentou.

– Desculpa, Joe. Estou a ter um dia mau. Não faço ideia.

No regresso ao escritório, em West London, deixou que Joe divagasse sobre as suas ambições e sobre um *reality show* que vira na véspera na televisão.

Onde estás tu, Emma?, não lhe saía da cabeça.

Encostou à berma quando o telefone tilintou.

– Aposto que é ela – disse para Jake.

Quando olhou, viu que a mensagem era de Jake.

– Merda!

A última coisa de que precisava era de mais uma aflição por causa do filho.

«Também te amo, mamã. Desculpa ser uma porcaria de filho. Beijos.»

Teve de se dominar para não chorar, e reenviou a mensagem para Steve, que respondeu de imediato: «Bjs.»

Joe aguardou paciente que ela terminasse.

– Tenho estado a pensar. Então e a mãe de Emma? Por que não lhe fazemos uma visita? Ainda não falámos com ela, pois não? Pode ser que saiba onde está a Emma.

– Boa malha, Joe. Encontra a morada.

Capítulo 77

Terça-feira, 1 de Maio de 2012

Kate

O trânsito era horrível, mas por fim pararam à porta da casa recuperada onde Jude vivia.

Enquanto trancava o automóvel, Kate tentou uma vez mais o número de Emma, mas sem resultado.

– Vamos lá – disse.

Quando premiram a campainha, o trinco da porta da rua abriu-se sem perguntas e subiram a escada.

À porta encontraram uma mulher entrada nos anos, vestida com roupas garridas, pouco próprias para a sua idade.

– Oh! Quem são vocês? – perguntou a mulher. – Pensei que fosse a minha filha.

– Desculpe, senhora Massingham.

– Não sou casada.

– Bem, não faz mal. Chamo-me Kate Waters. Sou jornalista do *Daily Post*. Falei com a sua filha este fim-de-semana por causa do caso de Alice Irving e precisava de me encontrar outra vez com ela.

– A Emma falou consigo? Nunca é boa ideia falar com um jornalista. Sempre disse aos meus clientes para fugirem da imprensa como da peste. Sem ofensa, claro.

Kate soltou uma gargalhada pouco convincente.

– Imagino que em certos casos seja um bom conselho. Mas os artigos que tenho escrito a respeito de Alice ajudaram a descobrir alguns factos importantes.

– Hmmm… – fez Jude Massingham. – Mas não a verdade, creio. A verdade é uma coisa escorregadia.

– Eh… sim. Houve alguns percalços na investigação, a polícia será a primeira a admiti-lo.

– Acha que sim? Não é o que me diz a experiência – retorquiu Jude com um sorriso tenso.

– Ouça, esta manhã surgiu uma novidade que gostaria de contar a Emma, mas ela não atende o telefone – disse Kate, a tentar desviar a conversa para terrenos mais sólidos.

– Não faço ideia onde possa estar – disse Jude. – Não sou guardiã dela. Qual é a novidade?

– Podemos entrar, senhora Massingham? Aqui é um bocado público. Não queremos que as outras pessoas nos ouçam.

– Está bem. Cuidado com o degrau.

Sentaram-se os três nos dois cadeirões. Não foram oferecidas bebidas.

– Muito bem – disse Jude. – Então o que aconteceu?

– Não sei se Emma lhe contou, mas a polícia fez novos testes de ADN.

– Não temos falado – resmungou Jude.

– O teste revelou que há correspondência entre Emma e o bebé encontrado nas obras.

– Não! – deixou escapar Jude, a levar as mãos à cabeça. – Não pode ser. Como pode ter tido um bebé sem eu dar por isso?

– Ocultou-lhe a gravidez, senhora Massingham. E também ao seu namorado, Will Burnside.

– Que lhe disse ela acerca dele? – perguntou Jude sem elevar a voz.

O ambiente na sala carregou-se de tensão.

– Exactamente o mesmo que lhe disse a si.

– Não acreditei nela. Disse-lhe coisas terríveis. Que estava doente, que tinha ciúmes – murmurou Jude, quase para si mesma.

– E contudo ela estava a dizer a verdade, senhora Massingham. Nunca desconfiou mesmo de nada?

Jude abanou a cabeça.

– Não, claro que não. Acha que ia fingir que não via uma coisa dessas? Não faz ideia de como era. Eu estava apaixonada por Will. Adorava-o. E é difícil imaginar que o homem que se ama possa fazer uma coisa tão desprezível. Era capaz de acreditar se se tratasse de alguém que amasse, menina Waters?

Kate imaginou Steve a confessar, e abanou a cabeça.

– Está a ver como seria difícil? E continua a ser. Preciso de algum tempo para pensar nisto. E para conversar com Emma.

Parecia falar para si.

Kate inclinou-se para a frente para formular outra pergunta, mas Jude exclamou de repente:

– Já sabia que não podia ser o bebé dos Irving.

– Como sabia?

Jude parecia agitada.

– Bem, a criança desapareceu dez anos antes da data em que dizem que foi sepultada. Se quer a minha opinião, toda a investigação da polícia tem sido uma trapalhada.

– E a correspondência com Angela Irving, como se explica? – perguntou Joe.

– Um erro do laboratório – respondeu Jude. – Quando trabalhava, farteime de ouvir falar disso a colegas que tinham casos do foro criminal. Tubos de ensaio colocados nas prateleiras erradas, contaminação com outras amostras, esse género de coisas. Há sempre lugar para o erro humano.

– Mas o processo inclui muitas verificações – contrapôs ele. – Tenho andado a ler sobre o assunto. É bastante interessante, na verdade…

– Gostaria de dizer a Emma – atalhou Kate, a cortar-lhe a palavra – Estou um pouco preocupada por não conseguir contactá-la. A amiga dela, Lynda, disse que esta manhã ela viajou de metro para a cidade.

– Ah, sim? Que estranho. Nunca vem à cidade, desde que possa evitar. Há demasiada gente – disse Jude, que depois ficou em silêncio. – Talvez seja possível ligar ao marido – propôs. – Há-de estar a trabalhar. Tenho o número dele. Emma escreveu-o no meu livro de endereços, para o caso de haver uma emergência.

Marcou o número devagar, a premir cuidadosamente cada tecla, e esperou.

– Paul, é Jude. Estou a tentar entrar em contacto com a Emma. Sabe onde foi hoje? Pois. Bem, mas não está. Viram-na no metro esta manhã. Isso. Bem, se ela lhe telefonar importa-se de lhe dizer que me dê uma apitadela? Sim, obrigada. Adeus.

– Julgava que ela tinha ficado em casa a trabalhar. Pareceu-me incomodado quando lhe falei no metro. Neste momento ela não está em grande forma. Como deve saber – disse Jude, em voz trémula e acusatória.

Quando Kate e Joe já tinham saído, o telefone de Kate tocou.

– É Andy Sinclair. Tenho tentado contactar Emma Simmonds. Parece ter desaparecido. Por acaso não sabe onde ela está, pois não?

Capítulo 78

Terça-feira, 1 de Maio de 2012

Jude

Nessa noite, quando o telefone tocou, já tarde, Jude levantou imediatamente o auscultador.

– Emma?

– Jude, fala a Harry – disse a voz. – Desculpe incomodá-la, mas estou preocupada por causa da Emma.

– Estamos todos preocupados com ela – disse Jude. – Também tive cá a imprensa a perguntar por ela.

Sentia-se trémula e ao sentar-se demasiado depressa na cadeira bateu com o cotovelo e deixou cair o telefone.

– Desculpe – disse quando o voltou a encostar ao ouvido. – Teve notícias dela?

– Não, desapareceu. Paul acabou de me telefonar a dizer que não consegue encontrá-la. Pensa que ela desligou o telemóvel.

Uma espiral negra de terror envolveu o coração de Jude.

– Preciso de saber o que se passa, Jude – insistiu Harry. – O Paul não me quer dizer nada.

– A Emma foi à polícia, Harry. Foi dizer-lhes que o bebé encontrado no jardim de Howard Street era dela. Que foi violada por Will e engravidou – disse Jude.

Nem queria acreditar que acabava de dizer aquilo.

– Will? – gritou Harry do outro lado da linha. – Will Burnside? Está a falar a sério?

– Sim. Também não quero acreditar.

– Oh, meu Deus! – exclamou Harry.

– Sabia que ela tinha tido um bebé, Harry? Vocês as duas eram unha e carne. Ela não lhe contou nada?

– Só muito mais tarde. E eu não percebi. Ela tentou contar-me, disse que tinha engravidado e eu pensei que fizera um aborto. Não insisti com ela, como a jornalista fez.

– A jornalista veio cá hoje, Harry. Se quiser falar com ela, eu tenho o número – disse Jude, desejosa que outra pessoa assumisse o controlo da situação.

– Não, não quero – respondeu Harry em tom seco. – Quem lhes dá o direito de se intrometerem na vida dos outros? Como pode isto ser notícia? É uma tragédia pessoal, não é uma história para ninguém ouvir e ficar de boca aberta. Emma deve estar destroçada.

Um silêncio funesto ecoou na linha. Jude ouviu os estalidos da electricidade estática.

– Harry? – disse por fim. – Está lá, Harry?

– Estou, sim. Posso ir aí? Agora?

– Pode. E vou pedir a Kate Waters que venha também. Embora você pense o contrário, ela faz parte disto e Emma parece confiar nela. Foi a ela que contou…

– Está bem – cortou Harry. – Dê-me meia hora.

Jude telefonou logo a Kate. Não conseguia pensar em nada além de Emma. Onde estaria ela? O que a tinha compelido a fazer?

Kate chegou pouco depois de Harry ter estacionado e premido a campainha de Jude. Quando abriu a porta, Jude apercebeu-se de que a jornalista tinha vestido umas calças de ganga sob a camisa de noite e lançara um casaco pelas costas, na pressa de se meter ao caminho.

Harry falava freneticamente ao telefone.

– É Emma – articulou em silêncio, e Jude inspirou fundo para acalmar os seus receios do que viria a seguir.

– Emma, deixa-te estar onde estás. Eu vou buscar-te. Promete-me que não sais daí.

Quando desligou, Harry voltou-se para Kate e disse:

– Vamos para Howard Street. Ela foi para o estaleiro de obras.

– Como lhe pareceu ela? – quis saber Kate.

– O que lhe parece? – foi a resposta ríspida.

As três mulheres entraram no automóvel de Kate. Londres estava quase vazia. As ruas habitualmente congestionadas ecoavam com o ronco do motor, e à sua volta as luzes dos candeeiros reflectiam-se na superfície da estrada. Não trocaram uma palavra até Kate estacionar ao lado do estaleiro.

– Quer que vá consigo? – perguntou Kate.

– Nem por isso, mas talvez seja melhor. Posso precisar de ajuda – respondeu Harry.

Encontraram Emma no que antes tinha sido o jardim, sentada num balde virado ao contrário, rodeada por pesados torrões de barro e iluminada pelas luzes de segurança que tinha accionado. Ergueu a cabeça quando Harry chamou por ela, mas não se levantou.

– Tenho estado a pensar no que aconteceu. A tentar dar-lhe sentido – disse Emma. – Achei melhor regressar aonde tudo começou. Com o bebé…

– Tenho procurado convencê-la a vir comigo – disse do escuro uma voz de mulher.

– Barbara? – perguntou Kate, e a mulher emergiu para a luz das lâmpadas fluorescentes.

– Vi que as luzes se acenderam, não ando a dormir bem – explicou ela. – E John disse que tem tido problemas com os garotos que entram no estaleiro, de maneira que vim ver. Foi então que a encontrei. Emma.

Jude olhou para a amiga de outros tempos com um ar incrédulo.

– O que estás *tu* a fazer aqui?

Parecia-lhe viver um sonho estranho.

– Voltei a morar em Howard Street, Jude. Depois de termos perdido o contacto.

Depois de te teres andado a fazer ao Will, pensou automaticamente Jude, mas arrependeu-se de imediato. Isso era o que Will tinha dito. Mas Will tinha mentido a respeito de tudo, não tinha?

Harry tinha-se acocorado ao lado de Emma e tocava-lhe no braço.

– Estás gelada, Emma. Precisas de ir para um sítio quente.

– A minha casa é do outro lado da rua. Podemos ir para lá – ofereceu Barbara, e Jude inteiriçou-se.

Queria que Emma fosse para sua casa, mas não dominava a situação.

Emma deixou-se levar para o apartamento de Barbara e sentou-se ao lado de *Shorty*, que dormia no sofá. Estava entorpecida, e tinha os olhos vítreos do choque.

– Já sabes tudo? – perguntou a Harry num sussurro.

– Não temos de falar sobre isso agora, Emma.

– Uma vez tentei dizer-te. Naquele dia em que apareceste no *pub*.

– Eu lembro-me. Não te dei ouvidos, não foi? Cheguei sozinha às minhas conclusões. Lamento imenso, Emma. Mas por que razão não me contaste na altura? Quando éramos miúdas?

Jude teve de se inclinar para ouvir a resposta.

– Nessa altura não podia. Will disse que toda a gente me ia odiar.

As duas amigas abraçaram-se. Jude fez um esforço para permanecer sentada no seu lugar. Devia ser ela a confortar a filha, mas Emma não se dirigira a ela.

Quando por fim se separaram e se sentaram encostadas uma à outra, Kate virou-se no assento para as olhar de frente.

– A polícia há-de deitar a mão a Will pelo que ele fez – disse, a esforçar-se por manter a voz firme. – A si, Emma. Ele pode pensar que ao fim de todo este tempo é intocável, mas agora há provas – provas fotográficas – e tenho a certeza de que Soames não hesitará em arrastá-lo consigo. Já estive com ele, é um canalha – acrescentou.

– Ela tem razão – corroborou Harry. – Vamos espetar num pau a cabeça desse filho-da-puta.

– E pelo que também te fez a ti, Barbara – disse Emma. – Sei que te fez o mesmo.

O olhar de Jude saltitava entre a filha e a amiga de outros tempos.

– Como sabes? – perguntou Barbara num murmúrio. – Ele contou-te?

– Não, vi a tua fotografia na secretária de Will. Pensei que dormias, mas foi tirada quando estavas drogada. Mas nessa altura era demasiado nova para

saber do que as pessoas eram capazes. Perguntei a Will, e ele respondeu que tinhas sido tu a enviar-lha porque o desejavas.

A respiração de Barbara tornou-se ofegante.

– Violou-me no dia seguinte. Para me calar – prosseguiu Emma. – Deve ter percebido que a vergonha me obrigaria ao silêncio. Acreditei nele quando disse que todos me atirariam com as culpas. Não sabia nada da vida.

Jude fechou os olhos com força. Só mentiras. As mentiras dele, as suas mentiras. Era ela a obreira de tudo aquilo. Já não podia atribuir as culpas a Emma nem a Barbara. Fora ela a introduzir aquele homem na vida delas. Era ela a culpada. A trama desenrolava-se diante dos seus olhos.

Capítulo 79

Terça-feira, 1 de Maio de 2012

Kate

Quando Kate lhe sugeriu que telefonasse ao inspector Sinclair porque havia novidades acerca dos testes, Emma abanou a cabeça.

– Sei quais são os resultados. Não preciso de lhe telefonar. Sepultei o meu bebé debaixo do vaso. Não preciso que ele confirme.

Mas Kate telefonou a Sinclair para lhe dizer que estava com Emma e para o alertar para o caso de Barbara, a outra vítima de Will Burnside.

– Vou já para aí – disse ele.

Kate não percebeu se ele estava zangado pelo facto de ela ter chegado primeiro. Mas que importância tinha? Emma estava a salvo.

Quando chegou, acompanhado de um agente do sexo feminino, um sargento na casa dos trinta anos, apinharam-se todos na sala, e o cão foi relegado para a cozinha.

– Ora bem – disse o inspector Sinclair –, este caso está a tornar-se bastante complexo, mas gostaria de começar pelo bebé. Foi o que desencadeou a investigação. Pode ser?

Emma assentiu, e os outros reclinaram-se nos assentos, para longe dos olhares do detective.

– Emma, creio que já deve saber que foi encontrada uma correspondência entre si e o corpo do bebé descoberto no estaleiro de Howard Street, não é verdade?

– Kate disse-me que o resultado dos testes já tinha saído.

– Mais tarde temos de conversar sobre isso – disse ele para Kate, a erguer a mão para calar as suas explicações. – Mais tarde… Estamos à espera da

reconfirmação dos testes de Angela Irving, mas tudo aponta para que tenha havido um engano. Amanhã de manhã vou falar com o senhor e a senhora Irving. O que lhe peço, Emma, é que não revele o resultado dos seus testes a ninguém até estarmos na posse de todos os resultados e em condições de fazer uma declaração.

Olhou para Kate, para sublinhar o que queria dizer.

– É um tema muito sensível, em especial para os Irving. Esperaram muito tempo para saber o que tinha acontecido à filha, e temos de ser compreensivos com eles – acrescentou.

Por toda a sala, as cabeças anuíram em simultâneo.

– Portanto, estamos entendidos, não é? É óbvio que está incluída, Kate.

– Com certeza – resmungou a jornalista.

– Já é tarde – prosseguiu Sinclair. – Acho que nos devemos encontrar outra vez de manhã. Pode comparecer amanhã na esquadra de Woolwich, senhora Simmonds? E a menina Walker, também? Creio que ambas têm coisas para dizer em relação ao professor Burnside. Temos de fazer isto de forma apropriada e não de improviso, como aqui.

Emma e Barbara disseram que iriam, e Kate evitou os olhos dele.

– Talvez fosse bom trocarmos umas palavrinhas, Kate. Lá fora – sugeriu Sinclair.

Seguiu atrás dele. As mulheres ficaram para trás, a despedir-se.

– Você passou das marcas, Kate – disse o inspector Sinclair assim que chegaram ao passeio. – Pôs a investigação em risco com as suas coboiadas ridículas. Não lhe competia informar Emma sobre o resultado dos testes de ADN. Podia ter causado danos irreparáveis.

Kate só tinha dito a Emma que os resultados tinham saído, mas Sinclair não estava interessado em justificações. Podia tentar amenizar a situação com um pedido de desculpa, mas a tensão da noite tinha-a deixado com os nervos à flor da pele e com vontade de dar luta.

– Só fiz o meu trabalho, Andy. É para isso que me pagam. Segui pistas e encontrei o rasto de pessoas que podiam ajudar na sua investigação. E quando me pediu passei-lhe todas as informações. O meu jornal fez tudo o que era

possível para descobrir o que tinha acontecido a Alice Irving. Não é culpa minha que os vossos testes tenham saído errados…

– Vou falar com o seu editor – disse o inspector Sinclair, que rodou nos calcanhares e desapareceu na noite, seguido pela agente que o acolitava.

– Sacana – desabafou Kate em voz alta. – Mais um contacto perdido.

Capítulo 80

Quarta-feira, 2 de Maio de 2012

Kate

Quando Kate entrou na redacção no dia seguinte, encontrou Joe concentrado no trabalho, a olhar tão fixamente para o ecrã que sentiu logo uma dor de cabeça. Sentia-se demasiado cansada e desiludida para lhe perguntar o que estava a fazer. Deixou-se cair na cadeira e esperou a descompostura que se avizinhava.

Só demorou trinta segundos a chegar.

Terry fez-lhe sinal. Aquele gesto lento e irritado com o dedo indicador.

– Então, minha estrela jornalística, em que pé nos encontramos? – perguntou num tom carregado de sarcasmo. – Já preparaste o artigo?

– Bem… – começou Kate

– Sim ou não?

– Não. E julgo que Simon vai receber uma queixa da polícia. Ontem à noite levei um raspanete do meu contacto neste processo, que me disse para não escrever nada antes de o comunicado oficial sair. Parece que o nosso caso amoroso terminou.

– Bestial – disse Terry, a levantar-se da cadeira. – Quer dizer que não temos o exclusivo que prometi a Simon? E que ele ainda vai ouvir uma sarabanda do comissário? Fantástico. É do caraças!

Pensou em pedir desculpa, mas não era isso que ele queria ouvir.

– Vou tentar por outro lado – disse, e regressou ao seu lugar.

Joe ergueu a cabeça.

– Quer que lhe vá buscar um café, Kate? – perguntou, e ela sentiu vontade de o abraçar.

– Sim, meu rapazinho querido. Já disse que tenho a intenção de te adoptar? Traz-me também um brande, se tiverem.

Ligou o computador para aparentar estar em modo de trabalho e sacou o bloco de apontamentos.

Que será que Simon vai dizer, pensou, com a ameaça de despedimento a pairar-lhe no cérebro. *Irá ficar do meu lado, ou não?*

Joe regressou com a cafeína, mas sem o álcool.

– Ninguém tinha brande – justificou-se.

– O que estás a ver? – perguntou Kate quando ele voltou a fixar-se no ecrã do computador.

– Uma coisa acerca do ADN. Muito interessante, por sinal. Sabe que se testar a mitocôndria o ADN pode ser comparado com o dos antepassados? Por via materna, até às nossas bisavós. E se testar o perfil do cromossoma Y pode encontrar a linha masculina. É fascinante.

– É fascinante, sim – repetiu Kate. – Tens alguma ideia para um artigo?

– Não, não está a perceber. Todos os parentes próximos, pais, tios e tias, irmãos, irmãs, primos e avós, apresentam correspondências. Partilham os mesmos marcadores de ADN.

– Queres dizer que mais de uma pessoa pode corresponder ao ADN do bebé?

– Sim, creio que sim. Pelo menos é o que diz na Wikipédia.

Debruçou-se sobre o ombro dele para ler o verbete.

– Portanto, não são dois bebés – observou, a sorrir de orelha a orelha. – São dois familiares próximos.

Ligou para o telemóvel de Andy Sinclair, mas ele não atendeu. *Ainda está amuado*, pensou.

Bob Sparkes atendeu de imediato.

– Olá, minha querida. Ouvi dizer que não és a jornalista preferida do inspector Sinclair.

– E ouviste bem. Ele telefonou-te? Ontem à noite deu-me uma desanda e pôs-se a andar.

– Não foi isso que ele me disse, mas está farto de ti. E vão ter de fazer de novo todos os testes porque obtêm sempre os mesmos resultados. O tipo está

sob uma enorme pressão. Tens de lhe dar um desconto, Kate.

– O desconto não resolve este caso, Bob – disse ela, e ele soltou uma gargalhada.

– Nunca deixas passar nada, pois não? Pareces um *terrier* com um osso.

– É por isso que sou boa jornalista, Bob. Seja como for, Andy não me atende o telefone. Mas tenho uma sugestão a fazer. Importas-te que fale primeiro contigo?

– Vamos a isso.

Falou-lhe no que Joe tinha descoberto, omitindo o facto de a informação se encontrar na Wikipédia, e esperou que ele digerisse.

– Assim sendo, tanto Emma como Angela podem estar relacionadas com o bebé?

– Pode ser, se percebi o processo científico…

– Vou telefonar-lhe já – disse Sparkes, que desligou antes de Kate poder pedir que lhe ligasse depois.

Bebeu pensativa uma golada de café. Joe encavalitou-se na borda da secretária dela.

Quando o telefone retiniu, Kate engasgou-se e fez-lhe sinal para atender.

– Com certeza, inspector Sinclair. Vou passar-lhe já – disse o rapaz, a estender o telefone a Kate.

– Olá, Andy. Desculpe, engasguei-me com o café. Peço imensa desculpa pela noite passada. Estava muito tensa e reagi mal.

Sinclair pigarreou. Chegara a sua vez.

– Bem, eu talvez tenha sido um bocado ríspido. Vamos pôr isso para trás das costas, está bem?

– Vamos, sim. Obrigada por me ter telefonado. Fico muito agradecida.

– Bob Sparkes acabou de me falar no que lhe sugeriu – disse o inspector Sinclair. Queria informá-la de que a nossa equipa forense já está a comparar o ADN de Emma com o de Angela para detectar falsos positivos. O que viria a confirmar um parentesco ancestral comum. E vamos falar com elas, para ver se estabelecemos um elo de ligação. Por favor, não entre em contacto com nenhuma delas antes de nós, está bem?

– Meu Deus, Andy, Emma é Alice, não é? – perguntou Kate, a deixar escapar a ideia que de súbito lhe ocorreu.

Capítulo 81

Quarta-feira, 2 de Maio de 2012

Jude

O inspector Sinclair estava a caminho de Pinner.

Emma tinha-lhe telefonado em pânico.

– Acabou de me telefonar para se certificar de que estou em casa. Penso que vem buscar-me. Para me fechar numa cela. Era só o que te queria dizer.

– Por que havia de te prender? – perguntara Jude. – Vê se tens calma.

– Enterrei o bebé sem dizer nada a ninguém. Podem pensar que o matei – soluçara Emma.

E Jude descera a escada a correr, à procura de um táxi. Tinha de estar com Emma naquele momento.

Chegou logo a seguir ao detective. O homem parecia exausto. Quase tanto como Paul. À cautela, Emma tinha preparado uma pequena mala e estava sentada, agarrada à mão do marido.

– Ainda bem que também cá está, senhora Massingham – disse o inspector Sinclair para Jude. – Telefonei-lhe para casa, mas ninguém atendeu. Preciso de falar consigo e com Emma.

– Porquê? – quis saber Emma. – Jude nunca soube do bebé.

– Não se trata do seu bebé, Emma. Trata-se de Alice.

Jude percebeu que era o fim. A expressão do detective era severa. Não haveria rodeios. Nem mais mentiras. A verdade já não apresentava muitas facetas.

E assim contou como aos cinco meses de gravidez tinha perdido o filho de Charlie. Tinha caído no quarto, tropeçara no fio do secador quando se apressava para ir trabalhar e caíra de cara no chão. Não havia ninguém que a

ajudasse quando se agarrou à barriga e tentou dominar a dor lancinante. E o sangue, os rios de sangue. Sentou-se na sanita, com as ondas de agonia a sacudir-lhe o corpo. Descarregara o autoclismo para levar tudo o que saíra de dentro de si, incapaz de olhar e reconhecer que a gravidez chegara ao fim. Tinha ligado para o emprego do telefone de moedas que existia no corredor do apartamento alugado, a dizer que estava doente.

– Tencionava contar a Charlie nessa noite, quando ele telefonasse. Mas as suas primeiras palavras foram tão amorosas, a chamar-me o seu anjo e a perguntar-me pelo bebé, que eu disse: «Estamos bem», e estava dita a mentira. Não havia maneira de voltar atrás.

Emma não olhava para ela, mas o detective fitava-a nos olhos.

– Continue, senhora Massingham.

– Resolvi fingir que tinha perdido o bebé mais tarde. Depois de ele ter prometido que casava comigo. Se ele tivesse casado comigo, nada disto teria acontecido – continuou Jude, mas a expressão do detective não se alterou.

– Com a espuma de uma almofada velha fui aumentando artificialmente a barriga e vestindo peças mais largas. Ao telefone, falei a Charlie nas dores que sentia nas pernas. Acho que me convenci de que continuava grávida.

– E o seu namorado? Não desconfiou de nada? – perguntou o inspector Sinclair.

– Era músico e andava em digressão pela Europa com o grupo. Os contratos foram-se sucedendo, e passaram-se meses sem que ele me visse.

– O que disse à família e aos amigos, senhora Massingham?

– Os meus pais deixaram de falar comigo quando lhes disse que estava à espera de um bebé. Um filho bastardo era demasiado para eles. Como poderiam enfrentar os amigos do clube de golfe? Mas continuei a trabalhar porque precisava do dinheiro, e quando cheguei aos sete meses tirei licença de maternidade. Disse-lhes que precisava de abandonar o trabalho mais cedo porque tinha a tensão alta e me recomendaram que mantivesse os pés elevados, para segurança do bebé. No emprego, as raparigas ficaram desapontadas. Queriam fazer-me uma festa… – Jude desviou os olhos para a filha.

O que estás tu a pensar, Emma?

Relatou ao detective como tinha telefonado para o consultório a avisar que ia estar fora durante algum tempo, na companhia de Charles. Para que não houvesse mais consultas antes do parto.

Tinha esperado em casa, a magicar no que ia fazer. Ainda se recordava do pânico que a invadira com a aproximação do dia D. Charlie voltava para casa dentro de duas semanas, à espera de a encontrar com uma enorme barriga e prestes a dar à luz o filho dele. Mal a agarrasse daria pelo logro, não era? Durante a noite ocorriam-lhe os pensamentos mais temerários. Diria que se tratava de um tumor, e que não lhe tinha querido dizer. Ficaria demasiado chocado para fazer perguntas. Ou então diria que o bebé tinha morrido. Mas ele faria demasiadas perguntas – e em seguida havia de deixá-la.

– Não suportava a ideia de ele me deixar. Tinha de lhe dar um filho.

– Fui à estação de Waterloo e apanhei o primeiro comboio para sul que surgiu no painel. Estava de cabeça perdida, não sabia para onde ia, só precisava de encontrar uma maternidade.

Recordou-se de alguém se ter levantado para lhe dar o lugar e que sorrira em agradecimento, a sentar-se como uma profissional.

– Desci do comboio em Basingstoke.

– Já lá tinha estado antes? – perguntou o inspector Sinclair.

– Não, tive de perguntar o caminho para a maternidade.

Jude inspirou fundo e na sua cabeça viu-se mentalmente a entrar pela porta do hospital.

Entrou no elevador apinhado, a evitar o contacto visual com as outras pessoas. Traziam ramos de flores, presentes embrulhados em papel com imagens de bebés e cegonhas, e crianças pequenas pela mão. E riam, muito excitadas. Ninguém deu pela sua presença.

Mas percebeu que fora na hora errada. O que lhe interessava era o fim das visitas, não o começo. Naquele momento havia demasiadas testemunhas. Saiu da maternidade e sentou-se num jardim próximo durante uma hora, a sentir o frio alastrar pelo corpo à medida que o débil sol da Primavera ia desaparecendo.

Voltou ao elevador, mas desta vez estava só. As portas abriram-se no piso pós-parto, e lá estavam as mesmas pessoas, agora de regresso a casa, entregues

as flores e formulados os votos de felicidades. Comprara flores numa vendedora de rua e apertava-as contra si.

Quando as portas se abriram, ficou só por um instante. Nesse momento reparou numa mulher que saía do quarto e seguia pelo corredor. Levava na mão a toalha e os artigos de banho. Passou por Jude sem a ver.

Jude parou e fingiu que procurava dentro do saco de compras. A mulher podia ter-se esquecido de alguma coisa e voltar. Mas não voltou. Entrou para a casa de banho que ficava ao fundo do corredor e fechou a porta. Durante um momento, Jude foi incapaz de se mover, transida pelo horror do que estava prestes a fazer, mas nesse instante ouviu uma criança a chorar no quarto de onde a mulher acabara de sair.

Sou capaz de fazer isto, disse para consigo e, como se estivesse num sonho, transpôs a porta do quarto. O bebé fungava no berço. Dirigiu-se para lá, viu que estava bem enrolado, pegou nele e meteu-o no saco das compras. E veio-se embora. Desta vez usou as escadas. Ninguém costuma usar as escadas.

No comboio de regresso a casa, uma mulher perguntou-lhe afavelmente:

– Para quando está à espera do seu?

– Já não falta muito.

Levantou-se e foi para junto das portas, onde o ruído mais intenso abafaria o possível choro do bebé. Mas o bebé não emitiu mais do que um murmúrio.

Já no seu quarto, desembrulhou o bebé como quem abre um presente e pela primeira vez ficou a olhar para a criança adormecida. Era uma menina.

– Olá, Emma – saudou-a.

Capítulo 82

Quarta-feira, 2 de Maio de 2012

Angela

O médico tinha-lhe receitado comprimidos para atenuar o choque, mas sobressaltava-se de cada vez que um automóvel passava na rua. O inspector Sinclair telefonara a dizer que estaria lá dentro de vinte minutos. Falara num tom sombrio e fatigado, e ela deixara-o desligar sem fazer perguntas.

Nick desceu a escada e andava de um lado para o outro na sala.

– Angie, temos de nos preparar para o pior. A polícia enganou-se. Não podemos fazer nada para alterar isso. Ele deve cá vir para pedir desculpa, não te parece?

– Vamos ver, Nick.

A sua cabeça não parava de zunir. Repleta de Alice.

Nick abriu a porta antes que o inspector Sinclair tivesse tempo de bater.

– Entre, Andy – disse ele.

Angela ficou à janela, a olhar para o automóvel do detective. Havia pessoas lá dentro.

– Os seus colegas não entram? – perguntou.

Sinclair hesitou.

– Não, para já, não. – Tossiu. – Angela, Nick. Temos novidades para vós. Mas para ser franco não sei como vos hei-de dizer.

Transpirava, e as gotas de suor que lhe perlavam a testa brilhavam intermitentemente sob a luz.

– Que cometeu um erro? – perguntou Nick. – Já sabíamos que sim.

– Bem, não é isso. É que… Ouça, encontrámos Alice. Mas não se trata do bebé do estaleiro.

Angela pôs-se de pé, ofegante.

– Angie – disse Nick em voz trémula, a puxá-la para si. – Diga-nos, Andy, diga-nos o que encontrou.

– Alice está viva – declarou o inspector Sinclair.

– *Viva?* – gritaram Nick e Angela ao mesmo tempo, e o grito ecoou nas vidraças das janelas.

– Sim.

– Como é possível? – perguntou Angela, a olhar freneticamente em redor, à procura da filha. – Onde está ela?

– Está aqui – disse o inspector Sinclair com a voz embargada pela emoção.

Nunca tinha chorado em serviço, mesmo quando se vira obrigado a transmitir notícias terríveis. Mas a tensão era insuportável.

– Onde? Onde? – gritou Angela, esganiçada.

– Está no carro.

Angela saiu pela porta da frente sem dar tempo a que ninguém a agarrasse, correu para o carro e imobilizou-se ao lado dele, as mãos apoiadas no vidro da janela do passageiro.

Lá de dentro, a mulher olhou-a também: cabelos escuros, como os de Paddy, o queixo de Louise. E encostou as mãos ao vidro, a imitar a mãe.

Capítulo 83

Quarta-feira, 2 de Maio de 2012

Emma

Não paramos de olhar uma para a outra. Mesmo quando o inspector Sinclair fala connosco, continuamos a fitar-nos, cada uma a absorver a outra. Ela parece-se comigo. Eu pareço-me com ela.

Sinto-me a viver um sonho surreal. Não deixei de pensar em Jude como minha mãe, mas tenho a sensação de que também conseguirei amar esta desconhecida.

O inspector Sinclair fez questão de esperar antes de nos reunir. Estava preocupado, a pensar que poderia ser demasiado para todos.

– Você está muito debilitada, Emma – tinha ele dito, depois de Jude ter sido levada para a esquadra. – São muitas coisas para digerir. Por que não esperamos um dia ou dois para se preparar?

Mas não o deixei sair sem mim. Sentia-me aterrada com a ideia de que Angela me pudesse rejeitar, mas tinha de a ver. Para ter a certeza.

No carro, passei toda a viagem a pensar no tempo que tinha gasto a procurar o meu pai quando devia ter procurado a minha mãe. Paul sentou-se ao meu lado no banco traseiro, a segurar-me a mão mas incapaz de falar.

Quando a vi irromper pela porta da frente e correr para o automóvel, percebi logo que era ela. Quis tocar-lhe, para verificar se era real, e encostei a minha mão à dela através do vidro.

Agora, não sei o que irá suceder. Na minha cabeça, a euforia deu lugar a um zumbido agradável, mas o meu estômago contorce-se em espasmos de medo. Medo do que virá a seguir. Posso vir a perder todos. Jude vai para a prisão por causa do que fez, e Angela… pode acontecer que não me queira.

– Emma – diz ela, como se me lesse os pensamentos. – Nunca deixei de pensar em ti. Nunca.

– Não deixou, não – diz Nick.

O meu pai. Desvia o olhar, como se eu fosse demasiado para ele. Mas Angela, não.

– Pensei que num hospital estaríamos em segurança – diz ela. – Mas não estávamos. Assim que voltei do chuveiro e entrei no quarto, percebi que estava sozinha. O silêncio era tão pouco natural que me senti desmaiar e tive de me agarrar à porta. Havia ali algo de errado, mas não conseguia perceber o quê. Fui ao teu berço e só vi uma ligeira marca no lençol branco, a indicar que estiveras lá. Meti a mão lá dentro, não queria acreditar que havias desaparecido, e procurei por todos os cantos, para o caso de estares escondida em qualquer lado. Foi a última vez que senti o teu calor.

A minha mãe chora.

– Não me lembrava se te tinha voltado a ver antes de sair. Nunca te devia ter deixado.

Estendo a mão para agarrar a dela. É a primeira vez que nos tocamos. A mão dela é macia e quente, e eu aperto-a.

– A culpa não foi sua – digo.

Capítulo 84

Quarta-feira, 16 de Maio de 2012

Emma

Duas semanas mais tarde, estou sentada num tribunal, acompanhada por Mick e Kate. Mick pôs uma horrorosa gravata crivada de nódoas como tributo à solenidade da ocasião, e trouxe no bolso um ovo *McMuffin*.

– Esta manhã atrasei-me um bocado – justificou-se.

– Não te preocupes, estou pronto num instante – disse para Kate quando acabou de engolir o último bocado. – Vou lá para fora esperar que ele chegue. Estou desejoso de ver a cara do tipo.

Kate traz um austero vestido preto e uma camisa branca. Parece a recepcionista de uma agência funerária. Passa o tempo a andar de um lado para o outro, ou a um canto, a falar com o inspector Sinclair.

O artigo que escreveu sobre mim e Angela causou enorme sensação. Diz que teve de ser muito cautelosa a escrevê-lo, para não deixar pistas que permitissem a identificação de Will como o violador, e minimizando o papel de Jude. Havia apenas uma linha a dizer: «A polícia deteve uma mulher de 73 anos como parte da investigação.»

– Não quero ser responsável pelo insucesso dos julgamentos – disse-me. – Tenho muito tempo para escrever mais tarde essa parte da história.

No dia a seguir ao meu primeiro encontro com Angela, o *Post* noticiou a nossa reunião na primeira página e em mais três páginas interiores. Com fotografias de nós duas, abraçadas. Foi a primeira vez que nos abraçámos. Quase foi necessária a autorização de Mick.

– Vá lá – disse ele quando nos aproximámos nervosamente uma da outra, nenhuma de nós preparada para tomar a iniciativa. – Esperaram por isto durante quarenta e dois anos. Abrace-a, Angela.

Mick bateu fotografias durante uma eternidade, mas quando acabou não nos conseguimos largar.

Joe chorou e Kate passou-lhe o braço pelos ombros. Parecia que toda a gente se abraçava.

Mas não há felicidade nisto. Foi aqui que começou a minha desgraça. E é aqui que acabará. Será a primeira vez que vejo Will desde aquele dia, em casa dele. Não tencionava comparecer, mas o inspector Sinclair disse que Will iria continuar a negar. Creio que já esperava isso. A sua arrogância não lhe permitirá outra atitude. Kate contou-me que ouvira dizer que ele atirava todas as culpas para cima de Al Soames. O rosto de Soames aparecia nas fotografias. E era ele quem tinha cadastro por abusos sexuais.

Não quis que ele julgasse que eu iria desistir. Por isso vim. Para lhe mostrar que estou aqui. Como o fantasma de Banquo.

Chega com ar insolente.

– Estou aqui para afirmar a minha inocência – declara nos degraus do tribunal, a oferecer o seu lado mais fotogénico à câmara de Mick.

Sinto cada polegada da minha pele como se estivesse em fogo quando me levanto para enfrentar o violador. Parece surpreendido e perde a compostura. Não passa de um velho assustado.

Jude não está presente. Depois de ter sido detida afastou-se de mim, e de todos. Parece ter mirrado nos dias que se seguiram à confissão e recusa-se a comer.

Barbara faz-lhe companhia depois de ela ter sido libertada sob fiança. Para olhar por ela, a dar continuidade ao que tinha deixado de fazer há tantos anos. Expliquei a Jude que não a odiava. Mas creio que sim. Tentei compreender a razão que a levou a roubar-me do hospital, a sua motivação. Tentei pôr-me na sua situação desesperada. Mas só me vem à ideia a cara de Angela quando percebeu que eu desaparecera. E os anos de sofrimento.

Quando perguntei a Jude como tinha conseguido viver sabendo o que eles estavam a sofrer, respondeu que se forçara a não pensar neles.

– Tinham mais filhos – disse ela, como se isso a justificasse.

Apeteceu-me gritar-lhe, mas não valia a pena. Está escudada na sua obsessão. No que julga ser o seu direito. Sempre que queria uma coisa apoderava-se dela porque se julgava merecedora.

Agora percebo como lhe foi possível expulsar-me de casa sem pensar duas vezes. Tinha de ter Will. Eu era um dano colateral.

Angela nunca fala dela. Nem lhe pronuncia o nome. Diz que se quer concentrar no futuro, não no passado.

Falamos todos os dias ao telefone com uma familiaridade crescente, e interrogo-me se alguma vez lhe virei a chamar mãe. Ainda não. Para a semana, vou conhecer o meu irmão e a minha irmã. Penso que já estou preparada, e Angela quer que nos conheçamos. Não sei ao certo o que sinto em relação a isso. Em relação a mim. O choque do meu reaparecimento também deve ter tido efeito sobre eles. Sou a criança desaparecida que tanta infelicidade causou à família. Angela diz que estão muito excitados com o facto de eu ter sido encontrada, mas Angela quer ver toda a gente feliz. Preciso de avançar passo a passo.

Sento-me ao lado de Kate e acalmo a respiração depois de Will entrar no tribunal. Arrebatada e destroçada pelo confronto, trémula do esforço.

– Você foi brilhante – diz Kate. – Agora, tudo acabou.

Bem, quase tudo.

Capítulo 85

Terça-feira, 2 de Abril de 2013

Emma

Depois das conversas com a polícia, comecei a chamar Katherine à bebé, já que por fim adquiriu estatuto de pessoa. Dei-lhe o nome em homenagem a Kate. Sem ela, eu teria continuado a viver no inferno.

Paul também lhe chama Katherine. Dar-lhe um nome significa que podemos falar dela e do nosso desgosto. A minha filha. A sua presença física na minha vida não podia ter sido mais fugaz – como aconteceu a Angela comigo – mas desde então tem feito parte de mim, a minha filha-fantasma.

Tive de esperar mais uma semana até saber o que a polícia tencionava fazer. Foi o inspector Sinclair que me ligou. Disse que seria notificada formalmente, mas que não havia provas de que eu tivesse feito mal ao bebé e que tinha recomendado o arquivamento do processo. Argumentou que não era do interesse da polícia acusar-me ao fim de vinte e sete anos por infracções técnicas como não ter registado um nascimento nem ter informado o médico legista. Tentei agradecer-lhe, mas não fui capaz de falar e Paul tirou-me o telefone da mão para agradecer por mim.

Parecia que tudo iria correr pelo melhor, como Paul tinha dito.

Contudo, não nos pudemos despedir convenientemente de Katherine até ao fim dos julgamentos. Primeiro foi o de Jude. Na verdade, terminou antes de ter começado. Uma confissão de culpa, o relatório de um psiquiatra a confirmar que estava ciente do mal que tinha feito e uma pena de prisão.

Olhou para mim quando a levaram, mas já não era a mesma Jude de antes. Parecia uma casca vazia. Fiz-lhe sinal com a cabeça, para lhe mostrar que a tinha visto.

Pediu-me que não a visitasse na prisão. Que seria demasiado perturbador para as duas. Optei por lhe escrever.

Depois, foi o de Will. Uma história de terror. Fizeram mais testes de ADN nos ossinhos da minha menina para provar que Will Burnside era o pai. Não lhe danificaram o corpo, disseram os polícias quando perguntei. Foram muito gentis comigo e para com ela.

Em Janeiro, quando ocupei o meu lugar no banco para depor, tinha as pernas a tremer, mas a firme vontade de ali estar. Para prestar o meu testemunho. O advogado de Will acusou-me, e a Barbara também, de termos inventado tudo aquilo. Expôs os meus problemas de saúde mental com uma preocupação hipócrita e alegou que não passávamos de prostitutas animadas por um espírito de vingança. Bem, não usou mesmo a palavra, mas todos perceberam o que queria dizer.

– Sou um homem inocente – proclamou Will quando chegou a sua vez, a recorrer ao seu carisma como se fosse o botão de um controlo remoto.

– Dificilmente será inocente – contrapôs o advogado de acusação. – Admitiu ter sexo com um elevado número de mulheres, incluindo antigas alunas.

Will não deixava escapar uma oportunidade.

– Foram parceiras consensuais – declarou perante o júri, ao mesmo tempo que tirava os óculos. – Há mulheres que se atiram a nós e depois se queixam por não termos respondido às suas cartas nem mantido o contacto.

– Professor Burnside, algumas eram apenas raparigas, não eram mulheres, pois não? – perguntou o advogado. – A menina Massingham tinha catorze anos, não tinha?

Não pôde negá-lo. Katherine contara a sua história.

– Todas as mulheres com quem tive sexo consentiram-no – replicou, a tentar estabelecer contacto visual com os jurados. – Andavam atrás de mim a pedir.

– Não é fácil pedir quando se está drogado, professor – disse o advogado de acusação.

– Os tempos eram diferentes. Havia muito mais sexo. E experiências com drogas – defendeu-se Will.

Mas deve ter percebido que a batalha estava perdida. O júri não sabia, mas Alastair Soames já tinha admitido a sua parte de culpa e fornecido aos detectives todos os dados sobre o uso que faziam do *Rohypnol*.

– O amigo que lhes fornecia a droga morreu há muito tempo – disse-me o inspector Sinclair. – Com uma *overdose* acidental. Quem brinca com o fogo…

Quando o júri saiu, a fiança de Will foi revogada e ele foi levado para as celas que ficam sob o tribunal, à espera do veredicto. Mau sinal. Voltou para ouvir o presidente do júri pronunciar repetidamente a palavra «Culpado», e a sentença de prisão perpétua reduziu toda a gente ao silêncio, mas voltou a olhar para mim, quando nos levantámos à saída do juiz. Um olhar de puro ódio.

Limitei-me a virar a cara para o lado. Para mim, ele já não significava nada.

Capítulo 86

Segunda-feira, 1 de Abril de 2013

Emma

Fomos três a assistir ao funeral. Eu, Angela e Kate. Foi assim que eu quis. Paul e Nick, o meu pai, esperaram por nós em casa.

O gerente da funerária ajudou-me na escolha do caixão para a minha filha. A minha filha. Um caixão minúsculo, entalhado em madeira de salgueiro com uma simples placa com o nome: Katherine Massingham.

Tinha decidido fazer as coisas devidamente, mas não suportei a ideia de voltar a sepultá-la na terra fria. Angela sugeriu o crematório, e depois espalharmos as cinzas as duas. Adorei a ideia de ela ser levada pelo vento e falámos em ir até à costa, a Dorset, quando tudo estivesse terminado.

No crematório, demos as mãos enquanto esperávamos pela urna com as cinzas. Antes do nosso funeral houve outro muito concorrido, com flores e cangalheiros de chapéu alto e sobrecasaca, como num casamento.

Dispensámos o carro funerário, não quis que a minha filha viajasse tão só, de modo que o cangalheiro trouxe-a de automóvel e entregou-ma com o máximo cuidado. Quase não lhe senti o peso, e acudiu-me de imediato à memória o nosso quintal, quando a levei no saco de supermercado, a mantê-la longe de mim, como se fosse contagiosa. Faz hoje vinte e sete anos. Há tanto tempo, mas parece ter sido ontem.

Com o chapéu alto sob o braço, o homem tomou a dianteira e seguimos atrás dele até à capela, a minha mãe e eu, a transportar a minha filha pela última vez nos meus braços.

Agradecimentos

Ao meu marido, Gary, aos meus filhos, Tom e Lucy, e aos meus pais, David e Jeanne, pelo seu amor e encorajamento; à minha irmã, Jo Wright, às amigas Rachael Bletchly e Jane McGuin, que ouviram, leram e me incitaram a continuar.

Aos meus especialistas: Colin Sutton, pelo seu humor e pela preciosa orientação em assuntos de polícia; ao doutor James Walker, médico legista independente, especialista em ADN, e ao meu irmão Jonathan Thurlow, que me impediram de cometer um erro de palmatória.

À minha maravilhosa agente e mentora, Madeleine Milburn, pelos seus conselhos sensatos e pelos ocasionais, e tão necessários, copos de água tónica.

Um agradecimento especial para os meus editores da Transworld and NAL/Penguin Random House. A produção de *O Silêncio* não foi isento de percalços, e tanto Frankie Gray como Danielle Perez me incitaram a prosseguir, limparam-me o suor da testa e ficaram a meu lado durante o parto do meu segundo bebé – quero dizer, do meu segundo livro.

Grupo Planeta
Planeta Manuscrito
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2017, Fiona Barton
© 2017, Planeta Manuscrito

Título original: *The Child*

Tradução: Victor Antunes

Design da capa: Vera Braga

Imagens da capa: © kzww – Shutterstock

1.ª edição em epub: Novembro de 2017

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-657-014-2 (epub)

www.planeta.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo electrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infracção ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).